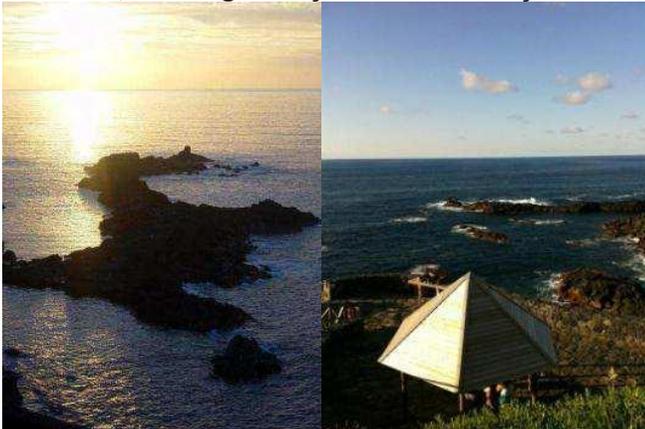


Atas / anais XIX COLÓQUIO DA LUSOFONIA AICL

MAIA, São Miguel, Açores, 14-17 março 2013



ISBN: 978-989-8607-01-0



ORGANIZADO POR



PATROCÍNIO:



APOIOS



ORGANIZAÇÃO AICL

www.lusofonias.net

ORTOGRAFIA AICL: dado haver inúmeras ortografias oficiais, de ambos os lados do Atlântico, a AICL uniformizou em 2007 e converteu para o AO 1990 todos os textos (incluindo Atas / Anais) escritos após 1911.

1. AICL PRINCÍPIOS E OBJETIVOS

AICL, ASSOCIAÇÃO INTERNACIONAL DOS COLÓQUIOS DA LUSOFONIA”, são um movimento cultural e cívico que visa mobilizar e representar a sociedade civil de todo o mundo, para pensar e debater amplamente, de forma científica, a nossa fala comum: a Língua Portuguesa.

2. A Associação tem por objeto promover A INVESTIGAÇÃO CIENTÍFICA conducente ao reforço dos laços entre os lusofalantes – no plano linguístico, cultural, social, económico e político - na defesa, preservação, ensino e divulgação da língua portuguesa e todas as suas variantes, em qualquer país, região ou comunidade.
 3. Para a consecução destes objetivos compromete-se a
 - a) Promover encontros científicos anuais, o desenvolvimento dos estudos universitários e outros, para ensino, divulgação, preservação e tradução da língua portuguesa, procurando o apoio das Instituições nacionais e internacionais;
 - b) Desenvolver outras ações culturais, tais como colóquios, congressos, encontros, exposições, em estreita ligação com outras entidades;
 - c) Promover cursos e bolsas de estudo na área da Cultura em parceria com outras instituições universitárias e culturais;
 - d) Fomentar a divulgação das obras de autores em língua portuguesa através de reedições e traduções;
 - e) Criar grupos científicos ligados aos objetivos da Associação
 4. Os valores essenciais da cultura lusófona constituem, com o seu humanismo universalista, uma vocação da luta por uma sociedade mais justa, da defesa dos valores humanos fundamentais e das causas humanitárias.
 5. A todos nós incumbe o dever de promover a defesa, a expansão e o prestígio da nossa língua comum, patrocinando a publicação, a tradução e difusão por todo o mundo de obras literárias, científicas e artísticas, de autores de língua portuguesa.
 6. Em defesa da Lusofonia, defendemos a nossa identidade como pessoas e povos, e em prol da variada língua comum com todas as suas variantes e idiossincrasias, impedindo que outras culturas e outros povos nos dominem cultural, económica ou politicamente, como alguns, ostensiva e claramente, defendem.
- A nossa divisa é **“NÃO PROMETEMOS, FAZEMOS “**

2. HISTORIAL DOS COLÓQUIOS DA LUSOFONIA

Aqui se traça em linhas gerais o percurso da AICL. Uma breve resenha do historial dos Colóquios da Lusofonia, da sua ação na divulgação da açonianidade literária ou de como ainda é possível concretizar utopias num esforço coletivo. Um exemplo da sociedade civil atuante em torno de um projeto de Lusofonia sem distinção de credos, nacionalidades ou identidades culturais que depois do Brasil, Macau e Galiza quer voltar ao Brasil, ir aos EUA e Canadá, Cabo Verde, Roménia e outros países.

Gostaria de começar usando a frase de Martin Luther King, 28 agosto 1963, *“I had a dream...”* para explicar como em dez anos realizámos já dezoito Colóquios da Lusofonia. Somos uma associação cultural e científica sem fins lucrativos desde janeiro de 2011 e cremos que podemos fazer a diferença, congregados em torno de uma ideia abstrata e utópica, a união pela mesma Língua. Partindo dela podemos criar pontes entre povos e culturas no seio da grande nação lusofalante, independentemente da nacionalidade, naturalidade ou ponto de residência.

Os colóquios juntam os congressistas no primeiro dia de trabalhos, compartilhando hotéis, refeições, comunicações, passeios e, no último dia despedem-se como se de amigos / as se tratasse. Neles não se busca mais uma Conferência para o currículo, antes se partilham ideias, projetos, criando sinergias irmanados do ideal comum de

“sociedade civil” capaz e atuante, para – juntos – se atingir o que as burocracias e hierarquias não podem ou não querem. É o que nos torna distintos de outros encontros científicos do género. É a informalidade e o contagioso espírito de grupo que nos irmana, que nos tem permitido avançar com ambiciosos projetos. Aliás, desde a primeira edição abolimos o sistema português de castas que distingue as pessoas pelos títulos apenas aos nomes. Esta pequena revolução tem permitido sinergias onde não se pretende a autoria mas a partilha do conhecimento. Sabemos como isso é anátema nos corredores bafientos e nalgumas mentes das instituições, mas temos sabido encontrar, nessas entidades, as pessoas capazes de operarem as mudanças, como porta-vozes da sociedade civil que estes colóquios se orgulham de ser. Só assim se explica que depois de José Augusto Seabra, os nossos patronos sejam Malaca Casteleiro, Evanildo Bechara e Concha Rousia.

Em 2001, queríamos patentear que era possível ser-se organizacionalmente **INDEPENDENTE** e descentralizar estes eventos sem subsidiodependências. Em poucos anos os Colóquios já se afirmaram como a única realização regular, concreta e relevante - em todo o mundo - sobre esta temática, sem apoios nem dependências. Em Portugal tivemos Bragança como base entre 2003 e 2010, e nos Açores a Ribeira Grande (2006-7), Lagoa (2008-12) e em Vila do Porto (2011).

Os Colóquios são independentes de forças políticas e institucionais, através do pagamento das quotas dos associados e do pagamento de inscrições dos congressistas. Buscam apoios protocolados especificamente para cada evento, concebido e levado a cabo por uma rede de voluntários. Pautam-se pela participação de um variado leque de oradores, sem temores nem medo de represálias dos patrocinadores institucionais sejam eles governos, universidades ou meros agentes económicos.

Ao nível logístico, tentam beneficiar do apoio das autarquias com visão para apoiar a realização destes eventos. Estabeleceram várias parcerias e protocolos com universidades, politécnicos e outras entidades que permitem embarcar em projetos mais ambiciosos e com a necessária validação científica.

Nos Açores, agregaram académicos, estudiosos e escritores em torno da identidade açoriana, escrita, lendas e tradições, numa perspetiva de enriquecimento da LUSOFONIA, tal como a entendemos com todas as suas diversidades culturais que, com a nossa podem coabitar. Pretende-se divulgar a *identidade açoriana* não só nas comunidades lusofalantes mas em países como a Roménia, Polónia, Bulgária, Rússia, Eslovénia, Itália, França, onde estão a ser feitas traduções de excertos de autores açorianos.

De referir que em todos os colóquios mantivemos sempre uma sessão dedicada à tradução que é uma importante forma de divulgação da nossa língua e cultura. Veja-se o exemplo de Saramago que vendeu mais de um milhão de livros nos EUA onde é difícil a penetração de obras de autores de outras línguas e culturas. Os Colóquios inovaram na sua primeira edição (2002) e introduziram o hábito de entregarem antes do início das sessões um DVD das Atas / Anais.

Em 2004, lançaram a campanha que salvou o Ciberdúvidas;

Em 2005 presidiram ao lançamento do Observatório da Língua Portuguesa depois integrado como Observador na CPLP;

Em 2006 lançaram as bases da Academia Galega da Língua Portuguesa.

Em 2007 atribuíram o 1º Prémio Literário da Lusofonia e debateram, pela primeira vez em Portugal, o Acordo Ortográfico 1990.

Em 2008 inauguraram a Academia Galega da Língua Portuguesa e o Presidente da Academia de Ciências de Lisboa Professor **Adriano Moreira** deslocou-se propositadamente para dar “**o apoio inequívoco da Academia de Ciências aos Colóquios da Lusofonia**”. Na sequência desta vinda, doaria o seu espólio a Bragança onde se encontra na Biblioteca Municipal com o seu nome. Idêntica visita ocorreu em 2009 na Lagoa (Açores).

A partir de 2007 prosseguimos, incansáveis, a nossa campanha pelo Acordo Ortográfico 1990, com o laborioso apoio de Malaca Casteleiro e Evanildo Bechara na luta pela Língua unificada que propugnamos para as instâncias internacionais.

Em 2009 definimos os projetos do MUSEU DA LUSOFONIA e do MUSEU DA AÇORIANIDADE que infelizmente não tiveram cabimento financeiro. Nesse ano convidámos o escritor Cristóvão de Aguiar para a Homenagem Contra O Esquecimento, que incluía Carolina Michaëlis, Leite De Vasconcellos, Euclides Da Cunha, Agostinho Da Silva, Rosália De Castro. Um protocolo foi estabelecido em 2009 com a Universidade do Minho para ministrar um Curso de Estudos Açorianos que decorreu posteriormente.

Em janeiro de 2010 lançámos os Cadernos de Estudos Açorianos (em formato pdf no nosso portal www.lusofonias.net), que trimestralmente publicámos, estando já disponíveis dezena e meia de cadernos, suplementos e vídeo-homenagens a autores açorianos. Servem de suporte ao curso de Açorianidades e Insularidades que pretendemos levar *online* para todo o mundo e de iniciação para os que querem ler autores açorianos cujas obras dificilmente se encontram.

Também em 2010, os colóquios deslocaram-se ao Brasil, foram recebidos na Academia Brasileira de Letras, onde palestraram Malaca Casteleiro, Concha Rousia e Chrys Chrystello. Em Bragança nesse ano, na Sessão de Poesia, tivemos poemas de Vasco Pereira da Costa, uma vídeo homenagem ao autor e a declamação ao vivo do poema “Ode ao Boeing 747” em 11 das 14 línguas para que foi traduzido pelos Colóquios (Alemão, Árabe, Búlgaro, Catalão, Castelhana, Chinês, Flamengo, Francês, Inglês, Italiano, Neerlandês, Polaco, Romeno, Russo).

Malaca Casteleiro sugerira no XIII Colóquio que se valorizassem as publicações de trabalhos das Atas através de um ANUÁRIO de comunicações selecionadas e não editadas em papel do 1 ao 13º colóquios, o qual está no portal, disponível apenas para os associados.

Em 2011 uma numerosa comitiva deslocou-se a Macau com o generoso apoio do Instituto Politécnico local. Nesse ano fomos pela primeira vez a Santa Maria, Ilha-Mãe. Em Vila do Porto, além de apresentar a antologia bilingue de autores açorianos, o XVI Colóquio da Lusofonia aprovou uma **DECLARAÇÃO DE REPÚDIO** pela atitude de Portugal que *olvidando séculos de história comum da língua, excluiu a Galiza - representada pela AGLP - do seio das comunidades lusófonas. A Galiza esteve sempre representada desde 1986 em todas as reuniões relativas ao novo acordo ortográfico e o seu léxico foi integrado em vários dicionários e corretores ortográficos. A sua exclusão a posteriori do seio da CPLP representa um grave erro histórico, político e linguístico que urge corrigir urgentemente.*

Em 2012, na Lagoa, reunimos 9 autores na Homenagem Contra O Esquecimento: Eduardo Bettencourt Pinto (Canadá), Caetano Valadão Serpa (EUA); de São Miguel: Eduíno de Jesus, Fernando Aires (representado pela viúva Dra. Idalinda Ruivo e filha Maria João); Daniel de Sá; da ilha Terceira, Vasco Pereira da Costa e Emanuel Félix representado pela filha e poetisa Joana Félix; da ilha do Pico, Urbano Bettencourt, e do

Brasil, Isaac Nicolau Salum (descendente de açorianos) com a presença da filha Maria Josefina. Em outubro 2012, levamos os Colóquios a Ourense na Galiza, parcela esquecida da Lusofonia que foi o berço da língua de todos nós, e tenta agora reunir-se com as demais comunidades lusofalantes do mundo.

Na Lagoa e na Galiza (2012) lançámos um contributo para uma futura política da língua no Brasil e em Portugal. Vivemos hoje uma encruzilhada com problemas semelhantes aos da Geração de 1870 e das Conferências do Casino. Embora maioritariamente preocupados com os aspetos mais vastos da linguística, literatura, e história, somos um grupo heterogéneo unido pela Língua comum a todos nós e que configura o mundo, sem esquecer que Wittgenstein disse que o limite da nacionalidade é o limite do alcance linguístico.

Os Colóquios são a prova insofismável de que tudo é possível com custos mínimos desde que as pessoas tenham liberdade para criarem no seio da nossa associação projetos com os quais se identifiquem e que se destinam a pensar e debater amplamente, de forma científica, a fala comum. Queremos fortalecer os laços no plano linguístico, cultural, social, económico e político, na defesa, preservação, ensino e divulgação da Língua Portuguesa e da nossa identidade em torno da Língua comum com todas as suas variantes e idiosincrasias.

Resumidamente, foi isto que os Colóquios fizeram nesta década, provando a vitalidade da sociedade civil quando se congregam vontades e esforços de tantos académicos e investigadores como aqueles que hoje dão vida aos nossos projetos. Resta apenas que mais e mais gente se junte à AICL – Colóquios da Lusofonia - para irmos mais longe e levar o nosso MANIFESTO a toda a gente e aos governos dos países de expressão oficial portuguesa e que sirva de ponto de partida para o futuro que ambicionamos e sonhamos. Com a ajuda e dedicação de todos muito mais podemos conseguir como motor pensante da sociedade civil.

Na Lagoa e na Galiza (2012) lançámos o **MANIFESTO CONTRA A CRISE: A LÍNGUA COMO MOTOR ECONÓMICO**

A *Associação Internacional dos Colóquios da Lusofonia* (AICL), preocupada pelas recentes decisões de natureza económica que põe em causa o cultivo e mesmo a continuidade da Língua e Cultura em Portugal, vem apresentar pelo presente algumas ideias que visam um estímulo económico através da língua e cultura, devendo a médio prazo servir para um estímulo maior à economia. Perante a existência de estudos que apontam a importância deste setor cifrado em 17% do PIB e considerando que Brasil e Portugal são os países que juntos reúnem melhores condições de proporcionarem o arranque deste projeto, fica desde já a ressalva de que a eles se deverão juntar os restantes países da *Comunidade dos Países de Língua Portuguesa* (CPLP) quando estiverem dispostos a fazê-lo sem qualquer receios de Quintos Impérios e de neocolonização cultural.

- 1.º Buscar consensos entre os governos do Brasil e de Portugal para que sejam reforçados e lançados cursos de língua portuguesa – tanto presenciais como *online* – nas suas vertentes de 'Português Língua Materna' (PLM) e 'Português Língua Estrangeira' (PLE) em todos os quatro cantos do mundo, devendo ser utilizada uma nova fórmula de conservação e propagação da lusofonia a nível mundial como até agora não foi proporcionada quer pelo Instituto Camões quer pelo Instituto Machado de Assis e a CAPES em três vertentes: a) aprendizagem e melhoramento da língua portuguesa como PLM ou PLE, b) literatura lusófona e c) ciências de

Atas maia 2013

tradução. Dever-se-á utilizar-se o *Instituto Internacional da Língua Portuguesa* (IILP) da CPLP e o apoio de universidades e politécnicos dos dois países para tal fim.

Justificação:

Os cortes, por parte do governo português, tanto no sistema no ensino de PLM (para filhos de pais lusófonos residentes em países não-lusófonos), como nos sempre escassos apoios à divulgação da lusofonia através de cursos de PLE (para apoiar o ensino a nível secundário e superior em países não-lusófonos) têm-se mostrado sumamente prejudiciais ao cultivo da lusofonia em países não-lusófonos. Como fruto desta política de abandono, não só acaba por ser posta em questão a capacidade dos filhos de emigrantes portugueses de comunicar de forma adequada em todos os níveis na língua materna, mas também a aquisição da língua portuguesa nos países não-lusófonos onde a cada vez maior ausência do Instituto Camões tem servido como justificação de eliminação de cursos de português. No Brasil, dá-se semelhante abandono do ensino de PLM e PLE nos países não-lusófonos. Apesar da existência do Programa de Leitorado nalgumas universidades em países não-lusófonos, organizado pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) em parceria com o Ministério das Relações Exteriores (MRE), a rede é bastante reduzida e fica longe de atingir a importância que caberia ao Brasil numa escala internacional. Não consta a existência de uma rede de ensino de PLM, organizada pelo estado brasileiro e que vise o ensino de PLM aos filhos de cidadãos brasileiros residentes no estrangeiro.

2.º Buscar apoios das academias nacionais de língua portuguesa existentes, da CPLP, e de todas as restantes instituições para que contribuíssem para este projeto que deve abranger todo o mundo onde haja lusofalantes e interessados na aprendizagem da língua portuguesa.

Justificação:

No mundo lusófono existem várias academias que se dedicam ao cultivo e à normalização da língua portuguesa, nomeadamente em Portugal a *Academia das Ciências de Lisboa* (ACL), no Brasil a *Academia Brasileira de Letras* (ACL), bem como a *Academia Brasileira de Filologia* (ABRAFIL) e na Galiza a *Academia Galega da Língua Portuguesa* (AGLP). Para um projeto que visa fortalecer o ensino e a aprendizagem da língua portuguesa em todo o mundo, consulta e o apoio por estas organizações não só é uma mais-valia mas torna-se mesmo indispensável.

3.º Criar pelo menos 500 bolsas de estudo anuais dedicadas a estudos relacionados com a lusofonia para que estudantes oriundos de países de todos os continentes possam frequentar universidades brasileiras e portuguesas.

Justificação:

Em conformidade com as capacidades financeiras dos países envolvidos, o Brasil poderia disponibilizar 350 bolsas e Portugal 150 para os melhores alunos dos cursos referidos em 1.º. Terminada a presença no país de acolhimento, os bolseiros terão adquirido a função de embaixadores da língua portuguesa nos seus países de origem. Num regime a definir, a atribuição das bolsas poderá funcionar de forma semestral (p. ex. para estudantes de licenciatura), anual (p. ex. para estudantes de mestrado) ou plurianual (p. ex. para estudantes de pós-graduação).

4.º Convidar as editoras de Portugal e do Brasil a fim de criar com as academias e outras entidades uma bolsa de edições a promover em todo o mundo as obras dos maiores vultos que representam a escrita de cada um dos países lusófonos, as quais seriam disponibilizadas nos vários países.

Justificação:

Uma vez que a unificação da ortografia permite a divulgação do mesmo texto em vários países, a disponibilização das obras literárias mais representativas de cada país aos outros países não só facilita o acesso recíproco a todas as literaturas lusófonas, mas permite a publicação de edições únicas que poderão entrar em vários mercados livreiros.

5.º Criar antologias bilingues para a disseminação de obras de autores lusófonos e promover a sua distribuição nos países onde o português é ensinado como língua estrangeira.

Justificação:

À semelhança do que se realizou através da *Antologia Bilingue de Autores Açorianos* (2011), o fornecimento de antologias bilingues de textos literários de referência pode tornar-se indispensável numa primeira aproximação a textos portugueses tanto por parte de estudantes estrangeiros como de falantes da respetiva língua em que a antologia foi publicada.

6.º Criar e despertar o interesse por autores lusófonos, através da disponibilização gratuita em linha de excertos de obras.

Justificação:

Desde que se trate de obras isentas de direitos de autor ou que forem publicadas com consentimento dos autores, a divulgação de textos literários de forma digital, tal como está a ser feito com textos literários açorianos nos *Cadernos de Estudos Açorianos*, tem-se mostrado muito benéfica por ter atraído bastante interesse por parte dos utentes.

7.º Evitar que as burocracias ministeriais e governamentais impeçam a imediata consecução deste projeto, pelo que deverá ser nomeada uma comissão de sábios para definir em detalhe este projeto, seu cronograma e custos.

3. TEMAS 19º COLÓQUIO da LUSOFONIA 15-17 março 2013

1. A Mulher Nas Letras Açorianas
2. Poesia, Teatro, Artes Lusófonas
3. Lusofonia no mundo

- 3.1. *Lusofonia num contexto global. Questões e Soluções.*
- 3.2. *Português como Língua de Identidade e Criação;*
- 3.3. *Diversidade da Língua Portuguesa no tempo e no espaço;*
- 3.4. *Português nos Media e no Ciberespaço;*
- 3.5. *Português como Língua de Ciência;*
- 3.6. *Ensino do Português*
- 3.7. *Português nos Grandes Espaços (linguísticos, económicos, etc.)*
- 3.8. *AÇORIANOS EM MACAU -D. Arquimínio da Costa, D. Manuel Bernardo de Sousa Enes, D. João Paulino de Azevedo e Castro, D. José da Costa Nunes e D. Paulo José Tavares (todos bispos açorianos em Macau), Áureo da Costa Nunes de Castro, João Paulino de Azevedo e Castro, José Machado Lourenço, Silveira Machado*

Atas maia 2013

3.9. *Literatura (de matriz) Açoriana: autores contemporâneos, história recente, perspectivas e projetos (editoriais e outros*

4 literatura traduzida de e para português

5. homenagem a autores ÁLAMO DE OLIVEIRA (AUTOR CONVIDADO 2013)

4. LISTAGEM DE ORADORES, ASSISTENTES PRESENCIAIS

Lista de participantes

#	NOME	TRABALHO	INSTITUIÇÃO / PAÍS / REGIÃO	TEM A
---	------	----------	-----------------------------	-------

P significa presencial O Organização

1.	Álamo Oliveira	Moderador / Sessão De Poesia / Adelaide Freitas	ESCRITOR HOMENAGEADO TERCEIRA, AÇORES	1
2.	Ana Isabel Soares	Tradução Para Língua Portuguesa Da Epopeia Finlandesa Kalevala	Conselho Diretivo CAMÕES ICL, PT	4
	Ana Paula Andrade	Recital Cancioneiro Açoriano	CONSERVATÓRIO PDL AÇORES PT	-
3.	André Crim Valente	Criatividade Lexical Na Mídia E Na Literatura: Neologismos Inusitados	Professor Adjunto Língua Portuguesa UERJ Brasil	3.4
4.	Carlos Matias		PT	P
5.	Chrys Chrystello	Moderador / Sessão De Poesia / Homenagem A Álamo Oliveira	AICL AUSTRÁLIA	5
6.	Conceição Casteleiro		PORTUGAL	P
7.	Concha Rousia	Galiza Na Poesia De Chrys Chrystello	AGLP GALIZA	3.2
	Concha Rousia	Moderador / Sessão De Poesia / / Sessão Das Academias	AGLP GALIZA	
	Daniela Carreiro Pacheco		JUNTA FREGUESIA DA MAIA	O
8.	Edleise Mendes	Desafios E Perspetivas Contemporâneas Para O Ensino De Português Le / L2 Como Língua De Cultura(S)	SIPLE / UNIV FEDERAL DA BAHIA BRASIL	3.6
9.	Evanildo Bechara	Sessão Das Academias	ABL / RJ, BRASIL	3.1
10.	Francisco Madruga	Editor Convidado, Mostra De Livros E Lançamentos	CALENDÁRIO DE LETRAS GAIA PT	P
11.	Gilvan M. Oliveira	DO ACORDO ORTOGRÁFICO À GEOPOLÍTICA INTERNACIONAL DA LÍNGUA PORTUGUESA NO SÉC. XXI	DIRETOR EXECUTIVO IILP CPLP / CABO VERDE – BRASIL	3.1
12.	Helena Anacleto-Matias	Moderador / Sobrevoando A Ilha Mãria De Natália Correia – Uma Panorâmica	ISCAP / IPP PORTO PT	1
13.	Helena Chrystello	Moderador / Apresenta Antologia Autores Açorianos Contemporâneos	AICL / EB 2,3 MAIA AÇORES	3.9 O

	Henrique A. Constância	RECITAL CANCIONEIRO AÇORIANO	CONSERVATÓRIO PDL AÇORES	--
	Jaime Rita		PRESIDENTE JUNTA FREGUESIA MAIA, AÇORES	O
14.	João C. S. Chrystello		SECRETARIADO AICL AÇORES	O
15.	João Malaca Casteleiro	Achegas Ao Acordo Ortográfico: Serão Possíveis Alterações Na Dupla Grafia Para Uma Unificação Mais Completa Da Ortografia?	UNIV LISBOA PT	3.1
16.	John J Baker		U. PITTSBURGH PENNSILVÂNIA EUA	P
17.	Katharine F. Baker	TRADUZIR "BERKELEY" E "SÃO FRANCISCO" DE ÁLAMO OLIVEIRA	U. PITTSBURGH PENNSILVÂNIA EUA	5
18.	Laura Areias	Os Anseios Das Insulanas	CLEPUL, U LISBOA PT	1
19.	Lourdes Matias		PT	P
20.	Luciano Pereira	A Valorização Do Trabalho No Contexto Do Ensino Da Língua E Cultura Portuguesa	ESSE / INSTITUTO POLITÉCNICO DE SETÚBAL PT	3.6
	Luís Filipe Braga		JUNTA F MAIA AÇORES	O
21.	Luís Mascarenhas Gaivão	Os Caminhos Do Sul: As transculturações Na Literatura Angolana E Na Obra De Manuel Rui.	FEUC / UNIV COIMBRA, PT	3.1
22.	Manuel J Silva	O Poeta Do Banco Verde - Homenagem A Álamo Oliveira	UNIV DO MINHO BRAGA PT	5
23.	Mº Rosário Girão	O Poeta Do Banco Verde - Homenagem A Álamo Oliveira	UNIV DO MINHO BRAGA PT	5
24.	Mª Manuel Marques		CLEPUL, U. LISBOA	P
	Marina Braga Leite		JUNTA FREGUESIA MAIA	O
25.	Marlit Bechara		RJ BRASIL	P
26.	Norberto Ávila	Sessão De Poesia	LISBOA PT	P
27.	Perpétua Santos Silva	Racionalidade E Afetos Na Relação Com A Língua Portuguesa Em Macau	CIES-IUL E ESE-IPS SANTARÉM PT	3.2
	Rafael Carvalho	Recital De Viola Da Terra	CONSERVATÓRIO PDL AÇORES	-
28.	Raul Leal Gaião	Açorianos Em Macau: D. Jaime Garcia Goulart – Do Pico A Macau, De Macau A Timor	LISBOA, PT	3.8
29.	Rolf Kemmler 1	Moderador / Notas Sobre A Percepção Dos Açores No Mundo Anglófono Novecentista li: John White Webster E A Description Of The Island Of St. Michael (1821)	CEL-UTAD VILA REAL / ALEMANHA	3.9

Atas maia 2013

	Rolf Kemmler 2	<i>Luís Mascarenhas Gaivão, Eça De Queiroz E As Aventuras De Um Adido Cultural No Luxemburgo</i>	CEL-UTAD VILA REAL / ALEMANHA	3.2.
	Susana Goulart Costa		UNIVERSIDADE AÇORES	P
30.	Tiago Anacleto-Matias	Moderador	PARLAMENTO EUROPEU, BÉLGICA	O
31.	Vilca Merizio	<i>Escritores Por Descobrir</i>	UFSC / STA CATARINA BRASIL	3.9
32.	Ximenes Belo (D. Carlos Filipe)	<i>Bispos Açorianos Em Macau E Missionários Açorianos Em Timor</i>	CONVIDADO, PRÉMIO NOBEL PAZ 1996 TIMOR-LESTE	3.8



PIANISTA Ana Paula Andrade – Presidente CE Conservatório Regional de Ponta Delgada, Açores

Moderadores

Sessão	Nome
1 ABERTURA	Chrys Chrystello
2 HOMENAGEM CONTRA O ESQUECIMENTO	Concha Rousia
3 TEMA 3.2	Rolf Kemmler
4 TEMA 3.9	Helena Anacleto-Matias
5 TEMA 3.8	Tiago Anacleto-Matias
6 ACADEMIAS	Álamo Oliveira
7 A MULHER AÇORIANA NAS LETRAS	Helena Chrystello
8 TEMA 3.8	Chrys Chrystello
9 ENCERRAMENTO	Chrys Chrystello

5. SESSÕES CULTURAIS (MÚSICA, POESIA, LIVROS)

5.1. RECITAL DE MÚSICA DO CANCIONEIRO AÇORIANO, E INÉDITOS DO PADRE ÁUREO DA COSTA NUNES POR ANA PAULA ANDRADE ACOMPANHADA POR RAQUEL MACHADO (SOPRANO) E HENRIQUE CONSTÂNCIA (VIOLONCELO)

- [OUÇA-A no Brasil no 13º Colóquio em Florianópolis,](#) em Macau, em Santa Maria e na Lagoa
- <http://www.youtube.com/watch?v=CEZDg5FM1MQ>

Ana Paula Andrade Constância (1964) – Nasceu em Ponta Delgada onde concluiu o curso geral de música no Conservatório Regional, tendo tido como professora Margarida Magalhães de Sousa (composição) e Natália Silva (piano).

Em 1987 terminou o curso Superior de Piano no Conservatório Nacional (Lisboa), na classe da professora Melina Rebelo e no ano seguinte o curso superior de composição, tendo sido aluna dos compositores C. Bochmann, Constança Capedeville, Álvaro Salazar e Joly Braga Santos.

Paralelamente estudou órgão na classe do Professor Simões da Hora, tendo realizado o exame do 5º ano. Estudou três anos no Instituto Gregoriano de Lisboa, frequentando, na classe da Prof.ª Helena Pires de Matos, as disciplinas de Canto Gregoriano e Modalidade.

Em 1989 realizou um concerto de órgão e piano no Conservatório de Toronto, integrado no ciclo de cultura açoriana.

Em 1990, participou num concerto na Universidade S.M.U. (nos estados Unidos), tocando como solista, com orquestra daquela Universidade, o concerto para piano em Dó M de Mozart.

Tem realizado diversos concertos a solo ou como acompanhadora de piano e órgão em várias regiões do continente e nas diversas ilhas do arquipélago.

Com a soprano Eulália Mendes realizou um concerto na Expo 98 em Lisboa, integrado no dia comemorativo dos Açores.

Em janeiro e em maio de 2006 acompanhou o grupo vocal “Quatro Oitavas” em duas digressões ao Uruguai e ao Brasil a convite da Direção Regional das Comunidades. Desde 1989 é professora de Piano e Análise e Técnicas de Composição no Conservatório Regional de P. Delgada, desempenhando nos últimos três anos o cargo de Presidente do Conselho Executivo do Conservatório de Música de Ponta Delgada, Açores.

É presença habitual nos Colóquios da Lusofonia tendo sido nomeada **Pianista Residente dos Colóquios** e atuado em todos desde 2008, liderando as performances musicais em Bragança e Lagoa (2008, 2009), Brasil (Florianópolis) e Bragança (2010), Macau e Vila Do Porto (2011), Lagoa e Ourense – Galiza (2012).

Ana Paula adaptou e interpretou temas do CANCIONEIRO AÇORIANO no Brasil com a Orquestra de Cordas da UDESC (Univ do Estado de Santa Catarina), em Macau com jovens músicos chineses que ali estavam há menos de seis meses a

Atas maia 2013

aprender Português, em Bragança com as classes infantojuvenis da Academia de Música do Instituto Politécnico de Bragança e com alunos do Conservatório Regional de Ponta Delgada.

Tem sido acompanhada pela soprano Raquel Machado, violinista Carolina Constância, violoncelista Henrique Andrade, entre outros.

Raquel Beatriz de Lima Machado - Universidade de Aveiro e Conservatório Regional de Ponta Delgada



Substituída por HELENA FERREIRA

Raquel Machado nasceu em Ponta Delgada, em 1987.

Ingressou no Conservatório Regional daquela cidade açoriana aos seis anos de idade, onde foi aluna da Prof.^a Irina Semiónova e completou o 8º Grau de Piano com a classificação de 18 valores.

Enquanto aluna daquela instituição, participou em diversas audições, recitais e concertos, como solista ou integrando grupos de música de câmara e coro.

Em julho de 2009 terminou a Licenciatura em Música – Variante de Piano, na Universidade de Aveiro, na classe de Piano da professora Nancy Lee Harper e na classe de Música de Câmara do professor António Chagas Rosa.

Em dezembro de 2009 recebeu o Prémio Caixa Geral de Depósitos – Melhor finalista da Licenciatura em Música, numa cerimónia que teve lugar no Auditório da Reitoria da Universidade de Aveiro.

Participou em diversos master classes com os pianistas Massimiliano Valenti, Rudolfo Rubino, Mário Laginha, Paulo Pacheco, Sofia Lourenço, Miguel Borges Coelho, e Sergei Milstein.

No âmbito dos Cursos Internacionais de Música de Guimarães, trabalhou Música de Câmara sob a orientação de António Saiote.

Em 2007 participou no recital de encerramento do Congresso Europeu de Professores de Piano (ESMAE, Porto), e no mesmo ano atuou na Sessão Solene Comemorativa da Elevação da Ribeira Grande a Vila, que decorreu no Teatro Ribeiragrandense.

Em 2006 ingressou na Lira Açoreana, sendo a primeira pianista desta orquestra constituída por jovens músicos açorianos. Enquanto membro do coro do Departamento de Comunicação e Arte da Universidade de Aveiro participou já em diversos concertos, dos quais se destacam a Missa da Coroação (Mozart), Requiem

(Brahms), A Criação (Haydn), a Nona Sinfonia (Beethoven), Sinfonia Coral (Beethoven) dirigida pelo maestro António Saiote e onde foi solista o pianista António Rosado.

Atualmente estuda canto com a soprano Isabel Alcobia e ensina no Conservatório De Ponta Delgada.

Como soprano, apresentou-se pela primeira vez como solista em maio de 2010 no Teatro Micaelense (S. Miguel – Açores), interpretando a *Missa Breve* de Delibes e *Alleluia* de Mozart.

Foi convidada dos Colóquios a Bragança 2010, Macau 2011, Vila do Porto (Santa Maria) em 2011, através do apoio da Direção Regional das Comunidades e faz atualmente parte do Grupo Bruma Ensemble.

Henrique Andrade Constância Conservatório Regional de Ponta Delgada



Henrique Andrade Constância - Nasceu em Ponta Delgada, a 28 de julho de 1997. Iniciou os seus estudos musicais no Conservatório Regional de Ponta Delgada, em Violino e Percussão. Aos 10 anos iniciou o estudo do Violoncelo frequentando, o 5º grau do curso básico na classe da professora Ana Vilela. Foi selecionado para participar no X estágio da OJ.COM – Orquestra de Jovens dos Conservatórios Oficiais de Música, realizado em Coimbra em abril de 2011 e participou, também, nos dois estágios regionais de orquestra, sob a direção do maestro Rui Massena. Frequentou o curso de verão Musicaldas 2011, orientado pela violoncelista Teresa Valente Pereira e esteve recentemente noutra estágio na Alemanha.

Já tomou parte em 2011, no 16º colóquio da lusofonia em Vila do Porto (Santa Maria) e no lançamento do livro *Crónica Açores vol 2.*, nesse ano na Maia.

"RAFAEL CARVALHO E A VIOLA DA TERRA"

Atas maia 2013



<http://www.freewebs.com/violadaterra/apps/blog/>

Rafael Carvalho É UM JOVEM MÚSICO QUE ATUOU PELA PRIMEIRA VEZ NOS NOSSOS COLÓQUIOS NA LAGOA EM 2009.

Rafael Costa Carvalho nasceu na Ribeira Quente a 22 de setembro de 1980. Em 1992 aprendeu os primeiros acordes no Violão com o Pai e, em 1994, aprendeu a tocar Viola da Terra com Carlos Quental e no ano seguinte já começou a dar formação na Escola de Viola da Terra da Ribeira Quente. Atualmente é responsável pela Escola de Viola da Terra e Violão da Ribeira Quente que já formou, nos últimos 16 anos, dezenas de músicos que têm assegurado a continuidade dos grupos e tradições que existiam na Freguesia e estavam em vias de se extinguir.

É formador da Escola de Viola da Terra do Grupo Folclórico da Fajã de Baixo. Formou em 2005 com Ricardo Melo e Ana Medeiros o trio Musica Nostra com o qual lança o primeiro trabalho discográfico em 2010 "Cantos da Terra". O mesmo grupo atua em 2008 no X Aniversário da Orquestra Regional Lira Açoriana, num Concerto inédito para Orquestra e Viola da Terra.

Este grupo também já atuou em 8 das 9 Ilhas dos Açores, tendo ainda atuado em Bruxelas por duas vezes, no Teatro da Trindade e na FNAC do Colombo e Alfragide.

Exerce funções docentes (professor provisório) de Viola da Terra, desde o ano letivo 2008 / 2009, no Conservatório Regional de Ponta Delgada. No presente ano letivo tem 15 alunos de Viola da Terra, o maior número de inscrições naquela disciplina na última década.

Está a desenvolver o primeiro Programa Mínimo de Viola da Terra Micaelense para o Conservatório Regional de Ponta Delgada, da Iniciação ao V Grau, no presente ano letivo.

Concluiu o Curso Básico de Viola da Terra no Conservatório Regional de Ponta Delgada, tendo sido o primeiro músico Micaelense a submeter-se a exame de V Grau de Viola da Terra.

Participou no I Encontro de Violas de Arame, de 11 a 13 de setembro de 2009, em Castro Verde, representando os Açores com a Viola da Terra. Estiveram também presentes Pedro Mestre (Viola Campaniça), José Barros (Viola Braguesa) e Vítor Sardinha (Viola de Arame - Madeira), e organizou em 2010, no Conservatório Regional de Ponta Delgada, o II Encontro de Violas de Arame com a presença também do tocador de Viola Brasileira Chico Lobo.

Em 2010 participa no Projeto Azorecombo - Transmutações para Viola da Terra num Concerto para Viola da Terra e Música Eletrónica onde tocou com @c (Miguel Carvalhais e Pedro Tudela) e Vítor Joaquim.

Em junho de 2010 é convidado para tocar na Inauguração da Exposição "A arte do Violeiro", no Museu de Vila Franca do Campo, pelo Dr. Rui de Sousa Martins, tendo ao Violão o tocador Dinis Raposo e ainda Carlos Estrela à Viola da Terra.

É o responsável e Diretor Musical da Orquestra de Violas da Terra formada em fevereiro de 2011 e que conta atualmente com 30 elementos.

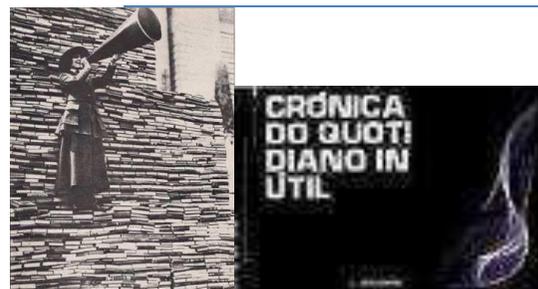
Organizou com a Associação de Juventude Viola da Terra o I Encontro de Violas Açorianas a 2 e 3 de setembro de 2011 que envolveu a presença de tocadores de 5 Ilhas dos Açores, Flores (José Serpa), Graciosa (António Reis), Pico (Orlando Martins), Terceira (Lázaro Silva) e São Miguel (Rafael Carvalho).

Um evento que a Viola aguardou cerca de 5 séculos nos Açores para que se concretizasse.

É responsável pelo site www.violadaterra.webs.com.

Lançou a 3 de fevereiro de 2012 o seu primeiro trabalho a solo "Origens", numa homenagem a temas tradicionais da Viola da Terra mas contendo, pela primeira vez na história da Viola Micaelense, 5 temas originais.

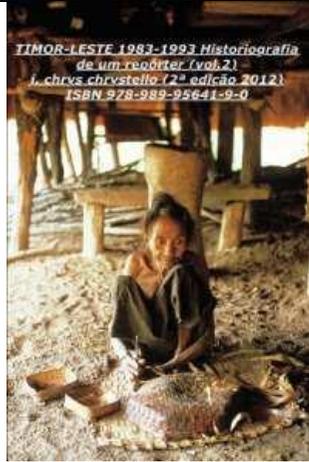
APRESENTAÇÃO DE LIVROS:



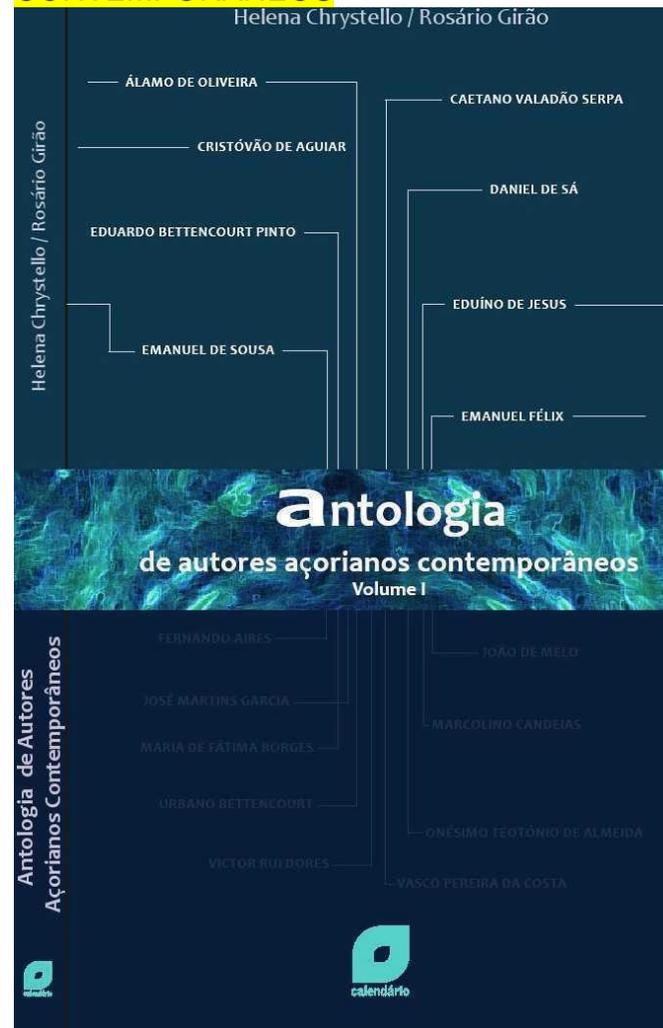
CQI - Crónica do Quotidiano Inútil de J Chrys
Chrystello [celebrando em poesia 40 anos de vida literária]



Timor-Leste, 1983-1993, vol. 2 Historiografia de um repórter (2ª edição, mais de 3600 páginas)
 (2ª ed. vol. 2 inclui vol. 1 **O Dossiê Secreto 1973-1975** e vol. 3 **As guerras tribais. A história repete-se 1894-2006**)



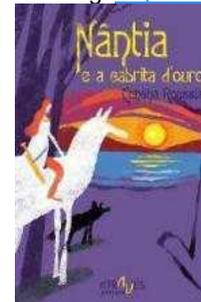
HELENA CHRYSTELLO / ROSÁRIO GIRÃO E A ANTOLOGIA (MONOLINGUE) DE AUTORES AÇORIANOS CONTEMPORÂNEOS





CONCHA ROUSIA

Concha Rousia nasceu em Covas, na raia, entre Ginzo de Límia e Montalegre. Estudou na Laboral de Vigo e posteriormente nas Universidades de Santiago de Compostela e Maryland. Começou a sua atividade literária com o relato 'Lobos' em *Vieiros* e continuou-a com numerosas publicações em suporte eletrónico e em papel. Destacam as suas parcerias nas antologias "Poesia do Brasil", do XV Congresso Brasileiro de Poesia, Rio Grande do Sul; "Primeira Antologia do Momento Litero Cultural", em formato digital. 2007, Porto Velho. "Mulheres" com poetas galegas. 2011, Mulheres Feministas do Condado, Galiza. O conto "Herança" publicado em 2007 em Rascunho (Jornal de literatura do Brasil), Curitiba. Em 2005 editou o seu primeiro romance 'As Sete Fontes' em formato e-book pela editora digital ArcosOnline, Portugal. Entre os seus prémios destaca o Prémio de Narrativa do Concelho de Marim, e o Prémio do Certame Literário Feminista do Condado. É secretária da Fundação Academia Galega da Língua Portuguesa; colaboradora desde 2007 dos Colóquios da Lusofonia. É a Presidente pela parte galega do Instituto Cultural Brasil-Galiza. Na atualidade mora na comarca de Compostela onde exerce como psicoterapeuta. Administradora do blog [República da Rousia](#) **APRESENTA NÂNTIA**



Através Editora, chancela editorial da AGAL, oferece um romance juvenil ambientado num mundo fantástico e a autora e a fantástica Concha Rousia. O título: *Nântia e a Cabrita d'Ouro*. Na contracapa lemos: "Será que Nântia, filha de Brigam, o ferreiro, conseguirá recuperar a Cabrita d'Ouro que a poderosa Cerne, a Rainha-Loba, arrebatou ao clã de Laroá? Parece uma missão impossível para uma jovem de apenas treze anos, mesmo que ela seja a escolhida; terá que atravessar as Terras Proibidas, cruzar o rio do esquecimento, adentrar-se na lagoa de Lim e enfrentar-se à temível Cobra-das-Sete-Cabeças". PGL - Um novo título vai passar a incrementar este mesmo mês o fundo próprio da [ATRAVÉS|EDITORIA](#), o carimbo editorial da **Associação Galega da Língua** Trata-se de *Nântia e a Cabrita d'Ouro*, da escritora e académica Concha Rousia. Trata-se da primeira incursão da ATRAVÉS|EDITORIA no terreno do romance para o público juvenil, após ter editado já obras para os mais miúdos. Reproduzimos a seguir o texto da contracapa do volume e que serve de aproximação a esta obra:

Os olhos de Ébora furaram a névoa que a separava de Nântia, acabava de ver como a pequena dialogava com a parrelha de pássaros; sem mover os

lábios ela e as duas rolas se comunicaram. Ébora estava observando a cena com muita atenção; sim, aquele tinha sido um momento longamente aguardado pela sábia, mas afinal ali estava; era a confirmação de que Nântia estava pronta...”.

Será que Nântia, filha de Brigam, o ferreiro, conseguirá recuperar a Cabrita d’Ouro que a poderosa Cerne, a Rainha-Loba, arrebatou ao clã de Laroá? Parece uma missão impossível para uma jovem de apenas treze anos, mesmo que ela seja a escolhida; terá que atravessar as Terras Proibidas, cruzar o rio do esquecimento, adentrar-se na lagoa de Lim e enfrentar-se à temível Cobra-das-Sete-Cabeças. Mas para além disso, terá que superar as armadilhas da pérfida Cerne, que já submeteu todas as terras e clãs desde as chairas de Lim até os cúmios de Croubre, sem que guerreiro nenhum pudesse impedi-lo. Nântia, todavia, contará com a ajuda de Maro, o Cavalo Branco, de Paleug, o lobecão, e Briona, a Espada-que-Vive, e sobretudo, dos seus fiéis acompanhantes, Ila, sua prima, e Brath. Mas antes de tudo isto acontecer, Nântia ainda deverá superar as três provas que mostrarão que ela é a eleita. A aventura de Nântia, dos seus amigos e inimigos, transporta-nos a um mundo antigo, mas próximo, e a um lugar que é o mesmo que habitamos hoje.

Editora convidada:

calendário de letras

Esta editora está presente desde 2009 nos nossos colóquios e exporá obras de Cristóvão de Aguiar, Vasco Pereira da Costa, Anabela Mimoso, Helena Chrystello e Rosário Girão, Chrys Chrystello, ...

SESSÕES DE POESIA

Neste 19º colóquio vamos inovar nas Sessões de Poesia e em vez de termos todos os declamadores numa só sessão, vamos distribuir os poetas pelas sessões, com uma declamação dos autores presentes ÁLAMO OLIVEIRA, NORBERTO ÁVILA, CONCHA ROUSIA E CHRYS CHRYSTELLO COM LUCIANO PEREIRA.

6. Discurso de abertura do Presidente da AICL

SENHOR SUBSECRETÁRIO REGIONAL DA PRESIDÊNCIA DO GOVERNO PARA AS RELAÇÕES EXTERNAS DR RODRIGO OLIVEIRA EM REPRESENTAÇÃO DO SENHOR PRESIDENTE DO GOVERNO REGIONAL DOS AÇORES SENHOR PRESIDENTE DA CÂMARA MUNICIPAL DA RIBEIRA GRANDE, Dr. Ricardo Silva
SENHOR PRESIDENTE DA JUNTA DE FREGUESIA DA MAIA,
DEMAIS ENTIDADES REGIONAIS,
MONSENHOR DOM CARLOS FILIPE XIMENES BELO, nosso convidado de honra neste colóquio
ÁLAMO OLIVEIRA, nosso escritor convidado e homenageado neste colóquio
CAROS / AS ACADÉMICOS / AS, CARAS E CAROS ASSOCIADOS,
MINHAS SENHORAS E MEUS SENHORES
A TODOS AGRADEÇO A PARTICIPAÇÃO NESTA CERIMÓNIA FORMAL DE ABERTURA DO 19º COLÓQUIO DA LUSOFONIA DA AICL.

¹ no Livro IV, de *Saudades da Terra* (1591),

AGRADEÇO EM ESPECIAL O PATROCÍNIO DA JUNTA DE FREGUESIA DA MAIA E OS APOIOS DA PRESIDÊNCIA DO GOVERNO REGIONAL DOS AÇORES SEM OS QUAIS NÃO SERIA POSSÍVEL TERMOS REUNIDOS AQUI ACADÉMICOS E LUSÓFILOS DE TANTOS PAÍSES E REGIÕES

A todos dou as boas-vindas a esta costa norte da ilha de São Miguel, tantas vezes esquecida das rotas de visitantes e turistas. Estamos na Maia, ativa freguesia do concelho da Ribeira Grande, situada entre as suas congéneres de S. Brás, a ocidente, a Lomba da Maia, a nascente, e os concelhos de Vila Franca do Campo e Povoação, a sul. A sede da freguesia, que inclui os lugares da Lombinha da Maia e da Gorreana, ocupa grande parte de uma fajã vulcânica geologicamente muito jovem, com cerca de 10 000 anos.

Segundo a Enciclopédia Açoriana, a Maia terá sido fundada nos finais do séc. XV, por Inês, da Maia nativa de terras do Lidador perto do Porto. Na ilha havia então dois municípios, os de Vila Franca do Campo e de Ponta Delgada. Gaspar Frutuoso¹ fala das curiosidades da freguesia, dos moinhos, do dia a dia e dos habitantes. Os primeiros povoadores tiveram intenção de a fazer vila mas não foi possível. Em termos eclesiásticos, esta paróquia cedo ganhou alguma relevância fazendo parte da Ouvidoria de Vila Franca, a única em S. Miguel. Só em 1698 foram criadas novas Ouvidorias, as de S. Sebastião em Ponta Delgada e N. Sra. da Estrela na Ribeira Grande. Por razões de proximidade geográfica, a paróquia do Divino Espírito Santo da Maia foi incluída na de N. Sra. da Estrela.

Entretanto, as obrigações fiscais passaram a ser cumpridas na Ribeira Grande. Mas só em 1820 a Maia ficou a fazer parte deste concelho. No entanto, em 1916 esta paróquia foi integrada como limite ocidental da Ouvidoria dos Fenais da Vera Cruz (Fenais da Ajuda) aquando da criação de novas Ouvidorias.

A sua malha urbana apresenta um desenho de ruas paralelas orientadas na direção norte-sul, unidas por travessas de orientação leste-oeste, situação muito rara nos Açores. Dadas estas características, foi classificado como património regional o centro urbano ao redor da igreja paroquial, dedicada ao Espírito Santo, e construída de 1796 a 1825.

Entre os seus edifícios notáveis, encontra-se o Solar de Lalém, do séc. XVIII e XIX, e onde foi incorporada a ermida de S. Sebastião de 1687. Ali se realizaram em 87 e 89 dois encontros de escritores açorianos, e onde João de Melo recebeu o seu primeiro prémio literário², pelo livro *Entre Pássaro e Anjo*. http://vamberto Freitas.files.wordpress.com/2011/04/maia_foto1.jpg

Diz Vamberto Freitas em 2011 no artigo Do Bar Jade ao Grupo Balada abril 9, 2011

O movimento e o debate de ideias nos bastidores levaram ao primeiro encontro da Maia organizado por Daniel de Sá, Afonso Quental, Carlos Cordeiro e, mais tarde, Urbano Bettencourt, Silva Melo e José Bettencourt da Câmara, que dinamizariam no Solar de Lalém essa convivência que, durante alguns dias, juntava escritores e estudiosos residentes no arquipélago, no Continente e na Diáspora, inclusive Brasil. ... A açorianidade tomava agora várias formas, era vivida e escrita nas mais longínquas geografias marcadas pela nossa presença histórica. ... a escrita açoriana entrava numa outra fase de universalidade que naturalmente se revia nas mais variadas formas, nos mais originais e por vezes inesperados temas., para além do isolamento e

² da Associação de Cultura e Recreio a Balada

subdesenvolvimento, emigração e guerra colonial. Quem não queria ser identificado como “escritor açoriano” ou ser incluído num corpo literário definido como “literatura açoriana” estava mais do que livre para seguir o seu caminho sem nunca ser hostilizado, muito menos “excluído” do grupo.

Tentamos, em memória desses Encontros, que a comitiva ficasse alojada no mítico e ora privado Solar de Lalém mas preços exorbitantes, exigências e alterações ao acordado levaram-nos a buscar outras paragens e daí estarmos alojados no paradisíaco coração da ilha em pleno Vale das Furnas.

No lugar da Gorreana aqui na Maia, produz-se o famoso chá do mesmo nome, sendo este laborado na única fábrica que se manteve ativa, sem interrupções, desde o terceiro quartel do século XIX e que visitaremos amanhã.

A situação geográfica da Maia, numa zona do concelho em que há uma acentuada descontinuidade em relação ao conjunto formado pela cidade da Ribeira Grande e freguesias mais ocidentais, e o seu relevo geográfico, fizeram da Maia uma alternativa para as populações da zona na busca de bens e serviços que normalmente só são acessíveis nas sedes de concelho, daqui derivando as suas legítimas aspirações ao longo dos últimos 500 anos para ser vila mas cremos que será apenas uma mera questão temporal até que isso aconteça.

A zona costeira da Maia dispõe de excelentes condições para a natação e mergulho, sendo os fundos marinhos circundantes dos melhores da ilha, quer no que respeita à paisagem subaquática quer no que se refere às espécies e quantidade de peixes observáveis.

Encontra-se referida como "O Reduto do logar da Maya" na relação "Fortificações nos Açores existentes em 1710"³.^[1] A Capitania Geral dos Açores reportava o seu estado em 1767: "20.º — No logar da Maya se conservam alguns vestígios de que houve allí um Forte chamado do Espirito Santo, e se deve novamente edificar, pela necessidade que tem aquelle sitio de ser defendido."^[2] Esta estrutura não chegou até aos nossos dias.

Nos últimos dois anos tem-se assistido a uma rica panóplia de eventos destinados a celebrar os 5 séculos da Maia cuja data exata não consta dos arquivos, o que vem provar a vitalidade desta freguesia que tem sob a liderança de Jaime Rita, a visão e a coragem de se abalar a ser a primeira freguesia a receber um Colóquio da Lusofonia o que, decerto, ficará na história e servirá de exemplo nestes dias conturbados em que por mor da crise, a cultura é das primeiras rubricas a serem penalizadas nos cortes de apoios governamentais a todos os níveis. Ao apostar neste apoio incondicional aos Colóquios, quando alguns municípios o declinaram, a Junta de Freguesia da Maia deu um exemplo de que os cidadãos não precisam só de obras de construção civil, ou da solidariedade social autárquica, nem apenas das hortas comunitárias, nem só dos festivais pagãos e religiosos como também se lhes deve dar a hipótese de poderem receber uma tão nobre audiência como esta, onde a Lusofonia está representada por várias nacionalidades, gente de vários países e regiões como Açores, Alemanha, Austrália, Bélgica, Brasil, EUA, Galiza, Macau, Portugal, Roménia, Timor-Leste dentre as vinte nacionalidades que constituem os nossos associados. A cultura e a educação são a maior riqueza de um povo que não se contabiliza na fria natureza dos números da

economia e finanças. Um povo que lê não se deixa esmagar pela fria ditadura dos impostos, um povo culto está ao lado dos governantes na busca de soluções para as crises, um povo orgulhosos da sua língua não se deixava silenciar para pagar as dívidas da banca mundial. É esse povo que visamos conquistar nos Colóquios da Lusofonia.

Todos sabemos que a história sempre se fez de guerras e de casamentos entre as tribos, hoje faz-se pela globalização económica que desconhece as fronteiras marcadas em tempos imemoriais pelos homens e é aí que a língua comum assume um papel vital de moeda de troca entre os povos. Mesmo muitos daqueles que sempre se insurgiram contra a Lusofonia surgem agora como vocais e aparentes paladinos da mesma, como instrumento de captação de um mercado de mais de 240 milhões de almas. Se a guerra dos afetos entre povos irmãos parecia exclusiva da coutada dos poetas, eis que agora timidamente desponta o interesse económico nessa cruzada da língua comum, como motor capaz de inverter políticas centralistas e nacionalistas de séculos. Nisso reside a grande arma que devemos utilizar, neste longo caminho de sobreviver através da língua e cultura comuns, em vez de ficarmos marginalizados em variantes e dialetos redutores da enorme identidade global que é a Lusofonia sem distinção de nações, credos ou etnias. Advogamos sempre que um povo que lê é um povo que se não deixa dominar e sabe tomar decisões conscientes, necessidade bem premente nestes dias de globalização neoliberal desenfreada, guiada pelo paradigma único de apenas e só o lucro a qualquer custo. Sem desmerecer os méritos do sistema capitalista, nós apostamos mais na Humanidade feita de homens e mulheres com princípios sãos, apostamos na igualdade, na justiça e no mérito irmanados por um poderoso elo comum: a língua de todos nós, seja ela de origem ou adquirida, mas a língua em que comunicamos, trabalhamos e vivemos. Esse laço comum não distingue nem discrimina e podemos fazer a diferença, congregados em torno dessa ideia abstrata e utópica de irmanação pela mesma Língua numa escrita unificada. Partindo dela podemos criar pontes entre povos e culturas no seio da grande nação lusofalante, independentemente da nacionalidade, naturalidade ou ponto de residência.

Essa a verdadeira Lusofonia que propugnamos. Não somos donos da língua apenas meros amantes e utilizadores da mesma, e nela queremos congregar não só os países de língua oficial portuguesa como todas as comunidades onde existam lusofalantes independentemente da sua matriz de origem.

Não queremos um Quinto Império para reviver falsas glórias de outrora, pretendemos apenas dar voz a todos os que se expressam e trabalham nessa mesma língua, queremos partilhar a enorme riqueza de termos uma língua comum, com enorme valor global, como elo motriz que a catapulte da sua eterna semiobscuridade para a ribalta dos fóruns mundiais onde já é a quinta mais falada ou no seio da internet onde surge como terceiro idioma mais usado.

Dito isto, somos como organizadores deste 19º colóquio, a AICL - associação internacional dos colóquios da lusofonia -, um exemplo da sociedade civil atuante em torno de um projeto de Lusofonia sem distinção de credos, nacionalidades ou identidades culturais. Depois de termos ido ao Brasil, Macau e Galiza queremos voltar ao Brasil, ir aos EUA e Canadá, a Cabo Verde, Roménia, Timor-Leste e a outros países.

³ No contexto da Guerra da Sucessão Espanhola (1702-1714) http://pt.wikipedia.org/wiki/Reduto_da_Maia_%28Ribeira_Grande%29cite_note-1

A nossa ação, desde 2006, na divulgação da açorianidade literária é o exemplo vivo de como concretizar utopias com esse esforço coletivo que é o contagioso espírito de grupo que nos irmana e nos tem permitido avançar com ambiciosos projetos desde que em 2001 iniciámos os colóquios, para patentear que era possível ser-se organizacionalmente **INDEPENDENTE** e descentralizar estes eventos sem subsidi dependências. Estabeleceram-se nestes anos várias parcerias e 21 protocolos com universidades, politécnicos e outras entidades que possibilitam embarcar em projetos mais ambiciosos com a necessária validação científica.

Nos Açores, agregamos académicos, estudiosos e escritores em torno da identidade açoriana, sua escrita, lendas e tradições, numa perspetiva de enriquecimento da LUSOFONIA, tal como a entendemos, sempre com todas as suas diversidades culturais que, com a nossa podem coabitar.

Pretendemos divulgar a *identidade açoriana* não só nas comunidades lusofalantes mas em países como a Roménia, Polónia, Bulgária, Rússia, Eslovénia, Itália, França, e onde lentamente estão a ser feitas traduções de obras e de excertos de autores açorianos. Por isso, em todos os colóquios mantivemos sempre uma sessão dedicada à tradução, uma importante forma de divulgação da nossa língua e cultura. Veja-se o exemplo de Saramago que vendeu mais de um milhão de livros nos EUA onde é difícil a penetração de obras de autores de outras línguas e culturas. A este propósito, um dos mais ousados projetos saídos destes colóquios a Antologia Bilingue para as comunidades da diáspora lançada em 2012 tem hoje o lançamento da sua versão monolíngue, trata-se das Antologias de Autores Açorianos Contemporâneos em dois volumes com edição da Calendário de Letras.

Em linha desde janeiro 2012 disponibilizamos gratuitamente no nosso portal, www.lusofonias.net, os CADERNOS DE ESTUDOS AÇORIANOS que trimestralmente publicámos, estando já disponíveis dezena e meia de cadernos, suplementos e vídeo-homenagens a autores açorianos. Serviram de suporte ao curso de Açorianidades e Insularidades da Universidade do Minho e que ambicionámos levar, um dia, numa plataforma em linha para todo o mundo, além de servir de iniciação para os que querem ler excertos de obras de reconhecidos autores açorianos cujas obras dificilmente se encontram no mercado livreiro.

Há marcas indelévels de insularidade que acompanham os autores açorianos nas suas peregrinações, um elo comum que abarca todos os autores compilados nos Cadernos Açorianos, entre tantos outros que – direta ou indiretamente escrevem tendo por pano de fundo os Açores como espaço cultural de forte marca identitária.

Gostava de chamar a atenção para os dois últimos cadernos açorianos, um dedicado a Victor Rui Dore e o outro ao dramaturgo Norberto Ávila que hoje se junta a nós pela primeira vez nestes colóquios, acompanhando o escritor homenageado ÁLAMO OLIVEIRA, bem como Urbano Bettencourt, Daniel de Sá e Ângela de Almeida. Em outubro 2012, levamos os Colóquios a Ourense na Galiza, parcela esquecida da Lusofonia que foi o berço da língua de todos nós, e ora tenta reunir-se com as demais comunidades lusofalantes. Ali lançámos o **MANIFESTO AICL 2012, a língua como motor económico**, um contributo para uma futura política da língua no Brasil e em Portugal. Vivemos hoje uma encruzilhada com problemas semelhantes aos da Geração de 1870 e das Conferências do Casino.

Embora maioritariamente preocupados com os aspetos mais vastos da linguística, literatura e história, somos um grupo heterogéneo unido pela Língua comum a todos nós

e que configura o mundo, sem esquecer que Wittgenstein disse que o limite da nacionalidade é o limite do alcance linguístico.

Resta apenas que mais e mais gente se junte à AICL – Colóquios da Lusofonia - para irmos mais longe e levar o nosso MANIFESTO a todos, incluindo os governos dos países de expressão oficial portuguesa e que sirva de ponto de partida para o futuro que ambicionamos e sonhamos.

Com a ajuda e dedicação de todos muito mais podemos conseguir como motor pensante da sociedade civil. Foi isso que nos levou à Galiza no 18º colóquio para que juntos possamos fortalecer o que nos une e que é património imaterial de tantos.

Fala-se hoje mais Português em Angola e Moçambique do que no tempo da presença portuguesa apesar da forte competição das línguas nativas.

Em Goa existe um recrudescimento do interesse pela língua portuguesa e novos livros têm surgido mais de 50 anos após a extinção da presença lusófona.

Em Macau a língua portuguesa é mais falada e estudada hoje do que quando os portugueses lá estavam.

Lembro a importância da língua portuguesa em contextos hostis como no caso de Timor-Leste onde sob a ocupação neocolonial indonésia, as novas gerações impedidas de falar Português começaram a usar esta língua como língua de resistência. Em Timor como segunda língua oficial há dez anos nem a 5% chegava o número de falantes e hoje já há mais de 25%.

Vários idiomas da Tailândia, Malásia, Índia e Indonésia têm palavras portuguesas bem como a própria língua japonesa: álcool, veludo, jaqueta, bolo, bola, botão, frasco, irmão, jarro, capa, capitão, candeia, castela (bolo de pão de ló), copo, vidro, tempero, tabaco, sabão, sábado, choro, tasca, biombo etc..

Há ainda um idioma próprio falado na Malásia, Singapura, Tailândia, Ceilão e Indonésia que se chama Papiá Kristang (língua cristã) ou português de Malaca que é constituído por palavras portuguesas com formas gramaticais diferentes.

Existe também o Patuá de Macau mas está em vias de extinção. Por último gostava de lembrar a honra que temos neste biénio 2013-2014 de homenagear Álamo Oliveira.

Nos Colóquios tentamos seguir as sugestões que nos são feitas. Uma das questões que nos levantaram aquando da antologia bilingue foi a de termos deixado de fora as mulheres na escrita açoriana (excetuando Maria de Fátima Borges). Sempre abertos a sugestões e críticas adotou-se para este 19º colóquio o tema 1 AS MULHERES NAS LETRAS AÇORIANAS.

Curiosamente, apesar da extensíssima divulgação que este 19º colóquio teve a maioria das mulheres escritoras açorianas contemporâneas nem se inscreveu. Mesmo assim, posso anunciar aqui em primeira mão que iremos prosseguir como estava programado com uma nova Antologia no feminino, sob o tema Açores 9 ilhas 9 escritoras, coordenado como habitualmente pela Helena Chrystello e Rosário Girão.

A língua não é só um meio de comunicação nem uma arma económica, ela expressa o sentimento dos povos, permite a preservação das lendas e narrativas, recria as baladas dos bardos, favorece a leitura dos clássicos, aproxima povos e perpetua o ADN nacional. Vamos continuar a criar intercâmbios entre os Açores e o resto do mundo para juntos, com o apoio do Governo Regional, incrementarmos relações culturais entre as regiões e comunidades onde se fala a mesma língua. **Dou agora a palavra a ...**



DISC GOV.pdf

7. Discurso do representante do governo regional

8. CONCLUSÕES E Discurso de fecho dos colóquios

1. TENTAR INCLUIR A ANTOLOGIA DE AUTORES AÇORIANOS CONTEMPORÂNEOS EM DOIS VOLUMES NO PLANO NACIONAL DE LEITURA
2. PROJETO DE ANTOLOGIA NO FEMININO 9 ILHAS 9 ESCRITORAS NOS PRÓXIMOS DOIS ANOS
3. PROJETO DE MUSICAR (VERSÃO MÚSICA CLÁSSICA) POEMAS DE AUTORES AÇORIANOS
4. PROJETO DE MUSICAR (VERSÃO POP E ROCK) POEMAS DE AUTORES AÇORIANOS E DOS COLÓQUIOS
5. PROJETO DA JUNTA DE FREGUESIA CRIAR UM CANCEIRO DA MAIA
6. PUBLICAÇÃO DE UMA COMPILAÇÃO DE TEXTOS DRAMÁTICOS A INCLUIR NO PLANO CURRICULAR DO ENSINO E MAIS TARDE NO PLANO REGIONAL DE LEITURA

SENHOR PRESIDENTE DA JUNTA DE FREGUESIA DA MAIA, JAIME RITA
DEMAIS ENTIDADES REGIONAIS,
MONSENHOR DOM CARLOS FILIPE XIMENES BELO, nosso convidado de honra neste colóquio

ÁLAMO OLIVEIRA, nosso escritor convidado e homenageado neste colóquio
CAROS / AS ACADÉMICOS / AS,
CARAS E CAROS ASSOCIADOS / AS,
MINHAS SENHORAS E MEUS SENHORES

A TODOS AGRADEÇO A PARTICIPAÇÃO NESTA CERIMÓNIA DE ENCERRAMENTO DO 19º COLÓQUIO DA LUSOFONIA DA AICL. E AGRADEÇO EM ESPECIAL O PATROCÍNIO DA JUNTA DE FREGUESIA DA MAIA SEM O QUAL NÃO SERIA POSSÍVEL TERMOS REUNIDO AQUI AO LONGO DESTES 3 DIAS ACADÉMICOS E LUSÓFILOS DE TANTOS PAÍSES E REGIÕES

Na minha modesta opinião a AICL além de agradecer à junta de Freguesia da Maia e seu Presidente Jorge Rita por terem tornado possível realizar este 19º colóquio aqui na Maia.

. Iguualmente merecem uma nota pública de agradecimento os apoios recebidos da CM Lagoa entre 2008 e 2012, da CM Bragança de 2002 a 2010, CM de Vila do Porto 2011, CM Ribeira Grande 2006 e 2007, Estado Federal de Santa Catarina 2010, Instituto Politécnico de Macau 2011, Academia Galega, sua Fundação e Associação Pró-AGLP 2012, Academia Brasileira desde 2007 e da Direção Regional da Cultura / Direção Regional das Comunidades / Direção Regional da Ciência e Tecnologia, em particular, por nos terem permitido fazer a diferença ao trazer autores expatriados que só vieram enriquecer os nossos colóquios, havendo ainda a realçar a Direção Regional de Turismo que há 4 anos nos vem ajudando a dar ofertas representativas dos Açores aos nossos convidados. Faltarão decerto outras entidades que nos ajudaram ao longo de doze anos

e 19 colóquios mas seria injusto não salientar aqui as individualidades que têm sido timoneiras desta nau da Lusofonia, esses dois grandes mestres Bechara e Malaca Casteleiro sem os quais os colóquios não seriam o farol que a todos alumia nesta defesa intransigente da nossa língua e para eles peço um aplauso sentido. A estes juntaria ainda os nomes dos incansáveis Ângelo Cristóvão hoje ausente e Concha Rousia, que têm com enorme sacrifício subido o Gólgota deste nosso sonho comum.

Como tenho vindo a alertar e ainda mais no atual contexto as n / relações com as entidades públicas e ou associativas são fundamentais e sem o apoio destas entidades os colóquios não teriam atingido a projeção internacional de que hoje dispõem. Interessa agora nesta época de convulsão orçamental continuar a demonstrar porque merecemos ser apoiados, pois nós marcamos a diferença para todas as outras realizações do mesmo género. Peço desculpa pela ousadia mas não poderia deixar de dizer isto.

Se a guerra dos afetos entre povos irmãos é exclusiva da coutada dos poetas, agora desponta o interesse económico nessa cruzada da língua comum, como motor capaz de inverter políticas centralistas e nacionalistas de séculos. Nisso reside a grande arma que devemos utilizar, neste nosso longo caminho de sobreviver através da língua e cultura comuns, em vez de ficarmos marginalizados em variantes e dialetos redutores da enorme identidade global que é a Lusofonia sem distinção de nações, credos ou etnias. Não queremos um Quinto Império para reviver glórias de outrora, pretendemos apenas dar voz a todos os que se expressam e trabalham nessa mesma língua.

Foi isso que nos trouxe à Maia neste 19º colóquio para juntos fortalecermos o que nos une e que é património imaterial de tantos. Fala-se mais Português em Angola hoje do que no tempo da presença portuguesa apesar da forte competição das línguas nativas. Em Goa existe um recrudescimento do interesse pela língua portuguesa e novos livros têm surgido mais de 50 anos após a extinção da presença lusófona. Em Macau a língua portuguesa é mais falada e estudada hoje do que quando os portugueses lá estavam. Em Timor como segunda língua oficial já há mais de 25% de falantes quando há dez anos nem a 5% chegava o número de falantes.

Apesar das leis e das promessas oficiais o galego é menos falado hoje do que na minha juventude quando ali ia de férias, mas felizmente existe uma geração de visionários como a AGLP e a AGAL, entre outras, que querem beneficiar do mercado global da nossa língua única em todas as suas ricas variantes do Brasil a Timor e confiamos neles para que consigam essa revolução das mentes para que as novas gerações se orgulhem desse património imaterial que é a língua portuguesa comum a todos nós.

Os nossos projetos de divulgação de autores açorianos, sua tradução em várias línguas, a divulgação do cancioneiro açoriano, as antologias, os livros que temos editado, os artistas que temos promovido, entre tantos outros projetos que enunciamos na sessão de abertura deste 19º colóquio permitiram já levar os Açores a locais desconhecidos, e sentimo-nos todos embaixadores dessa açorianidade quando os nossos oradores estudam autores açorianos.

Com esta vinda à Maia acreditamos que podemos criar novas pontes culturais nesta região autónoma que tem um número incalculável de autores que merecem ser estudados, traduzidos e divulgados em todo o mundo lusófono. Queremos criar intercâmbios e incrementar as relações entre as regiões, porque afinal falamos todos a mesma língua. Resta-me anunciar formalmente que o próximo colóquio terá lugar na última semana de setembro primeira de outubro no Rio de Janeiro graças ao apoio da

UFRJ e da ABL A todos os que aqui estão presentes o nosso obrigado e até sempre que nos queiram receber.

BIODADOS E SINOPSES – oradores, convidados e presenciais

ORTOGRAFIA: dado haver inúmeras ortografias oficiais após 1911, de ambos os lados do Atlântico, a AICL uniformizou e converteu para o AO 1990 (a partir de 2007) todos os textos escritos após 1911 (incluindo Atas)

BIODADOS E SINOPSES – oradores, convidados e presenciais

1. ÁLAMO OLIVEIRA, ESCRITOR CONVIDADO, TERCEIRA, AÇORES



ÁLAMO OLIVEIRA (José Henrique do) nasceu na Freguesia do Raminho – Terceira, Açores – maio de 1945. Fez o Curso de Filosofia no Seminário de Angra e o serviço militar na Guiné-Bissau (1967 / 69).

Foi catalogador na Biblioteca Pública e Arquivo de Angra (1970 / 71); Funcionário Administrativo no Departamento Regional de Estudos e Planeamento.

Em 1982, foi transferido para a Direção Regional da Cultura e, após a aposentação, foi convidado a colaborar, até 2010, na Direção Regional das Comunidades.

É sócio fundador do Alpendre-grupo de teatro (1976), onde tem sido diretor artístico e encenador.

Tem 34 livros com poesia, romance, conto, teatro e ensaio.

Está representado em mais de uma dezena de antologias de poesia e de ficção narrativa.

O seu romance *Até Hoje Memórias de Cão*, em 3ª edição, recebeu, em 1985, o prémio «Maré Viva», da Câmara Municipal do Seixal.

Em 1999, recebeu o prémio «Almeida Garrett / Teatro» com a peça *A Solidão da Casa do Regalo*.

Tem poesia e prosa traduzidas para inglês, francês, espanhol, italiano, esloveno e croata. O seu romance *Já Não Gosto de Chocolates* está traduzido e publicado em inglês e em japonês.

Em abril de 2002, a Portuguese Studies Program, da Universidade da Califórnia em Berkeley, convidou-o, na qualidade de «escritor do semestre», para lecionar a sua própria obra aos estudantes de Língua Portuguesa, sendo o primeiro português a receber tal distinção.

Com algumas incursões na área das artes plásticas (exposições individuais e coletivas em Angra, Ponta Delgada, Lisboa, Porto e Guiné-Bissau, nas décadas de 60 a 80), criou mais de uma centena de capas para livros.

Em 2010, foram-lhe conferidas as seguintes distinções: Insignia Autonómica de Reconhecimento do Governo Regional dos Açores e Grau de Comendador da Ordem de Mérito da Presidência da República.

POESIA

A Minha Mão Aberta (opúsculo), 1968

Pão Verde, 1971 (esgotado)

Poemas de(s)Amor, 1973 (esgotado)

Fábulas, 1974 (esgotado)

Os Quinze Misteriosos Mistérios, 1976 (esgotado)

Cantar o Corpo, 1979 (esgotado)

Eu Fui ao Pico Piquei-me, 1980 (esgotado)

Itinerário das Gaivotas, 1982 – ed. DRAC (esgotado)

Nem Mais Amor que Fogo (em parceria com Emanuel Jorge Botelho), 1983

Triste Vida Leva a Garça (antologia 1967 / 81), 1984 – ed. Ulmeiro

Textos Inocentes, 1986 (esgotado)

Erva-Azeda, 1987 (esgotado)

Impressões de Boca, 1992 – ed. DRAC (esgotado)

António, Porta-te como uma Flor, 1998 – ed. Salamandra

Memórias de Ilha em Sonhos de História (poemas sobre aguarelas de Álvaro Mendes), 2000

Cantigas do Fogo e da Água (quadras sobre aguarelas de Álvaro Mendes), 2001

Andanças de Pedra e Cal 2010

TEATRO

Um Quixote – 2ª edição, 1974 (esgotado)

Morte ou Vida do Poeta, 1974 (esgotado)

Manuel, Seis Vezes Pensei em Ti, 2ª edição, 1994 – ed. Jornal de Cultura (esgotado)

Uma Hortênsia para Brianda, 1981 – sep. Revista «Atlântida» (esgotado)

Sabeis quem É este João? 1984 – sep. Revista «Atlântida» (esgotado)

Missa Terra Lavrada, 1984 – ed. DRAC (esgotado)

Os Sonhos do Infante, 2ª edição, 1995 – ed. Jornal de Cultura (esgotado)

Morte que Mataste Lira (musical com Carlos Alberto Moniz) – ed. CD, 1999

A Solidão da Casa do Regalo e Almeida Garrett-Ninguém, 2000 – ed. Salamandra

Quatro Prisões Debaixo de Armas e o Quadrado, 2012. Ed. Autor.

ROMANCE

Burra Preta com uma Lágrima – 2ª edição, 1995 – ed. Salamandra

Até Hoje Memórias de Cão, 1986 – ed. Ulmeiro; 1988 – ed. Signo; 2003 – ed. Salamandra

Pátio d'Alfândega Meia-Noite, 1992 – ed. Vega

Já não Gosto de Chocolates, 1999 – ed. Salamandra;

versão inglesa, 2006 – ed. Portuguese Heritage Publications of California, Inc.;

versão japonesa, 2008 – ed. Random House Kodansha

CONTO

Contos com Desconto, 1991 – ed. Instituto Açoriano de Cultura (esgotado)

Com Perfume e com Veneno, 1997 – ed. Salamandra

Caneta de Tinta Permanente na Poesia Popular" 2012, homenagem ao cantor popular terceirense Manuel Caetano Dias, mais conhecido por "caneta".

ENSAIO

Almeida Firmino / Poeta dos Açores, 1978 – ed. DRAC (esgotado)

Olá, Pobreza! 1996 – ed. Jornal de Cultura (esgotado)

Antologias (mais recentes)

In Antologia (Bilingue) Autores Açorianos Contemporâneos, ed. Calendário de Letras / AICL, VN de Gaia, 2011

In Antologia (Monolingue) Autores Açorianos Contemporâneos, ed. Calendário de Letras / AICL, VN de Gaia, 2012.

Vídeos do autor

<http://www.youtube.com/watch?v=yg5KN9d0IX4>

<http://www.youtube.com/watch?v=ZUTHTrkxOlq>

TEMA 1. ADELAIDE FREITAS – A GRANDEZA DE UM SORRISO POR DENTRO DA VIDA ÁLAMO OLIVEIRA, ESCRITOR AÇORIANO

Adelaide Freitas é um dos nomes mais significativos da literatura açoriana. No conjunto das escritoras naturais dos Açores, ela é uma das nossas melhores referências. Urge ler a sua obra. Bem sei que outros nomes (de mulheres e de homens) permanecem no limbo literário do nosso esquecimento. Por isso, entre outras razões para esta evocação, está a de ela ser, simplesmente, uma escritora brilhante.

A atenção centrou-se no tema sugerido pela organização: escritoras açorianas. Na lista de temas apontados para este encontro da lusofonia, não me pareceu haver a preocupação de se querer exorcizar silêncios nem de se estabelecer qualquer critério de análise de coloração machista. Apesar da referência concreta a «mulheres escritoras», senti-me à vontade para optar, não por um trabalho com pretensões ensaísticas, mas por um pequeno exercício sobre a ineficácia da memória quando deixada sob a influência do que fazem prevalecer sobre o nosso quotidiano. Por mais preparada que a consciência individual e coletiva estejam para enfrentar o turbilhão social que todos os dias aflige a sociedade, sempre se nos apagam as prioridades que se diriam essenciais para a nossa sobrevivência sociocultural.

Com a barriga não se brinca e a escrita não dá pão, mesmo quando esta acontece por parte de quem tem a generosidade de deixar expressas orientações apaziguadoras dos conflitos que nos afligem. Sei que é muito discutível a função redentora da escrita e, por isso, salto fora de qualquer rito oficioso que provoque quem quer que seja. Volto às escritoras açorianas e fico-me por uma delas.

De entre as mulheres que se destacam no espaço literário açoriano, Adelaide Freitas ocupa um lugar singular. Essa singularidade enforma-se de circunstâncias diversas, sendo de relevar os propósitos que a levam a fazer da escrita uma espécie de manual de solidariedade. Ouso lembrar os primeiros encontros, em que eu olhava para uma mulher bonita, que sorria como se o Mundo fosse do tamanho do seu coração. Fomos encontrando de acontecimento a acontecimento e ela foi-me prendendo com as

suas comunicações – comunicações essas que ora eram de conteúdo especificamente literário ora de cariz sociocultural, mais os serões de amena, mas nunca gratuita, conversa. Sempre me surpreendeu a transparência do seu pensamento, a sua capacidade de análise e a sua incomensurável sensibilidade para tratar de assuntos que exigiam cuidados aflitivos de aproximação, os quais sempre deram azo a soluções justas e atempadas.

Adelaide Freitas – ainda Adelaide Baptista – somou textos sobre textos e foi-os reunindo com propósitos de publicação, cumprindo assim a função pedagógica da partilha, situada em vários contextos como, por exemplo, agente do ensino universitário na área das Literaturas, tendo sido Diretora do Departamento de Línguas e Literaturas Modernas. Foi também, durante cinco anos, Presidente do Instituto de Ação Social, cargo que exerceu com enorme sentido de solidariedade. É deste tempo a publicação de um conjunto de textos, sob o título de *Regresso a Casa: uma Proposta de Intervenção Social*. Trata-se de uma espécie de manual onde se define e se esclarece que os serviços sociais só existem porque não se é capaz de proporcionar igualdade de oportunidades a cada um dos membros da comunidade.

Dois títulos que melhor divulgam a personalidade intelectual de Adelaide Freitas está o ensaio que constituiu a sua tese de Doutoramento: *Moby Dick a ilha e o mar – Metáforas do caráter do Povo Americano* – uma brilhante abordagem sobre uma obra emblemática da Literatura norte-americana, e onde os Açores surgem em apontamentos socioculturais e cenográficos num tempo de desejada emigração. A nível de ensaios especificamente literários, relembrem-se as suas vastas aproximações à escrita de autores açorianos, com destaque para a obra de João de Melo. São dois volumes que vão continuar a merecer a nossa atenção. Dois títulos com poesia e um texto de prosa poética para um álbum sobre o concelho do Nordeste enriquecem também a sua bibliografia.

No entanto, Adelaide Freitas voltou a surpreender com a publicação do romance *Sorriso por Dentro da Noite* – um romance que não passou despercebido aos leitores mais atentos, sendo muitos os que, então, opinaram, de forma crítica, sobre ele. Na verdade, não se pode ignorar um romance sobre o qual Luiz Antônio Assis Brasil escreveu: «muito poderia ser dito (...) sobre seu estilo densamente metafórico e imagético, é possível afirmar que estamos ante um romance de emigração, a somar-se a uma vertente ainda ativa na literatura praticada por escritores açorianos, mas é uma inclusão meramente conceitual e categorizadora, pois se trata de uma obra que, de certo modo, renova esse viés literário trazendo-nos a experiência dos que ficam, entes tão sofreadores e perplexos como os que partem.» Por sua vez, Daniel de Sá sentenciou: «Esta é a história dos «emigrados» que ficam, aqueles que partem sem sair da ilha, porque vai o melhor deles com quem lhes leva as memórias e os sentimentos, falando todos a mesma voz, numa espécie de discurso indireto na primeira pessoa, o que não quebra o ritmo da leitura, o turbilhão das ideias».

Sorriso por Dentro da Noite é, na verdade, um livro de releituras, porque, na sua trama estrutural, há como que um mar de propostas de entendimentos que nos conduz para opções diversas, para diferentes estados emocionais e até para conclusões interpretativas plurissignificantes. Em cada leitura caberá sempre um olhar outro e as personagens, que Adelaide Freitas vai pacientemente construindo ao longo da sua narrativa, continuando as mesmas, deixam, ao leitor, como que uma espécie de liberdade para a reinvenção ou para adendar pormenores de caracterização. Escrevi em

2004 que «A compreensão da nossa história social terá que passar (pela leitura) deste livro.» Estamos perante um romance que marca, positivamente, uma época literária nossa.

Os Açores contam com um número considerável de escritoras. Algumas delas fazem parte da lista obrigada de nomes a que a História da Literatura Portuguesa está sujeita, embora fique por perceber as razões a que a nossa memória recorre para fazer desaparecer e reaparecer, numa oscilação de maré continuada, alguns dos nomes que, nem temporariamente, deviam submergir. Continuamos sujeitos a modas, a aniversários que nos dão jeito, a espalhafatos celebrativos que se esgotam na sessão solene e que prestigiam os promotores mais do que os homenageados.

Adelaide Freitas está no limbo da memória coletiva. E não está sozinha. Tem a companhia de muitos outros, desaparecidos ou não e que estão à espera de nada. No entanto, nem ela, nem os seus livros merecem tamanho silêncio. Infelizmente, ela não voltará a surpreender-nos através da escrita. Mas surpreender-nos-á sempre através dos livros publicados, pois em cada ensaio de tema social ou literário ficou a sua inteligência, o seu poder analítico, a sua capacidade de convencimento, os seus saberes de âmbito universalista. A sua poesia deixa transparente a enormidade do seu coração, como Penélope que espera fazer um Mundo melhor, utilizando o tear onde as suas palavras se urdem com os fios preclaros dos afetos. Depois, vem o livro que a faz autora de um só romance. Cabem, então, os adjetivos mais laudatórios e o leitor, mesmo o distraído, entende que está perante uma grande escritora.

Bem sei que outros nomes (de mulheres e de homens) permanecem no limbo literário do esquecimento. O nome de Adelaide Freitas impôs-se-me por muitas razões. A mais forte de todas: a amizade que nos irmanou desde sempre; a maior de todas: ela ser uma brilhante escritora açoriana da Língua portuguesa; a mais sublime: a de ela ser um sorriso por dentro da vida.

Álamo Oliveira,
Raminho, janeiro de 2013

2. ANA ISABEL SOARES, ADJUNTA DO CONSELHO DIRETIVO DO CAMÕES EM REPRESENTAÇÃO DE ANA PAULA LABORINHO, PRESIDENTE DO CAMÕES, INSTITUTO DA COOPERAÇÃO E LÍNGUA

ANA ISABEL SOARES, Universidade do Algarve

ana.soares@gmail.com é Professora Auxiliar com nomeação definitiva, da Faculdade de Ciências Humanas e Sociais (Universidade do Algarve), é doutorada no Programa em Teoria da Literatura (Faculdade de Letras de Lisboa) com tese sobre David Wojnarowicz; fez pós-doutoramento, no mesmo Programa, sobre poesia e uma linhagem do documentário português. Tem publicado e lecionado seminários e palestras sobre cinema português (António Reis e Margarida Cordeiro, Manoel de Oliveira, Pedro Sena Nunes ou Edgar Pera) e lecionado disciplinas como Literatura e Cinema, História do Cinema ou Teoria da Imagem. Foi membro da direção do Cineclube de Faro (1995-2003). É investigadora integrada e membro fundador do Centro de Investigação em Artes e Comunicação (UALg e ESTC). É membro fundador e atual Presidente da Associação de Investigadores da Imagem em Movimento. Editou, com Mirian Tavares, a coleção de ensaios sobre estudos fílmicos, *É Perigoso Debruçar-se Para*

Dentro (Pena Perfeita, 2007) e traduziu para língua portuguesa *Produção de Presença: O que o sentido não consegue transmitir*, de Hans Gumbrecht (PUC - Rio / Contraponto, 2010). Traduziu também para português, com Merja de Mattos-Parreira, *Um Aprazível Suicídio em Grupo*, do autor finlandês Arto Paasilinna (Relógio d'Água, 2009), e a epopeia finlandesa, *Kalevala* (Dom Quixote, 2013), além de ter integrado a oficina de tradução Poetas em Mateus, sobre poemas de Timo Sinnemaa e de Pentti Holappa (2001). Foi adjunta na Secretaria de Estado do Ensino Básico e Secundário (2011-2012) e desempenha funções no Camões – Instituto da Cooperação e da Língua.



[PARTICIPA PELA PRIMEIRA VEZ](#)

[TEMA 4 TRADUÇÃO PARA LÍNGUA PORTUGUESA DA EPOPEIA FINLANDESA KALEVALA - BREVES](#)

[NOTAS DE UMA TRADUÇÃO](#)

[ANA ISABEL SOARES EM REPRESENTAÇÃO DE ANA PAULA LABORINHO, PRESIDENTE DO CAMÕES, INSTITUTO DA COOPERAÇÃO E DA LÍNGUA](#)

O poema épico *Kalevala* resulta de uma recolha de canções, fórmulas e histórias da tradição oral da zona da Carélia, atual sudeste da Finlândia e sudoeste da Rússia, feita pelo médico Elias Lönnrot. Entre 1833 e 1849 Lönnrot apresentou versões sucessivas da epopeia, que tem sido traduzida em todo o mundo, para mais de cinquenta línguas. A primeira versão em língua portuguesa, do texto integral e feita diretamente a partir do original finlandês, foi encomendada a Portugal pela presidente Tarja Halonen, em 2001. Sai a lume em 2013, na editora Dom Quixote, com ilustrações de Rogério Ribeiro e profusamente documentada com notas explicativas e vários paratextos.

É a distância linguística, cultural, mas também espacial e temporal, entre a epopeia que Lönnrot fixou e esta tradução portuguesa que dita a necessidade de acrescentar dados explicativos. Entre as duas línguas detetam-se diferenças que o processo de tradução tenta, com esforço, ultrapassar. O facto de se tratar de um texto em verso adensa as dificuldades. Apesar de tudo, o processo de tradução revelou identidades, proximidades e quantas vezes semelhanças entre as narrativas numa língua de raiz latina e as histórias registadas numa outra, exterior ao paradigma indo-europeu.

Proponho ilustrar a revelação simultânea das semelhanças e das dissimilaridades, numa comunicação que dará igualmente conta das vicissitudes de traduzir um texto literário.

Quando conheci a Merja de Mattos-Parreira, num Curso Intensivo do ERASMUS, na Bélgica, em março de 1994, tinha saído havia pouco tempo, na Relógio d'Água, uma coleção de contos de Rosa Liksom – *Os paraísos do caminho vazio e outros contos*, que ela traduzira com a Marta Dias, a mesma Marta Dias que enveredou, nessa altura e em definitivo, pela carreira na música. Como se viu sem parceira de tradução, a Merja perguntou-me se eu estaria interessada em traduzir com ela outros textos finlandeses. Queria continuar esse trabalho, mas não sentia segurança no seu domínio do português

para se abalançar sozinha em traduções literárias. Éramos alunas da mesma Faculdade, em Lisboa, tínhamos o mesmo interesse pela literatura nova e distante e queríamos dá-la a conhecer em Portugal. Eu, porque pouco sabia daquela cultura e daquelas letras; a Merja, porque, tendo decidido viver em Portugal, mas sendo finlandesa, se empenhava em trazer para o seu país de eleição um pouco do país natal.

Foi logo nesse ano começamos a traduzir a novela *Suomies*, de Jyrki Kiiskinen, escritor e editor que tinha ganho com o livro o prémio literário nacional (na Finlândia) de 1994. O labora da tradução, em que descobríamos cada vez mais curiosidade e gosto, não era, no entanto, a nossa principal ocupação. Ocupava-nos, sim, além das aulas e da investigação que, enquanto docentes na Universidade do Algarve, desenvolvíamos. No verão de 96, numa temporada breve em Helsínquia, viemos a terminar de traduzir, com a ajuda do autor (que conhece a língua castelhana), *Suomies*. O livro (uma história entre o policial e o romance existencialista, de escrita com múltiplas vozes narradoras, a que chamamos *O Homem do Pântano: Uma História Finlandesa*) foi proposto a um editor, que não chegou nunca a responder à nossa proposta – razão pela qual a retirámos, por considerarmos que não fazia sentido pressionar a editora para uma conclusão que claramente não desejava.

Nos anos seguintes, dediquei-me a aprender a língua finlandesa – primeiro com aulas particulares, com a Merja, com base em manuais e gramáticas de finlandês, e mais tarde em cursos de verão na Finlândia, através de temporadas de imersão absoluta, das quais saía sempre um pouco mais proficiente e segura do contributo que poderia dar às traduções conjuntas. Mas foi esse também o período em que quer eu quer a Merja estivemos envolvidas nos nossos projetos de doutoramento. Isto significou, para mim, que a aprendizagem de uma língua nova - distante, diferente, estranha em muitos aspetos – era um desafio e um estímulo permanente. Permitia-me o alívio da concentração na pesquisa e na tese, e dava-me o exercício que me mantinha o raciocínio em forma. Aprender finlandês fazia-me conhecer também melhor os hábitos, as tradições, os autores, poetas e músicos, coreógrafos de dança e encenadores de teatro, escultores e galeristas daquela cultura. A cada minha visita lá, ia-me encantando mais cada cidade, cada igreja, cada museu, cada casa particular. E o que ia descobrindo aumentava em mim a curiosidade pelo que ainda não sabia.

No começo do verão de 2001, fomos convidadas a colaborar, como tradutoras, na oficina de tradução “Poetas em Mateus” – traduzimos poemas de Pentti Holappa (um grande poeta, de que há dois ou três poemas publicados em Portugal, em coletâneas dispersas, e que também considero lamentável não ser mais conhecido) e de Timo Sinnemaa (um poeta que considerei menor). A experiência da tradução de poemas, num tempo concentrado e com o objetivo muito concreto de dar aos versos forma para que viessem a ser trabalhados por um grupo de poetas portugueses, foi das mais enriquecedoras em que alguma vez participei – ajudou o ambiente do solar de Mateus, onde entrámos numa noite e de onde só saímos, sem darmos conta de que o mundo fora continuava a girar, uma semana depois. Sentávamo-nos de manhã cedo, já cumprido o jejum, e só deixávamos a mesa de trabalho noite cerrada, quantas vezes depois de passar o caseiro e nos cochichar da janela, com receio de nos incomodar o ofício, se ainda demoraríamos, que passava da meia-noite e queria soltar os cães. Durante o dia passavam os poetas tempo connosco, burlavam um verso, uma palavra, sentavam-se ao piano e testavam a harmonia das sílabas. Os poetas, isto é, os dois autores finlandeses e os *refazedores* portugueses. Holappa, que teria na altura uns 84

anos e já então vivia parte do tempo em França, sentou-se muitas vezes connosco a perguntar-nos da tradução e a dar-nos sugestões, ou a contar-nos como chegara a um certo poema, a um certo verso. Dos outros – Jorge Velhote, José Emílio Nelson, Laureano Silveira, Pedro Mexia – vinha a alegria que traziam, e com que soltavam uma vez e outra uma linha mais presa dos nossos olhos cansados. Não sei de terem sido publicados nenhuns dos poemas que resultaram daquela oficina, e isso lamento.

Nesse ano ainda (acabava o ano, seria 29 ou 30 de dezembro), o então embaixador da Finlândia em Lisboa, Esko Kiuru, chamou a Merja à Embaixada para saber se estaria interessada em traduzir para português a epopeia finlandesa, *Kalevala*. Tratava-se de uma iniciativa oficial do Ministério dos Negócios Estrangeiros da Finlândia, no âmbito de um acordo cultural entre os presidentes dos dois países, na altura Jorge Sampaio e Tarja Halonen: Portugal traduziria o *Kalevala* e a Finlândia *Os Lusíadas*. Era um desafio e tanto, e a Merja não quis aventurar-se sozinha: convidou-me para o trabalho em conjunto e a partir daí começamos a planear e a estruturar a tradução. Reunimos primeiro com a SKS (Suomalaisen Kirjallisuuden Seura), a Sociedade Finlandesa de Literatura, que nos guiou por uma imensa bibliografia e iconografia relacionada com a epopeia, e que viria a assegurar, ao longo dos anos que a empreitada durou, todo o apoio bibliográfico de que precisamos, assim como temporadas de pesquisa local, na Carélia, região de origem dos poemas compilados no épico a que Elias Lönnrot deu forma; encetamos contactos, juntamos não só estudos sobre o texto e a sua história, mas também inúmeros dicionários e glossários específicos, enciclopédias de mitologia e traduções publicadas noutras línguas. Quando demos conta, antes mesmo de traduzir o primeiro verso, tínhamos connosco três versões em inglês, duas francesas e duas alemãs, duas espanholas, uma catalã e mesmo uma *Kalevala* latina - além de termos tido encontros com alguns dos tradutores e investigadores cujo estudo se centrava na epopeia. Juntamos ainda discos, álbuns de imagens, um conjunto de materiais que nos dava conta da relevância cultural e contemporânea da obra na Finlândia dos nossos dias. Decidimos tomar como texto base a edição oficial usada nas escolas na Finlândia, aquela que Lönnrot considerou a definitiva, em 1849.

Numa apresentação breve, diga-se que o poema resultou de uma recolha de Elias Lönnrot de canções, fórmulas e histórias da tradição oral da zona da Carélia (atual sudeste da Finlândia e sudoeste da Rússia). Uma primeira versão desta recolha foi apresentada pela primeira vez em 1833. Dezasseis anos depois, o poema foi revisto e publicada a terceira versão definitiva – *Kalevala* de 1849. As várias cantigas ou composições que o constituem podem ser agrupados de seguinte maneira: poesia dos mitos ou cosmogonias; poesia xamã, em que os heróis principais são sábios e feiticeiros com ligações com o mundo do além; poemas de aventuras, cujo assunto são as viagens que os heróis empreendem para pilhar ou procurar noiva; os poemas de fantasia, protagonizados por seres fantásticos; e os da época medieval (a mais recente camada temporal do *Kalevala*), as baladas e a poesia guerreira histórica.

A nossa tradução viria a ser iniciada em setembro de 2003. O método era o que já nos era habitual: frente a frente na mesma mesa do gabinete do Centro de Estudos Ataíde Oliveira, então no edifício da Biblioteca principal da Universidade do Algarve. Trabalhávamos um mínimo de duas tardes por semana, em muitas semanas tomávamos três tardes, por vezes quatro. Sempre ao ritmo intenso de olhar com grande cuidado cada verso, cada canto (que a obra tem 50), cada episódio, cada personagem, cada referência a pássaro ou bicho de terra ou de água, a cada planta ou pedra. As muitas

dúvidas que se levantavam íamos tentando esclarecer através de contactos com biólogos, zoólogos, geólogos, etnólogos...

Durante a preparação da primeira versão, não cuidamos primordialmente do estilo (embora essa preocupação decorresse, quase naturalmente, da forma do texto, e tivéssemos que ter em conta aspetos estilísticos do original, para, por exemplo, verter alguma aliteração ou assonância). Concentrámo-nos, antes de mais, em encontrar correspondentes portugueses para o sentido das palavras finlandesas – preocupávamos a grande distância cultural entre os dois países – histórica, geográfica, social –, mas também viemos a descobrir (numa viagem de campo, que em fevereiro de 2003 fizemos a Kuhmo, onde conhecemos o Centro Juminkeko) cantigas tradicionais da Carélia, parte do *Kanteletar*, que contam episódios que reconhecemos de cantigas tradicionais portuguesas – ou seja, ao mesmo tempo que descobríamos quase incompatibilidades, verificávamos outras proximidades encorajadoras.

Andamos nisto desde o verão de 2003 ao verão de 2005 – data em que completamos a primeira versão, a “literal”; a primeira revisão, já estilística, de coesão temática e de verificação da coerência lexical, levou-nos pouco mais de um ano. À medida que avançávamos e investigávamos, íamos acrescentando um rol de notas de rodapé. Os nossos hábitos académicos assim determinavam, mas a verdade é que nos maravilhavam as constantes descobertas, e queríamos partilhá-las todas. A versão final, já purgada de muitas destas notas, ainda mantém mais de 300.

Desde logo, a natureza desta obra influencia qualquer processo de tradução. Antes de mais, foi gerada constitui-se como rearranjo de material antes não fixado na escrita. A relação entre a forma (a extensão do verso octossilábico, as rimas interiores, ou as aliterações, por exemplo) do texto e o seu sentido mais imediato aparece situada entre duas concretizações e atitudes diametralmente distanciadas: por um lado, a atuação de um cantor, baseada na memorização e na retransmissão de histórias tradicionais a um público copresente; e, por outro lado, a reação do tradutor frente a um texto escrito, distanciado do seu ambiente de gestação performativa, onde o mais importante é muitas vezes o som das palavras e não o seu sentido (por exemplo, “sisareksi siikasille / veikoksi ve’en kaloille!” (Canto IV: 245-46)

A própria língua em que o *Kalevala* foi fixado, um finlandês mais arcaico do que aquele que hoje se usa, e provavelmente arcaizado já no tempo de Lönnrot, revela profundos traços de iconicidade, isto é, de relação de proximidade com referentes, mais ou menos simbólicos da cultura finlandesa, visíveis, por exemplo, nas muitas onomatopeias presentes ao longo do texto e na valorização da sonoridade sobre a semântica. Daí que, por exemplo, tantas vezes se nos deparasse a dificuldade de definir se entre um acontecimento ou outro na intriga se passavam dez meses ou dez anos, ou se uma personagem era irmã ou irmão de outra, feminino ou masculino.

A linguagem do *Kalevala*, mais ainda do que o finlandês atual, abunda em palavras onomatopáicas. A sua dicção poética, fundada na riqueza musical, rítmica, dos versos, oferece ao leitor uma profusão de sons enraizados nos ruídos da natureza: a trovoadas, os ventos, o tropel dos cavalos ou o rascar dos trenós no gelo e na neve, produzem sons que se aproximam das palavras que os designam. Foi precisamente essa riqueza formal e melódica que se transformou no desafio maior da nossa tradução da epopeia para a língua portuguesa. A escassez na língua portuguesa relativamente ao finlandês no vocabulário de onomatopeias (verbos de som das aves, dos ruídos de instrumentos

caseiros, etc.), assim como dos verbos de ações comuns (caminhar, andar) ou nomes de objetos do quotidiano (trenó, etc.) levantaram problemas constantes.

Sublinhe-se que o finlandês distancia-se da língua portuguesa não apenas por não ser uma língua latina, mas por não integrar sequer a família de línguas indo-europeias. Na sua origem, é aparentado com línguas do Oriente Próximo (línguas Urálicas) – e os seus familiares geograficamente mais chegados são o estoniano e o húngaro. Este caráter exótico encontra-se a nível da linguagem também; há muitos versos em que as ações se sucedem sem agentividade humana: o trenó anda sozinho, o caminho corre (“corriam o ginete, a viagem lesto o trenó, curto o caminho. Chegou depressa à aldeia: três caminhos se cruzavam”, Canto VIII: 215-18) Há versos que deixam perceber o caráter animista da cultura xamã do *Kalevala*, pois não se expressa gramaticalmente um agente humano e todas as ações, de grande movimento, são protagonizadas, quase de forma automática, pelos elementos ou objetos. Numa língua como o finlandês, com várias possibilidades de declinações casuais aplicáveis a nomes e adjetivos (o finlandês contemporâneo tem dezasseis casos, muitos dos quais locativos e que podem indicar movimento), podem construir-se frases completas sem verbo, o que no português dificilmente se consegue.

Foi, por tudo isto, uma tarefa morosa e complexa. Neste momento, acreditamos que a nossa tradução enriquece o rol de versões desta magnífica obra em todo o mundo. Em língua portuguesa, e feita diretamente do original, só havia sido publicada, em 2009, uma edição do canto inicial (no Brasil, uma bela tradução feita por Álvaro Faleiros e José Bizerril, na editora Ateliê). Além do mais, a edição portuguesa da Dom Quixote acrescenta à beleza do texto a maravilha das imagens de Rogério Ribeiro.

Ana Isabel Soares (com Merja de Mattos-Parreira) março de 2013

3. ANA PAULA ANDRADE, PRESIDENTE CONSELHO EXECUTIVO, CONSERVATÓRIO REGIONAL DE PONTA DELGADA, AÇORES



ANA PAULA ANDRADE [CONSTÂNCIA] 1964) – Nasceu em P. Delgada onde concluiu o curso geral de música no Conservatório Regional, tendo tido como professora Margarida Magalhães de Sousa (composição) e Natália Silva (piano). Em 1987 terminou o curso Superior de Piano no Conservatório Nacional (Lisboa), na classe da professora Melina Rebelo e no ano seguinte o curso superior de composição, tendo sido aluna dos compositores C. Bochmann, Constança Capedeville, Álvaro Salazar e Joly Braga Santos.

Paralelamente estudou órgão na classe do Professor Simões da Hora, tendo realizado o exame do 5º ano. Estudou três anos no Instituto Gregoriano de Lisboa, frequentando,

na classe da Prof.^a Helena Pires de Matos, as disciplinas de Canto Gregoriano e Modalidade.

Em 1989 realizou um concerto de órgão e piano no Conservatório de Toronto, integrado no ciclo de cultura açoriana. Em 1990, participou num concerto na Universidade S.M.U. (nos estados Unidos), tocando como solista, com orquestra daquela Universidade, o concerto para piano em DóM de Mozart.

Tem realizado diversos concertos a solo ou como acompanhadora de piano e órgão em várias regiões do continente e nas diversas ilhas do arquipélago. Com a soprano Eulália Mendes realizou um concerto na Expo 98 em Lisboa, integrado no dia comemorativo dos Açores.

Em janeiro e em maio de 2006 acompanhou o grupo vocal Quatro Oitavas em duas digressões ao Uruguai e ao Brasil a convite da Direção Regional das Comunidades.

Desde 1989 é professora de Piano e Análise e Técnicas de Composição no Conservatório Regional, desempenhando nos últimos anos o cargo de Presidente do Conselho Executivo do Conservatório de Regional de Música de Ponta Delgada.

Em 2010 foi a pianista convidada dos colóquios para o XIII Colóquio Anual da Lusofonia em Florianópolis, Santa Catarina, Brasil, onde deu um concerto acompanhada da Orquestra (de cordas) da UDESC.

Em 2011 acompanhou os Colóquios a Macau onde atuou com artistas chineses em execução de obras açorianas, e no 16º colóquio atuou em Vila do Porto com Raquel Machado e Henrique Constância.

No 17º na Lagoa atuou com alunas do Conservatório de PONTA DELGADA, em flauta e viola da terra.

Presença habitual foi nomeada Pianista Residente dos Colóquios da Lusofonia e atuado em todos desde 2008, liderando as performances musicais em Bragança e Lagoa (2008, 2009), Brasil (Florianópolis) e Bragança (2010), Macau e Vila Do Porto (2011), Lagoa e Ourense – Galiza (2012).

É SÓCIO FUNDADOR DA AICL / SECRETÁRIA DA ASSEMBLEIA GERAL

Deu recital de música (piano) do cancionero açoriano e inéditos do Pe. Áureo da Costa Nunes, acompanhada por Henrique Constância (Violoncelo) e Soprano Helena Ferreira.

4. ANDRÉ CRIM VALENTE, UFRJ E FACULDADES INTEGRADAS HÉLIO ALONSO (FACHA), BRASIL
ANDRÉ CRIM VALENTE



Doutor em Língua Portuguesa pela UFRJ, Professor Adjunto de Língua Portuguesa da UERJ; Vice-Coordenador do Programa de Doutorado de Língua Portuguesa da UERJ.

Possui graduação em Português Latim pela Universidade do Estado da Guanabara (1971), graduação em Ciências Jurídicas pela Universidade Federal do Rio de Janeiro

(1972) e doutorado em Letras (Vernáculas) pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (1994). Atualmente é professor adjunto e coordenador do doutorado stricto sensu em Língua Portuguesa do Instituto de Letras da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, professor titular - Faculdades Integradas Hélio Alonso e professor titular do Instituto Brasileiro de Mercado de Capitais.

Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Estilística, atuando principalmente nos seguintes temas: língua portuguesa, discurso, ensino, intertextualidade e semântica

Livros publicados / organizados ou edições

1. Neologia na mídia e na literatura: percursos linguístico discursivos. 1. ed. Rio de Janeiro: Quartet, 2012. 164 p.
2. (Org.); PEREIRA, Maria Teresa Gonçalves (Org.). Língua Portuguesa: descrição e ensino. 1. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2012. v. 1. 320 p.
3. (Org.). Língua Portuguesa e Identidade: marcas culturais. 1. ed. Rio de Janeiro: Caetés, 2007. v. 2000. 213 p.
4. (Org.). Aulas de Português: perspectivas inovadoras. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1999. v. 1. 268 p.
5. C. (Org.). Língua, Linguística e Literatura: uma integração para o ensino. 1. ed. Rio de Janeiro: Ed UERJ, 1998. v. 1. 333 p.
6. A linguagem nossa de cada dia. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1997. v. 1. 240 p.
7. A linguagem nossa de cada dia. 1ª. ed. Rio de Janeiro: Leviatã, 1995. v. 1. 240 p

PARTICIPA PELA PRIMEIRA VEZ

TEMA 3.4 CRIATIVIDADE LEXICAL NA MÍDIA E NA LITERATURA: NEOLOGISMOS INUSITADOS.

ANDRÉ CRIM VALENTE, UFRJ

Emília passou ao décimo cubículo, onde estava preso um moço muito pernóstico.

— E este aqui, tão chique? — perguntou.

— Este é o **Neologismo**. Sua mania é fazer as pessoas usarem expressões novas demais, e que pouca gente entende.

Emília, que era grande amiga de Neologismos, protestou.

— Está aí uma coisa com a qual não concordo. Se numa língua não houver Neologismos, essa língua não aumenta. Assim como há sempre crianças novas no mundo, para que a humanidade não se acabe, também é preciso que haja na língua uma contínua entrada de Neologismos. Se as palavras envelhecem e morrem, como já vimos, e se a senhora impede a entrada de palavras novas, a língua acaba acabando. Não! Isso não está direito e vou soltar este elegantíssimo Vício, já e já...

(LOBATO, Monteiro. Emília no país da gramática. São Paulo: Brasiliense, 1970)

Nos estudos sobre criações neológicas nas linguagens literária e midiática, sempre se destacaram os aspectos relevantes característicos dos discursos de cada uma das manifestações linguísticas. Como linguagem, a literatura é milenar, enquanto a mídia é secular. Nas literaturas de Língua Portuguesa, de Camões a Manoel de Barros, passando por Guimarães Rosa e Carlos Drummond de Andrade, até se chegar a Mia Couto, os grandes escritores não deixaram de contribuir para a renovação do léxico da literatura. Os neologismos literários, os estilísticos, distinguem-se dos neologismos da língua, os denominativos, conforme as palavras elucidativas de Rifaterre:

O neologismo literário difere profundamente do neologismo da língua. Este é forjado para exprimir um referente ou um significado novo; seu emprego depende, portanto, de uma relação entre palavras e coisas, em suma, de fatores não linguísticos; é, antes de mais nada, portador de uma significação, e não é necessariamente captado como forma insólita. O neologismo literário, - ao contrário, é sempre captado como uma anomalia e utilizado em virtude dessa anomalia, às vezes até independentemente de seu sentido. Ele não pode deixar de chamar a atenção porque é captado em contraste com seu conteúdo e porque seu emprego, assim como seu efeito, dependem de relações que se situam inteiramente na linguagem. (p. 53)

São inúmeros os estudos sobre neologismos denominativos, da língua, dado que é altíssima a ocorrência deles nos meios de comunicação de massa. Os neologismos literários ou estilísticos merecem tratamento especial, com base no que registrou Michel Riffaterre. Comparativamente, é menor a ocorrência deles em virtude das especificidades da linguagem literária.

Faz-se necessário distinguir os neologismos criados pelo falante comum dos inventados pelos literatos. Merecem destaque, além da apresentada por Riffaterre, as seguintes distinções:

a) Edith Pimentel Pinto, em artigo publicado na revista *Confluência* nº 4, distribui os neologismos em dois grandes grupos, distinguíveis, a um tempo, por sua gênese, seu modo de circulação e sua finalidade textual. Os **neologismos culturais** são assim chamados por terem o uso coletivo como referencial, “fonte, meio de circulação e base de projeção, no âmbito da língua escrita”.

Já os **neologismos literários** ou **estilísticos** têm como referencial o indivíduo que os cria, em função da língua escrita, na qual, comumente, “eles vicejam e morrem, sem atingir o uso coletivo”.

b) Guilbert, distinguindo o neologismo do homem comum e o do poeta, chamou ao primeiro de denominativo e ao segundo de estilístico.

c) Maria Emília B. da Silva destaca que o **denominativo** “surge da necessidade de nomeação de uma nova experiência”, enquanto o **estilístico**, “ainda que fugaz, deriva de imposições comunicativas inusitadas”.

Retomando as ideias de Riffaterre para a neologia literária, cabe observar que ele ressalta que a expressividade de tal neologismo depende, fundamentalmente, da condição de literariedade:

Quer se trate de uma nova palavra, quer de um sentido novo, ou de uma transferência de categoria gramatical, o neologismo literário suspende o automatismo perceptivo, obriga o leitor a tomar consciência da forma da mensagem que está decifrando, tomada de consciência que é própria da comunicação literária. Devido à sua própria forma singular, o neologismo realiza idealmente uma condição essencial da literariedade. (p. 53)

E só se pode analisá-la, segundo Riffaterre, descrevendo o funcionamento do neologismo no sistema que constitui o texto. Completa, então, o autor as mais importantes considerações feitas até hoje sobre neologismo literário:

Tentarei mostrar como o neologismo se integra a esse sistema de significações e formas. Só se pode compreender sua função quando se reconhece que o neologismo é a resultante de uma derivação a partir de um dado inicial, do mesmo modo que todas as palavras da frase literária. Sua própria singularidade não se deve ao seu isolamento

mas, ao contrário, ao rigor das seqüências semânticas e morfológicas das quais ele é o ponto de chegada ou de interferência”. (p. 54).

A escolha de corpus midiático para análise de neologismos encontra apoio nas palavras de Correia e Lemos.

Normalmente, os estudos de neologia são feitos com base em *corpora* dos meios de comunicação social: jornais, revistas, emissões de rádio e / ou televisão (embora esses dados sejam menos usados, apenas porque a sua transcrição é sempre morosa e dispendiosa). Por que esta seleção? Basicamente porque, por um lado, os meios de comunicação têm como principal objetivo dar conta do que é novo, novidade, notícia e, por outro, porque as temáticas abordadas são o mais diversificadas possível, sendo maior a probabilidade de encontrar neologismos. (p. 19)

Os estudos sobre neologismos no Brasil e em Portugal apresentam, segundo os principais autores da área, entre eles Ieda Maria Alves, Maria Aparecida Barbosa, Nelly de Carvalho e Margarita Correia, a divisão clássica entre neologismos vocabulares e neologismos semânticos. Estes apresentam significado novo para significante já existente na língua, enquanto aquele corresponde criação de uma nova forma linguística. Tal divisão apresenta nova terminologia no estudo de Dubois: neologia de forma e neologia de sentido, respectivamente. Finalmente, convém destacar o estudo de Guilbert, adotado pelos lexicólogos brasileiros, sobre neologia semântica. O autor francês apresenta três tipos de neologismos semânticos:

a) os que se encontram na linguagem figurada

Ex. O dirigente usou um laranja para desviar dinheiro do clube

b) os que decorrem de conversão

Ex Um não pode magoar bastante

c) os que surgem no deslocamento de termos de uma área para outra

ex. Vou deletar aquele rapaz da minha vida.

Os neologismos vocabulares ou formais, também chamados denominativos ou da língua, têm forte presença na linguagem midiática, nos seus diversos segmentos: economia, política, cultura etc. Vejam-se os seguintes exemplos:

a) Já ocorreu a urverização da moeda nacional. (substantivo criado a partir do hipotético verbo “urverizar”, com base em URV, Unidade Real de Valor, antes do lançamento da nova moeda brasileira: o real);

b) Propuseram a Itamar Franco a fujimorização do Brasil (substantivo criado a partir do hipotético verbo “fujimorizar”, com base no sobrenome do peruano Alberto Fujimori);

c) Não quero a afoxização da Orquestra Sinfônica da Bahia (substantivo criado a partir do hipotético verbo “afoxizar”, com base no substantivo “afoxé”).

Atualmente, são os profissionais de comunicação os principais renovadores do nosso léxico, o que não significa dizer que todos os neologismos da mídia tenham, necessariamente, grande criatividade e sejam linguisticamente expressivos.

Após a apresentação do suporte teórico de neologismos literários e neologismos denominativos, serão analisadas criações neológicas de corpora da literatura e da mídia.

I Corpus literário

1) *filópodes*

André Soares resistia a tudo neste mundo, a uns olhos brilhantes, a um rosto adorável, a uma cintura de anel; não resistia a um pé elegante. Dizem até as crônicas que entre alguns versos que outrora compusera como quase todos os rapazes, o que não quer

dizer que fosse poeta, figurava esta quadrinha conceituosa e denunciadora dos seus instintos filópedes (reletem-me o neologismo):

Se queres dar-me esperança,
Se queres que eu tenha fé,
Mostra-me, por caridade,
O teu pequenino pé.

“To be or not to be” IN: Contos Avulsos I, Vol. II, da obra completa de Machado de Assis (4 volumes), Editora Nova Aguilar, Rio de Janeiro, 2008.

Machado provoca-nos, metalinguisticamente, ao pedir que releemos o neologismo “filópedes”. Como em outros textos, dialoga com o leitor incorporando-o à narrativa: faz dele seu interlocutor.

A personagem André Soares resistia a tudo, mas não resistia a um pé elegante. Assim, seus instintos “filópedes” mostram uma fixação em pés, como comprovam os versos “Mostra-me, por caridade, / o teu pequenino pé.”. Machado utiliza uma construção híbrida no neologismo: - filo, do grego; - pedes, do latim. A criação neológica reforça a ironia na sequência textual em que Machado comentara que André Soares compunha versos, “o que não quer dizer que fosse poeta”.

2) *mumumudos / equiparados*

Como por socorro, espiei os três outros, em seus cavalos, intugidos até então, mumumudos. Mas, Damázio:

— ‘Vosmecê declare. Estes aí são de nada não. São da Serra. Só vieram comigo, pra testemunho...’

Rosa repete a sílaba **mu** duas vezes para a criação do neologismo em referência aos três homens a cavalo. A mudez deles é expressa numa única palavra. No início do conto, o autor mostrara características dos três que acompanhavam Damásio, o homem perigosíssimo, “com dezenas de carregadas mortes”, que viera exigir explicações por ter sido chamado de “famigerado”. Damásio tem total controle sobre os três, conforme descreve G. Rosa (“Isso por isso, que o cavaleiro solerte tinha o ar de regê-los a meio-gosto, desprezivo, intimara-os de pegarem o lugar onde agora se encostavam.”). Nilce S. Martins observa que a triplicação da sílaba inicial equivale a uma superlativação e considera que o neologismo reforça o sentido de “intugidos” no contexto. Nilce apresenta, na extraordinária obra “O léxico de Guimarães Rosa”, o termo **intugido** como forma não dicionarizada, com o significado de “calado” e proveniente de **in + tugar** (“falar baixo”, “murmurar”).

Um grupo de cavaleiros. Isto é, vendo melhor: um cavaleiro rente, frente à minha porta, equiparado, exato; e, embolados, de banda, três homens a cavalo.

Equiparado traz um jogo associativo com “equiparado”, com o sentido “igualado”. Só que, no texto de G. Rosa, “equiparado” sugere “parado sobre o cavalo”, na passagem em que o autor utiliza “mumumudos” em referência aos três cavaleiros.

3) *destemperamentou*

Sou tão bom que até perdi o caráter – admitia ele. – A bondade me **destemperamentou**.

O escritor moçambicano Mia Couto nunca escondeu a forte influência de Guimarães Rosa em sua obra. Há criações neológicas do africano que lembram algumas do brasileiro, o que se pode atestar na leitura de “Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra”. Uma delas é o neologismo “destemperamentou” (p. 48). Mia Couto recorre à derivação parassintética para criar, a partir do substantivo “temperamento”, o

verbo “destemperamentar”. Autores há, como Evanildo Bechara, que não reconhecem a parassíntese como novo processo de formação de palavras. Diz-nos o Mestre:

Pode-se ainda entender que, a rigor, não existe parassíntese, se partirmos do fato de que, numa cadeia de novas formações, não poucas vezes ocorre o pulo de etapa do processo, de modo que só virtualmente no sistema exista a forma primitiva. (p. 343)

4) *menstruais*

Este momento há de ficar para sempre guardado nos anais e menstruais de Sucupira. (p. 53)

Dias Gomes obtém efeito de sentido inusitado com a coordenação dos dois termos aparentemente incompatíveis na área semântica, visto que a História tem “anais”, mas não “menstruais”. Em paralelo, gera-se um caráter polissêmico para “anais”, com o intuito de provocar riso. O personagem Odorico Paraguaçu torna-se engraçado quando tenta falar difícil utilizando expressões mais elaboradas. Dias Gomes ridiculariza a linguagem do Prefeito Odorico – e, por extensão, de vários políticos brasileiros – como instrumento de manipulação de eleitores com problemas educacionais e / ou culturais.

5) *terapeutam*

Sei que fazer o incorreto aclara as loucuras.

Sou formado em desencontros.

A sensatez me absurda.

Os delírios verbais me terapeutam.

O poeta pantaneiro Manoel de Barros tem contribuído para a renovação do léxico literário com construções inusitadas de alto valor poético, na perspectiva da literariedade apontada por Rifaterre. Os neologismos do poeta encantam e surpreendem porque ele combina, com mestria, aspectos da língua e da literatura. Na mesma passagem, encontram-se dos neologismos inusitados, as formas verbais “absurda” e “terapeutam”, que têm como sujeitos “A sensatez” e “Os delírios verbais”, respectivamente. Assim, surgem, previstos no sistema linguístico, os verbos “absurdar” e “terapeutar”.

II *Corpus midiático*

1) *MOVIE-SE / BLOG-SE / DESIGN-SE / FUNK-SE*

OS TRAÇOS DA ANIMAÇÃO a

História do gênero é contada na ‘Movie-se’, mostra idealizada pelo Barbican Centre, de Londres, que será inaugurada hoje no CCBB

(Segundo Caderno, O Globo, 4 de fev. 2013)

A forma verbal “movie-se” é a mais recente criação neológica em se encontram elementos de línguas diferentes – a inglesa e a portuguesa – na gestação do novo termo, como se poderá atestar em “blog-se”, “design-se” e “funk-se”. A mostra de animação cinematográfica no CCBB tem como base o vocábulo inglês “movie” a que se acrescenta a forma pronominal portuguesa “se”. O mesmo recurso esteve presente nas criações anteriores, mas nem sempre é possível imaginar um verbo no infinitivo derivado de tais formas. Nos quatro exemplos, apenas “blogar”, de fácil realização fonética, foi consagrado pelo uso linguístico.

Blog-se!

O título da matéria de Elis Monteiro e Cora Rónai no Caderno de Informática de O Globo (5 nov. 2001) destacava a importância dos blogs, como observa no primeiro parágrafo:

Hoje acordei pensando como os blogs mudaram. Se nasceram como simples “diários pessoais na internet”, há tempos ultrapassaram essas fronteiras, vêm-se tornando poderosas ferramentas de comunicação e de informações...

A combinação do termo blog com a forma pronominal “se” gera uma forma verbal imperativa, o que nos permite considerar, sistêmica mente, a existência do verbo blogar. Fazendo uma projeção, podemos pensar numa futura conjugação adaptada à Língua Portuguesa (blogar, blogas, que eu blogue etc.)

Design-se

O Centro de Design do Senac Rio tem o curso ideal para você

O neologismo tem um processo de formação híbrido, dado que combina uma base da língua inglesa com uma forma pronominal da língua portuguesa. Observe-se que a identificação da forma infinitiva do verbo apresenta um problema que decorre dos aspectos gráfico e fonético. Qual seria o infinitivo? *Designar* não pode ser por uma questão de bloqueio, como já apontou Luiz Carlos de Assis Rocha (1999), com base no estudo de Aronoff (1976), que considera bloqueio a não-ocorrência de uma forma devido à simples existência de outra. Assim, não se criaram as palavras *denteiro* e *maquineiro* por já existirem *dentista* e *maquinista*. A outra possibilidade, a partir da pronúncia do termo em inglês, seria “desainar”, o que estaria em consonância não só com a adaptação gráfica ao português, mas também com o processo de entrada de formas verbais neológicas em nossa língua: pela primeira conjugação.

Não é a primeira vez que se percebe construção neológica de tal natureza na linguagem midiática. A manchete FUNK-SE ZONA SUL (*Veja Rio*, 01 de fev. 1995) apresenta o termo estrangeiro *funk*, entretanto a estrutura frasal, que inclui a forma pronominal *se*, pertence à língua portuguesa. A provável forma infinitiva do verbo seria *funkar* ou *fançar*. Quanto à presença de termos de língua estrangeira no Português, convém recordar a consideração de Gladstone Chaves de Melo (1975) em *A língua do Brasil*. Para ele, em “O boy flertava com a girl no hall”, não obstante haver três termos em língua inglesa e um com radical do inglês (*flirt*), a frase pertence, nitidamente, à língua portuguesa devido ao uso de artigos, preposições e elementos estruturais do verbo próprios de nossa língua.

2) Ai, QUEM GUETINOU

Mick Jagger é a mais antiga celebridade em atividade contínua no mundo depois do Oscar Niemeyer e da rainha Elizabeth. Não procede a informação de que todos os Rolling Stones já morreram e seus cadáveres estão só cumprindo os contratos para evitar processos. O Mick Jagger está definitivamente vivo e em grande forma e confirmou, no show em Copacabana, aquela lenda de que nunca faz dois movimentos iguais sobre o palco. E seu poder mesmerizador sobre a plateia foi impressionante. Mais de um milhão de pessoas, mesmo descontando a turma do se-for-de-graça-eu-vou-a-tudo, que não sabia bem o que via e ouvia, ou quase via e mal ouvia, estava lá e cantou com ele “Ai, quem guetinou”.

Mick Jagger foi recebido no Brasil como divindade. Não se enche um deserto daquele jeito a não ser para adorar uma divindade. E, como toda divindade bem-sucedida, ele não trouxe verdades novas. Entendeu a ânsia no coração de cada um e regeu o clamor do nosso tempo pelo prazer e o abandono na linguagem universal do ressentimento em coro. O coro dos lamentosos: quem guetinou?

Quem guetinou a promessa de satisfação completa e constante com sexo, drogas e roquerrol do milênio, a promessa do paraíso recuperado e da juventude infinita, e

esqueceu de dizer que a gente continuaria a envelhecer e a morrer como no modelo antigo?

Quem guetinou a disposição brasileira para a satisfação com qualquer festa e a avidez por qualquer comemoração, até a de quatro estrangeiros esqueléticos, e nunca permitiu que esta vocação para a felicidade nos abençoasse com a redenção, com as dádivas do bem e a justiça dos deuses, enfim, com uma felicidade inédita? Somos muito dados. Quer dizer, muito bons de graça. Só o que pedimos em troca da adoração é que digam “Obrigado, Brasil” com um sotaque simpático, antes de nos deixarem.

A autora daquela faixa (suponho que seja uma autora) “Mick, faz um filho em mim” teve a ideia certa. Pedia para a divindade deixar alguma coisa dele conosco, como já tinha feito outra vez. Só foi um pouco egoísta. A faixa deveria ter se estendido por todo o deserto em frente ao Copacabana Palace e dito “Mick, faz um filho em nós”. Um pedido de toda a nação. Uma forma de dar relevância ao nosso amor grátis e de nos sentirmos um pouco menos guetinados.

Nosso filho nem precisaria ser um salvador, um líder, ou sequer uma razão para o Mick mandar uma boa pensão mensal para o Tesouro Nacional e ajudar a abater a dívida. Seria só um reconhecimento de que existimos e somos especiais, e não apenas aos nossos próprios olhos. Uma satisfação.

(Luís Fernando Veríssimo, O Globo, 29 / 02 / 2005)

Veríssimo faz com a expressão neológica “Ai, quem guetinou” criativa adaptação do inglês *I can get no*, refrão do sucesso *Satisfaction*, dos Rolling Stones. Com tal procedimento, criou o verbo “guetinar” flexionado no pretérito perfeito do indicativo, “guetinou”, e utilizado posteriormente como particípio adjetivado, “guetinados”. Na sequência textual, as formas neológicas distribuem-se no texto e apresentam valor coesivo. O autor emprega transitivamente a forma verbal: “Quem guetinou a promessa de satisfação completa” (terceiro parágrafo) e “Quem guetinou a disposição brasileira para a satisfação com qualquer festa” (quarto parágrafo). A ironia, recurso tão presente nas crônicas Veríssimo, manifesta-se nos neologismos destacados e se estende, a partir de sua significação, ao comportamento de brasileiros como a autora daquela faixa “Mick, faz um filho em mim”. Fecha o texto também ironicamente, num duplo jogo linguístico: “uma satisfação”. A expressão apresenta tanto aspecto intertextual com o título da música como sugere nova significação.

3) Alfama-te

Alfama-te a 10 e conhece gente nova

(Evento junta à mesa 10 pessoas que não se conhecem)

Revista sábado, n. 376, 14 a 20 jul. 2011 (Portugal)

A construção neológica tem processo similar ao de “Havana-me”. Parte-se de um substantivo próprio para a criação de uma forma verbal. O uso da 2ª pessoa do singular do imperativo do novo verbo – alfamar – é confirmado, coesivamente, na sequência textual com “conhece gente nova”. Alfama é um bairro famoso de Lisboa tanto pelo casario como pelos bares com música, principalmente fados. O neologismo registra uma experiência de convivência social com grupos de dez pessoas que não se conheciam. O encontro é marcado pela rede social com vista à organização de jantares no bairro. O título da matéria sintetiza toda a experiência do grupo.

4) viagralidade

- Isso pode ser você, a minha virilidade continua a mesma coisa. Claro, já não estou com meus 30 ou 40, mas minha virilidade é a mesma. Meu urologista...

- Sua viagrabilidade continua a mesma, é isso que tu quer dizer.

(João Ubaldo Ribeiro, O Globo, 21 set. 2002)

João Ubaldo cria, por analogia, o neologismo vocabular “viagrabilidade”, termo paralelo a “virilidade”. Cabe destacar que este segue a matriz morfológica (adjetivo + sufixo), enquanto aquele subverte, visto que o autor acrescenta o sufixo ao substantivo “viagra” - após um estágio intermediário pela forma adjetiva, viagral -, alcançando a neológica.

5) cententões

Que venham os 200!

Os mais queridos “cententões” brasileiros foram homenageados este fim de semana. Em Santo Amaro da Purificação, domingo, Dona Canô apague as velinhas do bolo de 100 anos. Teve missa, recebeu presentes, ouviu cantoria, ganhou abraço de políticos e principalmente o beijo dos filhos, Caetano e Bethânia. No Rio, sexta-feira, Oscar Niemeyer foi ver o show de Martinho da Vila no Canecão. Ele completará 100 anos no dia 15 de dezembro. O cantor anunciou a presença do arquiteto, que recebeu palmas prolongadas da plateia.

(Joaquim Ferreira dos Santos, Coluna “Gente Boa”, O Globo)

O termo “cententões” apresenta formação peculiar, dado que sua constituição morfológica foge a padrões comuns. Percebe-se, de imediato, a analogia com “sessentões” e “setentões”, mas, enquanto estes termos têm por base “sessenta” e “setenta”, “cententões” não possui base similar. Liga-se ao numeral “cem” como referência à idade de Dona Canô e de Oscar Niemeyer. Como “cententões” não veio diretamente de “cem”, admite-se uma hipotética base analógica.

BIBLIOGRAFIA

ALVES, Ieda Maria. *Neologismos, criação lexical*. São Paulo: Ática, 1990.

ARONOFF, Mark. *Word formation in generative Grammar*. Cambridge: MIT Press, 1976.

BARBOSA, Maria Aparecida. *Léxico, produção e criatividade*. São Paulo: Global, 1981.

BECHARA, Evanildo. *Moderna Gramática Portuguesa*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2001.

CARVALHO, Nelly de. *O que é neologismo*. São Paulo: Brasiliense, 1984.

CORREIA, Margarita & LEMOS, Lucia San Payo de. *Inovação lexical em português*. Lisboa: Ed. Colibri / APP, 2005).

GUILBERT, M. Louis. *La créativité lexicale*. Paris: Larousse, 1975.

MARTINS, Nilce S. O *léxico de Guimarães Rosa*. São Paulo: EDUSP, 2001.

MELO, Gladstone Chaves de. *A língua do Brasil*. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 1975.

PINTO, Edith P. “De neologismos”, *Revista Confluência*, nº 4.

RIFATERRE, Michel. *A produção do texto*. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

VALENTE, André C. *Neologia na mídia e na literatura: percursos linguístico-discursivos*. Rio de Janeiro: Quartet, 2011.

5. CARLOS MATIAS, ASSISTENTE PRESENCIAL, PORTUGAL

6. CHRYS CHRYSTELLO, AICL - AÇORES, AUSTRÁLIA



Chrys CHRYSTELLO (n. 1949) não só acredita em multiculturalismo, como é um exemplo vivo do mesmo: Nasceu no seio duma família mesclada de Alemão, Galego-Português (942 AD) e Brasileiro do lado paterno; Português e marrano do materno.

Publicou aos 23 anos o livro “Crônicas do Quotidiano Inútil, vol. 1 poesia” (1972).

Em 1973 foi Editor-Chefe do jornal A Voz de Timor, Díli, onde viveu entre 1973 e 1975.

Depois, radicar-se-ia em Sydney (mais tarde, Melbourne) como cidadão australiano onde viveu até 1996. Começou a interessar-se pela linguística ao ser confrontado com mais de 30 dialetos em Timor.

A partir de 1967 dedicou-se sempre ao jornalismo (rádio, televisão e imprensa escrita). Durante décadas escreveu sobre o drama de Timor Leste enquanto o mundo se recusava a ver essa saga.

De 1976 a 1982 desempenhou funções executivas como Economista, Chefe da Divisão de Serviços Administrativos da Companhia de Eletricidade de Macau. Ali, foi Redator, Apresentador e Produtor de Programas para a ERM / Rádio 7 / Rádio Macau / TDM e RTP Macau.

Durante os anos na Austrália esteve envolvido nas instâncias oficiais que definiram a política multicultural daquele país.

Foi Jornalista no Ministério Federal do Emprego, Educação e Formação Profissional e Ministério Federal da Saúde, Habitação e Serviços Comunitários; tendo sido Tradutor e Intérprete no Ministério Federal da Imigração e no da Saúde do Estado de Nova Gales do Sul.

Divulgou a descoberta na Austrália de vestígios da chegada dos Portugueses (1521-1525, mais de 250 anos antes do capitão Cook).

Igualmente difundiu a existência de tribos aborígenes falando Crioulo Português (há quatro séculos).

Membro Fundador do AUSIT (Australian Institute for Translators & Interpreters), Chrys lecionou na Universidade de Tecnologia de Sydney (UTS), Linguística e Estudos Multiculturais a candidatos a tradutores e intérpretes.

Durante mais de vinte anos, foi responsável pelos exames dos candidatos a Tradutores e Intérpretes na Austrália (NAATI National Authority for the Accreditation of Translators & Interpreters).

Foi Assessor de Literatura Portuguesa do Australia Council (na UTS - Universidade de Tecnologia de Sidney), *Mentor* dos finalistas de Literatura da ACL (Association for Computational Linguistics, Information Technology Research Institute) da University of Brighton no Reino Unido e *Revisor* (Translation Studies Department) da Universidade de Helsínquia, e Consultor do Programa REMA da Universidade dos Açores.

Entre 2006 e 2012, traduziu autores açorianos para Inglês, nomeadamente Daniel de Sá (Santa Maria ilha-mãe, O Pastor das Casas Mortas, São Miguel: A Ilha esculpida, e

Ilha Terceira Terra de Bravos), Manuel Serpa (As Vinhas do Pico), Victor Rui Dores (Ilhas do Triângulo, coração dos Açores (numa viagem com Jacques Brel); Caetano Valadão Serpa (Um homem só é pouca gente), e a Antologia Bilingue de Autores Açorianos Contemporâneos, além de traduzir excertos de poemas e outras obras de diversos autores.

Apresentou temas de linguística e literatura em conferências (Austrália, Portugal, Espanha, Brasil, Canadá, Macau).

Considera como momentos marcantes (E IMERECIDOS) da sua vida: *uma Palestra proferida na ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS em 29 de março de 2010 juntamente com Malaca Casteleiro, Evanildo Bechara e Concha Rousia, presidida pelo então Presidente da ABL, Marcos Vilaça, e a atribuição do título de ACADÉMICO CORRESPONDENTE da ACADEMIA GALEGA da LÍNGUA PORTUGUESA (AGLP) em outubro 2012.*

Mantém o interesse no ensino de tradução, multiculturalismo e Inglês.

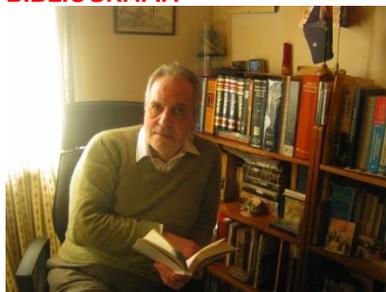
É Membro do Conselho Consultivo do MIL.

Organiza desde 2001-2002, os Colóquios Anuais da Lusofonia.

É Editor dos Cadernos (de Estudos) Açorianos.

Lança neste 19º colóquio um volume especial de poesia a assinalar os 40 anos de vida literária “Crónica do Quotidiano Inútil, vols 1 a 5 (1967-2012) e a segunda edição de “Timor-Leste 1983-1992 vol. 2 Historiografia de um repórter” em CD-livro com os 3 volumes da trilogia da História de Timor (mais de 3670 páginas).

BIBLIOGRAFIA



(ver e-livros <http://www.scribd.com/cchrystello>

[/shelf](http://www.scribd.com/cchrystello/shelf))

1. Crónica do quotidiano inútil vol. 1 (poesia) Porto 1972, ed. autor (esgotada)
2. Crónica do quotidiano inútil vol. 2 (poesia) Díli, Timor Português, abril 1974 ed. autor (esgotada)
3. Crónica do quotidiano inútil vol. 3&4 1973-81 (poesia) e-book <http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/quotidianoinutil.pdf>
4. Crónicas Austrais - 1978-1998 (monografia) – 1ª edição 2000, e-book / <http://www.ebooksbrasil.org/historico/abril2002.html>
5. Crónicas Austrais (1978-1998 monografia) 2ª edição 2012, e-book <https://blog.lusofonias.net/cronicas-austrais-1978-1998-4a-ed-2016/>
6. Timor Leste O Dossier Secreto 1973-1975, Porto, 1999, ed. Contemporânea (Esgotado) ISBN 10: 972-8305-75-3 / 9728305753 / ISBN 13 / EAN: 9789728305758
7. Timor Leste O Dossier Secreto 1973-1975, 2ª ed. 2000 e-book <http://www.ebooksbrasil.org/nacionais/ebookpro.html> /

8. East Timor - The Secret Files 1973-1975, 2ª ed. 2000 e-book <http://www.ebooksbrasil.org/importados/index.html>
9. East Timor: The Secret File 1973-1975, 3ª ed. 2012 ed. e-book <http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/timore.pdf>
10. Timor-Leste 1983-1992 vol. 2 Historiografia de um repórter DVD-livro, 1ª ed. 2005 ISBN: 978-989-95641-9-0 ed dos Colóquios Anuais da Lusofonia <http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/timor2.pdf>
11. Cancioneiro Transmontano 2005, ed. Santa Casa da Misericórdia de Bragança, dep. legal PT-227638 / 05
12. Timor-Leste: 1973-1975 - O Dossier Secreto - Para as Lendas e Memórias 3ª Ed. 2012 e-book <http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/timorp.pdf>
13. Crónica Açores: uma circum-navegação, (vol 1), 2009 ISBN 989-8123-12-1 VerAçor eds
14. Crónica Açores: uma circum-navegação, (vol 1), 2ª ed 2010 e-book online em: <http://www.scribd.com/cchrystello/shelf>
15. Crónica Açores uma circum-navegação, (vol. 2) 2011 ISBN 978-9728-9855-47 Editora Calendário de Letras
16. Timor Leste vol. 3 - As Guerras Tribais, A História Repete-se (1894-2006) 1ª Ed 2012 e-book <http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/timor3.pdf>
17. Timor Leste vol. 2 - Historiografia dum Repórter - (1983-1992) 2ª edição 2012 CD-livro (3670 páginas inclui os 3 volumes da trilogia), ISBN: 978-989-95641-9-0
18. Crónica do Quotidiano Inútil, volumes 1 a 5, ed. Calendário de Letras, out 2012 (40 anos de vida literária)

[É SÓCIO FUNDADOR DA AICL E DA AGLP, PRESIDENTE DA DIREÇÃO DA AICL](#)

[TEMA 5 HOMENAGEM A ÁLAMO OLIVEIRA / J. CHRYS CHRYPELLO, PRESIDENTE AICL](#)

Nestes colóquios já homenageamos FERNANDO AIRES, ONÉSIMO ALMEIDA, DIAS DE MELO, CRISTÓVÃO DE AGUIAR, DANIEL DE SÁ, VASCO PEREIRA DA COSTA, EDUÍNO DE JESUS, EMANUEL FÉLIX, EDUARDO BETTENCOURT PINTO entre outros escritores açorianos.

Desta vez chegou a altura de falarmos de ÁLAMO OLIVEIRA.

Quando fiz o Caderno de Estudos Açorianos que a ele era dedicado e quando traduzi excertos de algumas das suas obras algo ficou gravado para sempre na retina como a imagem mental que dele guardo.

Álamo é um artesão de palavras, poeta telúrico, eclética voz que se ergue do raminho na Ilha Terceira gritando a sua açorianidade literária, narrador de andanças por terras da Europa, Brasil e das Américas.

Victor Rui Dores, afirma que faz das “suas itinerâncias e peregrinações uma geografia afetiva de lugares, memórias e coisas, atravessadas por olhares, impressões, alusões, afetos e imagens, procurando na viagem não o destino mas a sua própria natureza”.

Álamo é um autor fecundo que merece ser homenageado, lido, estudado e divulgado por esse mundo fora, não pode ficar contido na pequenez das nove ilhas, antes tem de ser lançado por esses mares fora, nas caravelas da sua escrita de velas enfunadas pela poesia, teatro, contos e romance sem esquecer essa excelente incursão na memória da guerra colonial que é a sua obra “Até hoje (memórias de cão)”, uma constante alternância entre a dura realidade da guerra em 1967 e a saudade da ilha de origem do

personagem João. Nessa visão a ilha assume contornos de paraíso perdido na memória como um utópico lugar de referência. Ali, a memória serve como válvula de escape ou mecanismo de defesa contra a traumática selvajaria da guerra que nunca mais surgia, num suspense que se alarga a seis capítulos que percorrem o concubinato entre a Igreja e o Estado Novo onde citamos “o silêncio é a força da virtude e a ignorância o progresso dos povos”.

O próprio autor considera este livro a sua catarse sobre a guerra colonial, embora se sinta imensamente orgulhoso do livro “Já não gosto de chocolates,” um dos seus títulos de maior apreço por parte dos leitores.

Álamo escreve desde tenra idade tendo sido publicado aos 14 ou 15 anos, e foi marcado pelos livros de contos infantis que a avó tinha além de as Pupilas do Senhor Reitor e a Cidade e as Serras que bem cedo o marcaram.

Embora goste muito de ficção, o teatro serve para se divertir e a poesia representa uma espécie de libertação.

Alguns dos seus livros foram traduzidos para inglês, francês, italiano, espanhol, croata, esloveno e japonês. Iremos tentar que entre os nossos associados romenos, russos e búlgaros alguém disponibilize tempo para ser também traduzido nessas línguas.

Vamberto Freitas explica assim o autor: *“Se a Natureza é uma realidade inescapável para a maioria dos escritores açorianos, dada a sua instabilidade e constantes manifestações de certos humores e cor, dada a nossa obsessão com o cerco do mar e as suas antigas ameaças de nos fechar do mundo, a poesia de Álamo Oliveira nunca acontece sem a presença do elemento humano centrado viva mas solitariamente, ou em estado apático e incerto no seu olhar fixado no longe e no inefável para além da junção do céu e mar, tentando adivinhar o que poderia ter sido um outro destino. Quase toda a poesia açoriana parece um choro sem lágrimas, nunca acusatório, das saudades do futuro que nunca (nos) chega, as saudades das terras distantes para as quais inventamos as nossas próprias fantasias, e de onde depois lamentamos até à morte a nossa partida do torrão natal. É o perpétuo ciclo existencial, a condenação dos naufragos e a libertação dos ilhéus navegantes.” fim de citação*

Deixem-me citar aqui um poema do autor hoje homenageado

Mar com poeta dentro

o corpo da ilha não tem nome

próprio de quem se rodeia de orvalhos antigos.

quando navega não tem

rumo nem destino.

no cais a penumbra branca desce

sobre a viagem adormecida.

desconhece-se que poeta foi ver o mar por dentro.

mas sabe-se quem grafitou com sonhos

os muros da solidão.

(in) nove rumores do mar, antologia de poesia açoriana contemporânea

Falar de Álamo, escritor que tardiamente conheci criou um problema grave. Para escrever sobre cada um dos autores açorianos que já homenageamos tive de ir conhecer e visitar as suas ilhas, não só as autênticas mas as imaginadas que acartam ao pescoço como colar de negro basalto, magma vivo de lava solidificada há muito. Ora bem, não conheço a ilha Terceira nem o Raminho e por isso não me posso colocar nos

locais que lhe são queridos e donde foi buscar a musa inspiradora para os seus inúmeros livros e peças teatrais.

Quando escrevo sobre os autores açorianos gosto de conhecer os caminhos trilhados, ver as casas que formaram a sua história de vida e as suas ruínas, olhar nos olhos os seus habitantes, fotografar as cores e memorizar os cheiros, para depois poder dissecar as palavras. Não tendo isso, a mera leitura dos seus escritos indica-me que não o conheço como queria para dele falar numa sessão onde o queremos homenagear.

Convém recordar que é um escritor prolífico e um autor eclético que se espraia por Teatro, Romance, Conto, Poesia, não se confinando aos estreitos limites de cada género antes dando razão aos apoiantes da teoria Gestalt ou psicologia da forma, que propugna que “não se pode ter conhecimento do todo por meio das suas partes, pois o todo é maior que a soma das suas partes”. Segundo o critério da transponibilidade, independentemente dos elementos que compõem determinado objeto, a forma é que sobressai: as letras *r, o, s, a* não constituem apenas uma palavra em nossas mentes: *“(...) evocam a imagem da flor, seu cheiro e simbolismo - propriedades não exatamente relacionadas às letras.*

Em “Já não gosto de chocolates” Álamo fala da forma como os descendentes de açorianos, e ele bem conhece as duas realidades dado ter familiares emigrados na América do Norte, são atraídos pelos festivais religiosos, passando horas nos seus carros (alegóricos ou não) com a mesma intensidade de sacrifício com que fariam uma procissão a pé, de forma a exaurir a “saudade”. Esse sentido de pertença das comunidades da diáspora perpetua-se em vídeos partilhados por familiares e amigos mesmo que separados pela geografia. Por outro lado, essas comunidades envolvem as crianças e os jovens, desde tenra idade, para não perderem o seu sentido identitário dado estarem já integrados nas comunidades onde vivem. A assustadora incerteza da vida nas ilhas sempre sob esconsas ameaças indefinidas não se deixa subverter pelos valores históricos, culturais e ideológicos da ilha onde nasceu, mas simultaneamente transmite uma universalidade que em muito transcende narrativas da diáspora californiana. A sua narrativa intimista desce ao complexo mundo dos seus personagens, como disse Assis Brasil “deixam de ser emigrantes para se converterem em seres humanos”.

Como Vamberto Freitas diz “os Açores não são um espaço cultural anacrónico nem Álamo Oliveira é um elitista cultural fechado numa torre de marfim, muito menos um masoquista que trabalhe para castigo próprio ou por contemplação narcisista. Acontece que ele, e todos nós com ele no arquipélago, estamos perfeitamente conscientes do que nos leva a fazer suplementos culturais: a força da tradição literária açoriana.” **Fim de citação**

A nostalgia do ser ilhéu atinge na sua lírica uma força centrípeta capaz de ultrapassar os espasmos telúricos que perpassam pela sua vasta obra, pejada de títulos curiosos como podem ler na autobiografia que selecionamos para publicar em ata deste colóquio.

Antes de terminar esta minha primeira abordagem à obra deste vate terceirense, cito-o, de novo em *lua de ganga*

quando te via

na ganga azul do teu fato

embandeirava-me de ternura

e propunha despir-te como

Atas maia 2013

se lua fosses ou nada

tocava
com a ponta dos dedos
o poema do teu corpo

era azul mas eu morria de medo

Como saborear o perfume da sua poesia e o sabor dos seus chocolates? Quando fiz o 5º Caderno de Estudos Açorianos que a ele era dedicado e quando traduzi excertos de algumas das suas obras algo ficou gravado para sempre na retina como a imagem mental que dele guardo. Trata-se da sua interpretação soberba, diria magistral, de a *Traceira de Jasus* gravada sobre as ruínas do terrível terramoto que destruiu grande parte da cidade património da humanidade Angra do Heroísmo. Pela musicalidade da peça que se entranha no ouvido e rapidamente nos damos conta de a cantarolar mesmo em sonhos, pela acerada crítica que as suas palavras encerram, e por entender que todas a deveriam ouvir e ver para dessa forma melhor interpretarem o autor aqui vos deixo essa sua representação. Creio que ao ouvi-lo teremos escolhido uma das melhores formas de o homenagearmos.. Ouvir / ver http://www.youtube.com/watch?feature=player_embedded&v=8Uh3wDVmkNk

CONTRIBUIÇÕES PARA AS SESSÕES DE POESIA- LIDA A DUAS VOZES POR CHRYE E LUCIANO PEREIRA

504. *volitando 4 maio 2011 chrys*

vieram os deuses
plantaram ilhas
onde dantes havia água
uma era ilha-mãe,
havia a mãe-ilha,
outra marilha,
a ilha menina
a ilha-filha
nove irmãs
filhas de poseidon e de afrodite
nascidas da espuma do mar

nos montes verdes
rugiam dragões
cuspiam fogo
tremiam os chãos
secavam ribeiras
vomitavam magma
choviam trovões
de thor filho de odin
esquecido das gentes e animais

pobres escravos e colonos
amanhadores de rochas e fomes
desbravadores de minguas
crentes e temerosos
orando promessas seculares

criam no destino e sabiam-se culpados

ainda hoje penam
com liberdades que não pagam dízimos
votam com os pés da emigração
a libertação de todas as cangas
mas voltam sempre
romeiros em promessas várias
açorianos até ao tutano

sem alforrias nem autonomias
perenes escravos destas ilhas
escrevem a história que poucos leem

539. *destino ilhéu, lomba da maia 11 fev 2012 luciano*

olhei para o espelho dos dias
e vi-te partir
silente como chegaras
sem sorrisos nem lágrimas
vestias um luar sombrio
deixavas vazio o leito
num luto antecipado
agarrei as nuvens que passavam
levado na poeira cósmica
carpindo dores antigas

acordei sobressaltado
o livro da vida nas mãos
o livor nas faces
o fim há muito antecipado
ficar era o destino
sem levar as ilhas a reboque

será esta a sina ilhoa?

534. *açorianices 13 dez 2011 chrys*

disseram basta falar de hortênsias
plantar a palavra mar e algum sal
uns lugares comuns de bruma
azáleas, camélias, novelões,
coniteiras, milhafres e cagarros
e assim se faz um escritor açoriano

autores nasceram assim
nas ilhas e na estranja
ganharam prémios, foto no jornal
houve mesmo quem acreditasse
o governo pagava e promovia

desta janela de bruma
avisto o mar em desalinho
mas como não há hortênsias

nem açores a esvoaçar
nunca escreverei meu nome
na lava e magma a gravar

cantarei o arquipélago da escrita
sem títulos nem honrarias
sem adjetivos telúricos
sem versos de rima quebrada

não é açoriano quem quer
mas quem o sente

559. alabote 2 ao vasco p da costa e eduardo bettencourt pinto) 16 agosto 2012 luciano
o mar de novo

as ondas e a espuma e sempre
sem sabor a maresia
esperma salgado do atlântico

não se vive sem mar
numa ilha

517. a ilha de todos os medos (ribeira quente, povoação, 31 agosto 2011) chrys

uma ilha pode ser de todos
independentemente de onde se habita

viver na ilha é quase um naufrágio
respirar sob as águas turvas
viajar através do corpo submerso
vir à tona turbulenta

para partir da ilha sem sair dela
levá-la para mundos outros
recriar a origem em qualquer destino
crenças, festas e procissões

uma ilha pode ser de todos
mas só alguns a possuem
menos a apresentam como passaporte

vergonha natural de regionalismos
canga feudal de séculos

atraso, incultura, insucesso

vencer na escrita fora da ilha
sotaques polidos, discursos alheados
BI estrangeirado
arrogância, ostracismo, sem açorianismo

uma ilha pode ser de todos
merecem-na quem a habita
os livros a quem os lê

deneguem anátemas de ilhanizados e açorianizados
albardem-se oportunistas da literatura
abrigados em rótulos autonomistas
enjeitem escritores renegados
tertúlias de Lisboa a Coimbra

promovam-se os que se não promovem
os que sentem o que escrevem
os que redigem esta alma única
este sabor a mar e tremores de terra
pedreiros do magma e lava

raiz original e comovida⁴
com lágrimas de gente infeliz⁵
em relação de bordo⁶
de histórias ao entardecer⁷
na ilha de nunca mais⁸

louvem-se e publiquem-se novidades
de o lavrador de ilhas⁹
marinheiro com residência¹⁰
nas escadas do império¹¹

leia-se que fui ao mar buscar laranjas¹²
ou fui ao pico e piquei-me¹³
à boquinha da noite¹⁴

estude-se a cor ciclame e os desertos¹⁵
na distância deste tempo¹⁶
plantador de palavras vendedor de lérias¹⁷
os silos do silêncio¹⁸
em a ilha grande fechada¹⁹

⁴ Cristóvão De Aguiar

⁵ João De Melo

⁶ Cristóvão De Aguiar

⁷ Fernando Aires

⁸ Fernando Aires

⁹ J H Santos Barros

¹⁰ Urbano Bettencourt

¹¹ Vasco Pereira Da Costa

¹² Pedro Da Silveira

¹³ Álamo Oliveira

¹⁴ Dias De Melo

¹⁵ Maria De Fátima Borges

¹⁶ Marcolino Candeias

¹⁷ Vasco Pereira Da Costa

¹⁸ Eduíno De Jesus

¹⁹ Daniel De Sá

Atas maia 2013

quando Deus Teve Medo De Ser Homem²⁰
e era o príncipe dos regressos²¹
em a sombra de uma rosa²²
quando havia almas cativas²³
no contrabando original²⁴
estava o mar rubro²⁵

era desta açorianidade
desta literatura açoriana
que vos queria falar
medram poetas nestas ilhas
contistas, ensaístas, romancistas
narradores, dramaturgos e sonhadores

deixai-me hastear a bandeira deste povo
e gritar o que lhe vai na alma

uma ilha pode ser de todos
independentemente de onde se habita
deixai que a chame minha

ninguém a quer
ninguém a sonha
como os que nela se querem
nela nascidos,
nela vividos,
nela transplantados
criando raízes que nenhum machado cortará
dando frutos e flores que só o poeta cantará
levando-a nos sonhos que só vate sonhará

uma ilha pode ser de todos
mas quero-a só para mim
pretendente único à sua razão
namorado, amante e noivo
mulher ardente para cortejar

mãe de todas as filhas
mar de todas as ilhas
amor de terra e mar
ilha de todos os medos

uma ilha pode ser de todos
sem temores do medo
na ilha de todos os medos

529. homenagem a Natália Correia 29 novembro 2011 chrys

²⁰ Daniel De Sá

²¹ Eduardo Bettencourt Pinto

²² Eduardo Bettencourt Pinto

hoje
decididamente
vou escrever um poema
dedicado aos feriados
que nos roubaram
decreto
que todos os dias
feriados sejam abolidos
os dias da semana
também
e para não esquecermos
tais dias e feriados
se comemorem todas as datas
ao domingo
e seja domingo todos os dias

(e se nos convertermos ao catolicismo
não poderemos trabalhar ao domingo)

Este poema é em homenagem a Natália Correia **Luciano**

Poema destinado a haver domingo

...

Deixem ao dia a cama de um domingo

Para deitar um lírio que lhe sobre.

E a tarde cor-de-rosa de um flamingo

Seja o teto da casa que me cobre

Baste o que o tempo traz na sua anilha

Como uma rosa traz abril no seio.

E que o mar dê o fruto duma ilha

Onde o Amor por fim tenha recreio.

Natália Correia, Poesia Completa, Publicações Dom Quixote 1999

515. a nau sem escorbuto chrys luciano

arribou nesta praia
a nau sem escorbuto
sem mastro nem pendão
sem carga nem marinagem

não trazia especiarias das índias
nem arroz do sião
nem compradores de meca a malaca
nem lusitanos feitores

nesta açoriana plaga
longe do mar eritreu
sem canal do suez

²³ Roberto De Mesquita

²⁴ J. Martins Garcia

²⁵ Dias De Melo

Atas maia 2013

há mouros e maometanos
de malabar e das arábias

ocupam lugares de proa
a barlavento das gentes
não vieram de calecute nem cipango
não cuidam da pimenta
da noz, do cravo e canela
não foram a banda, ceilão ou malucas
terras de gentios já têm que sobrem

chamam-lhe sua e de mais ninguém
como samorim a regem
saudosos de marajás e palácios
ofertam bugigangas aos nativos
promessas vãs e eleitorais

e eu aqui sentado nesta ameia
em castelo sem pendão
da seiteira envio migalhas de letras
a todos que não têm literário pão
crónicas avulsas de vidas vividas
pecados sem perdão

e o povo sem saber da fome
do frio que aí vem
das vacas que se foram
do leite que não mungiram
dos campos que não araram
das colheitas que não comeram
feliz vota nos que prometem
a solução

lá fora há guerras sem pátrias
mutilados e estropiados
cá só temos sem-abrigo
pakfanistas e malfeitores
assaltantes, meliantes
económicos dissabores
da troica que tudo leva
e cobra dívidas que herdamos
de tantos ditos senhores

não há santos que nos valham
nem procissões e andores
preces e velas acesas
romeiros de todas as dores

somos um povo infeliz e abúlico
sem sonhos nem destemores
vergados ao duro peso
de vis especuladores

da história magnânima nem sombras restam
nem bardos nem cantores
nem escribas dedicados
o povo sofrendo medos
erros grosseiros
enganos ledos

sem naus nem caravelas
sem especiarias nem língua franca
sem religião nem outra paixão
cantando fados a tétis
sem espadas nem aduelas

o povo sofria compungido
chorando lágrimas de crocodilo
santa democracia e liberdade
escravo de novo acorrentado
à mingua de dizimos e outros enfados
sem contar os créditos mal parados
comia demagogia e pagava iliteracia
via futebol, telenovelas e lia jomais desportivos
com as letras aprendidas nas novas oportunidades
vendia os anéis e comia os dedos
emigrava quando podia
queixava-se da sorte caipora
temia do governo as novidades

a geração rasca passara a parva
timidamente se manifestara quanto à crise
a austeridade enriquecia bancos
à custa do suor do povo já suado
não descera às ruas este povo
de brandos costumes se dizia
nem eram plebe nem gleba
antes novos ricos da miséria

uma vez ancorada a nau do fmi
em terra de infieis e gentios
não daria berloques aos nativos
apenas o chicote e a chibata
as grilhetas de trabalho escravo

e um poeta solitário
no alto do seu castelo
gritava a bom gritar
mas não o ouviam as massas
sem perderem tempo para se educar
e acreditavam nos seus donos
com promessas a acenar

e o jardim à beira-mar plantado
há muito estiolado morria devagar
sem gente para o cuidar

e dos vindouros muitos virão
dizer que o poeta pressagiava
o fim da bela nação

549. alucinação na areia branca (Timor) 11 julho 2012 chrys

era maio em 1975
havia luar na areia branca
sem ondas na ressaca
caranguejos azuis na fina areia
baratas voadoras à frente dos faróis
eram pequenos os lafaek e raros
quase se ouviam os corais a falar

ao longe sem luzes em dili
o escuro dos montes

entre nós e o ataúro
deslizavam barcos espiões
antecipavam a komodo
ensaivavam invasões

corri a alertar
ninguém quis ouvir
escrevi e denunciei
chamaram-me alucinado
nunca imaginei o genocídio

550. timor nas alturas 15 julho 2012 chrys

queria subir ao tatamailau
pairar sobre as nuvens
das guerras, do ódio, das tribos
falar a língua franca
para todos os timores

queria subir ao matebian
ouvir o choro dos mortos
carpir os heróis esquecidos

queria subir ao cailaco e ao railaco
consolar as vítimas de liquiçá
beber o café de emera
reconstruir o picadeiro em bobonaro
tomar banho no marobo
ir à missa no suai
buscar as joias da rainha de covalima
passar a fronteira e voltar
chorar todos os conhecidos e os outros
e quando as lágrimas secassem
regressaria à minha palapa imaginária
à mulher mais que inventada
oferecer-lhe um pente de moedas de prata
percorrer as suas ribeiras e vales

sussurrar por entre as folhas do arvoredo
navegar nos seus beiros
rumar ao ataúro e ao jaco
desfrutar a paz e as belezas ancestrais
ouvir os tokés enquanto as baratas aladas voam
os insetos projetados contra as janelas
atraídos pela luz do petromax

a infância e a juventude são como uma bebedeira
todos se lembram menos tu

551. lágrimas por timor, até quando? 16 julho 2012 luciano

confesso sem vergonha nem temores
hoje os olhos transbordaram
lágrimas em cascata como diques
pior que a lois quando a chove

o coração bateu impiedoso
os olhos turvos a mente clara
as mãos trémulas de impotência

nas covas e nas valas comuns
muitos se agitaram com a morte gratuita
mais um casal de pais órfão
mais um filho varado às balas
sem razões nem justificações

poucas vozes serenas se ouviram
velhos ódios, vinganças acicatadas
o povo dividido como em 1975

sem alguém capaz de congregar o povo
sem alguém capaz de governar para todos
sem alguém acima de agendas pessoais
sem alguém acima de partidos

temos de ultrapassar agosto 75
udt e fretilin, a invasão indonésia e o genocídio
faça-se ou não justiça
é urgente um passo em frente

é urgente alguém com visão
um sonhador, um utópico
um poeta como Xanana já foi
alguém que ame timor
mais do que ama suas crenças
mais do que ama suas ideias
mais do que ama sua família

talvez mesmo uma mulher
sensível e meiga
olhar almeдрado

pele tsnada
capaz de amar
impulsiva para acreditar
liberta de injustiças passadas
solta de ódios, vinganças e outras
capaz de depor as armas

todas
e liderar.

564. polir sóis com uma peneira 25 dezembro 2012 *chrys luciano*

polir textos é como arear pratas
perde-se sempre algo
nunca se sabe se o brilho que fica
é maior do que o sujo limpo

polir amizades é como sacudir o pó
com a gentileza de uma pena
nada se perde nem se transforma
basta um gesto, um telefonema
uma sms, mensagem
talvez apenas um *like* no Facebook
como se fosse natal todos os dias

polir matrimónios é complicado
como diamantes em bruto
pode partir-se a agulha ou o casamento
e em vez de 24 ficam 6 quilates
questão de sorte e perícia
em panos de fina seda

polir países é arriscado
as limas devem ser afiadas
à prova de lóbis e governos
cortam-se as esquinas angulosas
talham-se as aparas mais finas
em areias de fina brancura
é como ir ao barbeiro do futuro
ao alfaiate do tempo
encomendar um fato por medida
para dar com a cor do cabelo
e há o risco de cortar o país todo
talhar pessoas trinchar tradições
sem memória nem história
serrar distritos, fender concelhos
encurtar fronteiras até ao mar
e finava-se Portugal em praias e arribas

polir palavras é bem mais fácil
corta-se uma folha de papel em A4
verifica-se a tinta nos tinteiros
gravam-se caracteres como granito
basalto, quartzo ou ametista

lavram-se sulcos como rios
erguem-se sombras como montanhas
sombras de marés vivas
deixa-se a marinar antes do banho-maria
leva-se ao lume brando com pitada de sal
junta-se pimenta e louro e basilicão
retira-se do fogo e serve-se a gosto

sempre sonhei ser poeta
navegar em utopias
escrever cardápios de vida
imensos e belos como o oceano
livres e úteis como o ar
na solidão dos mares açorianos

563. quando morrer, 4 dez 2012 *chrys*

quando eu morrer

não diga nada que nunca tivesse dito
não elogie nem critique

quando eu morrer

não vá ao meu velório

escreva uma frase e publique-a

quando eu morrer

não me chore

lembre-se do que eu dizia e ria-se

quando eu morrer

faça uma festa
leia um poema meu
beba um bom champanhe francês
fume um cubano

faça tudo o que for politicamente incorreto

como eu faria

este lugar parece uma doença a percorrer-me a pele
cada situação tem a sua dose de dilemas
e agora já nada posso decidir
nem vejo luz ao fim do túnel
esqueci-me de muitas coisas
nem pedi à minha mulher

para me edificar novo Taj Mahal

555. das filhas e filhos 2 agosto 2012 *luciano*

os pais chamam princesas às filhas
porque nunca foram príncipes
os filhos são reizinhos
a quem nada se nega
eu queria ser príncipe e rei
nem que fosse por um só dia

POESIA DE ÁLAMO TRADUZIDA

Eu fui ao pico piquei-me.	Ich ging nach Pico und piekte mich
Que aqui, em cada ano, Sêmos sempre menos gente. - Que terra é esta, mano, Que nada dá de repente!	Dass wir hier jedes Jahr, immer weniger Leute sind. - Was für ein Land ist dies, Bruder, Das plötzlich nichts hergibt!
(Tantas vezes já picado Fui na alma e no corpo, Que se me dano danado, Cairei, por terra, morto).	(So oft schon gepiekt Wurd ich an Leib und Seele, Was, wenn ich Verdammter mich verletz, auf den Boden falle, tot).
ÁLAMO OLIVEIRA Edição de autor, 1980, pp. 24-26	ins Deutsche übertragen von Rolf Kemmler.

lua de ganga quando te via na ganga azul do teu fato embandeirava-me de ternura e propunha despir-te como se lua fosses ou nada tocava com a ponta dos dedos o poema do teu corpo era azul mas eu morria de medo. ÁLAMO OLIVEIRA	Jeansmond als ich Dich sah, in der Blue-Jeans Deines Anzugs umflaggte ich mich mit Zärtlichkeit und schlug vor, Dich auszuziehen als wenn du Mond wärst oder nichts Ich spielte mit den Fingerspitzen das Gedicht Deines Körpers war blau, aber ich starb vor Angst. ALEMÃO ins Deutsche übertragen von Rolf Kemmler.
--	---

Eu fui ao pico piquei-me. Que aqui, em cada ano, Sêmos sempre menos gente. - Que terra é esta, mano, Que nada dá de repente! (Tantas vezes já picado Fui na alma e no corpo, Que se me dano danado, Cairei, por terra, morto). ÁLAMO OLIVEIRA Edição de autor, 1980, pp. 24-26	<i>Wstąpiłem na szczyt. Zabolało Szczytnie dowcipnie</i> <i>Skoro tu, co roku Coraz mniej ludzi Jak po baranim skoku. Co za kraj, stary, Nieprędko tu na wagary!</i> <i>(Szczypnęło już parę razy Na duszy i na twarzy Rypnąłem z góry jak długie Prosto na ucztę grabarzy).</i> Polaco, trad. Anna Kalewska
---	---

lua de ganga quando te via na ganga azul do teu fato embandeirava-me de ternura e propunha despir-te como se lua fosses ou nada tocava com a ponta dos dedos o poema do teu corpo era azul mas eu morria de medo. ÁLAMO OLIVEIRA	<i>Dżinsowy księżyc</i> <i>Kiedy cię zobaczyłem W modrej jak dżins sukience Nabrzmiałem wielką czułością I chciałem cię rozebrać Jakbyś w księżyc weszła naprędce.</i> <i>dotykałem Opuszkami palców Twego ciała jak wiersza</i> <i>było błękitne a zmora śmierci największa.</i> polaco trad. Anna Kalewska
--	--

Eu fui ao pico piquei-me. Que aqui, em cada ano, Sêmos sempre menos gente. - Que terra é esta, mano, Que nada dá de repente! (Tantas vezes já picado Fui na alma e no corpo, Que se me dano danado, Cairei, por terra, morto). ÁLAMO OLIVEIRA Ed. autor, 1980, pp. 24-26	<i>Ik ging naar pico en werd gestoken</i> Dat wij hier jaar na jaar Met telkens minder mensen leven. - Wat is dit, broeder, toch voor land Dat ons niets uit zichzelf wil geven! (Zo dikwijls ben ik al gestoken In mijn lichaam en mijn ziel, Dat ik, als ik me kwaad zou maken Meteen mordsdood ter aarde viel). Holandês Tradução Arie Pos
---	--

lua de ganga quando te via na ganga azul do teu fato embandeirava-me de ternura e propunha despir-te como se lua fosses ou nada tocava com a ponta dos dedos o poema do teu corpo era azul mas eu morria de medo. ÁLAMO OLIVEIRA	<i>Maan in spijkerpak</i> toen ik je zag in het blauw van je spijkerpak toeide ik me op met tederheid en stelde ik je voor je uit te kleden alsof jij de maan of niemendal was ik streeelde met mijn vingertoppen het gedicht van je lichaam het was blauw maar ik stierf van angst. Holandês Tradução Arie Pos
--	---

<i>lua de ganga</i> <i>quando te via na ganga azul do teu fato embandeirava-me de ternura</i>	Luna di jeans Quando ti vedevo nel jeans azzurro del tuo abito m'imbandieravo di tenerezza
--	---

Atas maia 2013

<p><i>e propunha despir-te como se lua fosses ou nada</i></p> <p><i>tocava com a ponta dos dedos o poema do teu corpo</i></p> <p><i>era azul mas eu morria de medo.</i></p> <p>ÁLAMO OLIVEIRA</p>	<p>e mi proponevo di spogliarti come se luna tu fossi o niente</p> <p>tocava com la punta delle dita la poesia del tuo corpo</p> <p>era azzurro ma io morivo di paura.</p> <p>ITALIANO EMMANUELE DUCROCCHI</p>
---	--

<p>Eu fui ao pico piquei-me.</p> <p>Que aqui, em cada ano, Sêmos sempre menos gente. - Que terra é esta, mano, Que nada dá de repente!</p> <p>(Tantas vezes já picado Fui na alma e no corpo, Que se me dano danado, Cairei, por terra, morto).</p> <p>ÁLAMO OLIVEIRA Ed. autor, 1980, pp. 24-26</p>	<p>Sono stato al picco, mi sono punto.</p> <p>Qui, ogni anno, Siamo sempre di meno. - Che terra è questa, fratello, Che all'improvviso non dà più niente?</p> <p>(Già tante volte punto Sono stato nell'anima e nel corpo, Che se vado su tutte le furie, Cadrò, a terra, morto).</p> <p>ITALIANO EMMANUELE DUCROCCHI</p>
--	---

<p><i>lua de ganga</i></p> <p><i>quando te via na ganga azul do teu fato embandeirava-me de ternura e propunha despir-te como se lua fosses ou nada</i></p> <p><i>tocava com a ponta dos dedos o poema do teu corpo</i></p> <p><i>era azul mas eu morria de medo.</i></p> <p>Álamo Oliveira, <i>lua de ganga.</i></p>	<p>blue-jean moon</p> <p>when i saw you in the blue denim of your jeans i lit up in tenderness and proposed to undress you as if you were the moon or nothing</p> <p>with my fingertips i touched the poem of your body</p> <p>it was blue but i was scared to death.</p> <p>Inglês by Katharine F. Baker and Bobby J. Chamberlain, Ph.D.</p>
---	---

<p>Eu fui ao pico piquei-me.</p> <p>Que aqui, em cada ano, Sêmos sempre menos gente. - Que terra é esta, mano, Que nada dá de repente!</p> <p>(Tantas vezes já picado Fui na alma e no corpo, Que se me dano danado,</p>	<p>Je suis allé sur le pic je me suis piqué.</p> <p>C'est qu'ici, à chaque année, On s' retrouve chaque fois moins nombreux. - Qu'est-ce que c'est que pour une terre, celle là, frangin, Qui ne nous donne rien sous le champ!</p> <p>(J'ai déjà été tellement de fois piqué À l'âme et au corps,</p>
--	--

<p>Cairei, por terra, morto).</p> <p>ÁLAMO OLIVEIRA Edição de autor, 1980, pp. 24-26</p>	<p>Que si je me fâche fâché Par terre, je tomberai, raide mort).</p> <p>(-trad. Luciano Pereira)</p>
<p>lua de ganga</p> <p>quando te via na ganga azul do teu fato embandeirava-me de ternura e propunha despir-te como se lua fosses ou nada</p> <p>tocava com a ponta dos dedos o poema do teu corpo</p> <p>era azul mas eu morria de medo.</p> <p>ÁLAMO OLIVEIRA</p>	<p>la lune en jeans</p> <p>Quand je te voyais en bleu jeans habillée je me pavoisais de tendresse et proposais te désahabiller comme si tu fusses lune ou rien</p> <p>je touchais de la pointe des doigts le poème de ton corps</p> <p>Il était bleu et moi je mourais de peur.</p> <p>(TRAD. Luciano Pereira)</p>

<p>lua de ganga</p> <p>quando te via na ganga azul do teu fato embandeirava-me de ternura e propunha despir-te como se lua fosses ou nada</p> <p>tocava com a ponta dos dedos o poema do teu corpo</p> <p>era azul mas eu morria de medo.</p> <p>ÁLAMO OLIVEIRA</p>	<p>La lune habillée de jean</p> <p>Quand je te voyais dans le jean bleu de ton costume je me drapais de tendresse et j'avisais te dévêtir comme si tu étais la lune ou rien d'autre</p> <p>je touchais de la pointe des doigts le poème de ton corps</p> <p>Il était bleu mais moi j'e mourais de peur.</p> <p>FRANCÈS POR MANUEL J SILVA</p>
---	---

<p>Eu fui ao pico piquei-me.</p> <p>Que aqui, em cada ano, Sêmos sempre menos gente. - Que terra é esta, mano, Que nada dá de repente!</p> <p>(Tantas vezes já picado Fui na alma e no corpo, Que se me dano danado, Cairei, por terra, morto).</p> <p>ÁLAMO OLIVEIRA Ed. autor, 1980, pp. 24-26</p>	<p>Am fost în pico m-am înțepat.</p> <p>Căci aici, în fiecare an, Suntem din ce în ce mai puțini. - Ce pământ e asta, frate, Ce deodată se sfârșete!</p> <p>(De atâtea ori înțepat Am fost în suflet și în trup, Și de la naiba ma voi duce, Voi cădea, la pământ, mort).</p> <p>ROMENO SIMONA VERMEIRE</p>
--	---

Atas maia 2013

lua de ganga	Luna de blugi
quando te via na ganga azul do teu fato embandeirava-me de ternura e propunha despir-te como se lua fosses ou nada	când te vedem în blugii albaștri al portului tău Mă înălțam de tandrețe și-mi doream să te dezbrac ca și cum lună erai și atât
tocava com a ponta dos dedos o poema do teu corpo	atingeam cu vârful degetelor poemul corpului tău
era azul mas eu morria de medo ÁLAMO OLIVEIRA	era albastru dar eu muream de frică. ROMENO SIMONA VERMEIRE

Eu fui ao pico piquei-me.	Fui al pico y me pique
Que aqui, em cada ano, Sêmos sempre menos gente. - Que terra é esta, mano, Que nada dá de repente!	Que aqui de año em año Somos siempre menos gente - Que tierra es esta, hermano Que nada da de repente!
(Tantas vezes já picado Fui na alma e no corpo, Que se me dano danado, Cairei, por terra, morto). ÁLAMO OLIVEIRA	Tantas veces ya picado fui en el alma y en el cuerpo que si me daño dañado Caeré por tierra muerto. CASTELHANO POR CONCHA ROUSIA

lua de ganga	luna en vaqueros
quando te via na ganga azul do teu fato embandeirava-me de ternura e propunha despir-te como se lua fosses ou nada	cuando te veia con os vaqueros azules da tua vestimenta me abanderaba de ternura y me proponia desnudarte como si luna fueses o nada
tocava com a ponta dos dedos o poema do teu corpo	tocaba con la punta de los dedos el poema de tu cuerpo Era azul pero yo me moria de miedo.
era azul mas eu morria de medo ÁLAMO OLIVEIRA	CASTELHANO POR CONCHA ROUSIA

de um só	
maria nobody	maria nobody
com body de jovem	mit body einer jugendlichen
maria só minha	maria nur meine
assim te sonho	assim ich träum dich
assim te habito	assim ich leb dich
maria nobody	maria nobody
de todos ninguém	von allen niemand
maria nobody	maria nobody
mãe	mutter
amante	
mulher	
minha maria	meine maria
maria nobody	maria nobody
de todos ninguém	von allen niemand
nem sabes a riqueza	weißt nicht einmal vom Reichtum
que a gente tem	den wir haben
CHRYL CHRYSTELLO in CQI VOLS 1-5, 2011	ins Deutsche übertragen von Rolf Kemmler.

POESIA DO CHRYL TRADUZIDA

(maria nobody, à maria mãe, pico, 9 agosto 2011)	(maria nobody, der Mutter Maria, Pico, 9. August 2011)
maria nobody	maria nobody
de todos ninguém	von allen niemand
de alguém	von jemandem

Atas maia 2013

<p>(<i>maria nobody</i>, à <i>maria mãe</i>, pico, 9 agosto 2011)</p> <p><i>maria nobody</i> de todos ninguém</p> <p>de alguém de um só <i>maria nobody</i> com body de jovem</p> <p><i>maria só minha</i> assim te sonho assim te habito</p> <p><i>maria nobody</i> de todos ninguém</p> <p><i>maria nobody</i> mãe amante mulher</p> <p>minha <i>maria</i></p> <p><i>maria nobody</i> de todos ninguém nem sabes a riqueza que a gente tem</p> <p>CHRYS CHRYSTELLO in CQI VOLS 1-5, 2011</p>	<p>(<i>maria nobody</i>, <i>do matki marii</i>, <i>pico / azory</i>, 9 sierpnia 2011)</p> <p><i>maria nobody</i> wszystkich niczyja</p> <p>czyjaś jednego jedynego <i>maria nobody</i> z młodym body</p> <p><i>mario</i> tylko moja tak marzę o tobie tak w tobie bytuję</p> <p><i>maria nobody</i> wszystkich niczyja</p> <p><i>maria nobody</i> matko kochanko żono</p> <p><i>maria</i> moja</p> <p><i>maria nobody</i> wszystkich niczyja bogactwa niepomna jakie nas dotknęło.</p> <p>CHRYS CHRYSTELLO, trad. Anna Kalewska</p>	<p>(<i>maria nobody</i>, à <i>maria mãe</i>, pico, 9 agosto 2011)</p> <p><i>maria nobody</i> de todos ninguém</p> <p>de alguém de um só <i>maria nobody</i> com body de jovem</p> <p><i>maria só minha</i> assim te sonho assim te habito</p> <p><i>maria nobody</i> de todos ninguém</p> <p><i>maria nobody</i> mãe amante mulher</p> <p>minha <i>maria</i></p> <p><i>maria nobody</i> de todos ninguém nem sabes a riqueza que a gente tem</p> <p>CHRYS CHRYSTELLO in CQI VOLS 1-5, 2011</p>	<p><i>maria nobody</i> de tous personne</p> <p>de quelqu'un d'un seul <i>maria nobody</i> body de jeunesse</p> <p><i>maria</i> rien qu'à moi ainsi je te rêve ainsi je t'habite</p> <p><i>maria nobody</i> de tous personne</p> <p><i>maria nobody</i> mère maîtresse femme</p> <p>ma <i>maria</i></p> <p><i>maria nobody</i> de tous personne si seulement tu savais la richesse que l'on a</p> <p>FRANCES trad. Luciano Pereira)</p>
--	---	--	--

Atas maia 2013

<p>(maria nobody, à maria mãe, pico, 9 agosto 2011)</p> <p>maria nobody de todos ninguém</p> <p>de alguém de um só</p> <p>maria nobody com body de jovem</p> <p>maria só minha assim te sonho assim te habito</p> <p>maria nobody de todos ninguém</p> <p>maria nobody mãe amante mulher</p> <p>minha maria</p> <p>maria nobody de todos ninguém nem sabes a riqueza que a gente tem</p> <p>CHRY S CHRYSTELLO in CQI VOLS 1-5, 2011</p>	<p>Marie nobody De tous et de personne</p> <p>De quelqu'un D'un seul</p> <p>Marie nobody Avec un body de jeune fille</p> <p>marie à moi seul C'est ainsi que je te vois en rêve C'est ainsi que j'habite en toi</p> <p>Marie nobody De tous et de personne</p> <p>Marie nobody Mère Maîtresse Femme</p> <p>Ma petite Marie</p> <p>Marie nobody De tous et de personne Tu ne saurais imaginer La richesse que nous avons</p> <p>Francês por MANUEL JOSÉ SILVA</p>	<p>(maria nobody, à maria mãe, pico, 9 agosto 2011)</p> <p>maria nobody de todos ninguém</p> <p>de alguém de um só</p> <p>maria nobody com body de jovem</p> <p>maria só minha assim te sonho assim te habito</p> <p>maria nobody de todos ninguém</p> <p>maria nobody mãe amante mulher</p> <p>minha maria</p> <p>maria nobody de todos ninguém nem sabes a riqueza que a gente tem</p> <p>CHRY S CHRYSTELLO in CQI VOLS 1-5, 2011</p>	<p>(maria nobody, der Mutter Maria, Pico, 9. August 2011)</p> <p>maria nobody von allen niemand</p> <p>von jemandem von nur einem</p> <p>maria nobody mit body einer jugendlichen</p> <p>maria nur meine assim ich träum dich assim ich leb dich</p> <p>maria nobody von allen niemand</p> <p>maria nobody mutter liebhaberin frau</p> <p>meine maria</p> <p>maria nobody von allen niemand weißt nicht einmal vom Reichtum den wir haben</p> <p>ALEMÃO ins Deutsche übertragen von Rolf Kemmler.</p>
---	--	---	---

Atas maia 2013

<p>(maria nobody, à maria mãe, pico, 9 agosto 2011)</p> <p>maria nobody de todos ninguém</p> <p>de alguém de um só</p> <p>maria nobody com body de jovem</p> <p>maria só minha assim te sonho assim te habito</p> <p>maria nobody de todos ninguém</p> <p>maria nobody mãe amante mulher</p> <p>minha maria</p> <p>maria nobody de todos ninguém nem sabes a riqueza que a gente tem</p> <p>CHRYS CHRYSTELLO in CQI VOLS 1-5, 2011</p>	<p>(maria nobody, mariei mame, pico, 9 august 2011)</p> <p>maria nobody a tuturor a nimănui</p> <p>a cuiva a unuia singur</p> <p>maria nobody cu body de tânără</p> <p>maria numai a mea șă te visez așă te locuiesc</p> <p>maria nobody a tuturor a nimănui</p> <p>maria nobody mamă amantă femeie</p> <p>maria mea</p> <p>maria nobody a tuturor a nimănui nici nu-ți imaginezi bogăția pe care o avem</p> <p>ROMENO SIMONA VERMEIRE</p>
--	--

<p>maria nobody de todos ninguém nem sabes a riqueza que a gente tem</p> <p>CHRYS CHRYSTELLO in CQI VOLS 1-5, 2011</p>	<p>maria mia</p> <p>maria nobody de todos nadie ni sabes la riqueza que la gente tiene.</p> <p>CASTELHANO CONCHA ROUSIA</p>
--	---

<p>(maria nobody, à maria mãe, pico, 9 agosto 2011)</p> <p>maria nobody de todos ninguém de alguém de um só</p> <p>maria nobody com body de jovem</p> <p>maria só minha assim te sonho assim te habito</p> <p>maria nobody de todos ninguém</p> <p>maria nobody mãe amante mulher</p> <p>minha maria</p>	<p>(maria nobody, a maria madre, pico, 9 agosto 2011)</p> <p>maria nobody de todos nadie de alguie de uno solo</p> <p>maria nobody con body de joven</p> <p>maria solo mia así te sueño así te habito</p> <p>maria nobody de todos nadie</p> <p>maria nobody madre amante mujer</p>
--	---

7. CONCEIÇÃO CASTELEIRO, LISBOA, PORTUGAL ASSISTENTE PRESENCIAL



É SÓCIO DA AICL.

8. CONCHA ROUSIA, AGLP, GALIZA



CONCHA Rodríguez PÉREZ, Nascida o 04-10-1962, em Covas (Os Brancos, Galiza). **Psicoterapeuta**. Licenciada em 1995 em psicologia **pola Universidade de Santiago de Compostela**, especialidade **em psicologia clínica**. **Master in Science**, Marriage and Family Therapy, Universidade de Maryland, USA, 1999. Tese de graduação intitulada **“Multilingualism and psychotherapy”**.

Secretária da Fundação Academia Galega da Língua Portuguesa e cofundadora da Academia Galega da Língua Portuguesa em 2008.

Membro da Associação Galega da Língua desde 2004.

Membro da associação Cultural Pró Academia Galega da Língua Portuguesa.

Presidente pela parte galega do Instituto Cultural Brasil Galiza, fundado em 2009, apresentado publicamente em Santa Catarina em março de 2010 e em Madrid em outubro deste mesmo ano. Membro da Junta Diretiva da Ordem dos Psicólogos da Galiza, e Coordenadora da Comissão Cultural, desde onde, entre outras atividades criou o Prémio Literário 'Rosa de Cem folhas' que vai pela sua quarta edição.

PUBLICAÇÕES:

- **As Sete Fontes**, Romance publicado em 2005, formato e-book pela editora digital portuguesa ArcosOnline Arcos de Valdevez, Portugal.
- **"Dez x Dez"** 2006, Antologia poética, Abrente Editora (Galiza).
- **"Cem Vaga-lumes"** Obra composta por 16 haikus premiados e publicados pelo Concelho de Ames, ano 2006.
- **Herança**, Conto publicado em 2007 em *Rascunho* (Jornal de literatura do Brasil), Curitiba, Brasil.
- **Primeira Antologia do Momento Lítero Cultural**, em formato digital. 2007, Porto Velho, Brasil.
- **Nas Águas do Verso**. Antologia. 2008, Porto, Portugal.
- **Antologia do XXII Festival de Poesia do Condado**. 2008, Gráficas Juvia.
- **Poeta, Mostra a tua Cara**. Antologia. 2008, RG, Brasil.
- **Mulheres**. Antologia poética. 2011, Mulheres Feministas do Condado, Galiza.
- **IV Antologia de poesia lusófona**. 2012. Folheto, Leiria, Portugal.
- Volume 7 da Coleção **"Poesia do Brasil"**, XV Congresso Brasileiro de Poesia, em Bento Gonçalves, Rio Grande do Sul, Brasil.
- Tem publicado **poemas, contos, crónicas, e outros textos** em revistas galegas como *Agália* ou *A Folha da Fouce*; e em jornais como o *Novas da Galiza*, *Galicia Hoxe*, *A Nosa Terra*, *Portal Galego da Língua*, *Vieiros*, e em brasileiras como *Momento Lítero Cultural*.
- **Agora Já Não é Nada: Narrativa da desfeita**, Lethes 2007. É uma análise do significado da perda das funções que mantinham os espaços comunitários que desapareceram com a desarticulação da cultura tradicional.
- **Um dia**, Publicado em *A Nossa Terra*; 2006. Análise da violência de género.
- **Mudança de Narrativa Linguística**, Boletim da Academia Galega da Língua Portuguesa 2008.

Prémios

- Prémio de Narrativa do Concelho de **Marim**, 2004, Galiza.
- Prémio de poesia do Concelho **Ames**, 2005, Galiza.
- Ganhadora do **Certame Literário Feminista do Condado**, 2006, Galiza. Com o romance "A Língua de Joana C"

Em março de 2010 fez parte da Comitativa Oficial à Academia Brasileira de Letras, onde proferiu uma palestra sobre a participação da Galiza nos Acordos Ortográficos da Língua Portuguesa. Em 2011 fez parte da comitativa oficial do 15º Colóquio a Macau. Foi nomeada Patrona da AICL no 16º Colóquio, Out.º 2011. Administradora do blogue 'República da Rousia': www.republicadarausia.blogspot.com

[É SÓCIO FUNDADOR DA AICL.](#)

TEMA 3.2. A GALIZA NA OBRA POÉTICA DE CHRYS CHRYSTELLO CONCHA ROUSIA, ACADEMIA GALEGA DA LÍNGUA PORTUGUESA

Partindo da análise da obra 'Crónica do Quotidiano Inútil' tratarei de entender a dimensão que a Galiza, tanto como ser vivo, terra que sofre, quanto como conceito lírico, tem na obra do poeta Chrys Chrystello. A primeira parte estará baseada na análise dos poemas incluídos na obra mencionada, que conformam o capítulo IV (Planeta Galiza) e que são os seguintes:

- Partir (à Concha Rousia e a uma Galiza Lusófona)
- Lendas da minha Galiza
- Concha é nome de guerra
- Elegia à AGLP
- Geneviève, e
- Galiza como *Hiroshima mon amour*.

Para complementar a minha análise considerarei também informações obtidas diretamente de conversas mantidas com o poeta Chrys Chrystello.

INTRODUÇÃO

Três são os eixos essenciais que confluem nesta análise, como se fosse uma trindade, três dimensões, a poética, representada pela poesia de Chrys Chrystello, a humana, representada pelo poeta Chrys Chrystello, e a social, representada pela Galiza. Começarei descrevendo, mais do que definindo estes três conceitos. Mas como se define a poesia? Como o poeta? E como a Galiza? Tentarei aproximar com as minhas palavras, como se fossem fotografias conceituais, como se as palavras pintassem, uma ideia sobre quem é o poeta Chrys Chrystello, o que é a poesia e ainda o que é a Galiza.

O POETA

Basear-me-ei nas informações que tenho sobre Chrys Chrystello, juntamente com o conhecimento pessoal que tenho do poeta. Antes de mais devo afirmar que o Chrys não apenas acredita em multiculturalismo, é um exemplo vivo de multiculturalismo, nascido numa família mista com alemão, galego, português, brasileiro, judeu...

O seu multiculturalismo genético cultural vem tanto por parte materna como por parte paterna. Não tenho certeza em que momento da sua história o Chrys se fez consciente desse seu multiculturalismo. Essa será uma pergunta que guardo para fazer ao poeta no próximo encontro; pois fiquei curiosa por saber se o seu multiculturalismo teve algum efeito nas suas escolhas de forma consciente ou se esse multiculturalismo atuou desde as profundas raízes do inconsciente, e só foi depois que o poeta descobriu essa trança de tantos fios e tanta riqueza de ancestrais. Fica esta questão para ser respondida e incorporada a informação derivada para uma ampliação que irei fazer deste trabalho em posterior ocasião.

Chrys foi levado em 1973 pelo Exército Português a prestar serviço em Timor; permaneceu lá por dois anos, em 1975 deixou Timor para ir-se para a Austrália e não demorou em perceber que queria ser australiano. Atrevo-me a dizer que o Chrys encontrou na Austrália a pátria capaz de acolher todas as suas pátrias, as descobertas e as por descobrir, as territoriais e as ideológicas e as poéticas. Pergunto-me se por aquela época o Chrys já tinha descoberto que a Galiza era mais uma de suas pátrias; embora consciente ou não desse facto, a Galiza ia nele como ser vivo, e com ele se

movia pelo mundo, pois aonde o Chrys vai, a Galiza vai; isso é algo que desde já posso afirmar. Naquela altura o Chrys já era um estudioso das línguas e da política; sendo também já um autor publicado. Saliento aqui de sua obra poética o primeiro volume da Crónica do Quotidiano Inútil (1972). Publicou também um ensaio político sobre Timor. Mas a sua trajetória passou por muitos e diversos campos. Foi escolhido para um posto executivo como economista na CEM (Companhia de Eletricidade de Macau). Depois escolheu Sydney (e mais tarde Melbourne) para continuar sua vida como cidadão australiano até 1996.

No 1967 entra no mundo do rádio jornalismo, onde lhe esperavam grandes aventuras, e também na televisão e na imprensa.

Entre os anos 1976 e 1996 escreveu sobre o drama que se vivia em Timor Leste quando o mundo se negava a vê-lo. Sempre atento à voz que outros desde o poder escolhem não ouvir, mesmo quando essa voz era um grito, o Chrys não apenas ouvia, ele prestava a sua voz.

Podemos dizer que o escritor Chrys Chrystello desde sempre se interessou pelas línguas; e desde os anos setenta teve que enfrentar os mais de 30 dialetos no Timor-Leste.

Na Austrália aprendeu sobre as marcas de uma tribo aborígene que falava um crioulo do português. Foi membro fundador do AUSIT (the Australian Institute for Translators and Interpreters) e membro do painel da NAATI (National Accreditation Authority) desde o ano 1984, Chrys lecionou estudos de linguística e multiculturalismo. Tem ampla experiência na tradução e interpretação especialista em multitudes de áreas desde artísticas até jurídicas ou médicas. Participou em conferências em muitos países nos diversos continentes. Autor de numerosas obras sobre os mais diversos temas, sempre com marcado multiculturalismo, tanto prático como teórico.

A defesa do multiculturalismo é uma das grandes teimas deste autor, e é também uma das suas grandes riquezas.

Com os Colóquios da Lusofonia, de que é Presidente, e se podia poeticamente mesmo dizer que é pai, tem levado as vozes que necessitam ser ouvidas aos lugares mais diversos desde onde se podem ouvir. Entre estas vozes sempre levou a voz da Galiza, conseguindo para ela o que em terra própria lhe era negado. Foi nos Colóquios da Lusofonia que se concebeu e se deu a conhecer o projeto da criação da Academia Galega da Língua Portuguesa; podemos dizer que portanto que ele é pai putativo desta novel academia.

Poucos poetas como ele poderão dizer que tem escrito poemas a praticamente todos os cantos da Lusofonia com a intensidade de quem está a escrever sobre a sua própria terra. Dentro dessas terras às que este poeta canta, acha-se naturalmente, a Galiza.

Na sua obra "Crónica do Quotidiano Inútil" com a que comemora 40 anos de vida literária, há um capítulo dedicado inteiramente à Galiza.

Nesse capítulo intitulado 'Planeta Galiza' inclui os poemas que se integram neste estudo. (Chrys, página web)

A POESIA

Há pessoas que se dedicam a escrever a história para que fiquem documentados os fatos, os momentos, os acontecimentos que na vida veem, ou que sabem têm tido lugar. A poesia é diferente, a poesia é uma representação, uma fotografia feita com palavras do momento vivido, ou do que se tem alguma forma de conhecimento, de experiência,

alguma forma de acesso. A poesia é como um momento congelado no tempo, integrada por componentes intelectuais e componentes emocionais para contar um acontecimento. De fato a epopeia é definida como o conjunto de acontecimentos históricos narrados em verso e que podem não representar os acontecimentos com fidelidade.

Os acontecimentos que se narram na epopeia são de fatos com relevante conceito moral, que transcorreram durante guerras, ou que fazem referência a outros fenómenos históricos ou mesmo míticos. Em todo o caso desde o meu ponto de vista a verdade poética não se acha na história, mesmo quando trata de ser fiel aos acontecimentos e sim se acha na manifestação artística, se acha em tudo que fica expressado entre as linhas e não necessariamente recolhido nos conceitos que as palavras tratam de representar. O poder da poesia é portanto, o poder da máquina do tempo, faz viajar os fatos, como se os congelasse. Tomando como base uma definição oferecida pela Wikipédia podemos dizer que a poesia é uma das sete artes tradicionais, pela qual a linguagem humana é utilizada com fins estéticos, ou seja que ela retrata algo em que tudo pode acontecer da imaginação do autor e da imaginação do leitor. (Wikipédia 2)

MAS O QUE É A POESIA PARA CHRYS CHRYPELLO?

Perguntado ele responde: "A poesia é uma fuga para a utopia, contra a injustiça e desigualdade, a voz que os jornais não permitem, um recurso para os momentos felizes, uma fuga quando o mundo exterior me oprime." Tentarei ver como esta definição teórica se confirma na sua poesia. Mas antes vamos apresentar a poesia.

POEMAS NO CAPÍTULO 'PLANETA GALIZA' (CHRYPELLO, 2012)

PARTIR (à Concha Rousia e a uma Galiza Lusófona)

Partir!

*cortar amarras
como se ficar fosse já um naufrágio
ficar
como quem parte nunca
partir
como quem fica nas asas do tempo
ficar
como se viver fosse uma morte adiada
partir!
cortar amarras
cortas grilhetas
vencer ameias
velas ao vento
olhar o mundo
descobrir liberdades
esta a mensagem
levar o desespero ao limiar
até erguer a voz
sem medos
até rasgar as pedras
e o ventre úbere
semear desencanto
sorrir à grande utopia
nascer
- de novo -*

Atas maia 2013

dar o salto
transpor a fronteira
entre o ter e o ser
imaginar
como só os loucos sabem
e então chegaste
com primaveras nos dedos
e liberdade por nome
loucas promessas insinuavas
despontaste
como quem acorda horizontes perdidos
demos as mãos
sabor de início do mundo
pendão das palavras por dizer
esta a revolução
minha bandeira por desfraldar.

LENDAS DA MINHA GALIZA

Galiza és tão especial
quando sorris
por que não sorris sempre?

Galiza és tão bela
quando escameces
com gargalhadas cristalinas
por que não ris sempre?

Galiza és tão enamorada
quando falas e cicias
por que não tagarelas sempre?

no monte das Ánimas
na era dos Templários
os cervos eram livres
e os servos escravos

do poço no meu eido
transbordam palavras
dele sorvo inspiração
amores e mouras encantadas
lá aprendi a história de Ith
filho de Breogán
indo à torre de Hércules
seduzir Eirin a Verde
este conto queda silente
na memória dos velhos
já não o aprendem os nenos

li em livros vetustos
o sumiço das Cassitéridas
eram cativos os Ártabros
nas forjas de estanho

não encontrei os mapas
no meu poço seco e definhado
nem um fio de água
sem pardais nas árvores
nem flores no jardim
sentí o coração trespassado
as lágrimas minguaram
jamais haveria fadas ou sereias
cronópios e polinópios

fui penar ao cimo do monte
atopei umas meigas
a dançar com o Dianho
também vi o Chupacabras
estandarte de Castela

sem medo de travessuras de Trasgos
nem Marimanta ou Dama de Castro
sem temor da Santa Companhia
nem do Nubeiro vagueando
entre tempestades e tormentas
juntei ferraduras, alho e sal
colares de conchas e tesouras abertas
esconjurei meigas castelhanas
que me salve o burro farinheiro
ou o banho santo em Lanzada

visitei Santo Andrés de Teixido
duas vezes de morto
que não visitei uma de vivo
desci a Ribadavia
ali nasce o Minho
que ora passa caladinho
para não despertar os meninos

sigo caminhando
busco a moura fiandeira
um dia virá o eco
e brotará água de meu poço
escreverei os versos e serão mágicos
afincado no chão
erguerei a tua flâmula
no poste mais alto e cantarei
Galiza livre sempre.

CONCHA É NOME DE GUERRA

para ti não há música nem dança
apenas as artes marciais
guerrilheira de montes e vales
urdidora de emboscadas

sob a copa das amplas árvores

Atas maia 2013

*brandes teu gládio de palavras suaves
não usas as falas do inimigo
vingas a dor de seres galega*

*a montanha tu a herdaste sozinha
prenhada de mar na ilha dos nossos
o povo desaparecido da Rousia aldeia
esse recanto insuspeito ao virar da raia
esse recanto insuspeito ao virar da raia
onde fui a férias em 2005 sem te saber
eu que nasci galego do sul
sendo galego de Celanova*

*apartado de meus irmãos e irmãs
vivi séculos de história ao desbarato
distavam mares que nunca navegávamos
montes que nunca escalámos
estrelas que jamais enxergámos*

*até um dia em que surgiste
vestias azul e branco orlada a ouro
estandarte do nosso reino
ciciavas liberdades por atingir
sonhos por realizar
brandias a tua utopia
numa mesma lusofonia.*

ELEGIA À AGLP

*viver numa ilha é prisão
sair dela é impossível
nem a velocidade da chita
nem a força do elefante
nem o mergulho do cachalote*

*viver numa ilha é prisão
inúteis os passaportes
ou vistos consulares
não basta saber nadar*

*viver na Galiza é prisão
sair é possível
não expulsa carcereiros
não abate as grades
não liberta do cativoiro*

*viver nesta ilha é prisão
há sempre uma Concha dos Bosques
ou um Ângelo Merlim
um Joám Pequeno Evans Pim
um frei Tuck Montero Santalha
e seu bando de lusofalantes
manejando o arco como António Gil*

a invencível besta da Lusofonia

GENEVIEVE

*genevieve era nome de mulher
em restaurante japonês
no meio de chinatown*

*sorrisos largos e astutos
mansos como o rio minho
olhos profundos amendoados
como o canon do sil
prometia ribeiras sacras
seios amplos acolhedores
como as rias baixas*

*genoveva da galiza
amazona em sidney
um pai na argentina
uma mãe em paris
com saudades de arousa
servia sushi com saké*

*...
minhas loucas bebedeiras em galego.*

GALIZA COMO HIROSHIMA MON AMOUR

*acordaste
e ouviste o teu hino
estandarte desfaldado
ao vento ao intrépido som
das armas de breogán
amor da terra verde,
da viçosa terra nossa,
à nobre Lusitânia
estendes os braços amigos,
despertas do teu sono
agarras nos irmãos
caminhas pelas estradas
ergues bem alto a voz
dizes a quem te ouve quem és
orgulhosa, vetusta e altiva
indomada criatura
nenhum poder te subjugará
indomada criatura
nenhum poder te subjugará
nenhum exército te conquistará
nenhuma lei te aniquilará*

és a Galiza mon amour. (Chrys, 2012)

A Galiza

Todo país, toda terra, toda pátria é indefinível, ou dito de outra forma, toda a terra poderia ser definida de muitas formas, tal qual se fossem acontecimentos lendários; portanto eu vou colocar aqui uma carta em que a Galiza, através das minhas palavras, se apresenta ao Brasil. Esta é a imagem da Galiza que levo em mim, e acho é uma dialoga imagem perfeitamente com a Galiza que vive e viaja na alma deste poeta.

Carta da Galiza ao Brasil

Meu benquerido irmão:

Antes de mais permite-me que me apresente, há tantas cousas erradas que te tem contado de mim, e eu quero, necessito mesmo, que tu me conheças como eu sou. O meu nome é Galiza, ocupo o noroeste da península Ibérica, sou geograficamente, culturalmente e linguisticamente irmã de Portugal, que fica ao meu Sul, do outro lado do rio Minho; uma pequenina parte de mim permaneceu sempre independente de qualquer estado até meados do século XIX, mas hoje sou um território totalmente dominado pelo Estado Espanhol... Eu sou uma velha pátria que esqueceu já a sua idade; mas o que nunca vou esquecer, mesmo que ao mundo lhe custe perceber, é que em mim nasceu e se criou a nossa língua; esta que tu e eu falamos e que por vicissitudes da história se conhece internacionalmente apenas como 'português' mas que nós aqui também chamamos 'galego'. Mas deixa-me continuar a te contar...

Permite-me que te fale um bocadinho da minha longa história. Eu sou a velha terra chamada 'Calaica' Terra onde, como já te disse, nasceu e se criou esta nossa formosa língua; um dia eu fui grande... Naqueles tempos foram os meus filhos os que emigrados povoaram a Bretanha, o Centro dos Alpes, e as ilhas Britânicas, consolidando durante milénios a laborada cultura Atlântica. Vai ser muito difícil para mim em poucas palavras resumir-te tantos azares, tantas batalhas, tantas façanhas e também tanta dor e tanto sangue derramado.

Muitos foram os povos que quiseram governar-me, pola cobiça do Ouro, pola riqueza mineira que guardava a minha entranha; chegaram legados de Roma ávidos de conquista e saque, para abrir seu domínio, atravessando do Douro as margens, mas antes tiveram que ceifar 50.000 almas indomáveis, que a peito nu combatiam, porque cobrir o peito era para eles ação de cobardes. Do Latim trazido com as suas outras falas, misturou-se através dos séculos nossa céltica linguagem, para que abrolhasse na Idade Media a língua que agora, meu irmão em espírito, embeleces arrolando-a, com o amor e a exuberância das florestas incontornáveis. Essa língua nascida para amar e ser cantada criou uma das maiores culturas da Europa Medieval, polo caminho de Sant'Iago difundida e admirada. Mas tarde, nas lutas dos reinos Ibéricos polo controlo da Hispânia, fui vencida e humilhada polos reis Católicos de Castela e seus ferozes aliados, para pronto, sem dar-me fôlego, à escuridão ser condenada. Atrás ficara o 1º Reino da Europa a liberar-se do Império romano, no século V, polo embate dos aguerridos suevos. Atrás ficaram as lutas entre Afonso Henriques, 1º rei português, meu filho do Porto Calem, e seu primo Afonso VII, imperador de toda a Gallaecia.

Minhas glórias foram vendidas pola arrogância e a astúcia dos homens, pola traição dos insensatos; meu nome da história foi apagado. Mas o espírito só adormeceu, e centos de anos mais tarde, as vozes de Rosália, Pondal, Curros Enríquez e muitos outros, alguns mártires em Carral, ergueram de novo esta chama que agora te entrego irmão na confiança, sabendo que farás bom uso dela, e elevarás no continente americano, como na África e Oceânia, onde outros irmãos nos aclamam, a voz lírica

deste novo mundo, lusofonia chamado, para que nunca mais a vida nascida das minhas entranhas seja por outros desprezada.

Eis a minha história, irmão Brasil, ainda hoje continuam meus filhos, contra a ignorância lutando, pola dignidade deste recanto que foi berço da cultura que hoje tu com orgulho ao mundo amstras sem arrogância. Continuarão ainda cá tempos difíceis que pronto iremos superando com ajuda dos nossos irmãos que conhecem a nossa palavra, porque a palavra hoje é carne e mora vestida de raças, para os povos unir na nobreza da que foi criada. Como vês, querido irmão, a minha luta tem sido longa e sem tréguas, tenho de admitir que vou velha e por vezes me sinto cansada... Acho alívio em saber que tu herdaste a minha fala e que em ti nunca se apagará a minha chama; não é que eu recuse a luta, mas tenho que ser realista... O destino da nossa língua, língua em que eternamente viajará a minha alma, aqui na pátria mãe, ainda é incerto.

Há algum tempo um grupo de intelectuais e artistas, professores, escritores, e defensores da nossa cultura, criaram a Academia Galega da Língua Portuguesa (AGLP). A ajuda da Academia das Ciências de Lisboa e da Academia Brasileira de Letras foi notável e imprescindível. A AGLP, a que sinto como a minha filha mais nova, tentará abrir os caminhos que rompam o cerco que nos sitia e nos abafa; do seu êxito depende em grande medida o meu futuro, é por isso que te peço a acolhas com agarimo e a ajudes no que puderes em nome da nossa eterna irmandade. A nossa língua atravessa uma das suas piores etapas de todos os tempos na terra berço, a terra mãe que com tanto amor a viu nascer, e a seus filhos e filhas de todo o mundo envia hoje a sua voz... Voz que vai na procura de ajuda que tanto necessito, ajuda que restaure a minha dignidade, peço não continuar a ser ignorada. Por isso te falo, querido irmão, por isso te falo...Recebe de mim a palavra que mais estimes, meu amado irmão Brasil Assinado: A Galiza (Rousia, Blog República da Rousia)

MAS O QUE É A GALIZA PARA CHRYS CHRYSTELLO?

Perguntado o poeta responde: "A Galiza é uma referência matricial inculcada pelo pai e avó paterna como a origem ancestral no ano de 942. Cellanova foi o ponto de partida onde um homem e uma mulher se juntaram para criar os Barbosa dos quais descendo, assim como dos Meira também galegos." Como podemos ver o Chrys, poeta voador, é muito consciente de suas raízes, o que lhe permite voar com a força e sem medos, pois só quem sabe que sua raiz é de profundidade eterna se atreve a voar tão longe, tão alto, tão generoso em sua trajetória, tanto quanto possível

COMO FOI QUE DESCOBRISTE QUE A GALIZA ERA UM SER VIVO QUE TAMBÉM NECESSITAVA SE ALIMENTAR DE TI?

"A Galiza precisa da voz dos que a amam e sofrem com a opressão de estarem sob jugo estrangeiro há 500 anos ++++" Breve conciso e contundente Chrys.

ACHAS QUE É POSSÍVEL UMA GALIZA FORA DA LUSOFONIA?

A Galiza só existe se for lusófona, se fosse castelhanizada não seria Galiza...

E COMO FICARIA A LUSOFONIA SE A GALIZA SE PERDER DE SUA LÍNGUA DEFINITIVAMENTE?

A Lusofonia ficaria órfã da sua mãe, que lhe deu origem e razão de ser e nisto de bater na mãe já bastou o Dom Afonso Henriques primeiro rei de Portugal...

Como vê o futuro da Galiza, da Lusofonia e do Mundo?
Promissor desde que as novas gerações entendam o peso da Lusofonia e a arma que a língua pode ser contra a dominação e o jugo estrangeiro opressor.

COMO ACHAS A POESIA PODE AJUDAR?

A poesia é uma arma carregada de sonhos e o sonho comanda a vida como disse António Gedeão.

POR FAVOR CONTA TUDO QUE TE FALTE POR CONTAR RELATIVAMENTE À IMPORTÂNCIA DA GALIZA NA TUA VIDA, TANTO PESSOAL COMO POÉTICA...

Na juventude / adolescência a Galiza era uma extensão do país para norte e não um acréscimo do país ao lado que era a Espanha... ...são galegos os do Minho a Trás-os-Montes com um sotaque diferente mas a mesma alma...

ANÁLISE DOS POEMAS

Os textos formam um conjunto que definem o planeta que o poeta chama 'Planeta Galiza' e dão conta da realidade atual da Galiza, dão também as pinceladas suficientes para termos uma breve história contada de forma épica. A Galiza está em grande dívida com o poeta, pois ele a reconhece ilha, tal qual ela é, mas já a sonha planeta, livre como ela flui nos seus versos, linda e indomesticável; uma pessoa sente desejos de se ficar a viver neste planeta. Vamos agora olhar mais de perto e detalhadamente os poemas.

Os poemas do Chrys são a vivificação do seu mundo conceitual, eles são mostras vivas do que ele acha a poesia é, e que eu resumi baseando-me nas palavras dele como: 'uma fuga para a utopia quando o mundo exterior me oprime.' (Comunicação pessoal) O poema 'Partir', primeiro desta série, primeiro do planeta Galiza, parece a Galiza mesma falando de sua urgência por mudar a situação que vive. Neste poema a Galiza parte, corta amarras, porque ficar é já um naufrágio, é um naufrágio desde há demasiado tempo, demasiados séculos. A Galiza parte para ficar nas asas do tempo, para viver, se eternizar... E como se viver como realmente vive fosse adiar só um bocado a morte; a poesia do Chrys corta grilhetas, vence ameaças, içava velas ao vento... Vai sorrir à grande utopia: nascer! A Galiza indo, partindo do lugar onde se abafa: a Galiza nasce! Renasce! - de novo – Eu não sei se o poeta foi consciente disto tudo que ele colocou neste poema, e talvez se poderia adaptar a outras realidades, a outras terras, certamente poderia, mas este poema cai como uma luva para o espírito da Galiza.

O poema 'Lendas da minha Galiza' é um canto de amor, épico, no que o poeta salienta aqueles aspetos da Galiza que ele quer ver crescer, como se os semeasse, para ver a Galiza florir, eis a utopia! Quer o poeta que a Galiza seja feliz, se expresse, se conte tal e qual ela é, tal e qual ela foi sonhada desde o começo dos tempos, o poeta clama por uma Galiza que conserve toda a sua história, seu celtismo tão negado pelos historiadores com outros interesses do que a realidade histórica da Galiza. Dá vida a Ith, filho de Breogán, e reclama um povo para vir herdar esta riqueza secular, por não ver isto acontecendo o poeta canta:

*sentí o coração trespassado
as lágrimas minguaram
jamais haveria fadas ou sereias
cronópios e polinópios*

Mas nem toda a dor deste mundo detém o poema ai, nem a Santa Companhia detém o poeta que anuncia seu propósito de visitar o Santo André de Teixido, o que, de novo, o rende galego, pois só os galegos têm que fazer esse caminho peregrino quer de mortos, quer de vivos:

*visitei Santo Andrés de Teixido
duas vezes de morto
que não visitei uma de vivo*

Desce pelo Minho, desde o nascimento, permitindo que o curso vivo da água flua em seu poema, vai na procura da moura, vai na procura do eco que outorgue a seus versos o poder de libertar esta terra que tanto ama.

*escreverei os versos e serão mágicos
afincado no chão
erguerei a tua flâmula
no poste mais alto e cantarei
Galiza livre sempre.*

O poema 'Concha é nome de guerra', o que eu pessoalmente agradeço muito, muito mais do que me caberia dizer aqui, mostra como é dura a escolha de resistir, com seus versos ele tece uma capa para a galega que resiste sem renunciar a nada do que é, sem perder nada da sua essência Nesse poema também se reivindica a si mesmo quando diz:

*eu que nasci galego do sul
sendo galego de Celanova,
apartado de meus irmãos e irmãs,
vivi séculos de história ao desbarato*

E coloca o rumo face a lusofonia, uma utopia para a que vale a pena escrever e lutar com a palavra. No seu poema 'Elegia à AGLP', no que verso após verso faz sentir ao leitor como é viver numa ilha, numa ilha que é prisão, viver como se vive agora na Galiza é prisão, e sair mesmo que parece difícil é possível com a tripulação da AGLP a que o poeta coloca dentro da sua elegia. De novo a utopia se faz possível, o poema começa com um reconhecimento da realidade, dura, difícil, situação de isolamento, mas que ele no poema já semeia com força a profecia, o desejo de a ver avançando. O último poema deste capítulo intitula-se 'Galiza como Hiroshima mon amour', com a força de um hino os versos vão narrando as bondades, as belezas, as grandezas da Galiza que devem ser preservadas, defendidas, amadas, protegidas e encaminhadas à nobre Lusitânia com a força de quem desperta de um longo sono para ir com os irmãos, erguendo a voz. A voz do poema vai crescendo para no final, nesse último verso poeta, poesia e Galiza se deixem sentir como uma só voz.

*indomada criatura
nenhum poder te subjugará
nenhum exército te conquistará
nenhuma lei te aniquilará
és a Galiza mon amour.*

Referências Bibliográficas

Chrystello, C. (2012) Crónica do Quotidiano Inútil. V. Nova de Gaia. Calendário Editora.
Chrystello, C. (<https://blog.lusofonias.net/cronica-do-quotidiano-inutil-vol-5-2010-2012/>)
Rousia, C. (Blog República da Rousia) <http://republicadarausia.blogspot.com.es>
Wikipédia <http://pt.wikipedia.org/wiki/Poesia>

CONCHA ROUSIA, AGLP, GALIZA

- APRESENTARÁ AINDA O LIVRO NÂNTIA
- DISCURSARÁ NA SESSÃO DAS ACADEMIAS

9. EDLEISE MENDES, SOCIEDADE INTERNACIONAL DE PORTUGUÊS LÍNGUA ESTRANGEIRA (SIPLE) / UNIV. FEDERAL DA BAHIA (UFBA - BRASIL)



EDLEISE MENDES possui mestrado em Estudos Linguísticos (Universidade Federal da Bahia, 1996) e doutorado em Linguística Aplicada (Universidade Estadual de Campinas, 2003). Atualmente é professora adjunta da Universidade Federal da Bahia (UFBA), onde atua na graduação e no Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura (PPGLinC). Dedicar-se a estudos sobre a língua portuguesa e os contextos culturais que a abrigam, atuando principalmente nos seguintes temas: ensino e aprendizagem de língua portuguesa, materna e estrangeira, formação de professores, avaliação e produção de materiais didáticos, abordagem intercultural para o ensino de línguas.

Possui vários artigos, capítulos e livros publicados, que tratam de amplos aspectos do processo de ensino-aprendizagem e de formação de professores na área de língua portuguesa.

Tem participado da elaboração de vários materiais instrucionais para o ensino de língua portuguesa, no Brasil e no exterior, além de projetos internacionais para a formação de professores de português língua estrangeira, segunda língua e língua de herança, como o PROFIC / PLE (Programa de Formação Continuada de Professores de Português Língua Estrangeira), e de planejar e desenvolver o Projeto POLH (Formação Continuada de Professores de Português Língua de Herança), junto à Divisão de Promoção da Língua Portuguesa (DPLP / MRE).

Em parceria com o Instituto Internacional da Língua Portuguesa (IILP), participa do desenvolvimento do Portal do Professor de PLE / PL2 (PPPLE), plataforma on-line que disponibilizará, gratuitamente, materiais e recursos didáticos para o ensino do português LE / L2.

É a atual presidente da Sociedade Internacional de Português Língua Estrangeira - SIPLE (2011-2013), onde tem atuado para a promoção, a difusão e a projeção do português no mundo.

TEMA 3.6. DESAFIOS E PERSPECTIVAS CONTEMPORÂNEAS PARA O ENSINO DE PORTUGUÊS LE / L2 COMO LÍNGUA DE CULTURA(S)
EDLEISE MENDES, UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA

Considerando-se os contextos multiculturais e complexos nos quais o português como LE / L2 tem lugar, examinar o papel que esta língua desempenha hoje no mundo contemporâneo e seus reflexos nas ações projetadas para o ensino e para a formação de professores deixa de ser apenas uma exigência pedagógica e metodológica para transformar-se em agenda política. Em minha fala, desse modo, pretendo contribuir para a discussão mais ampla sobre o fortalecimento do ensino do português como língua de cultura(s), como língua de muitos, abordando essa questão a partir de três eixos: desafios, contemporâneas e ações em curso. Inicialmente, refletirei sobre alguns desafios que se impõem ao trabalho de pesquisadores, professores, gestores e alunos para a promoção e o ensino do português em contexto de LE / L2.

Em seguida, discutirei algumas tendências contemporâneas que orientam o ensino e a formação de novos professores na área, e, finalmente, trarei exemplos de ações em curso e de algumas iniciativas institucionais, públicas e privadas, que contribuem para fomentar o desenvolvimento e a projeção do português como língua internacional.

PARTICIPA PELA PRIMEIRA VEZ
TRABALHO FINAL NÃO RECEBIDO DENTRO DOS PRAZOS

10. EVANILDO CAVALCANTE BECHARA, ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS, AICL, PATRONO DOS COLÓQUIOS DESDE 2007

EVANILDO CAVALCANTE BECHARA nasceu no Recife, a 26 de fevereiro de 1928. Quinto ocupante a Cadeira nº 33, eleito em 11 de dezembro de 2000, na sucessão de Afrânio Coutinho e recebido em 25 de maio de 2001 pelo Acadêmico Sérgio Corrêa da Costa. Evanildo Cavalcante Bechara nasceu no Recife (PE), em 26 de fevereiro de 1928.

Aos onze para doze anos, órfão de pai, transferiu-se para o Rio de Janeiro, a fim de completar sua educação em casa de um tio-avô.

Desde cedo mostrou vocação para o magistério, vocação que o levou a fazer o curso de Letras, modalidade Neolatinas, na Faculdade do Instituto La-Fayette, hoje UERJ, Bacharel em 1948 e Licenciado em 1949.

Aos quinze anos conheceu o Prof. Manuel Said Ali, um dos mais fecundos estudiosos da língua portuguesa, que na época contava entre 81 e 82 anos. Essa experiência permitiu a Evanildo Bechara trilhar caminhos no campo dos estudos linguísticos.



Aos dezassete, escreve seu primeiro ensaio, intitulado Fenômenos de Intonação, publicado em 1948, com prefácio do filólogo Lindolfo Gomes.

Atas maia 2013

Em 1954, é aprovado em concurso público para a cátedra de Língua Portuguesa do Colégio Pedro II e reúne no livro *Primeiros Ensaios de Língua Portuguesa* artigos escritos entre os dezoito e vinte e cinco anos, saídos em jornais e revistas especializadas. Concluído o curso universitário, vieram-lhe as oportunidades de concursos públicos, que fez com brilho, num total de onze inscritos e dez realizados. Aperfeiçoou-se em Filologia Românica em Madri, com Dámaso Alonso, nos anos de 1961 e 1962, com bolsa oferecida pelo Governo espanhol.

Doutor em Letras pela UEG (atual UERJ), em 1964. Convidado pelo Prof. Antenor Nascentes para seu assistente, chega à cátedra de Filologia Românica da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da UEG (atual UERJ) em 1964.

Professor de Filologia Românica do Instituto de Letras da UERJ, de 1962 a 1992.

Professor de Língua Portuguesa do Instituto de Letras da UFF, de 1976 a 1994.

Professor titular de Língua Portuguesa, Linguística e Filologia Românica da Fundação Técnico-Educacional Souza Marques, de 1968 a 1988.

Professor de Língua Portuguesa e Filologia Românica em IES nacionais (citem-se: PUC-RJ, UFSE, UFPB, UFAL, UFRN, UFAC) e estrangeiras (Alemanha, Holanda e Portugal).

Em 1971-72 exerceu o cargo de Professor Titular Visitante da Universidade de Colônia (Alemanha) e de 1987 a 1989 igual cargo na Universidade de Coimbra (Portugal).

Professor Emérito da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (1994) e da Universidade Federal Fluminense (1998).

Doutor Honoris Causa da Universidade de Coimbra (2000).

Distinguido com as medalhas José de Anchieta e de Honra ao Mérito Educacional (da Secretaria de Educação e Cultura do Rio de Janeiro), e medalha Oskar Nobiling (da Sociedade Brasileira de Língua e Literatura).

Foi convidado por acadêmicos amigos para candidatar-se à Academia Brasileira de Letras, na vaga do grande Mestre Afrânio Coutinho, na alegação de que a instituição precisava de um filólogo para prosseguir seus deveres estatutários no âmbito da língua portuguesa.

É o quinto ocupante da Cadeira nº 33 da Academia Brasileira de Letras, eleito em 11 de dezembro de 2000, na sucessão de Afrânio Coutinho e recebido em 25 de maio de 2001 pelo Acadêmico Sérgio Corrêa da Costa.

Foi Diretor Tesoureiro da Instituição (2002-2003) e Secretário-Geral (2004-2005).

Criou a Coleção Antônio de Morais Silva, para publicação de estudos de língua portuguesa, e é membro da Comissão de Lexicologia e Lexicografia e da Comissão de Seleção da Biblioteca Rodolfo Garcia.

Entre centenas de artigos, comunicações a congressos nacionais e internacionais, escreveu livros que já se tornaram clássicos, pelas suas sucessivas edições.

Diretor da revista *Littera* (1971-1976) – 16 volumes publicados; da revista *Confluência* (1990-2005) – até agora com 30 volumes publicados.

Orientador de dissertações de Mestrado e de teses de Doutorado no Departamento de Letras da PUC-RJ, no Instituto de Letras da UFF e no Instituto de Letras da UERJ, desde 1973.

Membro de bancas examinadoras de dissertações de Mestrado, de teses de Doutorado e de Livre-Docência na Faculdade de Letras da UFRJ, no Instituto de Letras da UERJ e em outras IES do país, desde 1973.

Membro de bancas examinadoras de concursos públicos para o magistério superior no Instituto de Letras da UFF, no Instituto de Letras da UERJ e no Departamento de Letras da USP, desde 1978.

Foi Diretor do Instituto de Filosofia e Letras da UERJ, de 1974 a 1980 e de 1984 a 1988;

Secretário-Geral do Conselho Estadual de Educação do Rio de Janeiro, de 1965 a 1975;

Diretor do Instituto de Educação do Rio de Janeiro, de 1976 a 1977;

Membro do Conselho Estadual de Educação do Rio de Janeiro, de 1978 a 1984;



Chefe do Departamento de Filologia e Linguística do Instituto de Filosofia e Letras da UERJ, de 1981 a 1984;

Chefe do Departamento de Letras da Fundação Técnico-Educacional Souza Marques, de 1968 a 1988.

Membro titular da Academia Brasileira de Filologia, da Sociedade Brasileira de Romanistas, do Círculo Linguístico do Rio de Janeiro. Membro da Société de Linguistique Romane (de que foi membro do Comité Scientifique, para o quadriênio 1996-1999) e do PEN Clube do Brasil.

Sócio correspondente da Academia das Ciências de Lisboa e da Academia Internacional da Cultura Portuguesa.

Foi eleito por um colegiado de educadores do Rio de Janeiro, uma das dez personalidades educacionais de 2004 e 2005.

A convite da Nova Fronteira integra o Conselho Editorial dos diversos volumes do Dicionário Caldas Aulete.

Em 2005 foi nomeado membro do Conselho Estadual de Leitura do Rio de Janeiro e da Comissão para a Definição da Política de Ensino, Aprendizagem, Pesquisa e Promoção da Língua Portuguesa, iniciativa do Ministério da Educação.

Dentre suas teses universitárias contam-se os seguintes títulos:

- A Evolução do Pensamento Concessivo no Português (1954),
- O Futuro em Românico (1962),
- A Sintaxe Nominal na Peregrinatio Aetheriae ad Loca Sancta (1964),
- A Contribuição de M. Said Ali para a Filologia Portuguesa (1964),
- Os Estudos sobre Os Lusíadas de José Maria Rodrigues (1980),
- As Fases Históricas da Língua Portuguesa: Tentativa de Proposta de Nova Periodização (1985).

Autor de duas dezenas de livros, entre os quais a Moderna Gramática Portuguesa, amplamente utilizada em escolas e meios acadêmicos, e diretor da equipe de estudantes de Letras da PUC-RJ que, em 1972, levantou o corpus lexical do Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa, sob a direção geral de Antônio Houaiss.

É professor da UERJ e da UFF, membro da ABL e patrono dos Colóquios da Lusofonia desde 2007.

Foi nomeado ACADÊMICO CORRESPONDENTE DA ACADEMIA GALEGA DA LÍNGUA PORTUGUESA em outubro 2012.

É SÓCIO FUNDADOR DA AICL.

TEMA 3.2 O ACORDO ORTOGRÁFICO

11. FRANCISCO MADRUGA, EDITORA CALENDÁRIO DAS LETRAS



FRANCISCO FERNANDES MADRUGA, nascido em Mogadouro, Distrito de Bragança a 6 de maio de 1957, vive em Vila Nova de Gaia desde os 4 anos.

Foi sócio fundador das Editoras Campo das Letras, Campo da Comunicação, do Jornal *Le Monde Diplomatique* edição portuguesa e da Empresa de Comércio Livreiro, distribuidora da Editorial Caminho.

Foi membro da Comissão Organizadora do III Congresso de Trás-os-Montes e Alto Douro. Trabalhou no Jornal Norte Popular e foi colaborador permanente do jornal A Voz do Nordeste. Teve colaboração regular nos Jornais Nordeste, Mensageiro de Bragança e Informativo. Editou em colaboração com a Revista BITÓRÓ a Antologia Novos Tempos Velhas Culturas.

Foi fundador do Fórum Terras de Mogadouro e responsável pela respetiva revista. Foi membro da Direção da APEL - Associação Portuguesa de Editores e Livreiros durante 2 mandatos. Foi Fundador da Calendário de Letras, projeto Cultural onde desenvolve a sua atividade profissional.

Convidado a estar presente no colóquio de 2009 foi selecionado em 2010 para ir ao Brasil, e em 2011 a Macau sendo a partir daí Editor Residente dos Colóquios na tarefa de divulgar e buscar parcerias editoriais, e apresentar uma pequena mostra com exemplares de autores contemporâneos portugueses (e dos Açores, como Anabela Mimoso, Cristóvão de Aguiar, Chrys Chrystello, Vasco Pereira da Costa, etc.) É o editor da Antologia (monolíngue) de Autores Açorianos Contemporâneos de Helena Chrystello e Rosário Girão, e da sua versão bilingue (Português-Ingês).

É SÓCIO FUNDADOR DA AICL E PRESIDENTE DO CONSELHO FISCAL

ORGANIZA A MOSTRA E O LANÇAMENTO DE LIVROS E A APRESENTAÇÃO DE OBRAS

12. GILVAN MÜLLER DE OLIVEIRA, DIRETOR EXECUTIVO DO IILP / CPLP (INSTITUTO INTERNACIONAL DA LÍNGUA PORTUGUESA)



Graduou-se em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas, em 1985; fez mestrado em Linguística Teórica, Filosofia e História pela Universität Konstanz, Alemanha, em 1990; o doutorado em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas, em 2004; e o pós-doutorado, pela Universidade Autônoma Metropolitana Iztapalapa, no México. Atualmente é professor adjunto da Universidade Federal de Santa Catarina e desde 2010, responde pela Diretoria Executiva do IILP Instituto Internacional da Língua Portuguesa, residindo em Cabo Verde, onde está localizada a sede do IILP. Atua na área de Política Linguística, com especial atenção à execução de projetos em promoção linguística e em apoio à pluralidade linguística. Coordena projetos na área de formação de docentes e elaboração curricular para regiões de bilinguismo e plurilinguismo, realiza pesquisa no campo da história da língua portuguesa e, como tema de pós-doutorado, escreveu sobre sua internacionalização no século XXI.

TEMA 3.1 DO ACORDO ORTOGRÁFICO À GEOPOLÍTICA INTERNACIONAL DA LÍNGUA PORTUGUESA NO SÉCULO XXI

Esta contribuição faz uma breve história geopolítica da língua portuguesa no século XX e início do século XXI, analisando em mais detalhe as modificações do sistema-mundo pós-2003 e as pressões daí resultantes para a internacionalização do idioma.

Tendo por marco o Acordo Ortográfico de 1990 e as características históricas da sua aplicação, procura mostrar como funcionam as forças partidárias de uma *Normalização Divergente* da língua, com caráter bipolar, e as partidárias de uma *Normalização Convergente*, com caráter pluricêntrico, no âmbito da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa.

PARTICIPA PELA PRIMEIRA VEZ

TRABALHO FINAL NÃO RECEBIDO DENTRO DOS PRAZOS

13. HELENA ANACLETO-MATIAS, ISCAP, PORTO, PORTUGAL

hanacleto@iscap.ipp.pt; mhelenamatias@hotmail.com

HELENA ANACLETO-MATIAS, Instituto Superior de Contabilidade e Administração do Instituto Politécnico do Porto

Desde 1993 que é docente na área de Línguas e Culturas do Instituto Superior de Contabilidade e Administração do Instituto Politécnico do Porto. Licenciada (1988), Mestre (1997) e Doutoranda (desde 2008) na Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Helena Anacleto-Matias completou uma pós-graduação como intérprete de

conferências (Universidade de Genebra, 1989), enquanto bolsista do Parlamento Europeu, e outra pós-graduação em Estudos Norte-Americanos (Smith College – EUA, 1990), com uma bolsa Fulbright.

Publicou artigos em Portugal, Chipre e Países Baixos nas áreas da Linguística, Estudos Interculturais, Literatura, Tradução e Interpretação e publicou o seu primeiro livro “Emma Lazarus – Vida e Obra” na Editora Cão Menor, em 2008.

Como pontos altos de comunicações apresentadas em congressos internacionais destacam-se Singapura (2002), Santiago de Compostela (coautoria, 2003), Bélgica (2006, 2011), Chipre (2007), Valência (2008), Brasil (2010) e Macau (2011).

Esteve igualmente em mobilidade Erasmus na Universidade Nicolau Copérnico, em Toruń – Polónia (2009). O seu interesse pelos Estudos Lusófonos tem vindo a crescer desde que participou no IX Congresso da Associação das Universidades de Língua Portuguesa (AULP – Viseu, 2001). Tendo ensinado Português como Língua Estrangeira no Porto (1992 / 93) e em Bruxelas (2006 / 2007), é a décima oitava vez que participa nos Colóquios da Lusofonia (desde novembro / 2003 em Bragança, até outubro / 2012 na Galiza).



[É SÓCIO FUNDADOR DA AICL. E SECRETÁRIA DO CONSELHO FISCAL](#)

[TEMA 1. SOBREVOANDO A ILHA MÁTRIA DE NATÁLIA CORREIA – UMA PANORÂMICA HELENA ANACLETO-MATIAS, INSTITUTO POLITÉCNICO DO PORTO - INSTITUTO SUPERIOR DE CONTABILIDADE E ADMINISTRAÇÃO DO PORTO](#)

1. Resumo

A presente comunicação pretende destacar uma Mulher de Letras Açoriana que se evidenciou nas atividades políticas nacionais, tendo sido deputada à Assembleia da República eleita em 1980. Natália Correia nasceu em São Miguel, no ano de 1923, e é autora do poema do Hino dos Açores. Além da sua vertente de mulher e cidadã empenhada a nível político, Natália Correia distinguiu-se no plano literário, tendo sido poeta, dramaturga, romancista e ensaísta. Enquanto organizadora de antologias poéticas, publicou sete, segundo a História Universal da Literatura Portuguesa, sendo a

sua primeira datada de 1966. A *Antologia de Poesia Portuguesa Erótica e Satírica* foi apreendida e julgada em Tribunal Plenário como “ofensiva do pudor geral, da decência e da moralidade pública e dos bons costumes”, mas à qual foi, no entanto, “reconhecido o mérito literário”, segundo os autos do processo terminado em 1970. A Antologia foi reeditada postumamente pela editora Antígona. Natália Correia foi de novo processada por responsabilidade editorial das *Novas Cartas Portuguesas* de Maria Isabel Barreno, Maria Velho da Costa e Maria Teresa Horta.

Foi também autora dos programas televisivos *Este Lugar Onde* e *Mátria* na RTP, vindo a desenvolver mais tarde o conceito de “Frátria”. De caráter eminentemente descritivo, este artigo pretende destacar a biobibliografia de uma mulher açoriana notável no campo das letras, segundo uma panorâmica factual, desejando-se destacar a autora como feminista e como livre pensadora.

2. Breve Biografia²⁶

Em 2013, no ano em que se completam noventa anos do seu nascimento e vinte anos sobre a sua morte, urge celebrar a Mulher, a Poeta, a Política e a Cidadã. Natália de Oliveira Correia nasceu a 13 de setembro de 1923 na Fajã de Baixo, em São Miguel, Açores, e foi morar para Lisboa com a mãe e a irmã Cármen, já que o seu pai tinha emigrado para o Brasil. Ainda frequentou o 1º Ano do Liceu Antero de Quental em Ponta Delgada, onde tinha passado a viver, mas, em janeiro de 1935, passa a frequentar o Liceu Filipa de Lencastre, em Lisboa. Em 1942, Natália Correia casa com Álvaro dos Santos Dias Pereira. Em 1944 e 45, trabalha como jornalista na rádio e assina as listas do MUD (Movimento de Unidade Democrática) contra o regime salazarista. No ano de 1949, e pela primeira vez, casa em Marrocos, com o norte-americano William Creighton Hylan e visita os Estados Unidos da América. E ainda nesse mesmo ano apoia a candidatura de Norton de Matos e também a candidatura de Humberto Delgado. Um ano depois, casa-se com Alfredo Luiz Machado e passa a viver na Rua Rodrigues Sampaio, onde viveu até à sua morte. Em 1971 cria o bar “Botequim” com Isabel Meyrelles e fica à frente da Editora Estúdios de Cor. Em 1973, passa a ser a coordenadora da Editora Arcádia. Em 1975, o “Botequim” reúne personalidades que se debatiam pela democracia em Portugal e, imediatamente, em 1976, Natália Correia torna-se assessora do Secretário de Estado da Cultura, David Mourão Ferreira. Três anos mais tarde desloca-se aos Açores, onde Dórdio de Guimarães filmava, tendo sido eleita deputada à Assembleia da República como independente nas listas do PPD (Partido Popular Democrático). Em 1980, Natália Correia integra a comitiva oficial da visita do Presidente Ramalho Eanes à Áustria. É condecorada com a Ordem de Santiago pela Presidência da República em 1981. Em 1982, estreia o programa televisivo do qual é autora, *Neste Lugar Onde*. Em 1984, profere o discurso do Dia de Portugal, de Camões e das Comunidades Portuguesas, durante o segundo mandato do Presidente Ramalho Eanes, e nesse mesmo ano é nomeada membro do Conselho de Imprensa e do Conselho para a Comunicação Social, onde se mantém até 1988. Em 1985, apoia Gorbachev e a Perestroika indo à então União Soviética. Em 1986, a série televisiva *Mátria* começa a ser transmitida e escreve o poema do Hino dos Açores. Em 1987, é

²⁶ Para uma nota biográfica de Natália Correia, escolhemos a da *Antologia Poética*, organizada por Fernando Pinto do Amaral, de 2002, editada pelas Publicações D. Quixote.

eleita deputada à Assembleia da República como independente pelo PRD (Partido Renovador Democrático), dada a sua proximidade com o General Ramalho Eanes. Em 1989 morre o seu marido Alfredo Luiz Machado e, em 1990, Natália Correia casa com Dórdio de Guimarães, seu amigo de longa data. Deixa de ser deputada em 1991 e é de novo condecorada, desta vez pelo Presidente Mário Soares, com a Ordem da Liberdade, tendo recebido também o Grande Prémio de Poesia da Associação Portuguesa de Escritores pelo livro *Sonetos Românticos*. Em 16 de março de 1993, depois de ter passado o serão com o marido no “Botequim”, Natália Correia sucumbe, durante a madrugada, a um ataque cardíaco, já em sua casa. Em 1993, o Círculo de Leitores publica a obra poética de Natália Correia completa em dois volumes: “O Sol na Noite e O Luar nos Dias”, aliás título de um dos seus poemas.

3. Programas televisivos

Leonel Brito foi o diretor de produção da série televisiva da RTP *Neste Lugar Onde* (RTP - 1982), de Natália Correia, tendo também dirigido a produção do programa *Tempos de Coimbra*, de Dórdio Guimarães.

Em 1986, foi para o ar o programa televisivo *Mátria*, título que já tinha aparecido em poema (vide *Obras Completas*) em 1968. Sobre Natália Correia, afirmou Clara Ferreira Alves: Natália Correia tornou-se conhecida na imprensa e, sobretudo, na televisão, em programas como “Mátria”. Aí, exprimia uma forma especial de feminismo – afastado do conceito politicamente correto do movimento, o matricismo – identificador da mulher como matriz primordial e arquétipo da liberdade erótica e passional. Mais tarde, às noções de pátria e mátria, acrescenta fráttria.

Os programas *Neste Lugar Onde* e *Mátria* apresentados e idealizados por Natália Correia transmitiam reflexões sobre a visão do país, da política e da sua evolução ao longo dos tempos, bem como a condição social e filosófica, etnográfica e cultural que se vivia na altura e que se futurava nos momentos mais próximos da História mais próxima e longínqua.

As considerações filosóficas e culturais provinham da característica visionária e promissora que Natália Correia propunha como original. Na realidade, as noções partilhadas pela mesma nos seus programas televisivos formavam escolas de pensamento que eram não só informativas para o nosso povo como também formativas de todo o público televisivo. Sendo talvez impossível verificar concretamente o impacto que os programas televisivos nos seus numerosos episódios tiveram na sociedade portuguesa, pelo menos existe a memória de que esses programas eram discutidos pelos públicos que os viam nos dias que se lhes seguiam. Embora não fossem pensados como sendo programas para as massas, aqueles programas também não eram apenas para uma elite, já que muito se falava e discutia acerca das problemáticas aí focadas, entre elas a questão das chamadas “3 Marias”: Maria Velho da Costa, Maria Teresa Horta e Maria Isabel Barreno.

Havia cenas em que a escritora discorria, parecendo improvisar, acerca de problemáticas da altura, nomeadamente a conquista da democracia e a aplicabilidade de conceitos filosófico políticos à realidade social da altura (anos 80). Também a RTP-

Açores produziu em 1999, com realização de Teresa Tomé, um documentário, *A Senhora da Rosa (Natália Correia)*,²⁷ que era como Manuel Alegre lhe chamou. Antes de passarmos à bibliografia poética, ficcional, dramaturgica e antológica, gostaríamos de acrescentar que os programas televisivos *Mátria* e *Este Lugar Onde* foram formativos de várias gerações de portugueses, especialmente estudantes que assistiam àqueles e que discutiam nas aulas de Literatura e nas tertúlias culturais às quais pertenciam os ideais propostos por Natália Correia.

4. Bibliografia²⁸

4.1. Poesia

Segundo a *História Universal da Literatura Portuguesa* da Texto Editora, Natália Correia publicou os seguintes obras de Poesia: *Rio de Nuvens* (1947), *Poemas* (1955), *Dimensão Encontrada* (1957), *Passaporte* (1958), *Comunicação* (1959), *Cântico do País Emerso* (1961), *O Vinho e a Lira* (1966), *Mátria* (1968), *As Maças de Orestes* (1970), *Mosca Iluminada* (1972), *O Anjo do Ocidente à Entrada do Ferro* (1973), *Poemas a Rebate* (1975), *Epístola aos lamitas* (1976), *O Dilúvio e a Pomba* (1979), *Sonetos Românticos* (1990), *O Armistício* (1985), *O Sol na Noite e o Luar nos Dias* (1993), organizado por Natália, mas publicado um mês após a sua morte, *Memória da Sombra* (1994, com fotos de António Matos). Gostaríamos de transcrever três dos seus poemas mais emblemáticos e mais citados na literatura crítica devido à riqueza de conteúdo, na sua vertente ideológica e formal, sendo igualmente consideráveis como inclusíveis na estética surrealista:

Cosmocópula

I

Membro a pino
dia é macho
submarino
é entre as coxas
teu mergulho
vício de ostras

II

O corpo é praia a boca é a nascente
e é na vulva que a areia é mais sedenta
poro a poro vou sendo o curso de água
da tua língua demasiada e lenta
dentes e unhas rebentam como pinhas
de carnívoras plantas te é meu ventre
abro-te as coxas e deixo-te crescer
duro e cheiroso como o aloendro

Eis a interpretação de Ângela Soares deste poema, a qual nos parece pertinente:

Natália Correia cria um universo erotizado, pelo poder genesiaco de sucessivamente exceder-se, tal qual acontece ao corpo na cópula. Sua carga imaginal propicia-nos a

²⁷ <http://www.rtp.pt/programa/tv/p15380> (31/jan/2013)

²⁸ Para uma Bibliografia exaustiva de Natália Correia, recomendamos a leitura de *História Universal da Literatura Portuguesa*, da Texto Editora ou uma leitura de obras por ordem cronológica

perceção da unicidade cósmica, do todo interconetado (...) Ora pelo recurso das metáforas, ora pelo dos símiles, vai-se espreado a sexualidade, em sua analogia com a força e os elementos naturais – espreado que, opondo-se à fixação do relacionamento sexual naquelas partes do corpo ligadas à reprodução, promove a reavaliação poética do que, historicamente, tem dado significado à expressão corporal, territorializando-se existencialmente suas pontuações eróticas. Valoriza-se o prazer, pondo-se em alerta todos os sentidos imbuídos da Natureza e, assim, questiona-se o já cristalizado socioculturalmente, em favor de uma realização mais plena da comunhão dos corpos sem barreiras ao gozo feminino. Esse processo reavaliador aponta para uma nova economia libidinal, onde a figura da mulher é construída através da consciência da seletividade e da ultrapassagem do domínio genital masculino, incluindo cada “poro,” “dentes e unhas”, o excesso e o prolongamento (“... vou sendo o curso de água / da tua língua demasiada e lenta”) do “mergulho” ecologicamente preparado pelos amantes.²⁹

O segundo poema que gostaríamos de transcrever é “Autorretrato”, que nos parece ser fundamental para entender como o Eu-Poético se vê a si próprio:

Autorretrato

Espáduas brancas palpitantes:
Asas num exílio dum corpo.
Os braços calhas cintilantes
Para o comboio da alma.
E os olhos emigrantes
No navio da pálpebra
Encalhado em renúncia ou cobardia.
Por vezes fêmea. Por vezes monja.
Conforme a noite. Conforme o dia.
Molusco. Esponja
Embebida num filtro de magia.
Aranha de ouro
Presa na teia dos seus ardis.
E aos pés um coração de louça
Quebrada em jogos infantis.

Fomos ver a questão pedagógica do ensino da poesia de Natália Correia e deparámo-nos com as fichas didáticas de Elisa C. Pinto, Paula Fonseca e Vera S. Baptista. Na realidade, neste contexto, na chave das respostas propostas às perguntas das fichas de leitura,

Espáduas brancas, palpitantes”, “os braços calhas cintilantes...”, “olhos emigrantes...”, “fêmea”, bem como “(corpo de) molusco”, [são elementos que] não compõem, nem sugerem sequer, um retrato físico, porque as características que os definem são metáforas que não apontam para aspetos físicos. A inquietação, a ânsia permanente de procura e desejo de ser livre são traços psicológicos sugeridos pelas metáforas que referem os “ombros” como asas que não podem voar, porque estão

“exiladas” no corpo, os “braços” como calhas preparadas para a viagem do comboio interior e os “olhos” sempre prontos a emigrar num navio (pálpebras) que não parte.³⁰

E como terceiro poema, na secção dedicada à poesia de Natália Correia, por fim, gostaríamos de transcrever

O Sol na Noite e o Luar nos Dias³¹

De amor nada mais resta que um outubro
E quanto mais amada mais desisto:
Quanto mais tu me despes mais me cubro
E quanto mais me escondo mais me avisto.

E sei que mais te enleio e te deslumbro
Porque se mais me ofusco mais existo.
Por dentro me ilumino, sol oculto,
Por fora te ajoelho, corpo místico.

Não me acordas. Estou morta na quermesse
Dos teus beijos. Etérea, a minha espécie
Nem teus zelos amantes a demovem.

Mas quanto mais em nuvem me desfaço
Mais de terra e de fogo é o abraço
Com que na carne queres reter-me jovem.

4.2. Dramaturgia³²

Enquanto a ficção de Natália Correia engloba *Aventuras de Um Pequeno Herói* (1945), *Anoiteceu no Bairro* (1946), *A Madona* (1968), *A Ilha de Circe* (1983), *Onde Está o Menino Jesus* (1987) e *As Núpcias* (1990), como dramaturga escreveu *O Progresso de Édipo* (1957), *O Homúnculo* (1965), *O Encoberto* (1969), *Erros Meus, Má Fortuna, Amor Ardente* (1981) e *A Pécora* (1983). Quanto a *O Encoberto*, em 1977, a Editora Afrodite publicou a sua segunda edição desta peça, podendo ler-se na contracapa:

Esta peça foi escrita sob o pesadume do regime fascista que a proibiu de subir à cena e mesmo de circular em livro. Não logrou porém a interdição impedir que, pelos canais da divulgação clandestina “O Encoberto” fosse ganhando foros de clássico da dramaturgia moderna. Estudantes estrangeiros dedicam-lhe teses e passagens do seu texto epigrafam estudos sebásticos. (...) Em “O Encoberto” a autora desvia-se do enfoque habitual do mito de D. Sebastião, desdenhando a circunscrição histórica que o aperta numa data. O reinado filipino é só uma camada da estrutura dramática que se dilui na intemporalidade do mito de que é apoio antitético. A composição enevoada do mito, configurada na manhã de nevoeiro que será rasgada pela visão reluzente do Salvador é a densidade psicológica de um povo em situação omissa. Nesta se funda a ação da peça, na qual todas as personificações gravitantes de D. Sebastião são fantasmas por alucinante arrastamento.

²⁹ In Soares, Angélica, “Por uma recriação ecológica do erotismo: *flashes* da poesia brasileira e portuguesa contemporâneas de autoria feminina”, p 91-2,.

³⁰ Veja-se Elisa C. Pinto, Paula Fonseca e Vera S. Batista (2010), *Plural 10*, Lisboa: Lisboa Editora, p. 137.

³¹ Para uma visão da obra em dois volumes com o mesmo título deste poema, veja-se Fernando Vieira-Pimentel, (1997), “O Sol na Noite e o Luar nos Dias, de Natália Correia: Romance, a três vozes, de uma Ocidental”

³² Para uma visão de peças de teatro de Natália Correia, ver, por exemplo o artigo “Arcaica e futura: a dramaturgia de Natália Correia. Uma leitura d’*O Encoberto*” de Armando Nascimento Rosa in <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/10245.pdf>, (24/fev/2013).

A sua peça *O Homúnculo* foi também proibida pela censura devido à sugestão inequívoca ao ditador António de Oliveira Salazar.

4.3. Antologias

Natália Correia escreveu ainda várias obras, das quais se destacam o livro de memórias *Descobri que Era Europeia - Impressões de Uma Viagem à América* (1951), ou o diário *Não Percas a Rosa - Diário e algo mais: 25 de abril de 1974 - 20 de dezembro de 1975* (1978). Natália também escreveu ensaios: *Poesia de Arte e Realismo Poético* (1958), *A Questão Académica de 1907* (1962), *Uma Estátua para Herodes* (1974), e *Somos Todos Hispanos* (1988). Organizou, além disso, antologias de poesia portuguesa, entre as quais *Antologia da Poesia Erótica e Satírica* (1966), *Cantares dos Trovadores Galego-Portugueses* (1970), *Trovas de D. Dinis* (1970), *O Surrealismo na Poesia Portuguesa* (1973), *A Mulher* (1973), *A Ilha de Sam Nunca* (1982) e *Antologia da Poesia do Período Barroco* (1982).

A primeira antologia de poesia que Natália Correia organizou foi a *Antologia de Poesia Portuguesa Erótica e Satírica*, na Editora Afrodite, em 1966. Nela estão presentes, entre outros, Bocage, Gomes Leal, Guerra Junqueiro, Fernando Pessoa, António Botto, Pedro Homem de Melo e Eugénio de Andrade. A edição foi apreendida e julgada em Tribunal Plenário e o julgamento foi por "abuso de liberdade de imprensa dos responsáveis pela publicação da Antologia". O processo terminou em 21 de março de 1970 e foram condenados o editor Fernando Ribeiro de Mello e a escritora e organizadora da Antologia, Natália Correia, a noventa dias de prisão correcional, substituíveis por igual tempo de multa a cinquenta escudos por dia e mais quinze dias de multa à mesma taxa. A pena de Natália Correia foi suspensa pelo espaço de três anos e os livros apreendidos foram declarados perdidos a favor do estado para serem destruídos.

Segundo Isabel Cadete Novais³³, na génese da referida antologia de Natália Correia estaria uma antologia poética intitulada *O Purgatório dos Poetas* concebida e começada por Manuel Cardoso Marta, amigo de longa data da família de Natália Correia e ao qual esta comprou a vasta biblioteca e também alguns papéis do espólio literário. Na sua hipótese, Isabel Cadete Novais ainda aventa que a Censura Prévia instalada pela Constituição de 1933 deve ter dissuadido Manuel Cardoso Marta de publicar *O Purgatório dos Poetas* em 1935, tendo este empreendimento tomado a forma definitiva com Natália Correia mais tarde e tendo mesmo sido publicada a Antologia e sancionada logo de seguida.

Como se enunciou atrás, em 1970, Natália Correia editou duas antologias: *Cantares dos Trovadores Galego-Portugueses e Trovas de D. Dinis* e em 1973, editou outras duas antologias: *O Surrealismo na Poesia Portuguesa e A Mulher*.

A antologia *A Mulher* teve coordenação e prefácio de Natália Correia e foi publicada pela editora Estúdios Cor, contendo vinte e duas ilustrações de Martins Correia.

Na sua introdução, pode ler-se o seguinte trecho que expressa uma das linhas orientadoras que presidiu a esta antologia:

O homem sonha. Do fundo de uma perspectiva rasgada numa matéria opalescente uma mulher caminha para ele. É a sua alma. Psique! A mulher traz um espelho na mão. O homem vê-se no espelho. O seu rosto está banhado de uma luz semeada de pequenas asas vibráteis de platina. É a revelação inaudita do anjo que ele era e não sabia. O homem vê-se no espelho. O seu rosto está coberto de minúsculos animais viscosos que incessantemente saem do antro tenebroso do seu coração. É a revelação monstruosa do demónio que ele era e não sabia.

Eis a glória e a ignomínia da mulher... Glória, porque é da sua natureza anímica, apaixonante, pôr o homem em tensão para o sublime ou para o ignóbil que nele se libertam pela via da paixão. Ignomínia, porque esta propriedade entusiasmante de mulher implica ser ela indispensavelmente *objeto* da subjetividade do homem.³⁴ Continuando com as Antologias que organizou, há a focar *A Ilha de Sam Nunca* e a *Antologia da Poesia do Período Barroco* que foram publicadas em 1982.³⁵

5. Conceitos-chave

O conceito de "Mátria" envolve uma tendência especial de feminismo em que se vê a Mulher como o arquétipo da liberdade erótica e passional. Mais tarde, esse conceito alargou-se para a noção de "Frátria". Natália Correia admite o ser feminino como portador de sensualidade própria, recusa os preconceitos patriarcais, advogando o direito à afirmação da sua sexualidade.

Afirmou a própria Natália Correia, em entrevista ao Jornal Expresso, em 8 de maio de 1982:

Não me interessa o feminismo como caricatura das qualidades femininas. Então que os homens assumam a responsabilidade até ao fim. Eu defendo um regime feminista de cultura. Há que criar zonas de desvirilização que implantem os valores femininos no sentido de fazer cair os padrões da cultura judaico-cristã. Uma posição matrística em vez de feminista.³⁶

Esta é uma visão feminista especial, em que se vê a Mulher como matriz. A ânsia de liberdade por parte de Natália Correia notabilizou-se ao longo de toda a sua carreira política, literária e de cidadã. Esse radicalismo saudável não deixava de ter influência nas suas opiniões sobre o aborto. Na realidade, durante um debate na Assembleia da República sobre a legalização do aborto, afirmou o deputado do partido do CDS João Morgado que "o ato sexual é para ter filhos". Natália Correia, da sua bancada, respondeu em poema:

O fim do coito
Já que o coito – diz Morgado
tem como fim cristalino,
preciso e imaculado
fazer menina ou menino;
de cada vez que o varão
sexual petisco manduca,
temos na procriação
prova de que houve truca-truca.
Sendo pai só de um rebento,

³³ <http://purl.pt/13858/1/geneses/2/1-poesia-nataliacorreia> (14/dez/2012).

³⁴ <http://pequenabiblioteca.wordpress.com/2011/03/12/03-natalia-correia-a-mulher-antologia-poetica-estudios-cor/> (14/dez/2012).

³⁵ In *História Universal da Literatura Portuguesa*, Texto Editora.

³⁶ Cit in "A Censura à Escrita Feminina em Portugal, à Maneira de Ilustração: Judith Teixeira, Natália Correia e Maria Teresa Horta", de Mônica Sant'Anna, p. 13)

lógica é a conclusão
de que o viril instrumento
só usou – parca razão! –
uma vez. E se a função
faz o órgão – diz o ditado –
consumada essa exceção,
ficou capado o Morgado.³⁷

A nota de humor e de crítica mordaz é notável, tanto mais que o poema foi proferido a partir do seu assento enquanto deputada à Assembleia da República.

6. Conclusão

Tendo vivido numa época de ditadura fascista, em que era fundamental a luta pela liberdade, Natália Correia lutou sempre pela liberdade de opinião e de expressão, participando no MUD, e no apoio às candidaturas de Norton de Matos e do General Humberto Delgado, o “General Sem Medo”. Com o 25 de abril de 1974 e com a evolução política rápida, Natália Correia, a Cidadã, a Política e a Mulher das Letras empenhou-se na mudança da sociedade, na participação política e na dinâmica literária.

É de Clara Ferreira Alves a seguinte classificação de Natália Correia: “Numa frase: foi a poetisa [sic] na trincheira política. Em muitos dos seus poemas revelava a salutar ansiedade de abrir os seus versos aos temas do seu tempo. Recusou, ao longo da sua vida, as sucessivas arrumações da sua obra em géneros literários”.

Referências

Literatura Secundária

Amaral, Fernando Pinto do (2002) *Antologia Poética*, Lisboa: Publicações D. Quixote
Andrade, Eugénio de (1997) *Eros de Passagem, Poesia Erótica Contemporânea*, Porto: Editora Campo das Letras

Diário de Lisboa, 5 de abril de 1982;

História Universal da Literatura Portuguesa, Texto Editora

Rosa, Armando Nascimento, “Arcaica e futura: a dramaturgia de Natália Correia. Uma leitura d’*O Encoberto*” consultável em <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/10245.pdf>, (24 / fev / 2013).

Sant’Anna, Mônica, “A Censura à Escrita Feminina em Portugal, à Maneira de Ilustração: Judith Teixeira, Natália Correia e Maria Teresa Horta”, consultável em

Soares, Angélica, “Por uma recriação ecológica do erotismo: *flashes* da poesia brasileira e portuguesa contemporâneas de autoria feminina”, p 91-2,

Universidade do Porto (2003) *Natália Correia: 10 Anos Depois*, Porto:

Vieira-Pimentel, Fernando (1997), “O Sol na Noite e o Luar nos Dias, de Natália Correia: Romance, a três vozes, de uma Ocidental”)

Webgrafia citada

www.triplov.com/poesia/natalia_correia (consulta em 20 / out / 2012)
<http://pequenabiblioteca.wordpress.com/2011/03/12/03-natalia-correia-a-mulher-antologia-poetica-estudios-cor/> (consulta em 14 / 12 / 2012)
<http://www.rtp.pt/programa/tv/p15380> (consulta em 31 / jan / 2013)

14. HELENA CHRYSTELLO, EB 2,3 MAIA & AICL

HELENA CHRYSTELLO, tem uma licenciatura em Ensino, variante de Português – Francês e mestrado em Relações Interculturais, subordinado ao tema Da Língua à Interculturalidade: um estudo de caso pela Universidade Aberta; curso superior de secretariado do Instituto Superior de Línguas e Administração (ISLA), Lisboa; Certificat Pratique de la Langue Française, Université de Toulouse – Le Mirail e Certificado de Aptidão Profissional – Bolsa Nacional de Formadores, Instituto do Emprego e Formação Profissional.



Leccionou, desde 1976 / 1977 e durante vários anos no ensino básico, secundário e profissional (coordenadora de cursos e da PAP – Prova de Aptidão Profissional). Foi assistente na Escola Superior de Educação de Bragança, na área científica de Língua Francesa (2002 / 2005) e supervisora de estágios.

Foi tradutora da PNN-LUSA, Sydney, proporcionando serviços de apoio de tradução, interpretação e comunicação social, nos campos linguístico, literário e técnico em congressos (1995-2005). Foi tradutora de Francês Técnico de programas para cursos técnico-profissionais da CICOPN (1986 / 1988).

Participou e foi oradora em vários congressos nacionais e internacionais, com trabalhos publicados em atas e revistas científicas da especialidade.

Pertence à ACT / CATS ‘Association Canadienne de Traductologie’ e à SLP.

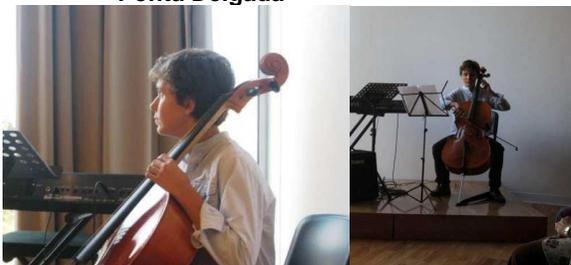
Membro nomeado do júri do Prémio Literário da Lusofonia (anual) de 2007 a 2009. Coautora com a Professora Doutora Maria Rosário Girão dos Santos (Universidade do Minho) da Antologia de (17) autores açorianos contemporâneos incluída no Plano regional de Leitura e cuja edição bilingue (PT-EN) de 15 autores, foi lançada no 16º colóquio. Lança neste 19º colóquio a edição monolíngua daquela Antologia em dois volumes. Na EB 2,3 da Maia é Coordenadora do Departamento de Línguas e exerce funções de Avaliadora do Desempenho Docente. Prepara nova obra sobre dramaturgia açoriana e vai anunciar um novo projeto saído do seio dos Colóquios.

É SÓCIO FUNDADOR DA AICL. E VICE-PRESIDENTE DA DIREÇÃO

APRESENTA A ANTOLOGIA DE AUTORES AÇORIANOS CONTEMPORÂNEOS EM 2 VOLUMES, EDIÇÃO MONOLÍNGUE DA EDITORA CALENDÁRIO DE LETRAS

³⁷ www.triplov.com/poesia/natalia_correia

15. HENRIQUE ANDRADE CONSTÂNCIA, Conservatório Regional de Ponta Delgada



Henrique Andrade Constância - Nasceu em Ponta Delgada, a 28 de julho de 1997. Iniciou os seus estudos musicais no Conservatório Regional de Ponta Delgada, em Violino e Percussão. Aos 10 anos iniciou o estudo do Violoncelo frequentando, o 5º grau do curso básico na classe da professora Ana Vilela.

Foi selecionado para participar no X estágio da OJ.COM – Orquestra de Jovens dos Conservatórios Oficiais de Música, realizado em Coimbra em abril de 2011 e participou, também, nos dois estágios regionais de orquestra, sob a direção do maestro Rui Massena.

Frequentou o curso de verão Musicaldas 2011, orientado pela violoncelista Teresa Valente Pereira e esteve recentemente noutra estágio na Alemanha.

Já tomou parte em 2011, no 16º colóquio da lusofonia em Vila do Porto (Santa Maria) e no lançamento do livro Crónica Açores vol 2., nesse mesmo ano na Maia.

Ouçá-o aqui em Orfeo de Monteverdi 15 / 01 / 2012 na Jovem Orquestra do Conservatório de Ponta Delgada no Teatro Micaelense <http://www.youtube.com/watch?v=T3474Gi11VQ>

16. JAIME RITA, PRESIDENTE DA JUNTA DE FREGUESIA DA MAIA E PATROCINADOR DO EVENTO

Jaime Manuel Serpa da Costa Rita foi Presidente da Junta antes de ser Vereador da Câmara Municipal da Ribeira Grande (2006-2009), e é de novo Presidente da Junta da Maia.



17. JOÃO COSTA SIMÕES CHRYSTELLO, ASSESSOR TÉCNICO DOS COLÓQUIOS DA LUSOFONIA



BRAGANÇA 2009



FLORIPA, AÇORIANÓPOLIS 2010 - MACAU 2011

JOÃO CHRYSTELLO (n. 1996). Membro supranumerário dos Colóquios. Frequenta o 10º ano da Escola Secundária da Ribeira Grande (Humanidades) em São Miguel, Açores.

Apesar de muito jovem, desde 2008 tem-se mostrado um excelente assessor como assistente técnico, responsável – entre outras atividades - pela gravação e verificação das Atas / Anais em CD / DVD e milhentas pequenas coisas invisíveis que ele consegue por a funcionar, nas áreas tecnológicas (desde conversão de obscuros tipos de ficheiros e programas ao roaming dos telemóveis / celulares).

Em Bragança 2008 a 2010), no Brasil 2010, Macau 2011, Vila do Porto 2011, Lagoa 2012 desempenhou as funções de sonoplasta e luminotécnico, além de prestar um inestimável apoio informático a todos os oradores, às sessões culturais paralelas e à organização dos colóquios. A ele se devem as gravações dos CD e vídeo homenagens aos autores açorianos.



VILA DO PORTO 2011 /

LAGOA 2012



18. JOÃO MALACA CASTELEIRO, ACADEMIA DAS CIÊNCIAS DE LISBOA. PATRONO DOS COLÓQUIOS DESDE 2007

JOÃO MALACA CASTELEIRO licenciou-se em Filologia Românica em 1961, e doutorou-se em 1979, na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, com uma dissertação em Sintaxe da Língua Portuguesa.



É, desde 1981, professor catedrático na mesma faculdade. Tem lecionado e coordenado a cadeira de Sintaxe e Semântica do Português, no âmbito da licenciatura, e vários seminários nas áreas da Sintaxe, Léxico e Didática, no âmbito do mestrado.

Foi diretor de investigação do Centro de Linguística da Universidade de Lisboa, conselheiro científico do Instituto Nacional de Investigação Científica e presidiu ao Conselho Científico da Faculdade entre 1984 e 1987.

Tem coordenado e colaborado em diversos projetos de investigação e de edição, em Portugal e no estrangeiro, em articulação com organismos como o Conselho da Europa, os Serviços de Educação do Governo de Macau e o Ministério da Educação, entre outros.

É professor convidado na Universidade da Beira Interior, no Departamento de Artes e Letras.

É membro da Academia das Ciências de Lisboa, desde 1979, e foi até 2009 presidente do seu Instituto de Lexicologia e Lexicografia.

Ao longo da sua carreira de professor orientou já mais de meia centena de teses de doutoramento e de mestrado.

Ganhou o Grande Prémio Internacional de Linguística Lindley Cintra, da Sociedade de Língua Portuguesa, em 1981, agraciado pelo Governo Francês com o grau de Cavaleiro das Palmas Académicas, em 1986.

A sua bibliografia, iniciada com a tese de licenciatura em 1961, é constituída por muitas dezenas de estudos dedicados à linguística e à lexicologia. Editou obras como *A Língua e a Sua Estrutura*, *A Língua Portuguesa e a Expansão do Saber*, *Nouvelles perspectives pour l'enseignement du portugais en tant que langue étrangère*, *A Língua Portuguesa em África* e *A Língua Portuguesa no Oriente: do séc. XVI à Atualidade*.

Foi o coordenador do Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea e o responsável pela versão portuguesa do Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa.

Tem participado em congressos e conferências, dentro e fora do país, apresentando e publicando textos científicos.

Assumiu funções institucionais: Conselheiro Científico do Instituto Nacional de Investigação Científica, ao longo de 20 anos, Presidente do Conselho Científico da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa ou Presidente da Academia das Ciências de Lisboa desde 1991.

Para além da sua intensa e produtiva atividade docente, tem dedicado a sua carreira ao estudo da sua língua, e a sua extensa obra de investigação inclui inúmeros livros e artigos científicos.

Assumiu também a responsabilidade por Projetos de Investigação de grande importância, como *Português Fundamental*, *Estruturas Lexo-Gramaticais do Português Contemporâneo*, o *Dicionário eletrónico do Português Contemporâneo* ou o *Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea*.

Tem colaborado na qualidade de Professor Visitante ou de Professor Convidado com diversas instituições, nomeadamente a Universidade de Macau, e dirigido várias Teses de Mestrado e Doutoramento.

O reconhecimento dos seus méritos e do seu trabalho traduz-se em especial no respeito que académicos de todo o mundo têm demonstrado pela sua obra, pelos inúmeros convites para que participe em Conferências e Seminários Internacionais, recebeu do governo Francês o Grau de Cavaleiro da Ordem das Palmas Académicas, julho de 1998.

A 26 de abril de 2001 foi agraciado pelo Senhor Presidente da República Portuguesa com o Grau de Grande Oficial da Ordem do Infante D. Henrique.

É patrono dos Colóquios da Lusofonia desde 2007 e um convicto defensor da adoção do Acordo Ortográfico de 1990 em cuja conceção participou.

Foi nomeado ACADEMICO CORRESPONDENTE DA ACADEMIA GALEGA DA LÍNGUA PORTUGUESA em outubro 2012.

É SÓCIO FUNDADOR DA AICL. E PRESIDENTE DA ASSEMBLEIA-GERAL

TEMA 3.2 "ACHEGAS AO ACORDO ORTOGRÁFICO: SERÃO POSSÍVEIS ALTERAÇÕES NA DUPLA GRAFIA PARA UMA UNIFICAÇÃO MAIS COMPLETA DA ORTOGRAFIA?" MALACA CASTELEIRO, ACADEMIA DE CIÊNCIAS DE LISBOA

Quanto à minha intervenção e apesar do que já tinha manifestado em colóquio anterior, ainda vou falar mais uma vez sobre o Acordo Ortográfico, nomeadamente em relação a eventuais alterações, sobretudo depois da polémica que se levantou, com a decisão da Presidente Dilma de prorrogar o período de transição, a qual levantou uma tempestade num copo de água.

Uma das questões mais contestadas em relação ao Acordo Ortográfico tem sido a dupla grafia, quer entre normas cultas distintas, quer no âmbito da mesma norma culta. Também a dupla acentuação entre a norma luso-afro-asiática e a norma brasileira tem sido largamente criticada.

Passaremos, pois, em revista estas duas questões, fazendo apelo aos argumentos em que nos baseámos na feitura do Acordo e que vêm largamente mencionados na "Nota Explicativa" anexa ao mesmo e veremos se são possíveis alterações e em que medida."

19. JOHN J BAKER, UNIVERSIDADE DE PITTSBURGH, PENSILVÂNIA, EUA, ASSISTENTE PRESENCIAL



PARTICIPOU A PRIMEIRA VEZ NO 17º COLÓQUIO, LAGOA 2012

20. KATHARINE F. BAKER / BOBBY J. CHAMBERLAIN, Ph.D., UNIVERSIDADE DE PITTSBURGH, PENSILVÂNIA, EUA



KATHARINE F. BAKER, tradutora, é natural de Berkeley, Califórnia, EUA, de origem açoriana no lado paterno.

Formou-se na Universidade da Califórnia-Berkeley, ganhou um Mestrado na Universidade de Maryland-College Park, e estudou Português na Universidade de Pittsburgh na Pensilvânia.

Com Diniz Borges traduziu em inglês o romance *I No Longer Like Chocolates* de Álamo Oliveira [2006], o livro *My Californian Friends: Poetry* de Vasco Pereira da Costa [2009], e (também com Bobby J. Chamberlain, Ph.D.) a pequena história *The Portuguese Presence in California* de Eduardo Mayone Dias, Ph.D. [2009]; com Dr. Chamberlain o ensaio "1,500 Visas Via a Volcano" de Álamo Oliveira no livro *Capelinhos: A Volcano of Synergies* de Tony Goulart [2008]; e, com Sandy Ventura os poemas de Gabriela Silva no livro *Ilha* [2007].

Acabou os primeiros rascunhos das traduções do romance *Sorriso por dentro da noite* de Adelaide Freitas (com Dr. Chamberlain e Diniz Borges), da peça *Bocas de mulheres* e da poesia *andanças de pedra e cal* (os dois de Álamo Oliveira); e acaba de começar a traduzir o livro de ensaios *O peso do hífen* de Onésimo T. Almeida, PhD.

Contribui de vez em quando a "Maré Cheia" no jornal californiano *Tribuna Portuguesa*, à revista semestral *AndarILHAgem* e ao *website* das Comunidades (RTP).

Criou e atualiza os *websites*

www.inolongerlikechocolates.com e www.mycalifornianfriends.com.

Participa pela segunda vez nos Colóquios.

Coautor: **BOBBY J. CHAMBERLAIN, Ph.D.**, professor de Línguas e Literaturas Hispânicas na faculdade de Artes e Ciências da Universidade de Pittsburgh na Pensilvânia, é natural de Los Angeles, Califórnia, EUA.



Formou-se na Universidade da Califórnia em Los Angeles (UCLA), donde depois ganhou um doutorado em Português e Literatura Brasileira.

Recebeu duas bolsas Fulbright para fazer pesquisas no Brasil.

É especialista em Literatura Brasileira do século XX.

É autor de um livro sobre a obra de Jorge Amado, coeditor de um dicionário da linguagem informal brasileira e autor de numerosos ensaios sobre autores e teoria literária do Brasil. Foi, durante mais de uma década, o secretário-tesoureiro do Instituto Internacional de Literatura Ibero-Americana.

TEMA 4 / TEMA 5 TRADUZIR OS POEMAS "BERKELEY" E "SÃO FRANCISCO" DE ÁLAMO OLIVEIRA,

KATHARINE F. BAKER, TRADUTORA, MONROEVILLE, PENSILVÂNIA – ORADORA

BOBBY J. CHAMBERLAIN, Ph.D., UNIVERSIDADE DE PITTSBURGH, PENSILVÂNIA – COAUTOR

Álamo Oliveira é um dos artistas açorianos mais aclamados e prolíficos romancistas, poeta, dramaturgo, letrista, ensaísta, orador, fundador-diretor teatral, pintor.

Muitas vezes Álamo viajou à Califórnia; na verdade, a maioria do seu romance Já não gosto de chocolates [1999] se realiza no "estado dourado", onde os protagonistas terceirenses se enraizaram.

Os poemas "berkeley" e "são francisco" do seu livro andanças de pedra e cal [2010] também foram inspirados pelas peregrinações do autor na Califórnia.

Álamo compôs "berkeley" [junho de 2002], homenagem à cidade universitária, logo depois de voltar à Terceira da Universidade da Califórnia em Berkeley, onde serviu naquela primavera como escritor residente no Departamento de Português.

Em "são francisco" [maio de 2001], Álamo evoca com toda a afeição muitos dos renomeados ex-líbris da "cidade pela baía".

TRADUZIR OS POEMAS "BERKELEY" & "SÃO FRANCISCO" DE ÁLAMO OLIVEIRA, Katharine F. Baker – University of Pittsburgh, Pennsylvania, USA Bobby J. Chamberlain, Ph.D. – University of Pittsburgh, Pennsylvania, USA

VER POWERPOINT

Fig. 1: Capa, andanças de pedra e cal.¹



Fig. 2: Reportagem, "Universidade de Berkeley [sic] é um mundo fascinante".²

DIÁRIO INSULAR

Journal Diário - Temas - MÓDRES
Ano LXI, N.º 1059
9 de Maio de 2002
Preço € 0,9
Informações:
<http://www.diarioinsular.com>

Fundado em 1946 Director: José Lourenço

Quinta-feira

Experiência de Álamo Oliveira

Universidade de Berkeley é um mundo fascinante

O escritor Álamo Oliveira esteve na Universidade de Berkeley (Estados Unidos) para falar da sua escrita na sequência de um convite do departamento de Português. Durante um mês, Álamo Oliveira teve a possibilidade de ver de perto a realidade de uma das principais universidades dos Estados Unidos. O escritor terceirenses encontrou uma universidade perfeitamente integrada numa cidade que se orgulha de ser o barómetro político da América.

Primeira Coluna
Lá vai Lisboa...

Página 6

Fig. 3: Reportagem, “Impressões sobre uma experiência vivida na Universidade de Berkeley [sic]”.³

quinta-feira **Região** 9 de Maio de 2002

Álamo Oliveira esteve um mês na América

Impressões sobre uma experiência vivida na Universidade de Berkeley

Uma cidade que ama a sua universidade

Como exemplo do sucesso das iniciativas da intensa actividade cultural Berkeley, Álamo Oliveira apresentou o caso de uma conferência da professora de Linguística Nolan Chomsky que registou duas vezes um auditorio com capacidade para 1.200 pessoas, tendo-se formado filas para comprar o bilhete em virtude de não conseguirem pagar de ano.

As aulas nunca cessam em Berkeley antes das nove da manhã, mas lá não quer dizer que o dia para o aluno tenha início a essa hora.

Para fazer face às despesas na universidade, os dias para muitos alunos começa por volta das cinco da manhã, com emprego em part-time como a recolha de lixo, limpeza de casas ou a servir pequenos almoços.

Não foram poucas, o professor apenas indica a maioria que vai ao trabalho, a respectiva bibliografia é esmagadora e o prazo para os alunos apresenta-se em seus computadores.

Tendo em conta que esse modo de vida não é fácil, muitos alunos não conseguem pagar a matrícula em Berkeley. Porém, que dia trancou quase 24 horas por dia para encerrar o que não foi bem sucedido.

“A Universidade de Berkeley é um mundo enorme onde apesar de toda a pressão, os alunos sabem que podem participar em actividades suas. Assim também incentivam a mostrar a sua cultura de origem”, refere Álamo Oliveira.

Como exemplo do sucesso das iniciativas da intensa actividade cultural Berkeley, Álamo Oliveira apresentou o caso de uma conferência da professora de Linguística Nolan Chomsky que registou duas vezes um auditorio com capacidade para 1.200 pessoas, tendo-se formado filas para comprar o bilhete em virtude de não conseguirem pagar de ano.

As aulas nunca cessam em Berkeley antes das nove da manhã, mas lá não quer dizer que o dia para o aluno tenha início a essa hora.

Para fazer face às despesas na universidade, os dias para muitos alunos começa por volta das cinco da manhã, com emprego em part-time como a recolha de lixo, limpeza de casas ou a servir pequenos almoços.

Não foram poucas, o professor apenas indica a maioria que vai ao trabalho, a respectiva bibliografia é esmagadora e o prazo para os alunos apresenta-se em seus computadores.

Tendo em conta que esse modo de vida não é fácil, muitos alunos não conseguem pagar a matrícula em Berkeley. Porém, que dia trancou quase 24 horas por dia para encerrar o que não foi bem sucedido.

“A Universidade de Berkeley é um mundo enorme onde apesar de toda a pressão, os alunos sabem que podem participar em actividades suas. Assim também incentivam a mostrar a sua cultura de origem”, refere Álamo Oliveira.

Trata-se de uma cidade onde os alunos vivem em condições de vida muito boas. Há muitas opções de alojamento e o custo de vida é muito baixo. Há muitas opções de alojamento e o custo de vida é muito baixo. Há muitas opções de alojamento e o custo de vida é muito baixo.

Trata-se de uma cidade onde os alunos vivem em condições de vida muito boas. Há muitas opções de alojamento e o custo de vida é muito baixo. Há muitas opções de alojamento e o custo de vida é muito baixo.

Trata-se de uma cidade onde os alunos vivem em condições de vida muito boas. Há muitas opções de alojamento e o custo de vida é muito baixo. Há muitas opções de alojamento e o custo de vida é muito baixo.

“Berkeley,” traduzido por Katharine F. Baker e Bobby J. Chamberlain, Ph.D.

1. first the mythic space only imagined a certain desire almost sexual in its power. then the actual allure of something that flows through the shaded byways of the dream.

the oak bent over with age is now the solace of lovers and nothing is more universal than the university of love.

spring arrives.
freedom is perpetually in bloom.

2. the campanile is a beacon of sound
that aids compassless castaways.
it is the hub from which all the disciplines emanate
without which it is impossible to debate
chomsky's biological linguistics
or césar Chávez' onomastic presence.

the campanile presides over the people's republic
of berkeley and freedom is a cry that burns
like the olympic torch of emotion.

oh how can you not walk along telegraph avenue
with your unadorned joy waving like a flag.
june 2002

“berkeley”⁴

1. primeiro o espaço mítico apenas adivinhado
um certo desejo quase sexual de posse.
depois o fascínio real de algo que escorre
pelos atalhos assombrados do sonho.

o carvalho tombado pela idade é agora o conforto
dos namorados e nada é mais universal
que a universidade do amor.

começa a primavera.
a liberdade está sempre em flor.

2. a campanila é um farol de som
que ajuda os naufragos sem bússola.
é o eixo de onde partem todas as ciências.
sem ela não é possível discutir
a linguística biológica de chomski
nem a presença onomástica de cesar chavez.

a campanila é a presidente da república popular
de berkeley e a liberdade um grito que arde
como chama olímpica do afeto.

ah como não andar pela telegraph avenue
com a nudez da alegria içada como bandeira.
junho, 2002

Fig. 4: A cidade de San Francisco, com a Baía, a Ponte Golden Gate, e no fundo a Ilha de Alcatraz.⁵



“san francisco,” traduzido por Katharine F. Baker e Bobby J. Chamberlain, Ph.D.

no one knows if san francisco likes hippies
or not.
it likes birds flowers in its hair
and its wolf brother.
it carries tourists on cable cars
and in chinatown sells smoky incense
to ward off the smells the cocaine.

on the golden gate it sings make love not war
and everyone believes alcatraz is a hotel
for suicidal poets.
it is troubled that its temblors are san andreas' fault
and that california is a desert overrun with people.
the entire year is holy in san francisco and
sometimes the pacific is not so very.

no one knows if it likes hippies or not.
san francisco is more than a gay stigma
abandoned in the sorrow of history.
may 2001

“são francisco”⁶

ninguém sabe se são francisco gosta de hippies
ou não.
gosta de pássaros de flores no cabelo
e do seu irmão lobo.
anda de elétrico com turistas
e no chinatown vende essências de fumo
para esconjuram os cheiros a cocaína.

canta na golden gate make love not war
e todos acreditam que alcatraz é um hotel
para poetas suicidas.
cisma que os sismos são falhas de santo andré
e que a califórnia é um deserto muito cheio de gente.
todo o ano é santo em são francisco e
por vezes o pacífico não é tanto.
ninguém sabe se gosta de hippies ou não.
são francisco é mais do que um estigma
gay abandonado no desconforto da história.
maio, 2001

[ligação ao PowerPoint](#)

10 conselhos para fazer traduções mais eficazes:⁷

1. Primeiro, não faça mal.
2. A lealdade principal do tradutor devia ser com o autor. Não hesite em consultar o autor ou outro perito para pedir conselho, ou pesquisar qualquer pergunta que surja na obra.
3. Seja exato; não mude nada sem permissão.
4. Procure conseguir que o seu próprio estilo de escrever e tom de voz concordem com os do autor.
5. Mantenha todas as figuras de linguagem, jogos de palavras, imagens verbais e técnicas literárias, a não ser que fazer assim danifique uma tradução ou seja impossível.
6. Não retraduz a nenhum trecho já traduzido; em vez disso cite o original.
7. Evite duplo sentido não intencional.
8. Conserve referências culturais se for possível.
9. Dentro dos limites de prazo final e de tempo disponível, reveja e reescreva a tradução tanto quanto possível.
10. Faça que o texto final pareça como se o autor originalmente o escrevesse no idioma em que se destine.

21. LAURA AREIAS, CLEPUL, UNIV DE LISBOA



LAURA AREIAS, nasceu em Portugal. PhD, Tulane University, Louisiana.

De 1884 a 2011: Leitora do Instituto Camões em Budapeste, Copenhaga, Nova Orleães (EUA); Professora convidada em Baucau (Timor Leste) e Porto Rico.

Obra publicada sobre Fernando Pessoa, Cesário Verde, e a expressão literária da insularidade num atlântico lusófono.

Conferências, artigos em revistas e livros de circulação internacional, sobre temas portugueses, brasileiros e africanos.

Membro da AIL desde 1999, fundadora da International Society for Luso-hispanic Humor Studies em Filadélfia, 1996 / 7 e integra ao Grupo 6 do CLEPUL desde 2008.

Adaptadora e encenadora de textos literários para Teatro de Fantoches.

[PARTICIPA PELA PRIMEIRA VEZ](#)

[TEMA 1 "OS ANSEIOS DAS INSULANAS".](#)

Os anseios das insulanas

transpõem o azul do mar

cismam no verde das ilhas

e passam de mães para filhas

essa ânsia de voltar.

Lisboa, 24 de dezembro, 2012.

Os grandes motores de fuga das Ilhas dos Açores, para o continente norte-americano – Terra Nova, Canadá, Califórnia, Costa Leste - foram a pesca da baleia no século XIX, a erupção do Vulcão dos Capelinhos com a ajuda às vítimas por parte dos USA que deu visto de trabalho e residência a 2500, a par de muitas famílias açorianas já radicadas que terão socorrido os parentes que haviam deixado na Ilha, e o exílio a que levou jovens oponentes à Guerra Colonial, nos anos 60. O mar passou a ser aquele que oprime e que liberta, dependendo do ponto de vista. Para alguns teóricos da insularidade, António Pedreira, António Benitez Rojo ou Onésimo T. Almeida, o sentimento de insularidade / marginalidade, o clima e a paisagem, definiram um modo de ser, uma literatura, a música.

Ficaram as mulheres, crianças e velhos. Vozes destas viúvas a haver, corporizaram os seus anseios na imprensa da qual pretendo destacar o *Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro*, editado em Lisboa de 1851 a 1932, divulgado e lido em todos os cantos do império, desde a metrópole e ilhas adjacentes, da África à Índia, Timor e Brasil - repositório de coisas de Almanaque, e muito mais. Nas "Curiosidades" as senhoras publicaram para todo o mundo lusófono, que ainda se chamava Portugal continental, insular e ultramarino, sobretudo versos – bons poemas pois que eram submetidos à apreciação do Editor - para deleitar e ensinar, agradecer panegíricos, exaltar artistas, dar loas a efemérides, sem ofender ou pôr em causa o *status* – preceitos do primeiro editor, Visconde de Castilho, definidos logo da sua estreia. Nas décadas de 80 e 90 do século XIX, Filomena Serpa e Alice Moderno, de São Jorge e de São Miguel, respetivamente, publicam bem e abundantemente, num ritmo quase anual. As marcas de insularidade, dessa "solidão do mar e da pedra" de que tão bem sofreu Vasco Pereira da Costa, terceirense ao longe, não vão, na primeiras delas, muito além de poemas pela busca de um sonho, da fuga a uma pálida existência sem horizontes (1886) – que tanto pode ser metáfora da condição da mulher independentemente da geografia, como o isolamento geográfico insular; os nevoeiros dos dias pesados e brumosos e o frio cortante do inverno, o granito donde desabrocha uma flor rosada (*ALLB* de 1887). Motivos como o mar incansável, a vaga que sucede a outra vaga, são termos de comparação para a esperança (*Idem*, 1889). No entanto a autora tem a ousadia ou liberdade de dedicar, tanto a homens como a um tu lírico, feminino, poesias de amor.

Quanto a Alice Moderno, que publica o seu primeiro livro de poemas aos dezoito anos, *Aspirações*, em 1887 nas suas "Horas de spleen" - a remeter para leituras vanguardistas europeias da autora - há apenas o pressentimento de uma morte consequente de uma indiferença de amor. Em 1889 busca uma ilha, a Quimera, a capital o Sonho e onde reina o Amor. Já para o final do século (1894) usa, como a sua companheira de lides, as mesmas metáforas: sol / mar, vaga / areia, para as confissões do amor. Nos inícios do século XX, (1904) Alice Moderno glosa um soneto de Camões, depois contem o

pranto disfarçado em sorriso, pranto que não ousa derramar por alguém de quem se separa – sendo aqui uma mulher apenas que se confessa, vítima de opressão, censuras, mal-estar social.

Mariana Belmira Andrade na mesma época compõe poesia social, com brados à Liberdade, luz do futuro – terminando a vida artística do ALLB. Ressalta desta amostra – são mais os homens açorianos que colaboram – que essa condição de opressão, de marginalidade e solidão que o mar separa do mundo conhecido e se repetiu por séculos, como a viu João Medina ou Benitez Rojo, não se demarca da condição de mulher. É de notar que os elementos água / mar, nevoeiro / brumas são marcantes, a ânsia de viver longe um amor grande quanto pequena e mesquinha é a terra que o constrange, é também significativa. Mas o lirismo em sonetos decassílabos ou alexandrinos, os poemas mais longos, não diferem muito do lirismo um pouco estereotipado, de um romantismo tardio, ou de bagatelas, no sentido que o latino Catulo lhe deu ao escrever as suas *Nugae*, que banham todo o ALLB, da pátria a outras paragens longínquas em que muitas centenas de poetas quiseram fazer-se ouvir.

Um salto enorme para o fim do século e para a mentalidade da mulher insulana. Ensei no final dos anos 90, na Califórnia, na Universidade de Turlock, às sobreviventes do Vulcão dos Capelinhos, aos seus descendentes e foi um deslumbramento: a tenacidade, a esperança, uma saudade de uma terra que não lhes deu o lugar que foram encontrar numa América generosa. De 6 vacas no quintal passaram para 600 e à posse de uma “vacaria”; do analfabetismo almejavam escrever poesia que me davam para apreciar e corrigir, e mandavam as filhas à pátria, que guardavam cristalizada na memória, com bolsa para os cursos de verão das universidades portuguesas, para não esquecerem a língua e as raízes.

Foi num desses momentos inesquecíveis dos anos 90, na 10ª Ilha – pedaço de Portugal rodeado de América por todos os lados, a definição é de Onésimo T. Almeida - que conheci Gabriela Silva, 47 anos, professora primária aposentada, participante nesse encontro anual da diáspora, *Filamentos da Herança Atlântica*, em Tulare, Califórnia, da responsabilidade generosíssima de Diniz Borges e sua mulher Nivéria. Durante 4 dias, ilhéus, continentais, conceituados académicos da diáspora, lusodescendentes professores e alunos, pais, vizinhos e amigos, celebram rituais religiosos, tradições, cozinham e comem sopa do Espírito Santo, assistem à missa e à tourada, ouvem os músicos das Ilhas, lançam livros e CDs, inauguram exposições, desfilam com a Rainha e as aias da Herança Portuguesa, porque tudo é cultura, “é estar na ilha estando em Tulare”. Gabriela escreveu a última ATA e compôs o livro que me pôs nas mãos nessa 11ª edição do Symposium, em 2001, ano do nosso encontro: *I love Califórnia*. É uma coleção de postais em que a fotografia é da sua parceira de sonhos coloridos em papel, Sandy Ventura, luso-americana como o nome atesta, de segunda geração, “Palavras a Cores – Postais das Flores” e as palavras, no verso, são poemas, farrapos concisos da sua prosa poética, em germen, que dará à estampa em 2006, em parceria, no *Concerto a quatro mãos* – as duas dela e as duas de Américo Teixeira Moreira.

Não se é impunemente mulher e ilhoa, porque os sonhos de liberdade, de valorização, de construção, de solidariedade são os de um ilhéu confinado a meia dúzia de km² de terra pouco firme por causa dos vulcões e terramotos, sob e sobre o azul infindo, sobrepujado de nevoeiros. Dividido / a entre a vontade de resistir ou partir e de chegar. Por isso na sua obra são estas as duas linhas mestras: a realização do sonho americano, de menina: “Ilha: / Só isto. / O céu fechado / Uma ganho pairando. / Mar. / E um

barco na distância / Olhos de fome a adivinhar-lhe à proa / Califórnia perdidas de abundância”, poema que introduz *I love Califórnia*. E a explosão de gritos abafados de mulheres incompletas que masturbam o espírito com telenovelas, mulheres parideiras com marido embarcado, filho ranhoso na tasca a beber, à espera... mas também capítulos-ode às heroínas insulanas.

“Não é culpa minha gostar de rasgar o mar azul e tépido, em braçadas de luxúria e de prazer porque o mar sempre foi meu companheiro de vida e de luto, desde que nasci na ilha...”

“Não é culpa minha ser uma mulher dividida porque eu tenho tanta gente longe de mim, que não posso abraçar quando quero, que já faz parte de nós este viver em todo o lado e em parte nenhuma...” (2001,45)

As ilhas mudaram. Embora confinadas ao seu imutável perímetro geográfico, modernizaram-se, em serviços, oferta, poder de compra, influxo turístico, velejadores de todo o mundo, meios de comunicação com os outros continentes, acesso à instrução, modernização da agricultura e maior abundância. Televisão, máquinas domésticas e não só, casa de banho, até! A internet quase fez esquecer esse sentimento insular da solidão. A necessidade de emigrar que parecia ter-se esbatido até há pouco, deixa-nos em suspenso...

Gabriela partiu e optou por voltar. Pela Mãe, porque acreditou que era preciso resistir, sonhar, esperar, aprender a ficar, devolver o corpo à terra ou ao mar. E ficando, nos verdes dos seus musgos, azuis das hortênsias, rosa das rosas, na cegueira dos nevoeiros, a sua voz encontrou outros canais em que já não se pede que apenas entretenha os leitores, pois a consciência social e política, a abolição da censura e sobre tudo a coragem de intervir, inspirou uma simples professora, cheia de genica. Visitei mais que uma vez aquela professora endiabrada, de vida sempre a ponto de transbordar como “um turbilhão de lavas interiores latentes” na iminência de brotar, na sua ilha das Flores. Concretizámos projetos que não acabam mais porque os Açores deixam em nós uma marca indelével.

Mulher sem rosto, é uma homenagem a todas as mulheres – há sempre uma frase que se dirige a qualquer uma de nós – a quem deixa uma mensagem positiva, de esperança, em que encontrem novas formas de luta, a tolerância, o amor, a perseverança; para que muitas mulheres conquistem o direito à independência e liberdade. O livro é para as mulheres e para os homens que saibam amar, gostar, respeitar, admirar as mulheres. Não há dúvida de que a maior “arma” que a autora valoriza sobre todas as outras é o amor. A feminilidade resolve-se na maternidade ou, como alternativa, na entrega aos outros.

O entusiasmo pela sua condição de mulher, que confessava nos anos 2001, vai-se tornando cansaço, dor, porque amar dói muito. O seu cansaço não tem a ver com a ilha, é um cansaço feminino universal: “estou cansada de gente importante e mentirosa” (2007, 37) ... Mulher sozinha rodeada de gente, mulher pobre de mimo, solitária de medo, rodeada de mar e coragem, que não sabe usar a seu favor a corrente forte do tempo que passa...

Na primeira pessoa, dá voz à mulheres traídas, mal-amadas, alcoólatras, desrespeitadas. Sobre tudo dá voz à solidão, conseqüente de tudo isso. A que fugiu de casa: abandonou marido e filhos em nome de um ódio e de um tédio, tão grandes, que se sobrepõem ao medo do desconhecido, ao pranto, e usa uma quase sinestesia que lembra o místico Frei Agostinho da Cruz ao dizer que a “fuga” é fingir que não se vê, que

não se ouve, que não se sente (*Id.*, 46). Todavia as suas comparações e metáforas assentam na linguagem telúrica ilhoa, ao trocar o marido insensível e brutamontes por um amante, trocou apenas de vacas e de agulhão ou recorda, como seu, o salto dos seus companheiros baleeiros de destino para uma terra enorme de língua estranha (este óbice é uma constante na escrita sobre emigração insular em geral, leia-se a título de exemplo *(Sapa)teia Americana* de Onésimo Teotónio Almeida), citando Gabriela Silva: “tu não sabes o ódio que uma mulher tem que sentir para fugir. (...) Fugir é vencer o medo, é reprimir o pranto, é fingir que não se vê, que não se ouve, que não se sente...” (*Id.*, 46)

A Mulher cansada de ser “a outra” até que saiu da relação porque lhe perderam o respeito, porque não partilhou nada viveu só a vida dele – parece tão banal, todavia tão comum...; a mulher maternal cujo amigo o psiquiatra Hugo, homossexual, se suicidou por falta de amor. Mas é também um pouco pedagoga – ou não fosse o magistério uma “arte” entranhada no nosso ser – quando ensina a lidar / aprender com idosos, ou a vencer o vício do álcool como fuga para abandono e solidão, já à beira do abismo que parecia inevitável.

Finalmente o maior louvor, impossível não o ser depois do que se apreende da análise, às mulheres-mães, mulheres-tias, mulheres-avós, mulheres-professoras, mulheres-amigas. Todas irmanadas pela dádiva ao semelhante. São estas as suas heroínas, as mulheres da Ilha que no seu quotidiano se distinguiram por uma grandeza de espírito maior que Joana d’Arc ou a Padeira de Aljubarrota. Ali o heroísmo não se define pela saída temporária da esfera familiar, doméstica da mulher, para o domínio do masculino, como a guerra, a cruzada, a defesa ou a vingança em que há como valores a força, a liderança, enfim atributos de masculinidade (citando Laura Areias e Valnice Pereira Galvão). As ilhoas são heróis na aceitação do seu destino, na determinação de parir e depois criar os filhos sozinhas, na sua compostura religiosa, moral e ética, na dedicação aos seus e à comunidade – de que a professora primária da narradora é um dos exemplos mais comovedores. Porque na Ilha são todos uma família e a solidariedade é um ponto de honra. No olhar cheio de ternura de Gabriela Silva pelas mulheres suas companheiras, não há qualquer sombra de menosprezo, a partir seja de quem for, para com as “solteironas” – socialmente estigmatizadas porque se enquadram fora da ordem natural, sendo um perigo para o equilíbrio da sociedade (Cláudia Maia). Tias por consanguinidade ou tias por laços, todas têm uma missão de criar ou ajudar a criar os sobrinhos-filhos pois que as crianças querem-se juntas, nas brincadeiras, nas refeições, nas tarefas de casa e da escola, para que se criem afetos para a vida inteira.

Os últimos capítulos, dedicados à avó e à própria mãe, D. Emília, com quem eu mesma convivi, são um hino à sagesa, à tolerância, ao saber viver e conviver, em suma, a uma forma sublime de se dar e de amar...

Gabriela tem à data um número considerável de publicações, com particular relevo para a utilização e divulgação nas redes sociais, que analisarei na próxima oportunidade, já certa, de escrever sobre os Açores. Distingui as que acabei de apresentar pelo seu significado no âmbito deste Encontro, pela espontaneidade que lhe é tão peculiar e pelo encanto que ela pôs ao escrever os seus anseios... de insulana.

LISBOA, 17 de fevereiro, 2013

Bibliografia

ALLB, Lisboa, 80 vls, 1851-1932

Areias, Laura. *Ilhas riqueza, ilhas miséria*. Lisboa, Novo Imbondeiro, 2002
Galvão, Valnice Pereira, *Gatos de outro saco*, São Paulo, Editora Brasiliense,

1981

Glöcker, Ralph Roger, *Viagem vulcânica – Uma saga açoriana*, Lisboa, Temas da Atualidade, 1996

Maia, Cláudia, *A invenção a solteirona*, Ilha de Santa Catarina, Editora Mulheres, 2011

Silva, Gabriela, *I Love California*. Ponta Delgada, Direção Regional das Comunidades, Açores, 2001

-----, *Concerto a quatro mãos*, Matosinhos, Edições Triunvirato 2006

-----, *Mulher sem rosto*, Quinta do Conde, Contramargem, 2007.

22. LOURDES MATIAS, PORTUGAL, ASSISTENTE PRESENCIAL

23. LUCIANO PEREIRA, DEPARTAMENTO DE LÍNGUAS DA ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO, SETÚBAL, PORTUGAL

[LUCIANO JOSÉ DOS SANTOS BAPTISTA PEREIRA, \[luciano.pereira@ese.ips.pt\]\(mailto:luciano.pereira@ese.ips.pt\)](mailto:luciano.pereira@ese.ips.pt)



Licenciado em Línguas e Literaturas Modernas (Português / Francês); Mestre em Literaturas Medievais Comparadas; Doutor em Línguas e Literaturas Românicas

- Provas Públicas para Professor Coordenador

1. Comunicações e artigos:

- *L'interculturel, l'audiovisuel et l'enseignement des langues*
- *As cores da língua portuguesa como expressão de cultura*
- *A cultura açoriano-atarinense na obra de Franklin Cascaes*
- *Paiva Boléo e a cultura açoriano-atarinense.*
- *A representação da Ilha na literatura de temática açoriana*
- *A representação da Arrábida na literatura portuguesa*

2. Ensaios:

- *O universo do imaginário*
- *Os bestiários franceses do Século XII*
- *O bestiário e os contos tradicionais portugueses*
- *A fábula em Portugal*

3. Unidades Didáticas para alunos do Ensino Complementar da Língua Portuguesa na Alemanha (em colaboração):

- A cidade
- O mundo das línguas

EXPERIÊNCIA PROFISSIONAL

- Professor do Ensino Secundário. (Setúbal, 1982 / 1986)
- Formando, Orientador pedagógico, Assistente, Professor Adjunto e Professor Coordenador (Escola Superior de Educação de Setúbal, 1986 / 2010)
- Colaborador da Divisão do Ensino do Português no Estrangeiro da Direção Geral de Extensão Educativa (1990 / 1995)
- Coordenador do Ensino da Língua e Cultura portuguesas - Embaixada de Portugal em Bona (1995 / 1996)
- Coordenador do Departamento de Línguas da Escola Superior de Educação de Setúbal (2002 / 2005 e 2010)
- Vice-Presidente do Conselho Diretivo (2005-2008)

Presença nos Colóquios desde a primeira edição em 2002.

SÓCIO FUNDADOR DA AICL / MEMBRO DO CONSELHO FISCAL DA AICL

TEMA 3.6 A VALORIZAÇÃO DO TRABALHO NO CONTEXTO DO ENSINO DA LÍNGUA E CULTURA

PORTUGUESA

LUCIANO PEREIRA, Professor Coordenador ESE / INSTITUTO POLITÉCNICO DE SETÚBAL

Em todos os meus projetos de formação sempre privilegiei a formação integral do aluno, inserindo as minhas preocupações linguísticas no contexto mais vasto do seu desenvolvimento psicossocial e cognitivo.

Não será portanto de espantar a minha preferência pelas estratégias lúdicas em que a componente pragmática da língua se insere no espaço mais vasto do fenómeno comunicativo, alargando a componente cultural às mais diversificadas atividades humanas, articulando o mundo do trabalho, das realidades sócio - económicas e das preocupações ecológicas com o mundo do imaginário, do sonho e da expressão estética.

Às perspetivas historicistas acrescentei sempre as preocupações contemporâneas das diferenças sociológicas e regionais.

Do objeto de estudo que sempre constituiu a nossa língua, a nossa sociedade, e o nosso território nacional, fui paulatinamente criando um novo objeto que se definia pelos fenómenos respeitantes às comunidades portuguesas e as nações que partilhavam a língua e as culturas que, em conjunto, construímos.

O espaço de formação tornava-se assim num espaço de troca de experiências, de isomorfismos pedagógicos e de investigação / ação, procurando inovar e renovar os processos de trabalho, na produção de saberes e atitudes mais consentâneas com as exigências das nossas sociedades cognitivas coevas.

Em todas as minhas formações, em todos as pesquisas que orientei, no contexto das mais diversas disciplinas de Língua e Literatura, tive o cuidado de valorizar, de forma

lúdica mas séria, o trabalho e o esforço, enquanto geradores de riqueza, coesão social e estruturação psicossocial do indivíduo.

Reitero, aqui, todo o meu entusiasmo numa formação que exorcize as angústias de um futuro alienante e desprovido de esperança, que contribua para a plena realização pessoal de cada um e para a coesão de cada uma das nossas comunidades.

Antes de proceder à apresentação deste percurso pedagógico gostaria de lembrar algumas das pessoas que ao longo da minha vida transmitiram-me o apreço pelo trabalho e pela importância da transmissão da sua valorização. Aos meus avós, que me ensinaram a gostar do campo e das suas tradicionais fainas desde a pastagem à ordenha, da sementeira à colheita, Com eles, aprendi o gosto dos espargos selvagens, o gosto dos mísscaros e a delícia das túberas. O meu avô paterno ensinou-me a arte do barbear, o gosto pelas pequenas cirurgias e pelos segredos da cosmética. O meu pai nunca se vangloriou muito, nem pela sua passagem pela cavalaria em Estremoz, sua cidade natal, nem pelos serviços prestados à nação, enquanto agente de polícia, num período em que tais atividades mal conviviam com a consciência de um cristão praticante, devoto e dedicado. Ensinou-me o gosto pelas viagens e pelos comboios, a tristeza da ausência e da emigração, o gosto pelas outras culturas, a importância da aprendizagem e o respeito pelos autodidatas que sobem literalmente a pulso até merecerem o reconhecimento pelas suas competências e qualidades. A minha mãe ensinou-me o gosto pelo ensino, pelas crianças e pelos velhinhos. Com eles aprendi que o único ensino verdadeiramente útil era o ensino do esforço e do trabalho, que era nele que residia o gosto e a alegria do crescimento e do desenvolvimento:

“Os filósofos que especularam sobre o significado da vida e o destino do Homem, não repararam bem que a natureza deu-se ao trabalho de nos esclarecer acima de si mesma. Advertiu-nos por uma marca precisa que o nosso destino havia sido alcançado. Essa marca é a alegria.

(...)

Mas a alegria anuncia sempre que a vida foi bem-sucedida, que progrediu, que alcançou uma vitória: uma alegria grande tem um tom triunfal. Ora se atendermos a essa indicação e se seguirmos essa nova linha de factos, acharemos que por toda a parte onde houver alegria há criação: quanto mais rica for a criação, mais profunda será a alegria...”³⁸

Permitam-me, neste contexto, expressar uma especial palavra de simpatia ao Senhor Professor Doutor Armindo Rodrigues, Professor da Escola Superior de Educação de Lisboa com quem preparei e executei uma ação de formação, coordenada pela Presidente do Conselho Diretivo de então, a Senhora Professora Doutora Amália Bárrios, subordinada ao tema: O Mundo do Trabalho em Portugal, e que constituiu o maior incentivo para a elaboração de um jogo educativo e pedagógico da autoria da Dr.^a Maria Manuela Moreira Araújo Strehl³⁹. Gostaria de sublinhar o empenho que a Senhora Professora Doutora Amália Bárrios colocou na sua publicação e, mais uma vez, expressar a minha gratidão pelo convite que a autora me dirigiu para, em breves palavras, fazer uma apresentação do seu trabalho e do seu processo de produção, enquanto fruto de uma estratégia de formação de professores manifestando também,

³⁸ Bergson – La conscience de la vie. (1911) in L’Energie spirituelle. Paris, 1922, p. 24, citado por Jaccard, P. – História Social do Trabalho. Círculo dos Leitores, s. d. , p. 341.

³⁹ Strehl, M. M. A. – O Jogo na Educação. O Mundo das Profissões. E tu o que vais ser? Lisboa: Escola Superior de Educação, 1997.

desta forma, o seu apreço pelo trabalho que durante sete anos me possibilitou o acompanhamento dos professores de Português em exercício na Alemanha, enquanto colaborador permanente do Núcleo do Ensino Português no Estrangeiro do Departamento do Ensino Básico e enquanto Coordenador Pedagógico do Ensino Português junto da Embaixada em Bona.

Em toda a minha prática privilegiei sempre a formação integral do aluno inserindo as preocupações linguísticas no contexto mais vasto do seu desenvolvimento psicossocial. Deste modo, o ato pedagógico encontrava a sua real expressão no conjunto dos processos de aprendizagem e do seu desenvolvimento cognitivo. Não será portanto de espantar a minha preferência pelas estratégias lúdicas em que a componente pragmática da língua insira-se num espaço mais vasto do fenómeno comunicativo, alargando a componente cultural às mais diversificadas atividades humanas, articulando o mundo do trabalho, das realidades sócio - económicas e das preocupações ecológicas com o mundo do imaginário, do sonho e da expressão estética. Às perspetivas historicistas acrescentámos as preocupações contemporâneas das diferenças sociológicas e regionais. Do objeto de estudo que sempre constituiu a nossa língua, a nossa sociedade, e o nosso território nacional, fomos paulatinamente criando um novo objeto que se definia pelos fenómenos respeitantes às comunidades portuguesas e as nações que partilhavam a língua e as culturas que em conjunto construímos.

O espaço de formação tornava-se assim num espaço de troca de experiências, de isomorfismos pedagógicos e de investigação / ação, em íntima articulação com o espaço letivo, procurando inovar e renovar os processos de trabalho, na produção de saberes e atitudes mais consentâneas com as exigências das nossas sociedades cognitivas coevas.

Em todas as minhas formações e em todos as pesquisas que orientei no contexto das mais diversas disciplinas de Língua e Literatura, tive o cuidado de explicitar alguns conceitos filosóficos sobre a relação entre o trabalho e a formação, o trabalho e a comunicação, o trabalho e a língua, o trabalho e o jogo, em suma o trabalho e a construção psicossocial do indivíduo.

O mundo do trabalho deverá ser sempre um dos temas privilegiados para projetos de investigação transdisciplinares. No contexto da Ética, basta lembrar o conceito aristotélico do trabalho enquanto autoconstrução do Homem. O Homem assume-se enquanto ação e obra; produto, produção e produtor. O Homem constrói-se num processo de assimilação e acomodação, isto é, num processo de verdadeira adaptação no seu sentido mais ecológico, enquanto respeitador do seu meio ambiente e do outro, que constitui parte da sua identidade social.

O pensamento filosófico contemporâneo de forte cariz social (Habermas, Michel Henry, Petrovic, Kongsik,) encara a dimensão económica do trabalho como um espaço reificado, alienante e alienado, anti-humano e antifilosófico. Já em 1848, o socialista francês, François Vidal, denunciava a ilusão daqueles que tinham considerado a liberdade do trabalho como suficiente para dar ao operário a garantia do direito à existência:

“O pauperismo, flagelo de origem recente, é a consequência inevitável do assalariado e da concorrência, da nova condição dada às classes laboriosas neste maldito regime a que erradamente se chamou regime da liberdade do trabalho. Em todos os tempos houve pobreza accidental. Mas antigamente a pobreza recrutava os seus tristes legionários entre os que não estavam em condições de trabalhar. Hoje, o pauperismo recruta-os entre os operários válidos, honestos, laboriosos, entre os trabalhadores em emprego da agricultura e da indústria. O pauperismo é a miséria tornada crónica e hereditária, é o estado permanente do assalariado sem trabalho e mesmo do que trabalha.”⁴⁰

A escola deve proporcionar ao aprendiz experiências de trabalho gratificante, enquanto formas de realização pessoal e refletir sobre a dimensão económica do trabalho, enquanto geradora de maior justiça, solidariedade e felicidade. Em termos reais e sociais não existe vida sem trabalho. A vida repousa no trabalho, tal como o trabalho dá sentido à vida. A história da humanidade é a história do trabalho. A escola deve contribuir para a eliminação das desigualdades sociais, para a eliminação do trabalho alienante, porque estão, de facto, criadas as condições históricas e materiais para que o trabalho seja sinónimo de percurso de maturação individual e social.

Embora não seja uma das temáticas mais retratadas, o mundo da literatura não lhe podia ficar indiferente. O trabalho literário, enquanto produção textual, ou produção de sentidos através da escrita e da leitura, é frequentemente associado ao ato de produção e transformação pessoal e social. O género narrativo, e em especial os contos e os romances, tem uma especial aptidão para a representação da dimensão económica e social do trabalho. O classicismo e o humanismo idealizaram as profissões campestres em “locii amoenii”, numa estereotipada “aurea medicritas”; o romantismo, prolongando-se pelos contos naturalistas tais como os de Raul Brandão⁴¹, interessou-se pelas duras fainas da terra e do mar, exaltando uma harmonia ecológica idílica, por vezes angustiada. O realismo retratou a dureza das vidas miseráveis, rurais e urbanas, em oposição às da alta e média burguesia (Eça de Queirós). A sociedade marginal e os pequenos ofícios suburbanos tornaram-se sobretudo alvo do neorealismo, com referências ao trabalho infantil, tal como em Esteiros de Soeiro Pereira Gomes⁴² ou em Os Putos de Altino do Tojal⁴³, à condição feminina, à exploração e à “reificação” do ser humano.

O trabalho, tal como a língua, é uma forma de construção do homem e, tal como a língua, é uma forma de expressão da sua identidade. Tal como a língua, inscreve-se num processo de comunicação interativo e produz significado transformando o mundo num processo de recriação sempre original.

Um estudo semântico em torno da produtividade da palavra “trabalho” revela-nos conotações relativamente negativas, associadas ao desconforto (trabalhão, trabalhosamente, trabalhoso). As suas definições lexicais reforçam a sua desvalorização social: “Aplicação da atividade intelectual ou física. Serviço. Fadiga (...) Aplicação. Inquietação (...) Cuidados (Figueiredo, 1991).

⁴⁰ In Dufour, J. - Études historiques sur les théories du Droit du travail. Paris, 1899 citado por Jaccard, P. – História Social do Trabalho. Círculo dos Leitores, s. d., p. 286.

⁴¹ Brandão, Raul – Os Pescadores. Porto Editora, 2013.

⁴² Gomes, Soeiro Pereira – esteiros. Lisboa: Europa América, 1977.

⁴³ Tojal, Altino do – Os Putos. Contos da luz e das sombras. Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2001.

Ao refletir sobre a organização lexical do Português Fundamental, nunca deixámos de sublinhar a relação existente entre as atividades dos homens e o meio em que se inserem, condicionando os instrumentos, os utensílios, as técnicas e os produtos (tomemos como exemplo o léxico do trabalho do campo e o da aldeia: camponês, enxada, colheita, vindimas, sementeira, lavoura, charrua, monda, apanha, ceifa, ceifeiro, pastor, pasto...)

Quantas vezes fomos surpreendidos pela qualidade do material produzido, recolhemos centenas de fichas relacionando atividades económicas com espaços geográficos, com profissões, com produtos e com instrumentos de trabalho.

Nunca deixei de sugerir que a nossa formação nunca deveria separar a descoberta da língua da descoberta do mundo, a reflexão epistemológica da reflexão linguística. Quando sugeria que se associasse, de forma lúdica, as profissões às respetivas atividades e aos respetivos instrumentos e máquinas assim como aos espaços específicos (hospital / médicos, enfermeiros, analistas...), estava, de facto a incentivar a produção de materiais lúdicos em torno das profissões com o auxílio das adivinhas, dos provérbios, dos adágios, das expressões, das canções populares e da mímica.

As profissões mais referidas em contexto escolar (veja-se os manuais escolares, sobretudo os do sexto ano de escolaridade) e na literatura para a infância raramente ultrapassam a dúzia e correspondem, em grande parte, as que foram listadas no Português Fundamental: médico, professor, engenheiro, advogado, carpinteiro, sapateiro, pedreiro, empregado (de balcão, de limpeza, bancário, de café, comercial, de escritório, do Estado, fabril, de mesa, público, ...), arquiteto, padeiro, pintor, comerciante, enfermeiro, juiz, estudante, merceeiro serralheiro, marceneiro, alfaiate, mecânico.

A literatura para a infância não se limita todavia às profissões mais comuns e abre as portas da nossa imaginação:

“A Lua já foi mais longe
Saturno e Marte também
qualquer dia é um instante
chega-se lá de rompante
a bordo de um vaivém.

Eu gosto de fazer contas
à velocidade, à distância
e juro que sou assim
desde que dei por mim
no princípio da infância.

Gosto de por os cadernos
foguetes e foguetões
e de inventar as rotas
para as fantásticas frotas
que vão em novas missões.

Por isso serei astronauta

em Cabo Canaveral
que esteja em construção
algures em Portugal.
(...)”⁴⁴

Os adjetivos associados são de ordem psicológica (honesto, preguiçoso, agradável, simpático, ...) e referem-se às qualidades profissionais (trabalhador, competente, eficiente, hábil, habilidoso, cumpridor, rápido, ...). Os verbos referem atividades básicas fazer (fazer fatos, fazer música, fazer o pão, ...), trabalhar, ensinar, vender, construir, curar, pintar, ler, escrever, arranjar, consultar, empregar, receitar, comentar, tratar, aprender, julgar, pagar, defender, serrar, ganhar, receber, ...

Os manuais escolares atuais⁴⁵ incentivam o trabalho interdisciplinar. A reflexão linguística cruza-se com a reflexão sociológica. A descoberta do mundo faz-se a par e passo com a descoberta da língua, com alegria e com prazer. No contexto escolar, o prazer cruza a dimensão lúdica com a dimensão epistemológica. Tal como o propõem François Weiss⁴⁶, Margarita Recasens⁴⁷ e Maria Alda Loya Soares da Silva⁴⁸, brinque-se com a língua em torno de temas como o trabalho e as profissões.

Associe-se atividades a profissões. Veja-se as qualidades necessárias para determinadas profissões. Associe-se instrumentos e máquinas às profissões escolhidas. Faça-se uma pesquisa no dicionário em torno das palavras referentes a profissões – electricista – detetar a palavra raiz, identificar o morfema marcador de profissões. Identificar outras palavras construídas a partir da mesma raiz assim como o valor dos morfemas aglutinados. Experimentar obter outras profissões com o mesmo morfema (pianista, futebolista...). Proponha-se jogos de mímica, adivinhas, formule-se alguns enunciados e descubra-se as profissões em causa. Faça-se perguntas para adivinhar profissões. Faça-se jogos de associações espaços / profissões – hospital – médicos, enfermeiros, analistas... Trabalhe-se a noção de espaço. Onde trabalha o médico? Atente-se “no hospital”, “em hospitais”, “nos consultórios”. Reflita-se sobre os complementos circunstanciais (de tempo, de lugar, de fim, de causa, de modo, instrumental etc.): “O médico estuda para curar doentes. O advogado para defender causas. e sobre advérbios (de tempo: “Antigamente os homens iam ao barbeiro”. “Hoje vão ao cabeleireiro”. Reveja-se os pronomes interrogativos: “- Quem constrói os móveis? - O marceneiro.” “- Que faz o latoeiro? - Panelas.” Veja-se os mecanismos da formação de palavras: “um guarda noturno, um desenhador, um bailarino... O ourives trabalha na ourivesaria. O alfaiate na alfaiataria. O livreiro na livraria.”

Os modos e os temas verbais podem ser alvo de reflexão no estudo em torno das profissões: “O meu sonho é ser mecânico. Se o meu sonho se realizasse / se realizar trabalharia / trabalharei numa oficina.” Aproveitemos para refletir sobre o valor semântico dos modos e dos temas.

Investigar é a melhor forma de conhecer o mundo do trabalho. É necessário desenvolver capacidades de pesquisa, de observação, de comunicação / relacionamento. Pense-se sobre os deveres e os direitos dos trabalhadores. Pense-se sobre os constrangimentos e as virtudes do trabalho. Inicie-se um percurso de

⁴⁴ Letria J. J. – O que eu quero ser... Lisboa: Âmbar, s. d.

⁴⁵ Monteiro, J. e Paiva, M. - Estudo do meio do João (3º ano). Vila Nova de Gaia: Gailivro, S.A. 2005, pp. 128-143.

Monteiro, A. – fio de prumo - Estudo do meio 4º ano. Coimbra: Livraria Arnaldo, 2006, pp. 80-94.

⁴⁶ Weiss F. – Jeux et activités communicatives dans la classe de langue. Paris : Hachette, 1985.

⁴⁷ Recasens, M. – Como jogar com a linguagem. Lisboa: Plátano, 1990.

⁴⁸ Silva, M. A. L. S. – Iniciação à comunicação oral e escrita. Lisboa: Editorial Presença, 1986.

descoberta e aproveite-se para desenvolver algumas das múltiplas competências pessoais, culturais e linguísticas, orais e escritas exigidas por tal metodologia. Atentemos no seguinte percurso possível:

- Escolha-se uma profissão
- Recolha-se informações, documentação, ilustrações etc., entrevistas a profissionais...
- Descreva-se um local de trabalho (com especial atenção para a organização do espaço, para os objetos, as máquinas, os instrumentos, os materiais – os sons, os cheiros, as texturas, as evocações, as associações, as memórias e os sentimentos...)
- Descreva-se os profissionais – os seus fatos, o seu vestuário especial, os seus atos do quotidiano, os seus sentimentos e emoções.
- Apresente-se uma profissão a turma através de cartazes / colagens, imagens, textos, desenhos, fotografias, avisos, materiais autênticas.
- Descreva-se um profissional no seu espaço de produção.
- Narre-se um dia de um profissional.
- Apresente-se os pré-requisitos para uma determinada profissão, as características psicológicas necessárias, os seus gostos e as suas qualidades.
- Descreva-se as medidas de segurança e de higiene.
- Descreva-se o tipo de relações sociais / humanas específicas a cada atividade profissional.
- Procure-se Informação sobre os sindicatos, nomes, funções, direitos e deveres.
- Simule-se uma consulta de orientação vocacional / profissional: (formule-se, perguntas, interprete-se as respostas, aconselhe-se...)

Foi neste contexto de formação que surgiu um dos materiais que maior alegria profissional me proporcionou: o jogo das Profissões de Maria Manuela Moreira Araújo Strehl.

O jogo é um percurso iniciático de sabedoria ao longo do qual o jogador vai interiorizando informações culturais, vai desenvolvendo os seus conhecimentos linguísticos e desenvolvendo conceitos e pensamentos pertencentes ao mundo do trabalho e ao mundo da nossa língua e das nossas culturas. Cada jogada permite o avanço num percurso em que cada espaço exige uma resposta por vezes individual outra coletiva, por vezes resposta única, por vezes respostas múltiplas a perguntas ora extremamente precisas, ora com uma margem de interpretação mais ampla, ora por vezes inequívocas e, em alguns casos, permitindo o confronto de opiniões e soluções. Da observação de experiências concretas, verifiquei o quanto o jogo é pretexto para múltiplas trocas comunicativas exercitando as estruturas que permitem a tomada de posição e a afirmação das opiniões, justificando-as, permitindo assim uma reflexão sobre a língua e sobre a cultura. O conjunto de fichas que associa instrumentos e máquinas a campos lexicais profissionais, tais como a carpintaria e a construção civil, permitem o recordar de vocabulário específico, mas também exercitam a memória a curto prazo, uma vez que os jogadores têm que memorizar os objetos representados, num espaço de tempo relativamente curto. As fichas que relacionam as atividades económicas com espaços e culturas não se limitam ao território de Portugal, também não se limitam a formular perguntas, fornecem informações, contextualizam, sugerem relações, exemplo:

“O território da Guiné-Bissau é sulcado por inúmeros rios, Cacheu, Geba e Corubal são os principais. Oitenta por cento da população vivem da agricultura. Qual é o principal cereal que neste país se desenvolve em meio aquático?” O conjunto de fichas que relaciona atividades, materiais, produções e produtos não se limita às profissões contemporâneas e não esquece o artesanato, lembrando as profissões rurais e as de um tempo em que o homem vivia mais integrado na natureza. No conjunto de fichas que se referem aos profissionais célebres, a autora também não deixou de referir inúmeras figuras que fazem parte da nossa história talvez mítica, talvez históricas mas sempre motivo de reflexão sobre nós próprios.

Introduzir a temática do trabalho na sala de aula é abrir um espaço de reflexão sobre a construção do Homem, a construção dos seus saberes, a construção sempre renovada do instrumento de comunicação que é a língua.

Falar do trabalho é falar de direitos e de deveres, de vida em sociedade, do valor social do esforço e da solidariedade, é falar de realização pessoal, de necessidades e de sonhos.

Falar do trabalho em Portugal, como em qualquer outro país, e falar de oportunidade específicas, é falar da organização social, é falar de gentes, dos espaços e dos costumes. É falar do passado, do presente e do futuro. De uma sociedade em mudança que não admite tabus e que, sem preconceitos, equaciona a origem e a causa do desemprego, a discriminação sexual, o trabalho infantil, problemas de remuneração, condições de emprego, a falta de segurança no trabalho, a falta de higiene em alguns espaços de produção, o trabalho a prazo, os subempregos, os empregos que mal dão para sobreviver e os empregos do futuro, os mitos de hoje, superjornalistas, corretores das bolsas de valores, jovens gestores bem sucedidos; é falar dos empregos que são veículos de um humanismo sempre presente, médicos, enfermeiros, veterinários, bombeiros, educadores, professores e das sagradas mãos de quem pesca o peixe e faz o pão e, tijolo sobre tijolo, nos faz a casa e com ternura no faz os móveis. Falar de emprego em Portugal ou em qualquer outro país e falar de tudo isto, sem esconder as dificuldades, num espírito sempre aberto de reflexão crítica, desapaixonada, compreensiva e terna. Hoje falar de emprego é falar de dificuldades em Portugal como em muitos outros países.

Infelizmente, como em muitos outros países, cada vez mais se vai instalando uma cultura do desemprego, da efemeridade, da sobrevivência sem futuro nem horizontes, em nome da saúde financeira do estado ou dos interesses agiotas e egoístas que só emprestam para melhor legitimar o roubo e a alienação. Relembremo-nos que, já em 1944, reunida em Filadélfia, uma Conferência internacional do Trabalho produziu a seguinte declaração:

“Está definitivamente ultrapassado o tempo em que o Estado podia crer que tinha feito o seu dever assim que garantisse uma remuneração mínima aos desempregados por meio de seguros ou de qualquer outro modo. Os trabalhadores não tolerarão por muito mais tempo uma sociedade em que aqueles que procuram trabalho e se esforçam seriamente para o encontrar sejam inevitavelmente levados a abdicar de toda a dignidade por serem condenados à inação no decorrer dos anos críticos durante os quais temos de reconstruir uma civilização ameaçada nos seus alicerces.”⁴⁹

⁴⁹ In Jaccard, P. – História Social do Trabalho. Círculo dos Leitores, s. d. , p. 293.

Bibliografia:

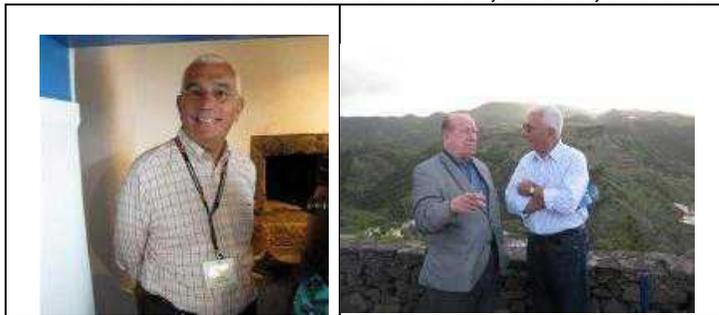
- BRANDÃO, Raul – Os Pescadores. Porto Editora, 2013.
- CINTRA, L. e CASTELEIRO, M. – Português Fundamental. Vol. I, Vocabulário e Gramática. Tomo I Vocabulário. Instituto Nacional de Investigação Científica Centro de Linguística da Universidade de Lisboa. Lisboa: 1984.
- GOMES, Soeiro Pereira – esteiros. Lisboa: Europa América, 1977.
- JACCARD, P. – História Social do Trabalho. Círculo dos Leitores, s. d. , p. 293.
- LETRIA, José Jorge – O que eu quero ser... Lisboa: Âmbar, s. d.
- MONTEIRO, A. – fio de prumo - Estudo do meio 4.º ano. Coimbra: Livraria Arnaldo, 2006, pp. 80-94.
- MONTEIRO, J. e Paiva, M. - Estudo do meio do João (3º ano). Vila Nova de Gaia: Gailivro, S.A. 2005, pp. 128-143.
- RECASENS, M. – Como jogar com a linguagem. Lisboa: Plátano, 1990.
- SILVA, M. A. L. S. – Iniciação à comunicação oral e escrita. Lisboa: Editorial Presença, 1986.
- STREHL, M. M. A. – O Jogo na Educação. O Mundo das Profissões. E tu o que vais ser? Lisboa: Escola Superior de Educação, 1997.
- TOJAL, Altino do – Os Putos. Contos da luz e das sombras. Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2001.
- WEISS, F. – Jeux et activités communicatives dans la classe de langue. Paris: Hachette, 1985.

24. LUÍS FILIPE BRAGA, SECRETÁRIO, JUNTA DE FREGUESIA DA MAIA



Luís Filipe do Couto Braga

25. LUÍS MASCARENHAS GAIVÃO, LISBOA, PORTUGAL



Luís Mascarenhas Gaivão, Doutorando em Pós-colonialismos e Cidadania Global, escritor, ensaísta, investigador CES / FEUC (Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra / Centro de Estudos Sociais).

Doutorando em Pós-colonialismos e Cidadania Global, do Centro de Estudos Sociais da Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra, Mestre em Lusofonia e Relações Internacionais pela Universidade Lusófona de Lisboa com a dissertação "CPLP - a Cultura como Principal Fator de Coesão), Licenciado em Filosofia e Humanidades pela Universidade Católica (Faculdade Filosofia de Braga), foi membro da bolsa de formadores do ACIDI (Alto Comissariado para o Diálogo Intercultural), é professor reformado, ex-Adido Cultural de Portugal em Luanda, Luxemburgo e Bruxelas, Diretor do Centro Cultural Português em Luanda e Luxemburgo, cooperante-formador na DGE (Direção Geral de Educação de Adultos em Cabo Verde), membro fundador da AICL (Associação Internacional Colóquios da Lusofonia), formador do Projeto Entreculturas do Ministério da Educação. Foi assessor pedagógico no Ministério da Educação de Roberto Carneiro.

Áreas de interesse: interculturalidade, estudos africanos, pós-colonialismos, literaturas africanas, relações internacionais.

Escritor, ensaísta, investigador CES.

É SÓCIO FUNDADOR DA AICL.

TEMA 3.1. OS CAMINHOS DO SUL: AS TRANSCULTURAÇÕES NA LITERATURA ANGOLANA E NA OBRA DE MANUEL RUI.

Ver pdf

A literatura angolana permaneceu intacta através da oratura. No encontro com os descobridores portugueses (séc. XVI) iniciou-se o período da escrita, concomitante à resiliência da mesma oratura. Só no séc. XIX se dá o verdadeiro impulso de passagem à escrita: jornais e obras esparsas marcam o terreno dum protonacionalismo que, sobretudo, combatia as injustiças coloniais.

Nos diversos movimentos culturais e literários marcados de angolanidade, destacam-se o Movimento dos Novos Intelectuais Angolanos (MNIA – 1948) que através da Revista *Mensagem* (1950-1953) funda, na realidade, as bases da literatura angolana, com Viriato da Cruz, Agostinho Neto, António Jacinto, Mário Pinto de Andrade e outros.

Esta literatura encontra-se fortemente influenciada pelos movimentos artísticos que irromperam no Brasil, sobretudo o "Modernismo Brasileiro", nascido oficiosamente na Semana de Arte Moderna de São Paulo (1922). Da procura da realidade real e não imaginada da terra e do povo brasileiros, em contraposição às ideias exportadas da Europa, as ideias novas servem a ancoragem do nacionalismo angolano, aliás extensivo às literaturas em língua portuguesa das restantes colónias do império.

Mas pelo grande continente americano de colonização portuguesa e / ou espanhola, para onde se transplantaram milhões de escravizados africanos e onde, apesar das dizimações étnicas, perduraram fortes marcas culturais, construiu-se um "mundo novo", compósito de afro-americana-ibéricas transculturações. Tentaremos vislumbrar a sua forte presença na literatura angolana que se sucedeu e, sobretudo, no escritor Manuel Rui, por forma a desvendar que os caminhos do Sul são cada dia mais emergentes e propiciadores de novas e diversas realidades culturais, políticas e sociais, em contra hegemonia às doutrinas do neoliberalismo global e eurocêntrico.

[Apresentação em PowerPoint convertido para pdf carregue aqui para ver](#)

26. MANUEL JOSÉ SILVA, UNIVERSIDADE DO MINHO, BRAGA, PORTUGAL,

MANUEL JOSÉ SILVA, investigador da Universidade do Minho, doutorou-se na Universidade de Caen (França) com um “Doctorat d’État” intitulado *Quelques aspects de la complémentation verbale dans la phrase simple en français contemporain* (1991).

Tem participado em numerosos Colóquios, nacionais e internacionais, havendo publicado um número considerável de artigos científicos. Em 2008, publicou o ensaio intitulado *La langue française et l’histoire*, encontrando-se, atualmente, a preparar um ensaio subordinado ao tema D. Sebastião na literatura portuguesa contemporânea.

É SÓCIO FUNDADOR DA AICL



Apresenta trabalho conjunto com MARIA DO ROSÁRIO GIRÃO DOS SANTOS.

27. MARIA DO ROSÁRIO GIRÃO DOS SANTOS, UNIVERSIDADE DO MINHO, BRAGA, PORTUGAL



MARIA DO ROSÁRIO GIRÃO RIBEIRO DOS SANTOS, docente e investigadora na Universidade do Minho, doutorou-se na Universidade do Minho, em 1993, com uma tese intitulada *À sombra de Baudelaire. Estudo da receção de Baudelaire na Literatura Portuguesa. Do romantismo ao modernismo*.

Desde então, tem-se consagrado ao ensino da literatura comparada e da literatura francesa, bem como à orientação de teses de Mestrado e de Doutoramento.

Tendo participado em muitos Colóquios, nacionais e internacionais, publicou, em 2007, “Os Fantasmas de Troia: *La Bella Elena*” e, em 2009, “*Monsieur Proust: O Homem das Leituras Solitárias*”.

É, atualmente, Diretora do Departamento de Estudos Românicos e do *Master* em Estudos Franceses, tendo publicado em coautoria com a Dr.ª Helena Chrystello, uma *Antologia de Escritores Açorianos Contemporâneos (bilingue e monolingue)*.

Ministrou na Universidade do Minho, o 1º curso breve “INSULARIDADES E AÇORIANIDADES” um projeto dos Colóquios da Lusofonia, e orienta Mestrados onde se estudam autores açorianos.

É SÓCIA FUNDADORA DA AICL

TEMA 5 HOMENAGEM A ÁLAMO OLIVEIRA – “O POETA DO BANCO VERDE”

MARIA DO ROSÁRIO GIRÃO RIBEIRO DOS SANTOS / MANUEL JOSÉ SILVA
(UNIVERSIDADE DO MINHO, BRAGA, PORTUGAL)

Não é todos os dias que o leitor tropeça, à hora dos espetros, num banco verde estrategicamente sito num Pátio terceirense. Fosse ele vermelho ou castanho, aparentar-se-ia, talvez, aos demais dos tempos idos, sem quaisquer traços específicos suscetíveis de o sobrelevarem. Pintado de verde, eis que se firma como um cronótopo, cristalizando espaços e tempos conducentes a uma dada criação romanesca cuja situação entrópica obsta à almejada publicação. Neste vaivém espaciotemporal, correspondendo à antinomia ontologia-meontologia e desaguando na tríade romance-metaromance-antirromance, proliferam os duplos a nível das personagens (o Poeta de génio e o seu *alter ego*, modesto crítico literário), dos objetos (o leito do Poeta e o do seu amigo), dos lugares (a mítica Jericó e a Cidade desmistificada) e dos textos em devir (os fragmentos citacionais que enformam o *Pátio d’Alfândega, meia-noite*, em estado algo caótico, e o metatexto epónimo que, em nome da inteligibilidade, não deixa de proceder a piedosas supressões e a numerações vãs).

Nesta dialética do entre – visando, do ponto de vista da receção, a racionalização do irracional e a legibilidade do ilegível – perpassam linhas de debate e perspectivas hermenêuticas cuja relevância se torna irrefutável: para quê e porquê escrever se o que parece inédito há muito o deixou de ser? Como contornar esses *topoi*, “poncifs” e estereótipos seculares que invadem, de modo persistente, a literatura de matriz insular? A que meios recorrer para conferir ao regionalismo de tipo localista a universalidade que o reconhecimento da obra impõe?

Sem descurar a crítica às entidades maiusculizadas (a começar pelo Intelectual da Cidade e a terminar no Conselho de Leitura, ambos primando pelo vazio epistemológico que a pura retórica se deleita a empolar), importa referir não só a alegoria da criação interartística (literatura, música e desenho), mas também a originalidade de um livro que se desfaz à medida que se vai fazendo e que, votado às chamadas no *explicit*, se torna não o embrionário *Pátio d’Alfândega* do poeta do banco verde, mas o *Pátio d’Alfândega* de Álamo Oliveira, autor, entre outras obras, de *A Solidão da Casa do Regalo*, *Missa Terra Lavrada*, *Com Perfume e Veneno*, *Burra Preta com uma Lágrima* e *Já não gosto de chocolates*.

“*Nenhuma ilha pode ser descoberta até ao fim, como nenhum romance pode ser escrito e lido em plenitude.*” (Álamo Oliveira, 1992: 146)

À imagem das várias cidades sobrepostas da Troia proto-histórica, hoje Hissarlik – das quais a mais legítima se afigura a Troia VII descoberta por Schliemann –, e do burgo antigo de Herculaneum que atualmente se justapõe à povoação italiana de Resina, também o romance *Pátio d’Alfândega meia-noite* se alicerça, englobando-

os, em três sub-romances, mediante sucessivas escavações passíveis de exploração satisfatória dos seus escombros labirínticos. Se o primeiro tempo mais compassado, *adagio*, pressupõe, por questões de metodologia da execução, a sinopse do 'Livro total' e se o segundo, *allegro*, antirromance por excelência, corresponde à obra do Poeta Porreirinho, o terceiro andamento, *vivace*, incide sobre o metarromance ou, mais bem dito, sobre o romance do romancista a cargo do Patachão, desaguando o quarto, *presto*, no romance de Álamo Oliveira e identificando-se o quinto, *prestíssimo*, com a conclusão.

1. Primeiro andamento musical, *adagio* – “descobrir é retirar a coberta e há sempre cobertas a retirar” (1992: 145).

Aquando da morte do Poeta (falecido com um “romance na barriga”), logo seguida pelo suicídio de Rosa Cambadinha, Patachão decide homenagear a sua memória pela via da organização do texto legado, intitulado *Pátio d'Alfândega meia-noite*, conducente à sua eventual publicação. Encarcera-se, para cumprir a nobre tarefa, na casa do Poeta, sita à rua do Salinas, onde se afadiga a ordenar as desordenadas folhas manuscritas (cujo itinerário ele próprio havia alterado no momento em que as recolhera do corpo do falecido), a numerar as não poucas páginas avulsas, a encaixar uns nos outros os fragmentos dispersos e a insuflar a inteligibilidade possível ao caótico universo ficcional do qual se estatui sumo herdeiro. Mau grado a sua resiliência exemplar tão mais louvável quanto parca é (ou parece ser...) a sua capacidade crítica, Patachão não renuncia ao esforço sisífico, atravessando períodos de desalento, mas resistindo à tentação de queimar o 'Livro' e realimentando a ilusão de o dar ao prelo, convicto que está da genialidade do Poeta do banco verde. Esta tortura de ordem literária, tão-somente contracarreada pelos sons roufenhos do violino que geme no Pátio terçeirense e pela embriaguez intermitente que obnubila a memória e oblitera o presente, conhece o seu término quando o romance do Poeta é consecutivamente refutado pelo Conselho de Leitura da *Cidade*, pelo Intelectual da *Cidade* e pela nova Editora da *Cidade*, saturada de propostas submetidas pela panóplia dos novos Escritores da *Cidade*⁵⁰. Alertado para a mensagem que do além lhe envia o Poeta – por intermédio do morto-vivo Linschoten⁵¹ –, segundo a qual o romance perfeito em mais não consiste do que em atirar as folhas ao ar, deixá-las cair e recolhê-las pela ordem com que tombaram, Patachão toma a decisão sagaz de publicar no fogo o desventurado e hieroglífico romance: “ (segunda-feira. Em um jornal: Por causa de papéis velhos. Ardeu um prédio na rua do Salinas. (...) Os bombeiros suspeitam de fogo posto). ‘Ah, ah, ah!’ – registo gráfico da gargalhada do Patachão.” (1992: 147).

2. Segundo andamento musical, *allegro* – o antirromance do Poeta Porreirinho.

“Já lá vão abril e maio...” (*idem*: 23)

Grafados entre aspas e tipograficamente indentados em colunas no corpo do romance, os fragmentos antirromancescos do Poeta abordam uma parafernália de temas que não parece despiciendo exarar, conquanto o seu epicentro se situe no Pátio d'Alfândega – “... todos os caminhos vão dar ao Pátio d'Alfândega” [*e não a Roma (idem*: 23-24)] –, abrilhantado de bancos verdes por recente imposição do Presidente da Câmara “ciente de que um povo bem sentado é meio caminho para cultivar a quietude da resignação” (*idem*: 75). Tendo por *incipit* a indicação temporal “Já lá vão abril e maio” (*idem*: 25), o sujeito escrevente, Porreirinho de cognome, pinta Jericó, cidade fóssil fatiada em distintos substratos espaciotemporais, provinciana e viciada, capital do cosmopolitismo de antanho, entrementes destruída e, doravante, em vias de construção. A propósito ou a despropósito (conquanto o encadeamento lógico não seja tão aleatório quanto o possa revelar uma primeira e superficial leitura), revisita a guerra do cimento, o assassinio do Puto, chantagista incipiente e testemunha ocular das cargas subtraídas ou desviadas, o encontro com Linschooten, “caixeiro-viajante da eternidade”, o “quadrado perfeito” sinónimo de círculo de amigos ao qual pertencem o próprio Poeta, o mercador quinhentista, a Rosa Cambadinha e o Patachão, e as estórias contadas pelo holandês relativas à Cidade quingentésima. De assinalar, nesta conjuntura temporalmente ambígua que tanto recua a Quinhentos como ruma à atualidade, a relação sexual de Linschooten com a Menina dos Papos d'Anjo, os seus desenhos de precisão transparente⁵² que um rolo de cinco séculos vai desenrolando e a ascensão e queda da Jericó bíblica, traduzidas, por um lado, pela beleza ancestral e pelos cheiros inoxidáveis e, por outro, pelo 'apocalipse' que as trombetas do arauto Josué anunciam. Para além de certas incursões obscuras, porque heteronímicas, pela poesia e de algumas excrescências textuais, deslocadas do conjunto como o bizarro episódio do musgo, o Poeta que sempre defrontara a Cidade do anátema (*idem*: 77), da qual se salvavam apenas o Pátio d'Alfândega⁵³, o Café Atlântico e o porventura filipino banco verde, alvo de original ekphrasis⁵⁴, remata o seu antirromance de forma tão insólita quanto o fora o seu início: “Linschooten, meu amigo, quer vender-me as suas botas? / / A um poeta, como tu, todas as botas são desnecessárias. / E riu em holandês.” (*idem*: 140).

3. Terceiro andamento musical, *vivace* – O metarromance do Patachão.

“Parecia de propósito todo aquele maremoto de contradições e incongruências.” (*idem*: 82)

Saudoso do poeta amigo ao qual, junto da urna, ordenara, sem êxito algum, “Levanta-te” e orgulhoso por figurar num romance tocado pela genialidade, Patachão, imbuído de um “feroz realismo” (*idem*: 17), dedica-se pelo verão dentro à ecdótica,

⁵⁰ Ver, a este respeito, a novela “Livreria meu amor” na qual entram em cena várias entidades abstratamente maiúsculizadas como, por exemplo, o “Ensaísta Gabardine Verde Seco”, o “Romancista de Matiz Regional” e o “Escritor Último Romântico”. Ver, igualmente, a novela seguinte, intitulada “O maior livro das ilhas” e protagonizada por um “Autor de inteligência invulgar” (Oliveira, 1997: 109-122).

⁵¹ Escrevemos Linschooten quando citamos a obra já que o nome foi assim grafado pelo Autor: “Diga Linschooten. À portuguesa. Por mim prefiro. /” (Oliveira, 1992: 99).

⁵² A hipotipose, fixando numa representação visual de grande intensidade o movimento linear da leitura, parece ser a figura de eleição de Álamo Oliveira: “E tudo de forma tão transparente, que eu vejo a casa levantada, com suas janelas e varandas, portas, águas-furtadas, e o interior como que radiografado, porque

vejo as mesas com suas toalhas de linho bordado, aparadores com seus napperons de filó, (...) a faia no quintal, a figueira, (...) as hortaliças, o tanque, galinhas com aspeto de boas poedeiras...” (Oliveira, 1992: 105).

⁵³ Também Marcolino Candeias homenageia o Cais d'Alfândega em “Ode a Angra minha cidade em tom de elegia”: “Ficas-te [Angra] / pelo Cais da Alfândega. Lá cabe / todo o teu universo.” (2002: 29-30-31).

⁵⁴ “Reparando bem e para ser mais exato, talvez o banco não usasse guarda-chuva, nem uma flor silvestre se reclinasse pachorrontamente para a direita. Por amor à verdade (...) prefiro desde já informar que, por outro ângulo de visão, é possível ver um caracol seco, colado à perna das costas e que definiu numa subida lenta e sem destino.” (1992: 76).

zangado com a Cidade inominada que não merece o falecido: “Paralelamente, optou [o Patachão] por viver com a noite e o vinho e não pactuar com a Cidade. (...) Reconhece que está zangado com a Cidade.” (*idem*: 30-40).

A primeira etapa passa pelo inventário do anfiguri (com efeito, das 226 folhas manuscritas só 109 se encontram numeradas), pela reconstrução lógica do puzzle enigmático, pela inserção no todo babélico das páginas espúrias e pela decifração quer da confusão caligráfica (que pouco tem de caligrafia...), quer da persistência gráfica do nome da Rosa Cambadinha.



Figura 1 – Álvaro Oliveira, 1992: 28

Numa fase segunda, o romance caótico solta-se na cabeça deste frequentador do banco verde e tocador de violino, rendido à tentação onírica, sob efeitos báquicos, e à volúpia da viagem pela memória a tempos idos: é do seu ponto de vista, em verdade se diga, que o leitor penetra na interioridade do Porreirinho e de seus progenitores e na privacidade da malograda Rosa Cambadinha, desvendando a animosidade do Patachão para com Linschooten, o repentino distanciamento amoroso do Poeta em relação à Rosa (que transforma o “quadrado perfeito” em triângulo ‘cambado’) e na falsa certeza que nutre esta última de o seu parceiro andar a dormir com o “maricas do Linxote” (adaptação linguística curiosa, de cariz popular, do nome do holandês). O terceiro momento é decisivo para o Patachão que, nunca desmentindo o halo de genialidade do Poeta – e a obra genial, segundo Kant, é um exemplo não para ser imitado, mas para fazer nascer outro génio (*apud* Picon, 1972) –, ganha em presciência e clarividência o que o autor perdera em isotopia e isotonia. “Nemesiano terceirense”, começa a censurar os anacronismos detetáveis na cronologia interna do romance ou, por outras palavras, a sua acracia cronológica, a delatar a exacerbada tonalidade moralizadora, a verberar o excesso de poder do demiurgo distraído e a reprovar (não excluindo o seu trabalho incipiente desta desaprovação) a falta de sequencialização de ideias e de concatenação de episódios. Não passará a solução para tal entropia pela supressão de certas passagens de maior grau de ininteligibilidade e pela destruição de determinadas folhas no sentido de conquistar uma legibilidade mais democrática? Côncio da maldição da obra que gravita em torno de uma Cidade inexistente habitada por um morto-vivo e por defuntos, Patachão medita não só sobre a “alegoria

angustiante” que constitui o *Pátio d’Alfândega*, mas também sobre a captação do essencial (e não do florilégio de acessórios) e o apuramento da verdade (e não da supremacia de fantasia) de que padece, por carência, o romance do romancista. E, ao ver o belo amanhecer, recolhe o Patachão, esgotado pela vanidade do seu suplício intelectual, ao banco verde: “Ali. No banco verde. No Pátio d’Alfândega.” (*idem*: 143).

4. Quarto andamento musical, *presto* – O romance de Álvaro Oliveira.

“Porque há o erro essencial de toda e qualquer escrita, que é a miopia das palavras quando espalhadas na memória, com o vento a voar-lhes as pequeninas letras do sangue.” (*idem*: 145).

Recorrendo ao *topos* estratégico do manuscrito – do qual se reclama a pseudotradução ou a pseudoedição – diversamente explorado na literatura (ou introduzido em garrafa a vogar no alto mar ou achado numa gaveta falsa de um qualquer armário antigo), Álvaro Oliveira concilia, de modo assaz original, o antirromance nado e morto na barriga do Poeta e o metarromance morto-vivo do Patachão, graças a um jogo de espelhos, de heterónimos, de duplos, de ecos, de ressonâncias, de paralelismos e de simetrias. Ora, não será todo e qualquer escritor um criador, como o Porreirinho, e um crítico como o Patachão, respondendo em eco heteronímico este último aumentativo (*ão*) ao primeiro diminutivo (*inho*)? E não se identificarão, na terminologia de Nietzsche, o Porreirinho e o Patachão com os artistas ditirâmicos, em busca do ser, da permanência e da eternização? Se a *causa mortis* do Poeta foi o “parto não consumado por asfixia introyntelectual”, teme o Patachão o seu eventual passamento pelas mesmas razões, porquanto, embora nem tudo se sobreponha, “cada romance era o espelho do outro” (*idem*: 47) e “a responsabilidade do Patachão estava já nos domínios da coautoria.” (*idem*: 123). Aliás, o *explicit* deste falacioso duplo romance desemboca, quiçá para ludibriar o leitor incauto e / ou para atestar a leitura aceitável, no riso de Linschooten em holandês e na gargalhada portuguesa do Patachão. Do mesmo modo, a gravidez metafórica⁵⁵ do Poeta dá a sensação de repercutir tanto a sorte da Rosária que, grávida do Zé Lagosta e expulsa pelo pai, comete suicídio, como a da Rosa que, prenhe de um cabo especialista da força aérea americana e atirada pela pouco paternal figura para fora de Penates, fica para todo o sempre a “arrastar a perna esquerda que a deixou cambada no corpo e no nome” (*idem*: 57) – paralelamente ao Patachão, declarado inválido devido ao “mal de coluna” –, acabando, desgostada pela morte do Poeta, por suicidar-se. Situação simétrica análoga pode ser detetada a nível de relações amorosas: de facto, o ato homossexual do Puto e do Graciosa replica o ato heterossexual entre o Poeta e a Rosa, bem como entre o Patachão que possui a Alzira tal como o mar penetra na *insula*. Nesta ordem de ideias, os objetos, particularmente as camas, portadoras de um ‘cartão de cidadão’ contendo os dados biográficos minimamente obrigatórios, parecem afirmar-se como duplos, menos por afinidade do que por contraste. Assim é que a cama de acácia da dona Teresinha do Menino Jesus, comprada pelo Poeta, por ele descrita em breves nótulas e desenhada pelo artista

⁵⁵ Esta gravidez metafórica dá a sensação de se prolongar naqueloutra, tida por irrisória, do Intelectual da Cidade: “Não são comparáveis estas dores com as da parturiente. Mais nobres, as minhas. Deitar ao mundo

uma criaturinha larval sob mecânica puramente física, não tem paralelo com a explosão luminosa que uma simples deflagração mental é capaz de provocar.” (*idem*: 33).

gráfico Álvaro Oliveira, parece não reproduzir mas, antes, situar-se nos antípodas daqueloutra “roubada na tropa” pelo Patachão (*idem*: 50-51).



Figura 2 – Álvaro Oliveira, 1992: 51

Neste labirinto tecido de efeitos de especularidade e transverberação, as personagens, não sujeitas, no momento da sua entrada em cena, a uma caracterização mais ou menos definitiva (específica do romance oitocentista), vão sendo paulatinamente desenroladas: prova flagrante desta técnica narrativa é a amante de Linschooten, hipocoristicamente designada por Menina dos Papos d’Anjo, que é também a professa Maria da Purificação Perpétua e corresponde, igualmente, a Lianor Machado Bittancourt.



Figura 3 – Álvaro Oliveira, 1992: 117

Os paralelismos estão longe, todavia, de exaurimento: é o caso da ilusão inicial do Patachão (no momento de entrega do romance do Porreirinho ao Conselho de Leitura) que se reacende na sua derradeira euforia (ao enviar a mesma obra para a editora recém-criada); ainda neste contexto, o nevoeiro tanto desce, plúmbeo, sobre a Cidade como agride, invasor, a memória do Patachão; por seu turno, surge a solidão da noite não só como refúgio de Linschooten, impossibilitado de exposição à luz solar, mas também da tríade Poeta, Rosa e Puto, refratários às gentes insulanas e exilados numa franja intemporal de cariz mítico. E como explicar (não a quase simultaneidade do passamento da Rosa e do Poeta, por motivos já devidamente explanados) o facto de as supracitadas personagens terem falecido viradas para o oriente?

As simetrias e justaposições de espaços e tempos tornam-se tão mais óbvias quanto transparente se antolha o reconhecimento dos cronótopos. No *Pátio d’Alfândega* do Poeta Porreirinho, os eventos, se os há, decorrem em Jericó, uma Jericó paradigmática, sùmula simbólica das várias cidades epónimas fustigadas pelo anátema de Josué: a cidade cananeia, sita numa colina e cercada de muralhas, destruída, devido à sua impiedade e arrogância, por Oseias, líder de Israel e sucessor do profeta Moisés; a cidade reconstruída pelo israelita Hiel, morador de Betel, que, ignorando a advertência de Deus, reedificou o burgo esconjurado, lançando os alicerces à custa da vida do seu primogénito, Abirão, e instalando as portas a expensas da vida do seu filho mais novo Segube; a cidade de Herodes Magno, que lhe havia sido vendida por Cleópatra, célebre pelos seus teatros, jardins e palácios, exaltada pelo seu oásis de palmeiras, sicómoros e bálsamo e conhecida por ser o ponto de encontro dos peregrinos judeus que rumavam a Jerusalém; enfim, a cidade às portas da qual Jesus curou um cego, segundo os Evangelhos de S. Marcos e de S. Lucas, e dois cegos, segundo o Evangelho de S. Mateus. Quanto ao *Pátio d’Alfândega* de que o Patachão é coautor, a Cidade sem nome, portadora muito embora do “peso mortal da História” (*idem*: 39) e excomungada (como o fora a Jericó bíblica...), por um sismo em 1980, é trazida à memória, em todo o seu esplendor de mil e quinhentos / mil e seiscentos, por Linschoten (Jay Huygen van Linschoten, autor do *Itinerário*, datado de 1596, verdadeira enciclopédia do mundo da Índia portuguesa), explorador neerlandês que, tendo partido de Goa em 1589, interrompeu a viagem nos Açores, no seguimento da perseguição por galeões corsários ingleses, permaneceu dois anos em Angra⁵⁶, com o intuito de contabilizar as riquezas recuperadas no galeão naufragado, e dela parece ter elaborado (já que esta autoria é controversa) um mapa detalhado que constitui uma das mais antigas representações da Capital da Terceira.

Sendo a Cidade, como Jericó, “um amontoado de casas debruçadas à beira das ruas e acomodadas aos acidentes do terreno” (*idem*: 24) e identificando-se os seus dias de São Vapor com os dias de ancoradouro do modelo ou, talvez, antimodelo bíblico, de ambos emanando uma “babel de linguajares”, fácil se torna concluir, quebrando a beleza da construção alegórica, que Jericó e a Cidade, vítimas de não poucas mudanças toponímicas e topográficas ditadas pelo esconjuro divino e pelo estertor da terra⁵⁷, se aglutinam “Na Ilha.

⁵⁶ A capital da Terceira não deixa de ser revisitada por Vasco Pereira da Costa: “É a *mui nobre leal e sempre constante* cidade de Angra do Heroísmo (...) uma cidade espartilhada entre mar e mar, com dois castelos a estrangulá-la (...) A angra sufoca a cidade.” (1984: 39-42).

⁵⁷ É interessante a pseudo-profecia de cariz bíblico relativa ao sismo terceirense: “Amanhã será o dia dos grandes sinais. Todos poderão sentir o estertor colossal da terra...” (*idem*: 136).



Figura nº 4 – Mapa controversamente atribuído a Linschoten: “A cidade de Angra na Ilha de IESU XPO da Terceira que esta [sic] em 30 grãos.”

Em Jericó.” (*idem*: 124), na “Jericó de ilha e cidade de ilhas” (*idem*: 25), ou, por outras palavras, numa Angra do Heroísmo animizada que “respira um sossego abafado e acordado” (*idem*: 38). No entre a destruição, a reconstrução⁵⁸ e o pânico de nova exterminação, também o Pátio d’Alfândega, atual repositório de gentis fantasmas, espelha visionariamente o largo de tempos idos⁵⁹, quando, em dias de atracação do paquete na baía (o *Lima* ou o *Carvalho de Araújo?*), se transmutava em “confortável sala de visitas” (*idem*: 41), tendo como mobiliário a esplanada do Café Atlântico⁶⁰, cujo frenesim durava até à meia-noite, hora em que o navio se afastava da ilha. Vale a pena

⁵⁸ Esta reconstrução preenche os desígnios nostálgicos do Autor no tocante à reconstituição visual da imagem antiga (mediante o recurso aos deícticos espaciais) a partir das ‘ruínas’ confrangedoras do presente: “Era ali o Sprital e a ribeira dos moinhos. Aqui ficava a alfândega mais baixa e mais simples e não menos reles do que esta. Acolá o cais, com seu chamariz e portas.” (*idem*: 139-140). É o momento ideal para invocar e evocar topónimos desaparecidos e/ou remodelados: a rua do Castelhinho, a rua Baixinha, a rua do Príncipe, o cais das Pipas e a fábrica Vergílio Lory.

⁵⁹ “Confunde-o [ao Patachão] a memória de um outro Pátio d’Alfândega,” (*idem*: 40).

⁶⁰ Para o Patachão, o romance do Porreirinho “não será o melhor do mundo, do país, das ilhas, da ilha, da Cidade. É, de forma indubitável, o melhor romance do Café Atlântico.” (*idem*: 132).

⁶¹ Também Victor Rui Soares recorda com saudade o Café Atlântico: “Os empregados do Café Atlântico, de casaca, luvas e papillon, aviavam, para a esplanada, cafezinhos e conhaques em cálices do tamanho de um dedal... As senhoras da cidade, muito reluzentes nos seus vestidos de tafetá debroados [sic] a rendas de seda e algumas lantejolas [sic], bebericavam chá e comiam bolos e bolacha araruta...” (*Tribuna Portuguesa*, 2009: 5).

⁶² É, também, o Monte Brasil que serve de ‘enquadramento’ ao ato único de *A Solidão da Casa do Regalo* (Prémio ‘Almeida Garrett’ – Direção Regional da Cultura / 1999 – Açores): “Monte Brasil (Angra do

Heroísmo). Voltada para a baía, a casa é um regalo para os olhos. Menos para D. Afonso – o VI –, exilado e espoliado da esposa e do reino.” (Oliveira, 2000: 7).

citar um fragmento desta hipotipose: “Na esplanada do Pátio d’Alfândega, repleta de mesas e cadeiras de vimes, os empregados (...) chegavam, de casacas engomadas de branco como a camisa e as luvas, as calças festadas de preto como o laço, cheios de salamaleques, vénias, vossa excelência, tudo à boa antiga portuguesa. ‘Um café, um chá!’ / ‘E, Vossa Excelência, com maiúscula, o que toma?’ / Um chá e bolos!”⁶¹ (*idem*: 41).

Na sequência deste quadro descritivo tão vivo e animado que incita à visualização, urge enfatizar a técnica narratológica, não raro explicitada pelo Autor – “... a seu tempo, se dirá.” (*idem*: 58) –, que consiste na apresentação tardia de uma dada personagem ou no preenchimento posteriormente moroso de um certo vazio textual, emprestando ao romance em exegese um caráter algo misterioso que prende a atenção de quem gosta de puxar “fios à meada” (*idem*: 14). Exemplos dilucidativos são, sem sombra de dúvida, quer a designação postergada do verdadeiro nome do Porreirinho, cuja genealogia aristocrática é alvo de paródia – “Inácio Delfim Rodrigues Sampaio, filho de Margarida Maria de Meneses (com z) e Rodrigues e de Deodato Luís da Corte Sentida e Sampaio” –, quer o adiamento de qualquer tipo de informação sobre Linschoten, externamente focalizado pelo Poeta: “... Linschooten, por enquanto, de pouco ou nada serve. (...) Está sentado no banco verde, com o ar parado da eternidade, (...) é um vulto estrangeiro, de anos corridos há muito...” (*idem*: 58-94-95).

Afinal, falar do Pátio d’Alfândega, ‘enquadrado’ pelo Monte Brasil⁶², antigo cais onde, na era de Quinhentos, Álvaro Martins Homem procedeu a pertinentes trabalhos de remodelação, implica também escrever sobre a *insula* e insularidade⁶³, vergastadas pela sátira, pelo pastiche, pela caricatura e pelo cómico⁶⁴: “Desde a primeira folha, o leitor é obrigado a saber que tudo se passa numa ilha...” (*idem*: 23). Ora, na mundividência insular de Álamo Oliveira impõe-se, pela sua recorrência, a sátira social, abarcando o provincianismo atávico da Cidade (*idem*: 10), o inferno da sua curiosidade e indiferença em simultâneo (*idem*: 11, 14), a hipocrisia inconfessa dos agentes da autoridade (*idem*: 68), a imunidade corrupta dos grandes senhores (*idem*: 69) e a ilegibilidade apressada com que o delegado de saúde assina, perentório, a certidão de óbito do Porreirinho (*idem*: 9, 12). São, igualmente, açotados os membros do Conselho

Heroísmo). Voltada para a baía, a casa é um regalo para os olhos. Menos para D. Afonso – o VI –, exilado e espoliado da esposa e do reino.” (Oliveira, 2000: 7).

⁶³ Esta insularidade, ritualizada numa missa em que sublime e profano se fundem, atravessa *Missa Terra Lavrada*, “libreto de ‘missa’” e “ilhanização da Missa”, como escreve o Autor na nota preliminar da supracitada obra teatral (1984: 23). Ver, ainda a respeito do insulamento, *Burra Preta com uma lágrima*: “Burra Preta não foi exceção. Para além do destino, aceitou também a insularidade com a mesma humana e decantada filosofia com que mastigava a sua ração de palha. (...) O insulamento tem malefícios esquisitos...” (1995: 25-67).

⁶⁴ Outros exemplos de cómico podem ser apresentados: “A morte está cada vez mais cara. (...) ninguém gosta de morrer de véspera...” (*idem*: 12-13); “O que podem valer estes papelinhos [antirromance do Porreirinho], rabiscados, sujos, rotos, mesmo pobrezinhos de pedir, comparados com uma obra de dois metros de estante só no comprimento e de altura não revelada...” (*idem*: 35). Na primeira asserção, banaliza-se o caráter trágico da morte em proveito da carestia do aparato *post mortem*; na segunda, hiperboliza-se a obra de arte, que, desta feita, ganha foros de exagerada mensurabilidade.

de Leitura, cujos vereditos aligeirados contraditam o estatuto honorífico do cargo, o Intelectual da Cidade, símbolo caricatural de uma vã supremacia a supurar altivez e a nova editora, de imediato saturada aquando da sua inauguração, posto que “Já não se compram livros. Compram-se edições.” (*idem*: 135). Realce-se, no primeiro caso, o pastiche académico e deliciosamente cómico do discurso oficial justificativo de recusa, para efeitos de publicação, do romance do Poeta: “Frágil estrutura narrativa, desfasamento do contexto no texto, abordagem impossível sob o rigor analítico da semiótica, falta de caracterização dos agentes ativos, infantilismo verbal, sem imaginário nem contenção das vertentes estéticas.” (*idem*: 20)⁶⁵. Assinale-se, na segunda situação, a solenidade patética do Intelectual, vítima de uma doença “geniática” conhecida por genialidade⁶⁶, assaltado por enxaquecas advindas da Inteligência hiperbolizada e obcecado pelo *opus magnum* e titânico do seu laurícomo itinerário existencial, a saber o estudo denodado do “isolamento do vírus na poesia anterioriana” que ele dividira em três setores – o temperamental, o fonético e o semântico – e estratificara cada um dos setores por um sistema analítico da sua lavra, cuja patente registaria em momento oportuno. [...] Com este sistema é possível saber, por exemplo, que o soneto Na Mão de Deus sofre um desvio de personalidade imagética quando o cavaleiro se identifica.” (*idem*: 34). Nasce o cómico, neste duplo contexto de paródia do eruditismo oco, a partir da reação do Patachão quer à sentença do Conselho de Leitura, que ele “não entende nem quer saber” por considerar um “arrazoado” (*idem*: 20, quer à refutação por parte do Intelectual, guloso de “documentos inéditos”, desse conjunto de generalidades antiromanescas com que rotula *Pátio d’Alfândega*: “O Patachão suplicava a si próprio para sair daquela mão de Deus, enquanto o Intelectual da Cidade continuava a perorar sobre a importância dos fungos no comportamento dos ilhéus, (...) Às primeiras folhas, o Intelectual franziu o nariz, (...) Nem vinte reescritas farão deste material um texto minimamente romanesco.” (*idem*: 34-35). Também os vorazes críticos e hipercríticos não são poupados por este agente lucidamente infecioso (“fungo”) que ataca exageros individuais passíveis de contaminação de uma coletividade passiva ou, por outras palavras, de uma rebanhada um tanto ou quanto subserviente: “Os ensaístas apressar-se-iam a estudar toda a obra do Poeta Porreirinho, desvendando os mistérios da sua escrita, a unção da temática e inventariam intenções expressas nas entrelinhas, (...) Os hipercríticos, invejosos de mão cheia, não deixavam de afirmar à boca pequena que o Intelectual debitava asneiras sobre asneiras e que ninguém ousava contestá-lo – a não ser eles, claro.” (*idem*: 30). Neste enclave de jargão de academia, de bordões de linguagem ou clichés linguísticos e de estafados estereótipos surge de novo em palco a crítica no que respeita ao lirismo barato, tão mais gratuito quanto carecendo de lógica: de facto, qual a razão de escrever “a cândida humildade da rapariga descalça. De loiras tranças” ou “gosto de acordar de manhã com o guinchar do porco” quando, parafraseando o Autor, a loura jovem luta pela sobrevivência e o inditoso porco está a agonizar? (*idem*: 19). Não será esta a pecha da literatura de matriz insular ou, por outras

⁶⁵ Do mesmo modo, segundo o Patachão, “Era outono e logo era primavera. O Puto morre e segue vivo. Linschooten intervém ainda antes de chegar. Rosa parece contradizer o seu sacrifício esfriando o amor com que animou os melhores dias da vida.” (*idem*: 82). Não corresponderá esta lucidez oracular do Patachão a uma voluntária autocrítica autorial?

⁶⁶ Outro paralelismo a assinalar consiste na genialidade autoproclamada pelo Intelectual da Cidade e na genialidade do Poeta que o Patachão não cessa de reconhecer e propalar.

palavras, de uma geração que se deleita a glosar “o mar azul, a lua cheia, a ilha verde e o pôr do sol, o barco no horizonte, adeus amigo, adeus, ó mãe!, meu amor, eu amote, tudo em rimas de ar e vento a que nem o alguidar escapava.” ? (*idem*: 119). E não serão esses sempiternos “poncifs” que o Poeta Porreirinho intenta contrariar graças ao seu estro afeiçoado ao implícito e ao fragmento?

5. Quinto andamento musical, *prestissimo* – Conclusão: a reinvenção da literatura.

Se outras questões o romance *Pátio d’Alfândega meia-noite* não levantasse, quatro, pelo menos, não deixaria de suscitar: em primeiro lugar, a identificação das razões que conduzem ao ato de escrita e ao ofício de escritor. Porquê, para quê e para quem escrever se, afinal, já tudo foi dito, reescrito e transcrito? – “...havia o Camões que era o mestre da Língua, o Vicente dos autos e das farsas, o Eça da imoralidade romanesca, o Pessoa da arca mais milagrosa que a do ilusionista, o Nemésio da açorianidade” (*idem*: 142)⁶⁷. Não poderia tal excesso de plenitude consagrada ser escamoteado mediante a técnica de junção de patamares metafóricos esboçando uma alegoria de criação traduzida por essa “manta de retalhos mal cosidos e mal rimados”? (*ibidem*) Em segundo lugar, e defluindo do primeiro item, a perspetiva interartística, firmando a correspondência das artes, pode constituir trampolim eficaz para o ineditismo almejado, através de uma abordagem semiótica que concebe os produtos de todas as manifestações artísticas como textos passíveis de leitura. Quanto a estes últimos, eles podem tripartir-se em textos *multimedia* (combinando textos separadamente coerentes e compostos em *media* diferentes), “mixed-media” (conciliando signos complexos insuscetíveis de se tornarem autossuficientes fora do contexto inicial) e *intermedia* (recorrendo a dois ou a mais sistemas de *media*, surgindo inseparáveis os aspetos visuais, verbais, cinéticos e performativos dos seus signos) (Clüver, 2001: 333-359). Atente-se, a respeito desta multimedialidade, na osmose entre literatura, música, dança e desenho: assim sendo, senta-se o Patachão no banco verde, tendo “De um lado, o romance. Do outro, o violino.” ou, mercê de um feliz quiasmo, “De um lado, o violino. Do outro, o romance.” (*idem*: 36-37). Do mesmo modo, e num ‘entremez’ curioso, aos primeiros acordes tangidos no violino responde o meneio de ancas do Graciosa, de modo tal que o “Patachão já não sabe se é a sua música que inspira aquele imprevisível bailado ou se este é que provoca aquela música inadivinhável.” (*idem*: 37). Quanto aos desenhos inseridos no romance, configurando um texto outro, não-verbal, eles mais não corroboram do que a sua própria ambiguidade ocultada por uma certa “naïveté” falaciosa: contemple-se, a título de exemplo, a parte central da cama do Porreirinho, o hábito lavrado da religiosa e o desenho universal do Chiquinho...

Enfatize-se, em terceiro lugar, a controvérsia, redundando por vezes na contenda sectária, em torno do regionalismo e da universalidade, da “minusculidade”

⁶⁷ Não deixaria de ser interessante explorar as referências intertextuais que perpassam no romance, sobretudo as que não se encontram explícitas: “Mas isso é a voz da perversidade, a voz dos que não sabem como se ama ou de como é possível amar o monstro que se pariu. Decididamente não leram Gomes Leal.” (*idem*: 40). Trata-se do célebre poema “A Duquesa de Brabante”, imortalizado pela voz de João Villaret – cujo centenário de nascimento tem sido alvo de algumas comemorações (2013).

espacial e do nacionalismo 'continental': "Que interessa à árvore da literatura nacional um romance que gira à volta do eixo somítico da pequena cidade da ilha do tamanho duma caganita de coelho, perdida no meio do mar, com um povo de linguajar diferente e sumido de velho?" (*idem*: 21). Contra-argumentando tal asserção (conquanto tais argumentos não tenham cabimento no âmbito deste texto), não será a súpula de regionalismos a conferir à literatura nacional um interesse universal? No caso contrário, e prosseguindo com a metáfora da árvore, não ficaria a nacionalista árvore literária, carente de ramificações típicas, rebentos idiossincráticos e florações particulares, algo rarefeita, mornamente estandardizada e confrangedoramente exaurida? Leia-se, a este propósito, Borges Garcia: "Uma autêntica Literatura Açoriana será regional pelo ambiente e pela forma (...) e universal pelo sentido, pelo ângulo de visão do escritor." (Dias, 1953: 17).

Em quarto e último lugar, quedemo-nos na 'catalogação' possível de *Pátio d'Alfândega meia-noite*, cujo titular indício horário encontra plena justificação no desfecho do romance, reforçando destarte a sua rigorosa arquitetura: "O mar, na baía, mexe-se com a volúpia das grandes preguiças. O céu está baixo e húmido. Ainda não é meia-noite no Pátio d'Alfândega. Nenhuma brisa. Ninguém. Silêncio." (Oliveira, 1992: 146). Romance sobre a arte de romancear ou, mais bem dito, sobre como fazer um romance, ele é, sobremaneira, o romance da nostalgia: nostalgia do que outrora existiu e deixou de ser agora; nostalgia dos entes que por lá andavam e aí não mais repousam (veja-se o caso de Leôncio que, segundo testemunho de Victor Rui Dores⁶⁸, não é um "ser de papel"...); nostalgia de um tempo transato, cujo paradigma era o ritual do chá hoje perdido, e de uma vida de tempos idos, bem distintos da dos tempos que correm. Cristalizando tempos e espaços e atravessando séculos, como o Judeu Errante, o banco verde imortal, não acéfalo mas pluricéfalo, inquestionável protagonista do romance, torna-se um cronótopo mítico, estrategicamente iluminado e coreografado. "Para o Poeta, tudo partia e chegava àquele banco imperecível, como se estivesse pintado de íman ou como se uma recôndita fatalidade o tivesse vocacionado para o exercício do movimento pendular dos pensamentos e dos sonhos. O próprio candeeiro desferia a luz exata sobre o ângulo certo, também ele guardador involuntário do banco, iluminando ou assombrando esses devaneios do encanto e da desilusão." (*idem*: 77). Continuará hoje em dia, o banco verde a lançar um repto a todos os artistas cansados do mundo e ansiosos por navegar no incógnito?

Referências Bibliográficas:

Candeias, Marcolino (2000), *Na Distância deste Tempo*. Lisboa, Edições Salamandra, col. "Garajau", Série Especial, 2ª edição revista.
 Clüver, Claus (2001), "Estudos interartes: introdução crítica", in Helena Buescu, João Ferreira Duarte, Manuel Gusmão (orgs.), *Floresta Encantada: Novos caminhos da literatura comparada*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, pp. 333-359.
 Costa, Vasco Pereira da (1984), *Plantador de Palavras Vendedor de Lérias*. Coimbra: Serviços Culturais.

Dores, Victor Rui (2009), "O Pátio da Alfândega" in *Tribuna Portuguesa. Quinzenário Independente ao serviço das comunidades da língua portuguesa*, Modesto: Califórnia, p. 5.

Garcia, Borges (1953), *Por uma Autêntica Literatura Açoriana*. Separata de *A Ilha*. Ponta Delgada.

Haar, Michel (2007), *A Obra de Arte. Ensaio sobre a ontologia das obras*. Tradução de Maria Helena Kühner. Rio de Janeiro: Difel, col. "enfoques".

Oliveira, Álamo (1984), *Missã Terra Lavrada (Teatro)*. Angra do Heroísmo: Secretaria Regional da Educação e Cultura, col. "Gaivota / 38".

Oliveira, Álamo (1992), *Pátio d'Alfândega meia-noite*. Lisboa: Vega, col. "Chão da Palavra / Ficção".

Oliveira, Álamo (1995), *Burra Preta com uma lágrima*. Lisboa: Edições Salamandra, col. "Garajau", 2ª edição revista [1ª edição: 1982].

Oliveira, Álamo (1997), *Com Perfume e com Veneno*. Lisboa: Edições Salamandra, col. "Garajau".

Oliveira, Álamo (2000), *A Solidão da Casa do Regalo*. Lisboa: Edições Salamandra, col. "Garajau".

Picon, Pierre (1972), *L'œuvre d'art & l'imagination*. Paris: classiques hachette, col. "textes et documents".

28. M^ª MANUEL MARQUES, CLEPUL, U. LISBOA, ASSISTENTE PRESENCIAL



Maria Manuel Ferreira Marques Amorim Rodrigues, GI6 do CLEPUL – Brasil-Portugal: *Cultura, Literatura, Memória*

29. MARLIT BECHARA, RIO DE JANEIRO, BRASIL, ASSISTENTE PRESENCIAL



É SÓCIO FUNDADOR DA AICL.

⁶⁸ "O Pátio da Alfândega tinha as suas figuras decorativas. Recordo-me especialmente do Leôncio, boémio, vago anarquista e 'filósofo da rua', que demonstrava a sua superior inteligência, desafiando-nos: - Eu digito à primeira, mas tu só percebes à segunda." (*Tribuna Portuguesa*, 2009: 5).

30. NORBERTO ÁVILA, DRAMATURGO AÇORIANO, ASSISTENTE PRESENCIAL

NORBERTO ÁVILA nasceu em Angra do Heroísmo, Açores, a 9 de setembro de 1936. De 1963 a 1965 frequentou, em Paris, a *Universidade do Teatro das Nações*. Criou e dirigiu a revista *Teatro em Movimento* (Lisboa, 1973-75). Chefiou, durante 4 anos, a Divisão de Teatro da Secretaria de Estado da Cultura; abandonou o cargo em 1978, a fim de dedicar-se mais intensamente ao seu trabalho de dramaturgo.



Traduziu obras de Jan Kott, Shakespeare, Tennessee Williams, Arthur Miller, Audiberti, Husson, Schiller, Kinoshita, Valle-Inclán, Fassbinder, Blanco-Amor, Zorrilla e Liliane Wouters.

Dirigiu para a RTP (1º Canal), a partir de novembro de 1981, uma série de programas quinzenais dedicados à atividade teatral portuguesa, com o título de *Fila 1*.

As obras dramáticas de Norberto Ávila, maioritariamente reunidas na coletânea *Algum Teatro* (20 peças em 4 volumes, Imprensa Nacional - Casa da Moeda) têm sido representadas em diversos países: Alemanha, Áustria, Bélgica, Brasil, Coreia do Sul, Eslovénia, Espanha, França, Holanda, Itália, Portugal, República Checa, Roménia, Sérvia e Suíça.

www.norberto-avila.eu

www.pt.wikipedia.org/wiki/Norberto_Ávila

oficinadescrita@gmail.com

INTERVÉM NA SESSÃO DE POESIA

É SÓCIO AICL

PARTICIPA PELA PRIMEIRA VEZ

31. PERPÉTUA DOS SANTOS SILVA, CIES / ISCTE-IUL, ESE / INSTITUTO POLITÉCNICO DE SANTARÉM, PORTUGAL

PERPÉTUA SANTOS SILVA é doutorada em sociologia, investigadora do Centro de Investigação e Estudos de Sociologia – CIES / ISCTE-IUL, na linha de investigação “Processos de Recomposição Social e Reconfiguração Cultural”, e docente na Escola Superior de Educação – Instituto Politécnico de Santarém.

As suas principais áreas de interesse são: metodologias de investigação, sociologia da cultura, sociologia da língua, etnicidade, migrações e identidades.

Tem desenvolvido investigação sobre a temática da língua e da cultura portuguesas em Macau sendo presença habitual desde 2010 nos colóquios.



É SÓCIO DA AICL

TEMA 3.2. RACIONALIDADE E AFETOS NA RELAÇÃO COM A LÍNGUA PORTUGUESA EM MACAU.

PERPÉTUA DOS SANTOS SILVA, CIES / ISCTE-IUL, ESE / INSTITUTO POLITÉCNICO DE SANTARÉM, PORTUGAL

Enquanto Região Administrativa Especial da República Popular da China, Macau manteve o português como língua oficial e tem vindo a desenvolver um conjunto de iniciativas que em muito contribuem para a manutenção e desenvolvimento desta língua naquela área geográfica, assistindo-se nos últimos anos, em consequência, ao aumento dos índices de procura da língua portuguesa.

As disposições para aquisição de recursos linguísticos em português podem ser variadas, sendo claro que, em Macau, se orientam, maioritariamente, em função de expectativas de alargamento de oportunidades profissionais, centrando-se numa perspetiva utilitária da língua. Contudo, cumulativamente, podemos dar conta do desenvolvimento de outras lógicas de interesse de caráter eminentemente relacional e simbólico.

Com base em resultados de investigação recente, combinando metodologias qualitativas e quantitativas, apresentaremos uma breve reflexão discutindo as dimensões racional-instrumental e relacional-afetiva subjacentes nos diferentes modos de relação com a língua portuguesa que podemos encontrar em Macau na atualidade.

1. Introdução

A 20 de dezembro de 1999, Macau foi constituída como Região Administrativa Especial da República Popular da China, fechando-se o ciclo de mais de quatro séculos de governação portuguesa daquele território.

Com a transferência do exercício de soberania de Portugal para a República Popular da China (doravante RPC ou apenas China), foram muitas as preocupações em relação à manutenção da língua e da cultura portuguesas em Macau, tendo sido igualmente muitos os que vaticinavam o seu desaparecimento a curto prazo. Ainda que a RPC tivesse tomado a decisão de, depois de 1999, manter o português com o estatuto de língua oficial na nova Região, como havia feito anteriormente em relação ao inglês em

Hong Kong, tal facto, só por si, não representa garantia de continuidade, sendo evidente que, ali ou em qualquer outro local, uma língua não sobrevive apenas por decreto.

Considerando o seu número de falantes maternos, o português em Macau é, efetivamente, uma língua minoritária, não tendo condições para se tornar língua de comunicação generalizada, parecendo circunscrever-se a um círculo cada vez mais restrito. O número de portugueses em Macau diminuiu na sequência da transferência do exercício de soberania, a esmagadora maioria da população residente é chinesa, muitos dos quais nasceram na China continental encontrando-se há relativamente pouco tempo no território e, fruto do desenvolvimento económico que se tem registado nos últimos anos, chegam a Macau cada vez mais migrantes de outras zonas geográficas. Os pilares da economia em Macau – o jogo e o turismo – parecem não falar o português.

No entanto, é inegável que quer a Escola Portuguesa de Macau quer o Instituto Português do Oriente – duas instituições tuteladas pelo Governo Português – e o seu Centro de Língua Portuguesa gozam de boa saúde. A primeira, embora nos últimos anos tenha vindo a perder alunos, encontra-se envolvida em interessantes projetos de “sensibilização” à língua portuguesa recebendo, em período de férias, alunos de escolas chinesas do ensino secundário e tendo recentemente iniciado a preparação de jovens locais, de língua chinesa, para ingressar em universidades portuguesas; o segundo tem visto aumentar o número de alunos todos os anos, tendo, inclusivamente, diversificado a sua oferta com cursos específicos na área do turismo e das relações internacionais. Também o Curso de verão, que decorre anualmente na Universidade de Macau, vê, edição após edição, a sua lotação esgotada; assim como o número de alunos que, nesta Universidade, procuram aprender a língua portuguesa tem gradualmente aumentado, à semelhança do que acontece, também, no Instituto Politécnico de Macau.

Ora estes breves indicadores não de ter algum significado.

Em simultâneo, é possível dar conta de uma vasta produção de discursos que reclamam a manutenção da língua e da cultura portuguesas em Macau, fazendo ressaltar aspetos que se prendem com uma cultura administrativa e sistema jurídico de matriz portuguesa, referindo persistentemente um património arquitetónico e um legado histórico de características ocidentais, entenda-se, portuguesas. E como todas estas referências tornam Macau *diferente* e são constitutivas da sua identidade e especificidade.

É hoje indiscutível e amplamente reconhecido que Macau tem vindo a desenvolver um conjunto de iniciativas que em muito contribuem para a manutenção e desenvolvimento da língua portuguesa naquela área geográfica, assistindo-se nos últimos anos, em consequência e contrariamente ao que era esperado, ao aumento dos índices de procura desta língua.

As disposições para aquisição de recursos linguísticos podem ser variadas, sendo claro que, em Macau, se orientam, maioritariamente, em função de expectativas de alargamento de oportunidades profissionais, centrando-se numa perspetiva utilitária da língua. Contudo, cumulativamente podemos dar conta do desenvolvimento de outras lógicas de interesse de caráter eminentemente relacional e simbólico.

Com base em resultados de investigação recente, que combinou metodologias qualitativas (entrevistas, observação direta e participante) e quantitativas (inquérito por

questionário a 1639 estudantes de português), apresentaremos uma breve reflexão discutindo as dimensões racional-instrumental e relacional-afetiva subjacentes nos diferentes modos de relação com a língua portuguesa que podemos encontrar em Macau na atualidade.

2. Breve deambulação teórica a propósito da língua portuguesa em Macau

Segundo informação disponibilizada pela UNESCO⁶⁹, existem atualmente cerca de 6800 línguas vivas no mundo diferindo, contudo, quanto à situação em que se encontram e quanto ao seu número de falantes; algumas são usadas apenas pelos seus falantes maternos, enquanto outras são amplamente utilizadas como idiomas adicionais. Nesta última condição, e para mencionar apenas as de maior projeção, encontram-se o mandarim, o inglês, o espanhol, o árabe, o hindi, o português, o bengali, o russo, o japonês, o francês e o alemão, cada uma destas línguas com mais de 100 milhões de falantes maternos e representando 51% da população mundial. Das restantes, cerca de 200 têm uma correspondência em termos populacionais de 44% o que significa que mais de 6500 línguas serão faladas apenas por 5% da população mundial. Esta organização tem vindo a chamar a atenção para a situação linguística mundial e para a forte ameaça de desaparecimento em que muitos idiomas se encontram, em consequência da tendência crescente que algumas línguas assumem como língua global.

De acordo com Wolton, a pluralidade das línguas é a primeira condição da diversidade cultural, sendo necessária a sua preservação, quer sejam línguas nacionais, crioulas ou dialetos. Segundo este autor “*não há coabitação cultural se toda a gente falar inglês: uma língua não é apenas um conjunto de palavras, é também, e sobretudo, uma maneira de pensar, sonhar, imaginar e ver o mundo. (...) Não se pensa da mesma maneira em russo, em chinês ou em inglês*” (2004:92).

Contudo, é inevitável associarmos ao inglês a conotação de língua global, sendo uma evidência que esta língua se encontra presente nos mais variados domínios e nas mais variadas localizações geográficas. As sociedades atuais conhecem um significativo e acelerado aumento dos mercados, dos transportes e da comunicação eletrónica – tudo isto se passa, em larga medida, em inglês e todos estes aspetos fazem parte dos processos de globalização.

De acordo com Phillipson (2003:6), “*English has a dominant position in science, technology, medicine, and computers; in research, books, periodicals, and software; in transnational business, trade, shipping, and aviation; in diplomacy and international organizations; in mass media entertainment, news agencies, and journalism; in youth culture and sport; in education systems, as the most widely learnt foreign language (...). This non-exhaustive list of the domains in which English has a dominant, though not of course exclusive, place is indicative of the functional load carried by English*”.

Esta presença dominante da língua inglesa suscita o surgimento de movimentos que se lhe opõem, e de acordo com o mesmo autor: “*Those protesting include colonized people, european parliamentarians, political enemies of the core-English nations, guardians of the purity of language that English introduces on, and intellectuals from core and*

69

http://portal.unesco.org/education/en/ev.php-URL_ID=28301&URL_DO=DO_TOPIC&URL_SECTION=201.html (acedido a 1 de março de 2013).

periphery-English countries. What the protesters have in common is a recognition of evidence of linguistic imperialism and dominance, and a desire to combat it" (idem: 35). Não obstante o predomínio do inglês e ainda que, muitas vezes, à medida que uma língua vai ganhando terreno no plano internacional isso signifique que outras o foram perdendo – de que é exemplo a progressiva substituição do francês pelo inglês – tal não quer significar que caminhemos para uma situação de língua única e, nesse sentido, apontam resultados de vários estudos que têm tomado as línguas, ou uma determinada língua ou contexto linguístico, como objeto de estudo, assim como é assinalável o interesse crescente que se tem vindo a verificar de outros domínios científicos para além dos tradicionalmente ligados às abordagens linguísticas – disciplinas, por exemplo, como a economia.

De acordo com Grin (2006a:77) as abordagens económicas às questões linguísticas são relativamente recentes, sendo os discursos sobre políticas de língua, tradicionalmente, desenvolvidos segundo três perspetivas principais: a legal, no âmbito da qual se focam, essencialmente, os direitos linguísticos em determinados contextos, a educativa, no âmbito da qual são tratadas as questões relativas ao ensino de línguas, e a culturalista, limitando-se a política de língua a um conjunto de medidas de suporte à criação literária e publicação.

Para este autor, o domínio da “economia das línguas” utiliza conceitos e ferramentas da economia no estudo das relações entre variáveis linguísticas e dedica-se, principalmente, a analisar o papel que as variáveis económicas desempenham nessas relações, apontando para três linhas de pesquisa fundamentais – como variáveis linguísticas afetam variáveis económicas, como variáveis económicas afetam variáveis linguísticas e como processos económicos interferem nas dinâmicas linguísticas (idem: 78).

Na primeira linha de pesquisa, os trabalhos realizados incidem essencialmente quanto aos efeitos das competências linguísticas nos rendimentos de trabalho, tendo como referencial teórico subjacente a teoria do capital humano, e têm tido particular desenvolvimento no Canadá, trabalhando sobretudo informação referente ao Québec, em que Breton (1998) é o autor mais significativo a este respeito, tendo também Grin desenvolvido estudos nesta área relativamente à realidade Suíça.

Outra linha de trabalho tem centrado a sua atenção no interesse dos atores na decisão em aprender ou não uma outra língua considerando a relação custos / benefícios, salientando-se que, contrariamente a outros bens e produtos, no caso das línguas quanto maior for o número de utilizadores, aparentemente, mais valiosa a língua se torna como ferramenta de comunicação⁷⁰. Quanto às línguas e à atividade económica, é uma categoria que estuda o papel da língua nas atividades de produção, consumo e transações e toma em consideração aspetos como a importância (ou não) de produtos serem anunciados e vendidos na língua do consumidor, se a eficiência produtiva de uma empresa sofre efeitos negativos ou positivos em função da variedade de línguas usadas na mesma, contrapondo maiores custos a maior criatividade produtiva, e analisa igualmente os mercados dos bens linguísticos (idem: 80-82).

Estudos igualmente interessantes neste domínio são os que procuram estabelecer qual “o valor” da língua na economia dos países. Sendo o caso do espanhol o mais conhecido e divulgado, tendo os seus autores (Municio, 2003), após analisarem as chamadas *indústrias da língua*, chegado à conclusão que a língua espanhola representa 15% do PIB de Espanha.

Também em Portugal foi realizado um estudo semelhante coordenado por Reto (2009a; 2009b), seguindo a mesma metodologia de Municio. Tendo sido determinadas as atividades e os produtos em que a língua é uma componente essencial e as que lhe estão vinculadas, foi apurado como resultado que o valor da língua portuguesa é de aproximadamente 17% do PIB. Este estudo traz ainda informação importante no que respeita ao peso da proximidade linguística nas relações de Portugal com o exterior, surgindo a língua como elemento facilitador na sua prossecução, particularmente ao nível das migrações e do investimento direto, de forma mais acentuada na saída do que na entrada de investimento, embora neste último caso os autores destaquem a importância de Portugal como ligação a mercados mais amplos, ou seja, o da União Europeia.

Salomão é outro autor que se tem dedicado ao estudo das línguas na sua relação com a internacionalização da atividade económica e empresarial, salientando que, neste campo da internacionalização, as línguas e as culturas constituem um ponto fulcral mas que normalmente é esquecido. No seu trabalho, torna claro o papel das Línguas e Culturas nas comunicações de exportação, sendo uma preocupação transversal a muitos países adequar as necessidades da internacionalização das suas economias à provisão do sistema educativo, dando o autor destaque aos países anglófonos para *demonstrar como é errada a ideia de que a língua Inglesa basta para fazer negócios em qualquer ponto do mundo facto que se comprova pelo cuidado que os países anglófonos colocam na provisão de línguas estrangeiras, abatendo uma ideia que é um mito falacioso* (2006:79); quanto à realidade portuguesa, conclui pela falta de sensibilidade para esta questão e pela ausência de boas práticas neste domínio.

Também Filipe chama a atenção para a necessidade de ser desenvolvida uma efetiva política de língua para o português, pondo em evidência o desfasamento entre o discurso oficial e as práticas existentes, chegando mesmo a sugerir que é preciso que as entidades competentes, ou seja o Governo de Portugal, defina se pretende desenvolver uma política séria de internacionalização do português ou se entende que, “*no plano formal, essa deve ser a sua posição, mas que, na realidade, os problemas de comunicação internacional se resolvem aprendendo e falando inglês*” (2005:527).

Reforça a ideia de que a posição da língua inglesa não pode ser obstáculo à afirmação de outras línguas, no caso a portuguesa, que deve facilitar um plano de criação de oportunidades para a sua aprendizagem, mostrar-se como “*a língua da amizade e da partilha cultural mas (...) associada a uma imagem de língua do futuro e da modernidade, do desenvolvimento e da prosperidade económica, um dos motores mais poderosos para o sucesso de qualquer língua*” (idem: 59). Usando a expressão de Gambotti, segundo a qual “*La place qu’une langue occupe dans le monde exprime les*

⁷⁰ É preciso ter em conta que, não obstante a importância e o valor das línguas de maior expressão também é verdade que, quando considerados os ganhos individuais dos que adquirem a competência em determinada língua a situação pode inverter-se e o conhecimento de determinada língua deixar de

promover os ganhos esperados – situação que começa a surgir relativamente ao inglês, em que o conhecimento deste idioma é tido como situação que faz parte dos requisitos base e o que fornece a mais-valia é o domínio de outras línguas adicionais para além desta.

rappports de force qui existent aujourd'hui entre les pays" afirma que essas relações de força são as da força das economias desses países (idem: 56).

O modelo de interligações entre línguas e grupos de línguas, a centralidade de umas e o estatuto periférico de outras, é amplamente discutido por De Swaan (2001), autor que considera as línguas como configuradoras de uma dimensão mundial, a par das dimensões política, económica, cultural e ecológica. A sua proposta teórica, combinando a sociologia e a economia políticas, identifica a dimensão linguística no sistema envolvente, apresentando um modelo global das línguas configurado em torno das noções de centro e periferia, por um lado, e discutindo, por outro, questões relacionadas com as preferências dos indivíduos em relação a uma dada língua em detrimento de outras – considera as línguas como *bens* (com valor económico), recorrendo à teoria da escolha racional para sustentar a sua argumentação.

Transversal à sua abordagem, podemos encontrar a ideia de que os grupos de línguas competem em circunstâncias desiguais e a níveis diferentes num contexto mundial, tendo o interesse numa língua muito a ver com a posição que esta ocupa na relação com as demais línguas existentes e com a capacidade que os seus falantes maternos tiverem de a projetar no espaço internacional, para a difundir e para mostrar a sua potencial utilidade.

Mas não se pode reduzir aos seus falantes *naturais* o interesse que cada língua pode suscitar. Ainda de acordo com De Swaan (2001:27-33), cada indivíduo pode decidir aprender outras línguas e, quando o faz, irá optar por aprender a língua que lhe traga maiores benefícios e que se lhe afigura de maior utilidade. Seguindo uma linha de pensamento próxima de Pierre Bourdieu, o autor, defende que o valor de cada língua terá de ser pensado em função da *posição* que a mesma ocupa no *campo* linguístico global e das relações que estabelece dentro do campo e com campos de outros domínios com que se cruza, facto que contribuirá, decisivamente, para a tornar mais ou menos atrativa aos olhos dos seus potenciais utilizadores e que acaba por intervir na *matriz de disposições* dos agentes sociais, sejam estes coletivos ou individuais.

Grande parte da comunicação que se estabelece entre os grupos tende, cada vez mais, a ocorrer numa segunda língua, que assim ganha um estatuto de grande centralidade para os grupos em presença, em torno da qual se posicionam as línguas periféricas – a que o autor chama a *galáxia das línguas*. Enquanto as últimas correspondem, em larga medida, às línguas da oralidade e da memória, correndo o risco de desaparecer com o último dos seus falantes maternos, as primeiras, correspondem às línguas gravadas e escritas, usadas na educação e na imprensa, difundidas na rádio e televisão. São línguas da política, da justiça e da economia, portanto as línguas “nacionais”. Algumas destas línguas veem a sua posição reforçada através da aquisição de competências por parte de falantes maternos de outras do mesmo grupo, o que lhes confere um estatuto de *supercentralidade*. Se um falante materno de uma língua central se dedica à aprendizagem de outra, normalmente fá-lo num idioma que se expande mais amplamente e que se encontra numa posição superior no *sistema hierárquico das línguas*.

O chinês, o hindi, o bengali e o japonês, o alemão, o espanhol, o francês, o inglês, o português e o russo, e também o árabe, com as suas 35 variantes, são algumas dessas línguas supercentrais. Cada uma com elevado número de falantes maternos e interligando um inquantificável número de outras línguas centrais e periféricas. Como

pivô do sistema linguístico mundial, encontra-se a língua de comunicação global: o inglês, que tem vindo a reforçar, cada vez mais, o papel de idioma *hipercentral*.

À categoria de *línguas supercentrais* correspondem, na maior parte dos casos, línguas que se expandiram e que foram impostas através do poder colonial e que, mesmo depois de adquirida a independência, continuam a ser usadas na política, na administração, no sistema legal e no sistema de ensino. Desde sempre ligadas à expansão demográfica, crescimento populacional e movimentos migratórios, seguindo a rota dos descobrimentos, do comércio e da conversão religiosa, desde há cerca de um século muitas das línguas supercentrais conheceram a sua expansão, de facto, também, por via do ensino formal. Não podendo dissociar-se os sistemas educativos dos contextos políticos, económicos e culturais, podemos considerar que estes *continuam a dar forma aos modelos de aquisição linguística* (De Swaan, 1999:6). A presença destas línguas, nomeadamente as europeias, foi assumindo, nos territórios em que se implantaram, uma centralidade crescente como línguas da administração e de comunicação com o exterior, e, embora não tenham eliminado os idiomas locais, em muitos casos, lá permanecem até hoje.

Os processos de colonização assumem, portanto, um papel central na expansão das línguas, de onde resultam conhecidas designações como *lusofonia*, *francofonia*, *hispanofonia* e *anglofonia*. Na realidade, ideia que partilhamos com De Swaan, não se trata simplesmente de optar entre a antiga língua colonial e o idioma local. Em boa verdade, e a par de outros aspetos, é de vários idiomas locais que se trata e nenhum grupo está preparado para aceitar o domínio da língua do outro, ainda que tal signifique manter a língua do colonizador – exemplo claro dessa situação é o caso de Timor-Leste.

O debate em torno da adoção do português como língua oficial em Timor-Leste, de acordo com o linguista Hull (2001), foi feita discutindo a supercentralidade do português no sistema mundial das línguas e na tensão com a língua hipercentral inglesa, e tendo em consideração a presença de diferentes línguas locais, tradições e religiões, havia grandes dificuldades em estabelecer um idioma, entre os vários existentes, como língua nacional, pois estar-se-ia a alienar grupos linguísticos. Esta é a razão que preside, maioritariamente, à manutenção da língua da antiga potência, uma vez que, não obstante poder ser uma língua “estrangeira”, afigura-se como “neutra”.

Sem negar a importância do inglês, e a sua posição no mundo, Hull reconhece-lhe, no entanto, à semelhança de outros linguistas, características de “língua predadora”, associada à extinção de outros idiomas o que, para o autor, poria em risco os idiomas locais. A utilização desta língua é referida como útil e vantajosa, desde que não tenha um estatuto oficial, o que já não acontece com a língua portuguesa que, tendo um prestígio menor do que a inglesa, não colocaria em risco a ordem linguística tradicional por ter a capacidade de coabitar com as línguas locais – e o autor dá como exemplo o caso dos países africanos de língua portuguesa.

Quanto ao português, Hull considera que nunca foi um elemento estranho na cultura local e a prova disso é que, apesar das condições de repressão, nunca se extinguiu. Considerando que desempenha um papel inquestionável naquele território, o seu primeiro argumento vai para o facto de que *se Timor-Leste deseja manter uma relação com o seu passado, deve manter o português. Se escolher outra via, um povo com uma longa memória tornar-se-á uma nação de amnésicos, e Timor-Leste sofrerá o destino que todos os países que, voltando as costas ao seu passado, têm privado os seus*

cidadãos do conhecimento das línguas que desempenharam um papel fulcral na génese da cultura nacional (2001:39).

O autor acrescenta, ainda, que existe uma proximidade formal entre o português e o tétum (pronúncia, gramática e vocabulário) não sendo, assim, um idioma de difícil aprendizagem e utilização para além de se apresentar ainda com a vantagem de funcionar como língua trampolim – pela sua ligação a outras línguas neolatinas como o espanhol, o italiano e o francês – e ao colocar Timor-Leste na CPLP tal significar a ligação a uma organização mundial, donde resultam vantagens sociais, culturais e benefícios materiais (idem:43-44).

Estão aqui presentes várias dimensões que podemos igualmente encontrar no contexto da nossa análise – Macau. Por um lado, a percepção da posição da língua portuguesa no contexto global, a sua ligação a outras constelações linguísticas e as vantagens percebidas dessa ligação, a sua utilidade imediata ou esperada em relação ao futuro, as suas características de convivência pacífica com os idiomas locais, não sendo, por isso, uma língua “perigosa”. Por outro lado, a sua ligação histórica com o território remete-nos para o campo da construção de identidades, como fator de significado, reconhecimento e diferenciação.

Se tivermos como entendimento um conceito de lusofonia que para além de constituir um agrupamento humano de culturas distintas, cujo elemento unificador é a existência de uma língua comum, é simultaneamente um espaço económico e o resultado de uma organização política que funciona à escala mundial fácil será perceber que este espaço se constitui como forte motor no que à expansão da língua portuguesa diz respeito – não só pelo que representa em número de falantes mas pelo que significa do ponto de vista económico. Ou dito de outro modo, não só no que respeita a uma contabilidade interna a cada país e ao conjunto dos países mas pelo que representam, cada um e todos juntos, enquanto polo de dinâmicas que, além de económicas, comerciais e diplomáticas, são também linguísticas. Ainda que os diferentes países não se encontrem todos no mesmo patamar de desenvolvimento encontram-se em franca ascensão e o Brasil é uma das economias emergentes fazendo parte dos denominados BRICS.

Deslocando o nosso eixo de discussão para a problemática das identidades culturais, tão frequentemente associada às questões linguísticas, regressamos inevitavelmente à temática da globalização enquanto fenómeno destruidor da diversidade cultural e, conseqüentemente, linguística e promotor de homogeneidades variáveis, nomeadamente, no que à nossa temática se reporta, as que tendem a colocar-nos numa situação de língua única (ou quase).

Contudo, de acordo com Costa (2002:15), *à medida que os processos contemporâneos de globalização se intensificam e se alargam, envolvendo poderosíssimas dinâmicas de interligação e intercâmbio, de comunicação e difusão em termos mundiais, as identidades culturais diferenciadas, específicas, fragmentadas, ou mesmo marcadamente particularistas, em vez de se esbaterem ou desintegrarem, parecem tender a proliferar, a multiplicar-se e a acentuar-se – seja de forma sedutora e criativa, seja de forma ameaçadora – e, mais significativo do que esta polarização, é possível encontrar uma inesgotável diversidade de modalidades intermédias e ambivalentes.*

O autor (idem: 26-27) considera que as identidades culturais são sempre socialmente construídas, e, por isso, múltiplas e mutáveis, sublinhando o seu carácter relacional, porque produzidas em relação social e porque relativas a outras, e simbólico, porque envolvem sempre categorizações culturais e porque significam sempre o destaque

simbólico seletivo de algum atributo ou alguns atributos sociais – e entre estes, não o diz o autor mas enfatizamos nós, não é incomum encontrar a referência às línguas, ou melhor dizendo, consoante o caso a uma determinada língua.

É o caso do português em Timor-Leste, como referia Hull que citámos mais atrás, e, embora a outra escala, é também o caso em Macau. Enquanto a memória social e as ligações histórico-culturais com o português em Timor-Leste são colocadas como característica que dá especificidade ao território nacional, com fronteiras geográficas delimitadas, fazendo parte da sua própria história e tornando este território distinto dos seus vizinhos (nomeadamente da Indonésia), em Macau não é menos verdade que as mesmas ligações histórico-culturais com o português conferem especificidade a uma Região, que não tendo fronteiras geográficas delimitadas de acordo com os limites físicos de um Estado-Nação não deixa de introduzir critérios de distintividade: quer em relação aos seus vizinhos, quer em relação ao próprio Estado em que se insere.

Parece-nos de toda a pertinência a proposta avançada por Castells que considera a identidade como um *“processo de construção de significado com base em um atributo cultural, ou ainda um conjunto de atributos culturais inter-relacionados, o(s) qual(ais) prevalece(m) sobre outras fontes de significado”*, sendo ponto assente que é sempre *construída*. As grandes interrogações a este respeito giram em torno de saber *“como, a partir de quê, por quem e para quê”*. Na construção de identidades, os indivíduos processam e reorganizam recursos fornecidos pela História, de acordo com *“tendências sociais e projetos culturais enraizados em sua estrutura social, bem como em sua visão de tempo / espaço”*, sendo hipótese do autor que será o conteúdo simbólico e o significado que assume para os que com o processo da sua construção se identificam ou dele se excluem que irá determinar quem constrói e porque constrói essa identidade coletiva (1999: 22-23).

São vários os autores que afirmam que são as questões relativas ao passado histórico da Região que acentuam a sua especificidade e que justificam, em larga medida, a sua existência com um estatuto significativamente diferente do resto da China.

Parece apontar nesse sentido a afirmação de Grosso que considera que *a identidade e a especificidade de Macau passam pelo conservar da língua e da cultura portuguesa*, situação aparentemente paradoxal numa altura em que a RPC assume o exercício da soberania sobre o território, mas que tem sido amplamente referida. A afirmação desta autora de que *só o seu perfil sociocultural diferente permitirá que Macau, Região Administrativa Especial, tenha um estatuto, sistema e política diferentes de qualquer outra cidade chinesa* (1999:18), por estas ou por outras palavras, tem sido repetidamente referida por investigadores, responsáveis políticos e agentes culturais na Região, bem como amplamente difundida pelos media.

Também Ngai (1994b; 1996; 1999) tem insistido neste aspeto como fator na construção da identidade de Macau. Para este autor trata-se da sobrevivência da região, pois a exiguidade do território e a sua expressão populacional não lhe permite competir com territórios vizinhos, como é o caso de Hong Kong em termos financeiros e comerciais ou outras cidades da China no que respeita a recursos humanos e dimensão de mercado. A identidade de Macau constrói-se a partir da sua singularidade e esta singularidade resulta da sua própria História e do produto do contacto secular entre Ocidente e Oriente (1997: 61-76).

O que, regressando a Costa, sem retirar às identidades o seu carácter relacional e simbólico nos coloca perante a sua evidente instrumentalização: *“como estratégias*

deliberadas e reflexivas de colocação pública de uma situação social [transformam-se em] identidades tematizadas ou políticas de identidade". Um outro modo de manifestação de identidades culturais apresentado por este autor e que se afigura, neste contexto, de pertinente aplicação é o das identidades designadas ou atribuídas, reportando-se estas a "construções discursivas ou icônicas de identidades coletivas, com as quais aqueles que as produzem não têm relação subjetiva de pertença", nas quais se enquadram manifestações folclorizadas de determinados aspetos sociais ou culturais e as reificações histórico-patrimonialistas de determinadas peças ou conjuntos arquitetónicos, sejam estes monumentos mais isolados ou aglomerados constitutivos de determinadas zonas ou bairros. Mas há ainda uma terceira especificação das manifestações identitárias, que segundo o autor correspondem às "identidades experimentadas ou vividas, [tendo a ver] com as representações cognitivas e os sentimentos de pertença, reportados a coletivos de qualquer espécie (categoriais, institucionais, grupais, territoriais, ou outros) que um conjunto de pessoas partilha, emergentes das suas experiências de vida e situações de existência social" (Costa, 2002:27).

Fazemos aqui uma chamada de atenção para as dinâmicas da etnicidade que, quer no que respeita às línguas, quer no que respeita à língua portuguesa e à mesma em Macau, surgem frequentemente associadas, servindo propósitos de *identificação* e de *identização*. Esta questão é particularmente evidente em Macau, quando se desloca o ângulo de observação para um determinado segmento da população, tido como resultante da própria história do território e portador de uma *identidade específica* que deriva da sua etnicidade – os macaenses, na sua conotação particular de descendentes de portugueses e asiáticos.

3. Racionalidade ou afetos? Que relação com a língua portuguesa em Macau?

O processo de pesquisa empírica realizado em Macau foi conduzido tendo subjacente uma problemática considerando duas dimensões: a que se prende com o carácter utilitário, logo instrumental, de uma língua e outra de carácter eminentemente relacional, mas nem por isso menos sujeita a instrumentalizações, porventura mais centrada na vertente cultural, ambas cruzando um conjunto diversificado de aspetos e cruzando-se entre si.

Não se tratava de proceder a uma contagem de falantes de português. Tratava-se, sim, de perceber como é que diferentes protagonistas se posicionam perante esta língua e de que modos com a mesma se relacionam.

Rapidamente se percebeu que as dinâmicas que se desenvolvem em torno da língua e da cultura portuguesas têm subjacente a prossecução de dois tipos de estratégias: uma, de âmbito endo-local, tem como objetivo assegurar questões de funcionamento e de gestão corrente, derivando de opções tomadas aquando das negociações que antecederam a Transferência de Administração de Portugal para a República Popular da China, e que podemos localizar ao nível dos serviços da administração pública e do desenvolvimento do sistema judiciário. Outra, de carácter exolocal, visa o desenvolvimento económico de Macau, promovendo a cidade como local turístico de excelência, por um lado, e, por outro, estabelecendo a Região como ponto de contacto e de acesso a novos mercados independentes dos subsectores do jogo e do turismo.

Segundo o ponto de vista do desenvolvimento de estratégias de âmbito endo-local, a atuação nas áreas da administração, legislativa e jurídico-judiciária têm,

necessariamente, de fomentar uma política de bilinguismo, o que contribui em muito para a continuidade e difusão da língua portuguesa.

Neste sentido, tendo sido tomadas uma série de medidas na área de formação de quadros, nomeadamente com a realização de cursos em Portugal e em Pequim, o fomento do ensino do chinês e de administração pública chinesa, aulas de divulgação de bilinguismo pelo Centro de Formação da Administração Pública, ensino superior na área da Tradução chinês / português, criação do Curso Superior de Direito, a par de medidas legais como a publicação da versão chinesa dos diplomas em Boletim Oficial e a obrigação de bilinguismo em todos os impressos e formulários, a verdade é que tudo o que sobre esta matéria foi feito no decurso do período de transição e mais desenvolvidamente entre 1991 e 1999 apenas abriu o caminho e deu início a um longo processo que continuou a decorrer.

Sendo a existência de tradutores qualificados insuficiente para satisfazer as necessidades e sendo a formação de pessoal bilingue uma questão que não se resolve a curto prazo, facilmente se compreende que esta é uma área do mercado de trabalho que ainda hoje não encontrou um equilíbrio entre a oferta e a procura.

Decorre do que acabamos de expor, que se por um lado esta é uma questão da administração local e portanto acima de tudo da competência das instituições, por outro lado deixa em aberto um vasto campo de possibilidades para a concretização de escolhas pessoais.

Sendo uma situação resultante da transferência de soberania, a existência de todo um conjunto de documentos e procedimentos administrativos, bem como jurídico-legais exige o domínio da língua da administração anterior. Esta situação particular facilita, aos indivíduos, o acesso a atividades profissionais específicas fomentando o interesse na aquisição de competências linguísticas em português, mas também obriga a que sejam criadas as condições necessárias que possibilitem essa aquisição.

Se do lado das opções individuais despontam interesses, pragmáticos, que se prendem com a perceção da existência de campos profissionais de acesso imediato, com elevado valor económico e simbólico, do lado das instituições o interesse no português deriva, a um primeiro nível, de uma necessidade de manter o sistema em funcionamento.

Uns e outros, são interesses que não visando, diretamente, promover a difusão e desenvolvimento da língua portuguesa acabam por contribuir, indiretamente, para que tal aconteça.

Contudo, nem todas as lógicas de relacionamento com o português são de aproximação. Existem simultaneamente, em cada um dos campos identificados – o administrativo, o jurídico e o político – atitudes de rejeição e de afastamento. Alguns dos agentes que se movimentam nestes domínios recusam o português e reclamam, frequentemente, mais chinês. Exemplo paradigmático é, muito concretamente, o da área jurídica onde, aparentemente, todos os males são atribuídos à necessária e assumida continuidade da língua portuguesa; também no seio da Administração Pública existem algumas práticas discriminatórias relativamente aos falantes do português, neste caso incidindo particularmente sobre um grupo específico – os macaenses.

Se no segundo caso podemos encontrar indícios de algum revanchismo relativamente a um segmento populacional que durante longo tempo, enquanto possuidor de um capital simbólico que lhe advinha da sua proximidade aos círculos do poder anterior, se colocava numa posição de superioridade relativamente à maioria chinesa e era visto como detentor de privilégios aos quais esta não podia aceder, no primeiro caso também

não andamos longe de lutas simbólicas pelo acesso ao poder, travadas, na sua esmagadora maioria ao nível de estruturas intermédias e, em muitos casos, por indivíduos completamente distantes do significado de um ordenamento jurídico de matriz portuguesa em Macau.

Em ambas as situações, as posições oficiais distanciam-se destas práticas e, contrariamente, afirmam com frequência a sua utilidade, no caso do Direito, e importância, no caso dos macaenses, na construção de uma Macau distinta e diferenciada.

Considerando as designadas estratégias de carácter exolocal, verifica-se que no âmbito das políticas de desenvolvimento que a RAEM tem vindo a delinear a língua e a cultura portuguesas são frequentemente referidas como elemento facilitador no acesso a mercados de interesse emergente, como é o caso dos países da África Lusófona, do espaço Mercosul, relativamente ao qual funcionará como língua trampolim, e, também, da União Europeia, tendo sido criados mecanismos e organizações formais com vista à prossecução desta estratégia – nomeadamente o Fórum Económico e Comercial China Países de Língua Portuguesa, sedado em Macau e que, para alguns investigadores, corresponde à verdadeira CPLP⁷¹.

É evidente que as opções tomadas não são, também, inocentes no que respeita a uma política mais ampla e de grande importância para a República Popular da China, interessando de sobremaneira que a fórmula “um país, dois sistemas” aplicada a Macau e Hong Kong e a afirmação do “elevado grau de autonomia” destas regiões sirvam de exemplo, numa lógica de concretização de um objetivo maior – o de “um só país”, com a futura reunificação de Taiwan.

Qualquer um dos vários aspetos apresentados, vise embora a satisfação de interesses de ordem económica e política, ao fazer apelo quer à língua quer à cultura portuguesas, ao assumir que são características importantes na consecução de políticas fundamentais da região, concorre para a sua afirmação no território sugerindo o interesse no desenvolvimento de lógicas de aproximação e não de afastamento.

Em síntese, as opções que o Governo da RAEM tomou no que respeita à língua e à cultura portuguesas apontam numa linha de continuidade favorável à sua manutenção no território. Seja por subsistir alguma necessidade de o fazer (funcionamento interno) seja por uma clara opção na definição de estratégias (política de abertura ao exterior e desenvolvimento económico) transforma a questão do português em algo “apetecível” e previsivelmente vantajoso aos olhos dos que já adquiriram competências nesta língua ou decidirem optar por fazê-lo.

Numa lógica de desenvolvimento económico, sendo o jogo e o turismo os dois principais eixos em que assenta a economia de Macau, estando, embora, intimamente associados, tem vindo a acentuar-se uma estratégia para o setor turístico que visa não só o seu desenvolvimento mas, também, um investimento na procura de outros mercados independentes do subsector do jogo.

Enquanto cidade turística, é o passado histórico que se assume como o símbolo que faz de Macau um destino aliciante, onde a cada esquina se podem encontrar as marcas físicas, múltiplas, do encontro de culturas, plasmadas nas várias campanhas promovidas e que vendem uma imagem de Macau como a cidade da *diferença*.

Mas o que caracteriza Macau não são só as marcas físicas que podemos ver um pouco por toda a cidade. Deste ponto de vista, foi possível verificar que a língua e a cultura portuguesas são alvo de apropriações várias sendo constituídas como referência cultural sobre a qual se encontra alicerçada a “questão da diferença” *de Macau e em Macau*.

Esta questão, inscreve-se claramente na esfera do simbólico e remete, como de resto é evidente, para a questão da construção de identidades. E também aqui, estão envolvidos vários agentes e atores.

A diferença *de Macau*, construída a partir do seu particularismo histórico, que é o de ter sido administrada por Portugal durante tão longo período de tempo e no que daqui resulta, procura conferir algum tipo de especificidade ao território que lhe permita ser “distinto”. Distinto por relação quer às regiões vizinhas quer à própria China da qual faz parte.

Os resultados a que chegámos deixam muito claro que não interessa nem ao Governo da RAEM nem ao próprio Governo Central que Macau esqueça o seu passado histórico e se transforme numa cidade da China, igual a tantas outras, funcionando a língua e a cultura portuguesas como elementos a que o poder instituído recorre e dos quais faz uso no estabelecimento do seu discurso da “diferença”.

Neste campo, surge igualmente com grande relevância, a existência de um conjunto de indivíduos, vulgarmente designado como *os macaenses*, tidos como resultante da própria história do território. No sentido aqui usado, este grupo descendente de portugueses e chineses ou asiáticos e portador de uma identidade específica que deriva da sua etnicidade, é de facto o que mais se relaciona com a identidade de Macau, chegando mesmo esta a confundir-se com aquela.

Para os macaenses, a sua terra é Macau e a sua Pátria Portugal, com a qual mantém fortes laços de afetividade (por vezes de forma mítica, uma vez que muitos deles não conhecem ou conhecem muito mal o país que consideram como seu), mas sentindo, também, uma grande influência das tradições e costumes chineses.

Tendo sempre ocupado um lugar privilegiado como mediadores, bilingues, entre a elite administrativa (os portugueses) e a população mais ampla (a chinesa) sentem com alguma expectativa e enorme preocupação a inversão nas relações de poder da qual resulta a perda da sua função histórica. Verificou-se que nos últimos anos do Período de Transição e nesta primeira fase da governação chinesa têm vindo a desenvolver-se algumas estratégias que dão conta da necessidade de construir um “projeto” macaense que garanta a sobrevivência do grupo; exemplo disso são as inúmeras atividades que têm vindo a desenvolver e a própria constituição de um Conselho das Comunidades Macaenses, que procura congregar os macaenses espalhados por vários pontos do mundo.

Podemos encontrar um denominador comum entre os aspetos valorizados quando se promove a identidade cultural de Macau e quando se promove a identidade da(s) *comunidade(s) macaense(s)*: produto da história e do convívio de dois grandes povos. Os alicerces nos quais se fundamentam todos os discursos sobre a questão, de uma forma ou de outra, direta ou indiretamente, conduzem-nos às componentes linguística e cultural de matriz portuguesa. É como se a identidade cultural *dos macaenses* se transformasse na identidade cultural *de Macau*.

⁷¹ O investigador Moisés Silva Fernandes tem feito esta referência publicamente por diversas vezes.

A referência aos macaenses remete para a questão da diferença *em Macau*. Reconhecer a língua e a cultura portuguesas como fatores simbólicos de identificação e pertença a um grupo equivale a considerar que existirão outros com os quais este se encontra em interação e dos quais se considera distinto. Não obstante o fator que se releva ser comum também aos portugueses entre estes e aqueles outros fatores de diferenciação não de ser construídos. Basta ver como os macaenses se autodesignam de “portugueses do Oriente” o que poderá demonstrar que se sentirão algo diferentes dos outros, a quem chamam “portugueses da República”.

Não nos podemos esquecer que os portugueses que continuam a residir no território, na generalidade, ocupam cargos de prestígio desempenhando funções socialmente reconhecidas (professores, advogados, médicos, arquitetos, empresários, agentes culturais, são alguns exemplos) não tendo, do ponto de vista profissional, as suas vidas sofrido grandes alterações, encontrando-se em Macau por opção pessoal. No entanto, aspeto que não queremos deixar de referir, foi criada em 2001 a Casa de Portugal em Macau. À vontade de se constituírem sob a forma de uma associação está subjacente a noção de que a entrada num novo ciclo histórico-político exige união em torno de objetivos comuns. Não existindo situações de conflito nem sendo conhecidas quaisquer manifestações graves de hostilidade quanto à sua presença em Macau acabam por ser, mais uma vez, as questões culturais, de preservação da língua e de uma certa tradição, o objetivo central assumido.

Assim como, mais recentemente, outros movimentos associativos de origem lusófona têm vindo a ser desenvolvidos, estando em larga medida o seu surgimento ou, nalguns casos, ressurgimento, amplamente relacionado com as dinâmicas económicas e comerciais desenvolvidas pelas autoridades locais.

Configura-se, assim, um novo campo de ação, a que podemos chamar o dos afetos, no interior do qual as dinâmicas desenvolvidas fazem forte apelo à língua e à cultura portuguesas. No entanto, é assunto que não deixa de estar sujeito a instrumentalizações de ordem vária, quer no campo individual quer no campo coletivo.

Defendemos que existem condições para o desenvolvimento da língua e da cultura portuguesas em Macau, o que não significa que se vai assistir ao seu crescimento exponencial. Tudo depende do que se quiser e se conseguir fazer com as condições que, aparentemente, estão criadas.

Sendo, de facto, imprescindíveis as condições que se criam, subjacente às lógicas de ação que se vão desenvolvendo estão os interesses, as vontades e as necessidades daqueles que ao longo do processo nele se forem envolvendo.

E quanto a este aspeto, a informação recolhida junto daqueles que desenvolvem estratégias de aproximação à língua portuguesa – os estudantes de português – permitiu avançar um pouco mais no conhecimento da realidade.

Sabendo, à partida, que, em Macau, seria possível encontrar dois grandes conjuntos de aprendentes da língua portuguesa que, do ponto de vista da terminologia usada pela linguística, teriam distintos graus de familiaridade com a língua portuguesa – os falantes maternos e os de língua estrangeira – foi a partir destas duas noções-chave que elaborámos uma categorização dos inquiridos e os agrupámos em diferentes conjuntos considerando relações de *proximidade* e de *afastamento* relativamente às questões do português.

O facto de termos apresentado uma classificação considerando *graus de familiaridade* com a língua portuguesa não significa que advogamos do princípio que é sobre os

emigrantes portugueses e os seus descendentes que reside o garante da sobrevivência e da expansão da língua e da cultura portuguesas no mundo. Paradoxalmente, foi precisamente por considerarmos que não se deve atribuir às origens, por si só, qualquer determinismo na apetência pela língua que resolvemos agrupar os nossos inquiridos segundo este critério.

É evidente que consideramos que cada um de nós se relaciona diferentemente com uma determinada língua se da mesma formos falantes maternos ou estrangeiros, mas não será essa a principal razão que nos mobiliza, mais ou menos, para a sua aprendizagem. Facto que, ao longo do trabalho desenvolvido, ficou absolutamente claro – o *português* não é *uma coisa* só de portugueses, nem só de lusófonos, e equacionar uma problemática sobre a língua portuguesa no estrangeiro está longe de se poder reduzir à dimensão da *retenção* (ou melhor, *não retenção*) da cultura de origem sendo assunto que respeita a segmentos populacionais mais vastos e comporta dimensões que ultrapassam a questão das pertenças étnicas.

Talvez valha a pena refletir sobre os princípios que parecem estar latentes nos discursos sobre a difusão e promoção da língua e da cultura portuguesas no mundo: foi fortemente evidenciado que, para uma larga maioria, os interesses *ditos culturais* surgem na sequência do desenvolvimento de estratégias que procuram servir interesses de ordem instrumental, pelo que talvez não valha muito a pena acentuar a *gloriosa gesta dos portugueses* e atribuir, nesta matéria, responsabilidade aos *seus herdeiros*.

O que queremos salientar é que as mesmas condições que favorecem o uso da língua para os seus falantes maternos, favorecem igualmente os que com ela se relacionam enquanto falantes não maternos. É, como refere Bourdieu, o mercado linguístico em que a língua vai ser aplicada que define o valor que a mesma pode ter. E o *mercado da língua* em Macau continua a atribuir um elevado valor à língua portuguesa. Mercado esse que não reduz à dimensão económica as conceções quanto ao valor desta língua, considerando um sem número de aspetos que se inscrevem na esfera do simbólico e que surgem retraduzidos em bases económicas.

Clarifiquemos um pouco melhor esta ideia. Falamos de *estatuto*, *prestígio* e *reconhecimento público*.

De acordo com Patten (2001:691-715), entre os vários aspetos através dos quais se pode perceber o *reconhecimento público* de uma língua, encontra-se a possibilidade de aceder a serviços públicos nessa língua, nomeadamente no que respeita a escolas, hospitais, departamentos do governo e, também, nos tribunais e na produção legislativa. Este *reconhecimento oficial* serve várias ordens de interesses que Patten coloca segundo três dimensões, em relação aos falantes nativos da língua em causa, e que consideramos de alguma aplicação no caso de Macau:

1) a satisfação de *necessidades de comunicação*, considerando que é mais fácil a cada indivíduo comunicar na sua própria língua, particularmente em situações mais complexas ou complicadas, como é o caso da obtenção de serviços médicos hospitalares, situações relacionadas com a justiça ou de julgamento em tribunal, ou mesmo em questões aparentemente mais simples como preencher documentos com vocabulário técnico (por exemplo formulários das finanças) ou simplesmente na utilização de transportes públicos;

2) *afirmação simbólica*, uma vez que o reconhecimento público da língua é, geralmente, visto como um sinal de consideração e de respeito; 3) *promoção identitária* para aqueles que, normalmente pertencendo a uma minoria,

encontram na língua um elemento central na construção da sua identidade, diferenciando-se de outros grupos e identificando-se com os restantes falantes locais da sua língua, reconhecendo-se uns aos outros como membros do mesmo grupo, com base na língua, mantendo a expectativa da sua sobrevivência e desenvolvendo iniciativas que para tal contribuem, como é o caso de assegurar a educação dos filhos na língua *do grupo*, questões não independentes (talvez mesmo só possíveis) do reconhecimento público de que goza a língua.

Mas não são só os falantes nativos que são mobilizados para estratégias de procura nesta língua, pois o seu reconhecimento público atrai, igualmente, outros potenciais interessados.

Em primeiro lugar há que considerar que a situação linguística em Macau decorre de uma alteração político-administrativa e que mais do que uma opção foi uma necessidade que se colocou ou, se quisermos, uma inevitabilidade histórica que se cumpriu.

A forma como o setor da educação foi conduzido, sob administração portuguesa, bem como as políticas seguidas no que respeita ao fomento do bilinguismo, colocaram Macau numa situação de carência de quadros locais capacitados para o desenvolvimento da atividade administrativa e, igualmente, com insuficiente domínio das línguas oficiais o que tem como efeito a continuidade no desenvolvimento da formação, nomeadamente na língua portuguesa, facto que não se prende com uma particular consideração para com os que de expressão portuguesa lá residem, no sentido de garantir que possam *comunicar* na sua língua, mas sim com uma imperiosa necessidade de manter o funcionamento da máquina administrativa.

No entanto, independentemente das razões maiores que levam a que a situação de aparente bilinguismo funcional se mantenha, a verdade é que acabam por contribuir para o prestígio da língua e para o seu reconhecimento público e, ainda, como dizíamos, para a mobilização para a aprendizagem desta língua de falantes não maternos da mesma.

Não menos importante será, e voltamos a repetir, a forma como os aspetos de *matriz portuguesa* têm sido referidos como garantia da manutenção de Macau como uma cidade *diferente* e o quanto vale essa diferença, quer no que respeita ao mercado turístico, assunto que parece bastante claro para os nossos inquiridos, quer no quadro interno da própria RPC, facto que é bastante perceptível nos esforços que têm sido desenvolvidos na sensibilização da população e na *manutenção* dessa diferença.

Outra questão que também contribui duplamente para a afirmação simbólica dos falantes maternos do português e para aumentar o *valor* da língua no *mercado local* será a decisão tornada pública e amplamente difundida, de constituir Macau como uma plataforma de ligação da RPC aos países de expressão portuguesa, aumentando o valor percebido nesta língua enquanto língua de negócios.

4. Considerações finais

A pesquisa desenvolvida, da qual se apresentam aqui apenas algumas reflexões, permitiu chegar a um volume muito significativo de informação, com base na qual se torna possível afirmar que qualquer uma das duas grandes áreas mobilizadoras da língua e da cultura portuguesas em Macau – a dos *afetos* e a *político-funcional* – configura diversos quadros de interação e diferentes modos de relação com a língua e a cultura portuguesas em Macau na atualidade.

Importa, pois, salientar nestas considerações finais que a questão do *português* em Macau ultrapassa claramente o círculo dos falantes maternos desta língua, tendo sido

fortemente evidenciado que os discursos fatalistas quanto à presença do português, das *coisas* portuguesas e, até mesmo, dos portugueses em Macau, correspondem a uma visão redutora do peso e do significado da língua portuguesa na Região.

É certo que o lugar de uma língua se define na posição relativa em que a mesma se encontra em relação às demais, e neste sentido as circunstâncias, em Macau, aparentemente não jogam a favor da língua portuguesa. Mas a sua continuidade deriva do interesse que revela para aqueles que, de alguma forma, a utilizam e procuram e, deste ponto de vista, existem condições favoráveis ao seu desenvolvimento e continuidade – como atestam recentes dinâmicas que em seu torno se vão (re)desenhando.

Resulta claro que a questão da língua portuguesa nesta Região não pode resumir-se ao simples fala-se / não se fala e à tão conhecida narrativa da falta de interesse e que, pelo contrário, de um polo ao outro, há todo um conjunto de manifestações e de lógicas de relacionamento, sejam estas de afastamento ou de aproximação, sejam estas orientadas por razões de racionalidade instrumental ou por razões de afetividade relacional.

5. Bibliografia

Breton, Albert e outros (1998), *Economic Approaches to Languages and Bilingualism*, New Canadian Perspectives, The Department of Public Work and Government Services, Department of Economics, Canadá, University of Toronto.

Castells, Manuel ([1996]1999), “Paraisos Comuns: identidade e significado na sociedade em rede”, in *A Era da Informação: Economia, Sociedade e Cultura, O Poder da Identidade*, Vol. 2, Trad. Klaus Brandini Gerhart, S. Paulo, Editora Paz e Terra.

Costa, António Firmino da (2002), “Identidades Culturais Urbanas em Época de Globalização”, *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, Vol. 17, N.º 48.

De Swaan, Abram (2001), *Words of the World: the global language system*, Cambridge, Polity Press.

Filipe, Mário (2005), *Promoção da Língua Portuguesa no Mundo: Hipótese de Modelo Estratégico*, Tese de Doutoramento em Estudos Portugueses, Lisboa, Universidade Aberta, Texto Policopiado.

Grin, François (2006a), “Promoting Language through the economy: competing paradigms”,

Grosso, Maria José (1999), “O discurso metodológico do ensino do português em Macau a falantes de língua materna chinesa”, Tese de Doutoramento, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, Texto policopiado.

Hull, Geoffrey (2001), *Timor-Leste. Identidade, Língua e Política Educacional*, Lisboa, Instituto Camões.

Municio, Ángel Martín (dir.) (2003), *El valor económico de la lengua española*, Madrid, Espasa Calpe.

Ngai, Gary (1994b), “A Identidade Cultural de Macau: a sua Preservação e Desenvolvimento antes e depois de 1999”, in *Administração, Revista da Administração Pública de Macau*, n.º 35, Macau, Serviço de Administração e Função Pública, p. 61-76.

Ngai, Gary (1996), “Macau – Ponte Especial de Ligação entre a China e o Mundo Latino”, in *Administração, Revista da Administração Pública de Macau*, n.º 32, Macau, Serviço de Administração e Função Pública, p. 339-348.

Ngai, Gary (1999), "A Questão da Identidade Cultural em Macau", in *Revista de Letras e Culturas Lusófonas*, n.º 7, Lisboa, Instituto Camões.

Reto, Luís (coord.) (2009a), *Valor Económico da Língua Portuguesa: Contributos Metodológicos e Empíricos*. Estudo promovido pelo Instituto Camões (texto policopiado).

Reto, Luís (coord.) (2009b). *Valor Económico da Língua Portuguesa: O Impacto sobre as Relações com o Exterior*. Estudo promovido pelo Instituto Camões (edição policopiada).

Salomão, Ricardo (2006), *Línguas e culturas nas comunicações de exportação: para uma política de línguas estrangeiras ao serviço da internacionalização da economia portuguesa*, Tese de Doutoramento, Universidade Aberta, Repositório Aberto, <http://hdl.handle.net/10400.2/1386>

Silva, Perpétua Santos (2005), *Estudantes do Português na RAEM no início do séc. XXI*, Tese de Mestrado, Departamento de Sociologia do ISCTE, Lisboa, ISCTE-IUL, texto policopiado.

Silva, Perpétua Santos (2011), "Aprender português na RAEM: razões e outras representações", Atas do XV Colóquio da Lusofonia, Associação Internacional Colóquios da Lusofonia e Instituto Politécnico de Macau, Macau, Edição em CD-ROM, pp. 266-277. ISBN:978-989-95891-7-9.

Wolton, Dominique ([2003] 2004), *A Outra Globalização*, Trad. Pedro Elói Duarte, Lisboa, Difel.

32. RAFAEL CARVALHO E A VIOLA DA TERRA



<http://www.freewebs.com/violadaterra/apps/blog/>

<http://www.freewebs.com/violadaterra/apps/blog/>

RAFAEL Costa CARVALHO é um jovem músico que atuou pela primeira vez nos nossos colóquios na Lagoa em 2009. Nasceu na Ribeira Quente a 22 de setembro de 1980. Em 1992 aprendeu os primeiros acordes no Violão com o Pai e, em 1994, aprendeu a tocar Viola da Terra com Carlos Quental e no ano seguinte já começou a dar formação na Escola de Viola da Terra da Ribeira Quente.

Atualmente é responsável pela Escola de Viola da Terra e Violão da Ribeira Quente que já formou, nos últimos 16 anos, dezenas de músicos que têm assegurado a continuidade dos grupos e tradições que existiam na Freguesia e estavam em vias de se extinguir.

É formador da Escola de Viola da Terra do Grupo Folclórico da Fajã de Baixo. Formou em 2005 com Ricardo Melo e Ana Medeiros o trio Musica Nostra com o qual lança o primeiro trabalho discográfico em 2010 "Cantos da Terra".

O mesmo grupo atua em 2008 no X Aniversário da Orquestra Regional Lira Açoriana, num Concerto inédito para Orquestra e Viola da Terra.

Este grupo também já atuou em 8 das 9 Ilhas dos Açores, tendo ainda atuado em Bruxelas por duas vezes, no Teatro da Trindade e na FNAC do Colombo e Alfragide.

Exerce funções docentes (professor provisório) de Viola da Terra, desde o ano letivo 2008 / 2009, no Conservatório Regional de Ponta Delgada.

No presente ano letivo tem 15 alunos de Viola da Terra, o maior número de inscrições naquela disciplina na última década.

Está a desenvolver o primeiro Programa Mínimo de Viola da Terra Micaelense para o Conservatório Regional de Ponta Delgada, da Iniciação ao V Grau, no presente ano letivo.

Concluiu o Curso Básico de Viola da Terra no Conservatório Regional de Ponta Delgada, tendo sido o primeiro músico Micaelense a submeter-se a exame de V Grau de Viola da Terra.

Participou no I Encontro de Violas de Arame, de 11 a 13 de setembro de 2009, em Castro Verde, representando os Açores com a Viola da Terra.

Estiveram também presentes Pedro Mestre (Viola Campaniça), José Barros (Viola Braguesa) e Vítor Sardinha (Viola de Arame - Madeira), e organizou em 2010, no Conservatório Regional de Ponta Delgada, o II Encontro de Violas de Arame com a presença também do tocador de Viola Brasileira Chico Lobo.

Em 2010 participa no Projeto Azorecombo - Transmutações para Viola da Terra num Concerto para Viola da Terra e Música Eletrónica onde tocou com @c (Miguel Carvalhais e Pedro Tudela) e Vítor Joaquim.

Em junho de 2010 é convidado para tocar na Inauguração da Exposição "A arte do Violeiro", no Museu de Vila Franca do Campo, pelo Dr. Rui de Sousa Martins, tendo ao Violão o tocador Dinis Raposo e ainda Carlos Estrela à Viola da Terra.

É o responsável e Diretor Musical da Orquestra de Violas da Terra formada em fevereiro de 2011 e que conta atualmente com 30 elementos.

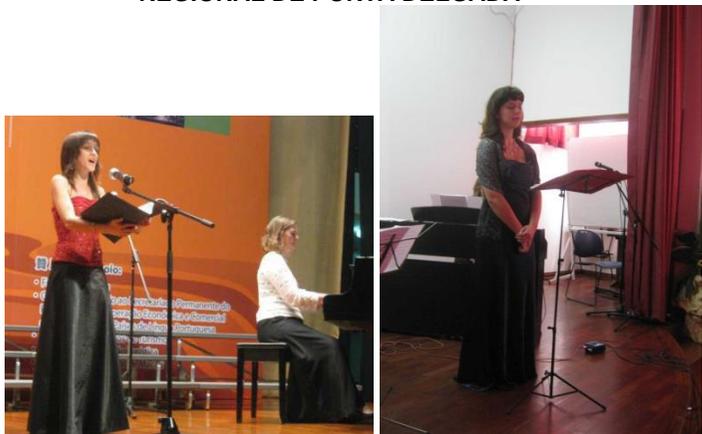
Organizou com a Associação de Juventude Viola da Terra o I Encontro de Violas Açorianas a 2 e 3 de setembro de 2011 que envolveu a presença de tocadores de 5 Ilhas dos Açores, Flores (José Serpa), Graciosa (António Reis), Pico (Orlando Martins), Terceira (Lázaro Silva) e São Miguel (Rafael Carvalho).

Um evento que a Viola aguardou cerca de 5 séculos nos Açores para que se concretizasse.

É responsável pelo site www.violadaterra.webs.com. Lançou a 3 de fevereiro de 2012 o seu primeiro trabalho a solo "Origens", numa homenagem a temas tradicionais da Viola da Terra mas contendo, pela primeira vez na história da Viola Micaelense, 5 temas originais.

APRESENTA RECITAL A SOLO DE VIOLA DA TERRA NO JANTAR DE DIA 16
JÁ TOMOU PARTE NA SESSÃO DE ABERTURA DO COLÓQUIO NA LAGOA EM 2009

33. RAQUEL BEATRIZ DE LIMA MACHADO - CONSERVATÓRIO REGIONAL DE PONTA DELGADA



AUSENTE EM LONDRES SUBSTITUÍDA POR HELENA FERREIRA

Raquel Machado nasceu em Ponta Delgada, em 1987. Ingressou no Conservatório Regional daquela cidade açoriana aos seis anos de idade, onde foi aluna da Prof.^a Irina Semiónova e completou o 8º Grau de Piano com a classificação de 18 valores. Enquanto aluna daquela instituição, participou em diversas audições, recitais e concertos, como solista ou integrando grupos de música de câmara e coro.

Em julho de 2009 terminou a Licenciatura em Música – Variante de Piano, na Universidade de Aveiro, na classe de Piano da professora Nancy Lee Harper e na classe de Música de Câmara do professor António Chagas Rosa. Em dezembro de 2009 recebeu o Prémio Caixa Geral de Depósitos – Melhor finalista da Licenciatura em Música, numa cerimónia que teve lugar no Auditório da Reitoria da Universidade de Aveiro. Participou em diversos master classes com os pianistas Massimiliano Valenti, Rudolfo Rubino, Mário Laginha, Paulo Pacheco, Sofia Lourenço, Miguel Borges Coelho, e Sergei Milstein.

No âmbito dos Cursos Internacionais de Música de Guimarães, trabalhou Música de Câmara sob a orientação de António Saiote. Em 2007 participou no recital de encerramento do Congresso Europeu de Professores de Piano (ESMAE, Porto), e no mesmo ano atuou na Sessão Solene Comemorativa da Elevação da Ribeira Grande a Vila, que decorreu no Teatro Ribeiragrاندense. Em 2006 ingressou na Lira Açoreana, sendo a primeira pianista desta orquestra constituída por jovens músicos açorianos. Enquanto membro do coro do Departamento de Comunicação e Arte da Universidade de Aveiro participou em diversos concertos, dos quais se destacam a Missa da Coroação (Mozart), Requiem (Brahms), A Criação (Haydn), a Nona Sinfonia (Beethoven), Sinfonia Coral (Beethoven) dirigida pelo maestro António Saiote e onde foi solista o pianista António Rosado. Atualmente ensina no Conservatório Regional de Ponta Delgada.

Como soprano, apresentou-se pela primeira vez como solista em maio de 2010 no Teatro Micaelense (S. Miguel – Açores), interpretando a *Missa Breve* de Delibes e *Alleluia* de Mozart.

Faz atualmente parte do Grupo Bruma Ensemble.

Foi convidada dos Colóquios a Bragança 2010, Macau 2011, Vila do Porto (Santa Maria) em 2011, através do apoio da Direção Regional das Comunidades.

ATUA COMO SOPRANO NO RECITAL AUSENTE EM LONDRES SUBSTITUÍDA POR HELENA FERREIRA

É SÓCIA DA AICL

34. RAUL LEAL GAIÃO, LISBOA, PORTUGAL



RAUL LEAL GAIÃO, Mestre em Língua e Cultura Portuguesa / Estudos Linguísticos, com a dissertação de *Aspetos Lexicais na Obra de Autores Macaenses* (publicada).

Licenciado em Filosofia pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Licenciado em Ciências Literárias pela Universidade Nova de Lisboa.

Colaborador do Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea, Academia das Ciências de Lisboa e Colaborador do Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa.

Desenvolve investigação na área do falar / dialeto macaense, tendo escrito e publicado vários artigos:

- “Línguas de Macau” in *Dicionário Temático da Lusofonia*.
- “Nhónha-nhónha – A Reduplicação no Crioulo Macaense”, in *Pelas Oito Partidas da Língua Portuguesa*.
- “Asiaticismos no Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa”, in *SIMELP, I Simpósio Mundial de Estudos de Língua Portuguesa*.
- “Asiaticismos no Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa”, in *Atas / Anais 4º Encontro Açoriano da Lusofonia*.
- “Representações do crioulo macaense”, in *SIMELP*

É SÓCIO DA AICL.

TEMA 3.8 AÇORIANOS EM MACAU: D. JAIME GARCIA GOULART – DO PICO A MACAU, DE MACAU A TIMOR

RAUL LEAL GAIÃO

Jaime Garcia Goulart, nascido na Candelária, ilha do Pico em 1908, foi para Macau com 13 anos, acompanhado de outros jovens açorianos para frequentar o Seminário de S. José, dedicando a sua vida sacerdotal à diocese de Macau até 1940.

Foi em Timor que viveu a maior parte dos dias da sua vida, primeiro como Superior da Missão em Timor (1936 / 37), depois como administrador apostólico com a criação da diocese de Díli em 1940 e que teve de abandonar, refugiando-se na Austrália devido à invasão da ilha pelos japoneses.

Durante a sua permanência na Austrália foi nomeado e sagrado bispo de Díli, regressando no fim da guerra, para a reconstrução da sua diocese completamente destruída pelos invasores.

A sua dedicação aos estudos da história do Padroado Português do Oriente e à evangelização, com especial atenção à missionação e formação de sacerdotes, à formação de professores catequistas contribuiu fortemente para a expansão do catolicismo em Timor e para a reconstrução da Igreja, ação reconhecida pelos timorenses, nomeadamente pelo poeta Rui Cynatti: “sendo pau para toda a obra de missionação e de instrução a todos convence pelo seu poder de inteligência e preclaro bom senso e onde a obra é feita com amor, tudo floresce”.

1. Introdução

Jaime Garcia Goulart nasceu na freguesia da Candelária (concelho da Madalena), ilha do Pico, em 10 de janeiro de 1908. O facto de ser parente pelo lado paterno e materno do cardeal D. José da Costa Nunes, oriundo de família e comunidade cristãs e com espírito missionário, nomeadamente para o Extremo Oriente, orientou, certamente, o seu percurso de vida. Concluiu o curso teológico no Seminário Episcopal de Angra, recebendo a ordenação sacerdotal a 10 de maio de 1931. Celebrou a sua missa nova a 15 de maio desse ano na sua freguesia natal da Candelária do Pico. Faleceu na cidade de Ponta Delgada a 15 de abril de 1997, com 89 anos de idade. Passou a maior parte da sua vida em Macau e Timor, territórios que permaneceram sempre no seu coração. Numa das viagens para o Oriente, ao ver Macau, a cidade da sua formação e instrução, escreve: “Esta alegria (...) reduplicou ao avistar Macau, a velha cidade do Santo Nome de Deus, a minha Coimbra muito amada. A cúpula elegantemente traçada do Seminário de S. José, que abrigou a minha adolescência, as ruínas majestosas de S. Paulo, igrejas, conventos e velhas fortalezas, a gruta que inspirou o poeta máximo da nossa raça, tudo me fez evocar, com comoção, tempos áureos da nossa História, de mistura com saudosos anos de vida repartida entre a lide intensa dos livros e o folgar despreocupado de verdes anos” (Cardoso, 1999: 19). Noutras passagens afirma: “Não troco por nada deste mundo a humilde pacatez da minha aldeia natal, mas amo Macau como uma segunda pátria.” (Cardoso, 1999: 65). “Sou açoriano e honro-me de o ser, pelo sangue, pela primeira educação, mas devo a Macau a instrução, a minha formação [...] Os Açores foram para mim o berço dourado de um sonho lindo, Macau o teto da realidade desse sonho” (Cardoso, 1999: 65). A sedução tornou-se extensiva ao Oriente: “Sofrendo já uma doença, a que chamarei feitiço do Oriente, senti uma indescritível alegria ao ver despontar, pela proa do Fulda, as agulhas e cúpulas mouriscas dos edifícios árabes e os viçosos palmares que se perdiam ao longe num imenso mar de verdura” (1999: 45). Foi esta atração pelo Oriente que o prendeu durante toda a vida ativa: “Mas a fascinação do Oriente, o feitiço do Oriente, tem qualquer coisa de misterioso. Sem nos matar no coração o amor da nossa Terra, antes aumentando-o – pois se em toda a parte um Português pode ter orgulho da sua raça, é aqui que ele é mais legítimo e puro – sem nos tirar o amor da Família, que cresce com a ausência, este Oriente enfeitiça-nos de tal

modo, que não é fácil abandoná-lo de vez sem fazer pagar um pesado tributo ao coração” (Cardoso, 1999: 54).

2. Do Pico a Macau

Com apenas 13 anos de idade, partiu em 1921, para Macau com outros onze rapazes açorianos, vindo a frequentar o Seminário Diocesano de São José. Ainda se encontrava a estudar Teologia quando foi nomeado secretário privado de D. José da Costa Nunes, então bispo de Macau. Depois de um ano em Angra, regressou a Macau em 1931, cidade onde permaneceu e dedicou a sua vida sacerdotal à Diocese de Macau.

Em janeiro de 1932, foi nomeado missionário do Padroado Português do Oriente exercendo as funções de secretário particular de D. José da Costa Nunes e professor de Latim no Seminário e Liceu de Macau.

Convém referir que a diocese de Macau, apesar de mais reduzida em extensão que no passado, como o próprio P. Jaime Goulart refere, abrange, no seu tempo “A Colónia Portuguesa de Macau, 13 distritos da província de Kwang-tung, a Colónia Portuguesa de Timor e as paróquias isentas de S. José de Singapura e de S. Pedro de Malaca” (1999: 165), sendo falados pelo menos 21 línguas e dialetos na Diocese (de Macau): Português, Inglês, Punti (cantonense), Hakka e Haklo (dialetos chineses), cristão (dialeto português falado em Singapura e Malaca) (Cardoso, 1999: 166) e as 14 línguas ou dialetos falados em Timor, que adiante referiremos.

Integrado na Diocese de Macau, no verão de 1933 acompanhou D. José da Costa Nunes na visita pastoral às Missões de Singapura, Malaca e Timor (Teixeira, 1974). Na visita pastoral a Timor percorreram todo o território: Ermera, Atsabe, Bobonaro, Suro, Alas, Soibada, Barique, Lacluta, Luca, Viqueque, Baucau, Vemasse, Manatuto, Laleia, Laclubar, Lacló, Liquiçá, Batugadé, Oecusse.

Após a visita pastoral permaneceu em Timor “para satisfazer o seu mui louvável desejo da vida missionária” trabalhando até 1937, primeiro como coadjutor e depois como superior da Missão de Soibada, onde fundou em 1936 o Seminário Menor de Nossa Senhora de Fátima. Regressou a Macau em 1937 como secretário do bispo de Macau e como professor de Educação Moral e Cívica no Liceu e no Colégio de Santa Rosa de Lima, permanecendo até 1940.

O interesse pelas missões levou-o a investigar, em Goa, Lisboa e Évora, a história das Missões de Timor, aquando da sua licença graciosa. Dedicou-se ao estudo da Missiologia, disciplina jovem, cujos primórdios ele refere, nascida em ambiente protestante no século XIX, sendo criada a primeira cátedra referente a este saber na Universidade de Edimburgo, em 1867; no campo católico, Joseph Schmidlin (1876-1944) foi o primeiro a abordar este estudo, tendo resultado de seu trabalho, a criação da cátedra de Missiologia em 1911, na Universidade de Munster.

Depois da I Guerra Mundial várias universidades protestantes abriram suas cátedras. De 1916 a 1974, a Pontifícia Universidade Urbaniana de Roma publicou a *Bibliotheca Missionum*, uma coleção de estudos sobre missiologia.

Ora, sendo o objetivo fundamental do missionário cristão anunciar o Evangelho de modo universal, a preparação para esta missão implica que o missionário tenha forte experiência de Salvação e comunhão com Cristo, conhecimento perfeito das escrituras, o domínio da língua local onde exerce a sua missão, o conhecimento da cultura e das leis e costumes locais, contando com o apoio financeiro e ministerial da sua igreja de origem.

O Padre Jaime Goulart reflete em diversas passagens dos seus escritos o estudo e a dedicação à Missiologia: “Os problemas missionários, infelizmente ainda pouco conhecidos em Portugal, de há muito que são agitados noutros países da Europa, com grande entusiasmo. Enche bibliotecas a literatura missionária moderna, só publicações periódicas contam-se por centenas. De todos os aspetos, porém, desta brilhantíssima corrente de interesse e simpatia pelas Missões, um há, que cremos poder considerar a alma de toda ela e a sua verdadeira característica. É o que este movimento tem de intelectual, de doutrinário, de sistemático. A Missiologia tomou já assento em quase todos os institutos católicos. A par das revistas, livros e folhetos de propaganda, há os de cultura, de formação e estudo. De estudo, sim. As Missões são hoje uma ciência, que é preciso estudar, e que todos os católicos precisam de conhecer, pelo menos no que ela tem de mais elementar”. (Cardoso, 1999: 77)

3. De Macau a Timor

Em 1940, o P. Jaime Goulart voltou a Timor como vigário geral das missões com o objetivo de desenvolver o projeto de missionação através de programas de catequese e ensino. “Após a licença graciosa foi transferido para as [missões] de Timor, como Vigário-Geral e em 18 de janeiro de 1941 foi nomeado pelo Santo Padre Pio XII Administrador Apostólico da nova Diocese de Díli.” (Teixeira, 1974), pois graças aos esforços junto da Santa Sé de D. José da Costa Nunes, pela bula *Sollemnibus conventionibus*, de 4 de setembro de 1940, foi criada a diocese de Díli, ficando então sufragânea da Arquidiocese de Goa e Damão.

Para melhor compreender a situação de Timor, convém referir alguns aspetos históricos, embora brevemente, que nos mostram a vida atribulada dos timorenses e da Igreja em particular. A Igreja Católica passou por diversas tragédias ao longo dos tempos. “A Missão de Timor parecia muito desenvolvida, mas foi sempre uma das mais infelizes do nosso império”, como refere o P. Jaime Goulart (Cardoso, 1999: 201). “Logo nos finais do século XVI padres, frades e seminaristas foram trucidados. A dois seminaristas “arrancarão-lhe os olhos, e depois as lingoas, cortarão-lhes os braços; e assim a pedaços os forão trichando para a mesa do bom Jesus, até que lhe renderão as almas” (Teixeira, 1974: 13-14). Com a instabilidade do território, devido à invasão holandesa no princípio do século XVII, as missões entram em declínio e ao longo do século vários frades foram mortos por causas diversas. As incursões dos holandeses continuaram pelo território, principalmente depois da tomada de Malaca, só terminando com o tratado de paz de paz celebrado entre Portugal e a Holanda em 1662. (Teixeira, p. 36 e 37) A Igreja continuou a sentir problemas com os próprios governadores de Timor ao longo do século XVIII e XIX.

Com a implantação da República e segundo a lei da Separação das Igrejas, de 20 de abril de 1911, a Igreja Católica deixava de ser a religião oficial, perdendo todas as prerrogativas inerentes a essa condição, sendo expulsos os jesuítas, que dirigiam a missão e o colégio de Soibada, e as Irmãs Canossianas que administravam colégios em Soibada, Díli e Manatuto.

Apesar de os missionários conservarem os direitos adquiridos e os lugares em que se encontravam, não cessando as verbas oficiais e os apoios do governo à atividade missionária e de ensino, uma vez que era difícil encontrar professores que preenchessem as funções dos missionários e com os mesmos custos, era necessário aproveitar os que não queriam retirar-se de Timor, mas dirigindo o ensino para uma maior orientação profissional. Contudo, grande parte dos 22 padres existentes em 1910 foi saindo (Figueiredo, 2003). Em 1913 a Lei da Separação foi tornada extensiva à colónia de Timor e terminava oficialmente toda a interferência do Estado na vida e organização da Igreja Católica, bem como o apoio que esta recebia. Foram criadas as missões laicas para substituírem as católicas, embora não tenham resultado, pois era impossível recuperar as tarefas abandonadas pelos jesuítas e pelas madres canossianas, para as quais os padres seculares vindos de fora não estavam preparados e era com dificuldade que estes asseguravam o funcionamento de algumas escolas.

Em maio de 1919, como as missões laicas não chegaram a funcionar, o Estado português reconhecia a importância das missões católicas enquanto agentes de civilização e dos interesses nacionais, regulamentando a implementação e funcionamento das designadas “missões civilizadoras”, laicas e religiosas, assumindo o Estado subsidiar estas últimas enquanto “elementos de ação civilizadora e nacionalizadora” (Figueiredo, 2003: 561).

É neste contexto, sentindo-se ainda os efeitos da política republicana, que em 1940 chega a Timor⁷² o P. Jaime Goulart como vigário geral das missões com o objetivo de desenvolver o projeto de missionação através de programas de catequese e ensino.

A obra missionária de D. Jaime foi um enorme e difícil, a primeira fase foi a reconstrução das destruições do regime republicano, anticlerical, que expulsou os religiosos de todo o território nacional; a segunda fase, foi reerguer Timor da destruição deixada pela II Guerra Mundial e principalmente pela invasão japonesa.

Durante o conflito que assolou de novo a Europa e o mundo, a partir de 1939, a situação tornou-se melindrosa no Extremo Oriente, onde o Japão desencadeou uma larga e forte ocupação de territórios, que pretendia incluir, a sul, a Austrália. Mesmo Portugal sendo um país neutro, Timor tornou-se uma posição estrategicamente importante e por isso disputado por ambas as partes. A 17 de dezembro de 1941 processou-se o desembarque em Díli de uma força austro-holandesa, cujo objetivo era evitar ou pelo menos dificultar o domínio desta parte da ilha pelas tropas japonesas, para poderem fazer dela uma base próxima de ataque à Austrália. Esta reduzida força não foi suficiente para impedir a invasão a 19 de fevereiro de 1942, pelo contrário serviu-lhe de pretexto (Figueiredo, 2003). Sob a ocupação japonesa, o território conheceu um dos piores períodos da sua atribulada história. Em 17 de dezembro de 1941 entraram em Díli os australianos. Em fevereiro de 1942 entraram os japoneses que forçaram os australianos para as montanhas. Chegaram à missão de Lahane e saquearam tudo. Por todo o território muitos portugueses foram trucidados e foram executados dois padres. A situação em Timor foi-se agravando, primeiro com a entrada de forças holandesas e australianas e depois pela brutal invasão e ocupação japonesa. O Administrador Apostólico aconselhou primeiramente que todos os missionários continuassem a sua

⁷² “Tudo o que era documentação da Igreja de Díli foi propositadamente destruído e reduzido a cinzas!!!...” (Cardoso, 1999: 15), com a invasão indonésia.

atividade nos seus postos de missão, mas pouco tempo depois, com o fuzilamento de alguns sacerdotes, aconselhou que partissem com ele para a Austrália. Jaime Garcia Goulart exercia ainda administração apostólica quando, em 1942, teve de deixar Timor (numa fuga coordenada pelo coronel Calligan) e procurar refúgio na Austrália devido à ocupação japonesa daquele território. Os europeus e seus colaboradores que não fugiram para a Austrália, numa primeira vaga, foram feitos prisioneiros e encarcerados em campos de refugiados improvisados nas vilas de Maubara e Liquiçá, onde a vida se lhes tornou penosa. Por seu lado, os indígenas que não colaboravam tornavam-se vítimas fáceis dos componentes das colunas negras e dos bombelas (milicianos recrutados no território e na parte holandesa da ilha) ou dos próprios japoneses quando aqueles vacilavam. Alguns chefes indígenas vieram também a cair, sendo o mais conhecido D. Aleixo Corte-Real, régulo do Suro.... Muitos europeus, assimilados e indígenas conseguiram fugir com a ajuda do governo australiano que lhes deu acolhimento. ... A ocupação japonesa terminou em setembro de 1945. Díli e outras localidades foram praticamente destruídas. A economia ficou arrasada. Perderam-se dezenas de milhares de vidas e, muitos indígenas aliciados contra os Portugueses, deixaram depois o território... Foi necessário começar tudo de novo em Timor. (Figueiredo, 2003)

Terminada a Guerra, a Santa Sé nomeou a 12 de outubro de 1945 o padre Jaime Garcia Goulart como primeiro bispo de Díli:

PIO PAPA, SERVO DOS SERVOS DE DEUS

Ao dileto filho, Jaime Garcia Goulart, Administrador Apostólico da Diocese de Díli e Bispo eleito da mesma Diocese, saúde e bênção apostólica. O ofício do supremo Apostolado pelo qual presidimos a todo o orbe católico, confiado à nossa humildade pelo Eterno Príncipe dos Pastores, impõe-nos o dever de cuidar com a máxima diligência de que presidam a todas as igrejas Prelados tais que saibam e possam apascentar salutarmente, dirigir e governar o rebanho do Senhor que lhes for confiado. Por consequência, como se encontra sem pastor a igreja de Díli que nós erigimos como catedral sufragânea da Igreja de Goa pela bula munida de selo de chumbo "Sollemnibus-conventionibus" do dia quatro do mês de setembro do ano de mil novecentos e quarenta, Nós, ouvido o parecer dos nossos Veneráveis irmãos, os Cardeais da Santa Igreja Romana, com autoridade apostólica, elegemos-te para ela e colocamos-te à sua frente como Bispo e Pastor e outrossim confiamos-te plenamente o cuidado, governo e administração da mesma igreja com todos os direitos e privilégios, encargos e obrigações inerentes a este múnus pastoral. Queremos, porém, que, observado tudo o mais que é de direito e antes que recebas a consagração episcopal e tomes posse canónica da Diocese que te é confiada, faças profissão de fé católica e os juramentos prescritos, segundo as fórmulas estabelecidas, nas mãos dalgum Bispo católico da tua escolha que esteja na comunhão e graça da Sé Apostólica, com a obrigação de enviáres, o mais cedo possível, à Sagrada Congregação Consistorial, exemplares dos mesmos com a tua assinatura e a do dito Bispo e munida de selo.

Tendo em vista, além disso, a tua maior comodidade, permitimos-te que possas ser livre e licitamente consagrado Bispo fora de Roma por qualquer Bispo católico da tua escolha a que assistam outros dois Bispos católicos que estejam em graça e comunhão com a Santa Sé Apostólica. Pela presente Bula confiamos o múnus e mandato de te conferir a consagração ao Venerável Irmão Bispo que para tal escolheres. Determinamos, porém,

estritamente, que antes de emitir a profissão e os juramentos de que acima falamos, nem tu ouses receber a consagração nem ta dê o Bispo que escolheres sob pena de incorrer nas censuras determinadas pelo direito se desobedeceres a este meu preceito. Alimentamos, por fim, a firme esperança e confiança de que a Igreja de Díli será dirigida utilmente pelo teu desvelo pastoral e indefeso esforço, assistindo-te propícia a dextra do Senhor, e receberá, com o andar do tempo, maior desenvolvimento nas coisas espirituais e temporais. Dada em Roma, junto de S. Pedro, aos dez de outubro do ano de mil novecentos e quarenta e cinco ano sétimo do nosso pontificado.

Também ao povo timorense o Papa Pio XII dirigiu uma mensagem de saudação:

PIO PAPA, SERVO DOS SERVOS DE DEUS

Aos amados filhos, clero e povo da cidade de Díli, saúde e bênção Apostólica. Tendo Nós pela Bula Apostólica "Sollemnibus Conventionibus", munida do selo de chumbo e datada do dia 4 do mês de setembro do ano do Senhor de mil novecentos e quarenta, erigido em Catedral Sufragânea da igreja Metropolitana de Goa, a vossa Igreja de Díli ouvido hoje o parecer dos Veneráveis Irmãos Cardeais da Santa Igreja Romana, elegemos com a Nossa autoridade Apostólica para a mesma Igreja, ainda não provida de Pastor, o Nosso dileto filho Jaime Garcia Goulart até agora Administrador Apostólico da vossa Diocese, e dela o constituímos Bispo e Pastor. Com esta nossa Bula a todos vós damos conhecimento disto e vos mandamos no Senhor que, recebendo com veneração e acatando com a devida honra Jaime, vosso Bispo eleito, presteis obediência aos seus mandatos e avisos salutares e o considereis com reverência como o Pai e Pastor das vossas almas de modo que ele se regozije, no Senhor de vos ter como filhos dedicados e vós de o ter como Pai benevolente. Outrossim determinamos e mandamos que sob o cuidado e obrigação do mesmo Ordinário, o qual presentemente rege a vossa Diocese, seja lida publicamente esta Nossa Bula, do púlpito da Igreja Catedral, no primeiro dia de preceito que se seguir à sua receção.

Dado em Roma, junto de S. Pedro, no ano do Senhor de mil novecentos e quarenta e cinco, no dia dez do mês de outubro no ano sétimo do Nosso Pontificado. Pelo Chanceler da Santa Igreja Romana, Cardeal Januário Granito Pignatelli di Belmonte, Decano do Sacro Colégio.

Estando na Austrália, a sua sagração efetuou-se em Sydney, na capela do Colégio de São Patrício, a 28 de outubro de 1945, sendo principal sagrante Giovanni Panico, Arcebispo e delegado apostólico na Austrália, e cossagrantes Norman Thomas Gilroy, arcebispo de Sydney, e John Aloysius Coleman, bispo de Armidale. Deu entrada solene na sua diocese de Díli a 9 de dezembro de 1945, encontrando-a devastada e com a maior parte das estruturas pastorais em ruínas como resultado da ocupação japonesa de Timor, que terminara alguns meses antes. Quando entrou em Timor, após o fim da guerra, D. Jaime Goulart encontrou um território completamente dizimado; 40.000 mortos (10% da população), 4 missionários mortos vítimas da ocupação japonesa. Quando regressou, o território (e principalmente a diocese) estava reduzido a zero: a Diocese perdeu 74 edifícios entre os quais a catedral, muitas igrejas e capelas, escolas, residências missionárias, o que restava era muito pouco. Com todas as dificuldades que o território apresentava no campo da missão, desde a difícil comunicação em Timor, pois falavam-se várias línguas ou dialetos, Tétum, Galole, Idaté Macassai, Huíamá, Dagadá, Midic, Naumác, Nauéte, Bunác, Vaiqueno, Mambae, Tucudede, Kémak e

Lacalei” (Cardoso, 1999: 166), (usando geralmente os missionários no exercício do seu ministério o Tétum, Galole e Vaiqueno), até à difícil comunicação terrestre, com grandes caminhadas a pé, a cavalo ou ao volante dum jipe, o novo prelado chamou para a Diocese novos missionários e novas congregações religiosas, para lá foram os Salesianos e as Dominicanas” (Teixeira, 1974:467)

Como o próprio D. Jaime refere, “Mais lhe tem custado as dificuldades da direção da diocese nova que lhe foi entregue materialmente devastada, pobre de recursos e sem clero suficiente, do que do que as mortificações da vida missionária: as longas caminhadas a cavalo, por montes e vales ao sol escaldante e à chuva torrencial dos trópicos, a travessia perigosa de ribeiras, as chamadas para doentes em cristandades longínquas e os trabalhos extenuantes de assistência religiosa e de catequese que nem dão tempo, às vezes, para repousar e comer” (Teixeira, 1974: 463)

Mas o novo bispo estava determinado a levar para a frente a sua árdua tarefa: “Não temos igrejas. A própria Catedral é de folhas de palmeiras. Díli é a única Diocese que não tem catedral... O que nos falta são muitos sacerdotes, porque podemos ter igrejas de palha, mas padres de palha não” (Cardoso, 1999: 202)

Como prelado de Timor, D. Jaime Garcia Goulart dedicou particular atenção à missão e à formação de sacerdotes. Durante o período em que esteve à frente da diocese, o número de católicos na diocese passou de cerca de 30 000 para mais de 150 000 e o número de alunos das escolas missionárias passou de 1 500 para 8 000. No campo da educação, mereceu-lhe particular atenção a formação de catequistas, processo que havia sido iniciado anos antes por D. João Paulino de Azevedo e Castro, ao tempo bispo de Macau, e a consolidação do seminário menor da Soibada. Comparando os dados de 1941 (antes da destruição da invasão japonesa com os de 1966 (no fim do seu mandato) verifica-se que, segundo dados estatísticos, o número de católicos passou de 29.899 para 152.151, os sacerdotes de 21 para 52, os internatos masculinos de 1 para 4, os externatos masculinos de 0 para 30, os externatos femininos de 0 para 14. (Teixeira, 1974).

“A sua obra apostólica é de um valor inestimável, e o mesmo se diga de toda a sua vida transparente, a revelar-nos a riquíssima e inconfundível personalidade do Homem-Padre-Bispo, que, com singular presença, cortês e afável, aliada ao bom humor, desanuviava e animava e dulcificava qualquer ambiente do próprio raio de ação” (Cardoso, 1999: 14).

Alegando cansaço e com a saúde abalada, D. Jaime Garcia Goulart pediu à Santa Sé, em 1965, a designação de um bispo coadjutor com direito de sucessão, tendo sido designado para tal D. José Joaquim Ribeiro, bispo titular de Aegeae, que então servia na Arquidiocese de Évora.

Devido ao seu precário estado de saúde e fadiga, após longos anos de permanência em Timor, e tendo verificado que, por esses motivos, não podia atender a todas as suas obrigações do cargo, solicitou à Santa Sé um coadjutor, que, de facto, lhe foi concedido na pessoa de Sua Ex. Rev. da o Senhor D. José Joaquim Ribeiro.

Desde então ficou prevista a resignação do cargo de Bispo da Diocese de Díli e foi nomeado Coadjutor com direito de futura sucessão.

Como já se encontrava na Diocese, há quase um ano, D. José Joaquim Ribeiro, e tendo-se agravado, as razões que o levaram a solicitar o Coadjutor, entendeu ser dever de consciência submeter ao Santo Padre o pedido de resignação e exoneração.

“Pode causar alguma estranheza, tomando em consideração apenas a minha idade, o facto de eu ter formulado esse pedido. A verdade, porém, é que todas as circunstâncias apontadas e ainda mais o condicionalismo particular desta vasta Diocese, me colocam no caso, em que, segundo a mente do Concílio Vaticano II e as subseqüentes recomendações do Santo Padre, se torna aconselhável a resignação de um Bispo. Aguardemos, pois, a decisão de Sua Santidade, que espero não tardará e há de ser, como sempre são todas as decisões de Vigário de Cristo, para maior glória de Deus e bem espiritual das almas. Díli. 28 de dezembro de 1966. Jaime Garcia Goulart, Bispo de Díli”.

Na despedida da diocese timorense, D. Jaime falava comovido: “há trinta e três anos, pela primeira vez, pisei terras de Timor e tomei contacto com a sua gente. Desde então para cá, se tem vindo, dia a dia, apertando os laços de espiritual afeto, que me ligam a este bom Povo Timorense, laços que ainda mais fortemente a ele me vinculou a cruz episcopal Por isso, certamente me não levareis a mal que, na angústia deste momento, eu me ampare a alguns pensamentos de conforto e esperança. De todos o maior é o de Ter podido dotar a diocese de um seminário e de ter visto já os seus primeiros e benéficos frutos. O Reino de Deus em Timor não se dilatará nem consolidará sem numerosos e santos sacerdotes timorenses. Outro motivo de satisfação: o consolador e sempre crescente aumento da comunidade cristã. Recebi a diocese com 30 000 católicos. Entrego-a com mais de 150 000. Ainda e só mais uma reconfortante verificação: durante o meu episcopado vi subir o número de alunos das escolas missionárias de 1500 para 8000.

Cessam as minhas funções de pastor diretamente responsável por esta porção diletta da Grei Cristã. Não cessam, porém, as de bispo da Igreja Católica. De algum modo continuo presente em Timor. Presente, por dever de membro do colégio Episcopal, presente por afeto e gratidão; presente nas minhas orações e nos meus sacrifícios, presente pela minha imorredora saudade.

Eu sou mais timorense do que açoriano”.

Anos mais tarde afirmaria: “Eu tinha já bebido água de coco e quem bebe água de coco fica em Timor”, mesmo longe de Timor (Cardoso, 1999: 215).

4. De Timor aos Açores

D. Jaime Garcia Goulart depois de resignar a sua diocese regressou aos Açores, onde chegou em agosto de 1967, fixando-se inicialmente na cidade da Horta, na ilha do Faial. Mudou-se depois para a ilha do Pico, onde na sua freguesia natal da Candelária dirigiu o Patronato Infantil da Casa de São José, instituição particular de solidariedade social fundada pelo seu primo cardeal D. José da Costa Nunes.

Em 3 de novembro de 1985 foi um dos concelebrantes na cerimónia de bênção da Sé Catedral de Angra após a sua reconstrução dos danos causados pelo sismo de 1 de janeiro de 1980.

Motivos de saúde levaram-no a fixar residência junto de familiares em Rabo de Peixe, na ilha de São Miguel, vindo a falecer, com 89 anos de idade, na cidade de Ponta Delgada a 15 de abril de 1997.

Timor continuou a estar sempre presente na sua vida e vivia intensamente todos os problemas dos timorenses: “Sinto-me profundamente atingido pelos atuais sofrimentos do Povo Timorense, a ponto de poder afirmar que a situação de Timor me afeta mais intensamente do que durante os longos anos em que lá vivi e trabalhei” (Cardoso, 1999:

223). "...desde que cessaram as minhas funções episcopais de responsável pela Diocese de Díli, tenho-me absterido sistematicamente de me pronunciar sobre assuntos relacionados com a situação de Timor, cuja sorte partilhei durante 33 anos. Antes pelo contrário, sinto-me profundamente atingido pelos atuais sofrimentos do Povo Timorense, a ponto de poder afirmar que a situação de Timor hoje me afeta mais intensamente do que durante os longos anos em que lá vivi e trabalhei" (Cardoso, 1999: 223). "Embora separado de Timor vai para 20 anos, continuo a dedicar àquela terra e ao seu bom povo todo o meu carinho. Assim vejo com extremo agrado a constante fidelidade da maioria dos Timorenses à Fé Cristã. Esta será para eles reconfortante lenitivo nos grandes sofrimentos, que têm experimentado, e os ajudará a resolver todos os problemas, que ainda subsistem" (1999: 224). Estes anos de reflexão permitiram-lhe avaliar o seu pequeno (grande) contributo à Igreja e principalmente à Igreja de Timor: "80 anos é uma boa idade. Dei-me à curiosidade de calcular o número de segundos vividos nesses oitenta anos. Foram dois biliões e meios de segundos. Ora um segundo é nada e a soma de muitos nadas não pode ser senão nada. A vida terrena, portanto, é nada, por mais longa que ela seja. Mas, mesmo assim, acho que vale a pena vivê-la, pois é nesse nada que se constrói o Tudo, que é uma eternidade feliz. Nem todos os segundos da minha longa vida foram bem aproveitados para esse fim. Valha-me a Misericórdia de DEUS e as orações, que por mim fazem os Amigos, como tu!" (Cardoso, 1999: 225). O primeiro bispo de Timor foi "... um homem que dedicou a alma e o coração ao seu povo timorense" (D. Carlos Ximenes Belo)

5. Bibliografia

- CARDOSO, Tomás Bettencourt (org) (1999). *Textos de D. Jaime Garcia Goulart*, Fundação Macau, Macau.
- FIGUEIREDO, Fernando (2003). "Timor (1910-1955)". In A. H. de Oliveira Marques (Dir), *História dos Portugueses no Extremo Oriente, Macau e Timor no período republicano*, 4º vol. pp. 521-282. Fundação Oriente.
- GOULART, Jaime Garcia (1932). "Voltará Portugal à Vanguarda Missionária?". In *Boletim Eclesiástico da Diocese de Macau*, 338.
- GOULART, Jaime Garcia (1932). "Fim Primário das Missões". In *Boletim Eclesiástico da Diocese de Macau*, 343.
- GOULART, Jaime Garcia (1933). "Tradição e Missiologia". In *Boletim Eclesiástico da Diocese de Macau*, 347.
- GOULART, Jaime Garcia (1938). "Reorganização das missões de Timor, 1874-1878". In *Boletim Eclesiástico da Diocese de Macau*, 406.
- GOULART, Jaime Garcia (1938). "Missões de Timor". In *Boletim Eclesiástico da Diocese de Macau*, 410.
- PAULINO, Vicente, (s / data) "D. Jaime Garcia Goulart – o primeiro bispo da diocese de Díli", in Ricardo Roque (org.), *History and Anthropology of "Portuguese Timor"*, 1850-1975. Na Online Dictionary of Biographies,
- TEIXEIRA, P. Manuel (1974) *Macau e sua Diocese, Missões de Timor*, vol X, Macau.

ANEXO

Datas do percurso de vida de D. Jaime Goulart:

- 10 / 01 / 1908 - Nascimento (Candelária, Pico, Açores)
 22 / 07 / 1921 - Parte do Pico para Macau
 21 / 09 / 1921 - Entrada no Seminário de S. José, Macau

- 1929 - Secretário particular de D. José da Costa Nunes
 23 / 10 / 1930 - Frequência do último ano de teologia no Seminário de Angra, Açores
 10 / 05 / 1931 - Ordenação sacerdotal na Candelária
 14 / 05 / 1931 - Missa Nova na Candelária
 1932 - Regressa a Macau, Professor de Latim no Seminário de S. José e no Liceu de Macau.
 1933-1937 - Timor, Coadjutor e Superior da Missão de Soibada.
 08 / 09 / / 1937 - Regressa a Macau, como secretário de D. José da Costa Nunes.
 22 / 01 / 1940 - Vigário Geral das Missões de Timor.
 18 / 01 / 1941 - Administrador Apostólico da nova Diocese de Díli (criada em 1940).
 12 / 10 / 1945 - Eleito bispo de Díli.
 28 / 10 / 1945 - Ordenação como bispo em Sidney.
 09 / 12 / 1945 - Chegada a Timor como bispo de Díli.
 31 / 01 / 1967 - Resignação
 15 / 05 / 1997 - Falecimento

Por absoluta falta de tempo para a sua apresentação oral deixa-se aqui a continuação de anteriores participações deste autor com outro trabalho que permitiu a "descoberta" de partituras musicais inéditas que a nossa pianista residente ANA PAULA ANDRADE começou a desvendar ao público no 18º colóquio (Galiza 2012). Este trabalho é intitulado

AÇORIANOS EM MACAU: ÁUREO DA COSTA NUNES E CASTRO – DA ATIVIDADE PASTORAL À CRIAÇÃO MUSICAL RAUL LEAL GAIAO

A criação musical de Áureo da Costa Nunes e Castro, com uma identidade própria, linguagem original e pessoal, é um itinerário construído na recriação de sonoridades diversas: a tradição musical açoriana, a música gregoriana e polifónica religiosa, a atmosfera chinesa de sons repercussivos e do canto melopeico dos bonzos, os sons da vida de Macau, com as sonoridades ritmadas dos tin-tins e do amola facas, a melopeia do merendeiro e das aguadeiras, os sons das festividades do Ano Novo Chinês e da Dança do Dragão.

Nasceu no Pico onde cresceu (até aos 14 anos), viveu em Macau onde frequentou o seminário e exerceu a sua atividade sacerdotal (apenas com uma curta estadia em Lisboa para frequentar o Conservatório), em contacto com a vida macaense, imbuída de cultura chinesa e portuguesa.

Pretendemos distinguir o seu percurso musical como compositor, maestro e pedagogo. O objetivo fundamental deste texto não pretende ser um estudo técnico sobre a sua obra, mas dar a conhecer aos açorianos e aos portugueses em geral, a personalidade e a sua atividade musical, pois apenas um número restrito de pessoas terá algum conhecimento da sua obra, uma vez que desenvolveu a sua atividade longe daqui, num tempo em que se ignorava o que se passava pelas terras do Oriente.

1. Introdução – Intercâmbio cultural Ocidente / Oriente

Os portugueses, a partir do século XVI, desempenharam um papel preponderante no intercâmbio cultural entre a China e o Ocidente e em que Macau serviu de ponte e de palco para diversas comunicações artísticas.

No referente à música, a cultura chinesa, por tradição, não concedeu à música o espaço e a atenção que as civilizações ocidentais lhe reservaram. A música desempenhava, fundamentalmente, um papel funcional ligado a um pretexto qualquer: as representações, os rituais religiosos, as cerimónias fúnebres, as festividades. A criação de agrupamentos instrumentais organizados e uma grafia musical codificada é recente.

Os jesuítas desde o século XVI levaram para o Oriente, para além do cristianismo, as artes, os costumes e os usos ocidentais, introduzindo na China a música ocidental.

O Colégio de S. Paulo, em Macau, introduz o ensino da música. Em 1882 um padre jesuíta leva para Macau um professor de música munido de instrumentos necessários para a formação de uma orquestra, que viria a ser a Orquestra do Seminário de S. José que funcionou até à década de 50 do século XX e que chegou a ser constituída por cerca de 26 instrumentistas. (Jardim, 1992: 147-148). O seminário possuía também uma banda. O movimento musical nas diversas paróquias de Macau é intenso, pois praticamente todas as igrejas possuíam um coro ou um grupo de instrumentos. A igreja de S. Lázaro possuía uma excelente banda bem como o orfanato Salesiano.

A criação da orquestra de Câmara de Macau possibilitou a incorporação da música chinesa nos seus concertos e o Festival Internacional de Música de Macau, criado em 1987, promoveu o intercâmbio cultural e musical entre Ocidente e Oriente, onde se tem apresentado a música e os músicos destes dois mundos. Nade, na simplicidade da sua expressão crioula, revela a sua importância na divulgação da música ocidental e chinesa:

“Grândi sonata co cantata [Grandes sonatas e cantatas]

Na passado mês di Outubro, / Gente di tudo mundo, sentado na casa [No passado mês de outubro, / Gente de todo o mundo, em casa,]

Vitá mám, abri tivisám, / Qui sabroso, [Ao deitar a mão à televisão, / Que delícia,]

Olá nosso Macau na diánti, / Raganhado qui raganhado tentá ilôtro. [Viu na sua frente a nossa Macau / Muito alegre a sorrir-lhe.]

Unga semana a fio êle já fazê / Unga festa di quebrá testa! [Numa semana a fio, levou a efeito / Um festival de arromba!]

Cantoria co musicata já sai / Di grandura assi grândi, / Qui istonteá tudo gente. [Os cantos e a musicata / Eram de tamanha envergadura, / Que deixaram a gatinha maravilhada.]

Um-cento musicuéro capaz / Vêm aqui di Tera-China [Uns cem hábeis músicos / Vieram da China até aqui]

Pa tocá mus’ca bom uvi, / Dôs nhónha pedaçóna [Para executarem lindas composições. / Duas cantoras mulherças]

Vêm di Eropá pa cantá: / Unga sai voz fino de canário, / Otrunga voz grôssô di ádemacho. [Vieram da Europa para cantar: / Uma tinha voz fininha de canário, / A outra, voz grossa de pato.]

Di Eropá já vêm tamêm, / Unga num co voz di liám [Da Europa se deslocou também / Um homem com voz de leão,]

⁷³ Para além de professor de música, Mons Ngan elaborou dois manuais para ensino do português: “Método de Português para uso nas escolas estrangeiras” (1944) e “Método de Português para uso das escolas Chinesas” (1945), usados durante 50 anos. O primeiro era mesmo usado na escola primária, principalmente para as crianças chinesas que iniciavam os seus estudos no sistema português. Na década

Pa cantá quanto regra di ópra. / Nhum abri bóca goelá [Para cantar árias de ópera. / Com a boca toda aberta aos gritos,]

Lampiám di lumiá rua istremecê, / Vidro di janala começa rachá. [Fazia estremecer os postes de iluminação / E estalar os vidros das janelas]. (Ferreira, 1990: 45 e 143)

2. Sonoridades de Macau

Na observação de Eugénio de Andrade “Macau é uma cidade com as tripas de fora [...], os seus rumores, os seus cheiros, a pulsão do seu olhar, o suor do seu corpo vem ao teu encontro ao dobrar da primeira esquina”. (Andrade, 1993: 13). É na rua que homens e mulheres têm a sua casa: “aqui trabalham e comem, aqui discutem e riem, aqui fazem dos seus dias um longo ofício de paciência” (Andrade, 1993: 13).

Os diversos sons dos instrumentos musicais chineses, as flautas, os gong(o)s e os sinos ecoam nas festas populares e cerimónias religiosas, nas festividades do Ano Novo Chinês, do Barco-Dragão, das danças do Dragão, ...; o canto melopeico dos bonzos, os sons da vida de Macau, as sonoridades ritmadas dos tin-tins, os pregões do merendeiro e das aguadeiras, da rapariga vendedora de pratos saborosos e picantes [sin-a-sá-ó-fan], da hortaliça [pac tchoi], de seda e panos [mao fá poou], do vendedor de amendoins torrados [plic-ploc-ham tchoi fa-sam], e de pato [si...ii...áp], todos estes sons constituíam uma atmosfera sonora que impressionava quem andava pelas ruas de Macau.

A música, como a arte em geral, reúne uma pluralidade de experiências que influencia e molda quem faz, produz ou cria, mesmo estando radicado numa tradição sociocultural. O cruzamento do olhar de Áureo de Castro pelo diversificado campo musical não deixou de integrar todas estas sonoridades, gerando outros universos sonoros.

3. Percurso de vida

Áureo da Costa Nunes e Castro nasceu na Candelária, ilha do Pico em 1917, entre o vulcânico, mutante e majestoso Pico e o mar “de águas sem fim”. O seu primeiro contacto com a música ocorreu quando era ainda criança no coro da igreja da Candelária, no qual cantou como soprano.

O fervor religioso açoriano, a diáspora missionária de sacerdotes ou de candidatos ao sacerdócio ao longo do século XX, os laços familiares (era sobrinho de D. José da Costa Nunes, bispo de Macau entre 1920-1940) criaram as condições para que aos 14 anos fosse embalado para Macau (chegou no dia 15 de setembro de 1931) pela mão do seu tio, onde obtém formação sacerdotal no Seminário Diocesano de S. José, recebendo a ordenação no dia 8 de setembro de 1943.

No Seminário de S. José estuda Teoria, Solfejo e Harmonia com os padres Wilhelm Schmid e António André Ngan⁷³.

Foi inicialmente nomeado pároco da igreja de S. Lourenço para cujo coro escreveu inúmeras peças para uso nos atos litúrgicos. Posteriormente a sua ação pastoral é exercida na Sé Catedral e é Diretor interino do *Clarim*, periódico católico.

de 70 é usado nas aulas de português do Instituto D. Melchior Carneiro, escola de língua veicular chinesa (Grosso, 2007: 167).

Em 1952 ingressa no Conservatório Nacional de Música de Lisboa para estudar composição, curso completado em 1958 com distinção, e onde estuda canto e piano com Croner de Vasconcelos, Arminda Correia e Biermann.

Faleceu em 1992 no Hospital Conde de S. Januário, em Macau.

4. Atividade musical

A atividade musical de Áureo da Costa é múltipla e diversificada: compositor, maestro e pedagogo.

Durante o período de frequência do Conservatório em Lisboa é assistente do maestro musicólogo português Mário Sampaio Ribeiro no Coro do Centro Universitário da Universidade de Lisboa. Foi o período mais profícuo, em termos de composição musical.

Professor de música, dedica-se intensamente à música gregoriana e à polifonia sacra antiga. Em 1958 rege a disciplina de Música no Seminário de S. José. É também professor de música e de Canto Coral no Liceu nacional Infante D. Henrique, inculcando nos seus alunos o gosto pela música gregoriana.

Em 1959 criou o grupo Coral Polifónico de Macau com um repertório de peças de polifonia sacra e profana da Renascença, sobressaindo os polifonistas portugueses entre os quais Francisco Martins, D. Manuel Cardoso, Diogo Dias Melgaz, Joaquim Casimiro, Filipe de Magalhães, D. João IV ..., incluindo no repertório canções chinesas e portuguesas.

Por convite, foi diretor de um coro em Hong Kong durante mais de um ano. Como muitos alunos lhe solicitavam com alguma regularidade aulas de música e piano, em 1962 criou a Academia de Música S. Pio X (sendo o seu primeiro diretor) para o ensino da música, composta por músicos amadores e professores da Academia e criada por sugestão conjunta do prelado da diocese de Macau e do Dr. Ivo Cruz (então Diretor do Conservatório Nacional de Lisboa). A Academia tinha como propósito proporcionar aos jovens de Macau, portugueses e chineses, uma instrução musical em termos académicos (com ensino bilingue, português e chinês e também inglês). Mais tarde, em 1983, fundou a Orquestra de Câmara de Macau, composta por músicos amadores e professores da Academia. (Veiga, 2010).

A sua intensa atividade sacerdotal, a dedicação à Academia, ao ensino e ao Grupo Coral, não lhe deixaram a disponibilidade ideal para compor. O período criativo mais intenso são os anos de frequência do Conservatório.

A vivência e contacto com a cultura chinesa marcaram a sua criação musical. *Danças de Siu Mui-mui*, *Nostalgia* e *Cenas de Macau*, peças que, embora escritas no seu estilo pessoal, são baseadas na escala pentatónica e nos ritmos tradicionais chineses. Para *Cenas de Macau*, o P. Áureo escreveu a seguinte introdução:

“Estas cenas representam os primeiros passos em busca de uma linguagem harmónica mais liberta dos clássicos cânones da harmonia tradicional, e que pudesse, ao mesmo tempo, servir de roupagem a melodias de folclore chinês, muitas das quais se baseiam nas escalas diatónicas de cinco tons. Composições despretensiosas, elaboradas como exercício escolar, obedeceram apenas ao propósito de pintar algumas cenas de Macau com tintas a respirar a atmosfera chinesa das mesmas.

O primeiro número lembra o regresso dos barcos da pesca, em frente à `meia-laranja`, num dia de calmaria oriental, com os restos do sol poente a espelhar-se sobre as águas... Uma quase evocação.

A segunda peça foi sugerida pelo canto melopeico dos bonzos em oração, numa antiga bonzaria na rua de São José, cena que o autor absorveu quando, no topo duma “árvore de pagode”, preparava um exame de filosofia. Ouviam-se ocasionais toques de sinetas e sinos a lembrar os `gongs`.

A terceira, *barcos-dragões*, é uma reminiscência da regata dos `dragões` realizada da Ilha Verde à Barra, quando em 1932, Macau recebia pela terceira vez o governador Tamagnini Barbosa. Escrita em forma sonata, a peça começa com ritmos e temas melódicos sugeridos pela calma do rio e a competição da regata” (Lynn, 2001: VIII e IX).

A vivência e o contacto com a cultura chinesa marcaram a sua criação musical. Criou uma linguagem própria, original e muito pessoal, estabelecendo um intercâmbio cultural: canções chinesas (cantadas por portugueses) e canções portuguesas cantadas por chineses).

A música coral (com piano, acompanhamento orquestral ou a *capella*) representa a parte mais significativa da sua obra, por sentir necessidade de renovação dos atos litúrgicos; compõe peças baseadas em textos literários portugueses, harmonizações de canções folclóricas chinesas e portuguesas, composições originais para coro misto. (Lynn, 2003)

Lynn destaca entre as suas obras: merecem especial menção a encantadora simplicidade da *Cantata Sancta Cecilia*, a nostálgica beleza do poema de amor de *Alma minha gentil*, de Luís de Camões, a exuberância de *Gong Tzi Fa Choi* (Canção do Ano Novo Lunar) para vozes a capella, com a exploração dos sons onomatopáicos do idioma chinês, e o majestoso *Te Deum* para coro e orquestra. (Lynn, 2003: VIII)

Existem várias compilações publicadas da sua obra musical:

Exultate, 2 vols., Seminário de S. José, 1996

Aurei Carmina, Obras para piano e órgão, Dioecesis Macaonensis, 2001.

Aurei Carmina, Choro, Dioecesis Macaonensis, 2003.

5. Reconhecimento

Logo na apresentação do *Te Deum* em Lisboa, a obra mereceu da parte de Croner de Vasconcelos um destaque pela forte singularidade no panorama musical nacional: “Até que enfim aparece neste país uma obra deste género”

Lynn, compiladora e organizadora das composições de Áureo de Castro, acentua a grandeza do P. Áureo no panorama musical em Macau: “Durante 30 anos, entre os anos de 1960 até à sua morte em 1993, P. Áureo da Costa Nunes e Castro foi, sem dúvida, o mais importante músico que Macau conheceu”. “P. Áureo tinha uma aguda sensibilidade para realçar o sentido das palavras, tendo sido capaz de evocar em suas composições uma miríade de sentimentos e emoções -, mistério, súplica, piedade, contemplação, majestade, ternura e alegria -, através de um imaginativo uso da harmonia e de nuances tímbricas e dinâmicas.” (Lynn, 2003: VIII)

Barreto distingue o enorme contributo para a cultura em Macau, devido à sua multifacetada atividade: “Falar de Áureo de Castro, como músico, é falar de uma das personagens mais importantes no campo da música de Macau deste século e a quem a cultura macaense muito deve. [...] Ao longo dos anos trouxe e atraiu para Macau inúmeros músicos, solistas e coros de todo o mundo e de todas as tendências” (Simão Barreto, 1996: 132).

Barreto acentua ainda a originalidade da sua voz musical: “Tinha uma linguagem própria, original e muito pessoal. As suas obras caracterizam-se por uma construção sólida, bem arquitetada, com uma textura musical muito rica, com um estilo original e com uma linguagem de vincada personalidade” (Simão Barreto, 1996: 132). “Fazia e perfazia o que tinha escrito, de tal modo que é difícil, se não impossível, modificar, corrigir ou acrescentar o que quer que seja, depois de ele ter dado a forma definitiva”. (Simão Barreto, 1996: 133).

A sua obra com influências orientais e pelo cruzamento luso-asiático possui “uma linguagem extremamente original: um autêntico hibridismo musical onde encontramos reconciliadas a harmonia tonal ocidental e o modalismo pentatónico chinês” (Veiga, 2010: 288).

6. Bibliografia

- Andrade, Eugénio de (1993). *Pequeno Caderno do Oriente*. Macau: Instituto Cultural de Macau e Instituto Português do Oriente.
- Baguet Jr., Gabriel (1999). “Percurso e trajetórias de uma História, A Música em Macau na Transição de Poderes”. In *Camões, Revista de Letras e Culturas Lusófonas*, n° 7, outubro-dezembro de 1999, Ministério dos Negócios Estrangeiros, Instituto Camões.
- Barreira, Ninélio (1994). *Ou-Mun, Coisas e Tipos de Macau*. Macau: Instituto Cultural de Macau.
- Barreto, Simão (1996). “Áureo de Castro (1917-1992)”. In *Revista de Cultura*, n 26 (II Série), Jan-Mar, 1996, Instituto Cultural de Macau, pp. 131-140.
- Ferreira, José dos Santos (1990). *Docu Papiaçám di Macau*. Macau: Instituto Cultural de Macau.
- Grosso, Maria José dos Reis (2007). *O Discurso Metodológico do Ensino do Português em Macau a Falantes de Língua Materna Chinesa*. Macau: Universidade de Macau.
- Jardim, O. Veiga (2010). “Padre Áureo da Costa Nunes e Castro (1917-1992)”. In *DITEMA Dicionário Temático de Macau*, volume I, Fundação para a Cooperação e Desenvolvimento de Macau / Universidade de Macau, pp. 287-289.
- Jardim, O. Veiga (1996). “Alguns aspetos da música na china”. In *Revista de Cultura*, n° 26, 1996, pp. 141-145.
- Jardim, O. Veiga (1992). “Música em Macau: Temas e Variações”. In *Revista Macau*, n° 8, 1992, pp. 146-154.
- Lynn, Margaret (2003). “Prefácio”. In *Aurei Carmina, Choro*, Dioecesis Macaonensis.
- Lynn, Margaret (2001). “Prefácio”. In *Aurei Carmina, Obras para piano e órgão*. Dioecesis Macaonensis.
- Mesquita, Pedro Dá (s / d). *Academia de Música S. Pio X, 40 Aniversário 1962-2002*.
- Qichen, Huang (1994). “Macau Ponte do Intercâmbio Cultural entre a China e o Ocidente do Século XVI ao Século XVIII”. In *Revista de Cultura*, n 21, (II série), Out-Dez 1994, Macau: Instituto Cultural de Macau, pp. 153-178.

35. ROLF KEMMLER, CEL-UTAD*, VILA REAL, PORTUGAL / ALEMANHA

Rolf Kemmler, Natural de Reutlingen (Alemanha), é investigador da área da historiografia linguística do Centro de Estudos em Letras (CEL) da Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro (UTAD, Vila Real), financiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia, desde julho de 2009. Doutorado em Filologia Românica (Dr. phil.) pela Universidade de Bremen em 2005 (Alemanha), com a tese intitulada *A Academia*

Orthográfica Portuguesa na Lisboa do Século das Luzes: Vida, obras e atividades de João Pinheiro Freire da Cunha (1738-1811), publicada em 2007. Mestre (M.A.) em Filologia Românica desde 1997 pela Eberhard-Karls Universität de Tübingen (Alemanha) com uma tese intitulada *Esboço para uma História da Ortografia Portuguesa* (publicada em 2001 como artigo na revista *Lusorama* sob o título «Para uma História da Ortografia Portuguesa: o texto metaortográfico e a sua periodização do século XVI até à reforma ortográfica de 1911»). Com grande número de publicações dedicadas à disciplina da historiografia linguística desde 1996, é especialista nas áreas da história da ortografia da língua portuguesa desde o século XVI e da história da gramaticografia portuguesa e latino-portuguesa dos séculos XVI-XIX.



É SÓCIO FUNDADOR DA AICL.

. TEMA 3.9 NOTAS SOBRE A PERCEÇÃO DOS AÇORES NO MUNDO ANGLÓFONO NOVECENTISTA II: JOHN WHITE WEBSTER E A DESCRIPTION OF THE ISLAND OF ST. MICHAEL (1821)

No nosso primeiro trabalho sobre a perceção dos Açores por parte de viajantes e escritores anglófonos do século XIX (Kemmler 2012), tivemos ocasião de oferecer informações sobre as principais obras do género, abordando em seguida a primeira monografia anglófona sobre os Açores dos britânicos Ashe (1813), bem como as observações feitas pelo escritor americano Mark Twain (1869). Em continuação destes estudos, pretendemos dedicar-nos à obra *A description of the Island of St. Michael, comprising an account of its geological structure, with remarks on the other Azores or Western Islands: originally communicated to the Linnean Society of New-England* (1821) do americano John White Webster (1793-1850). Esta monografia é de interesse especial, pois promete um retrato científico das realidades com as quais o jovem investigador se deparava durante a sua presença em São Miguel em 1817-1818.

1 Introdução

Poucos anos depois da primeira publicação monográfica, dedicada ao arquipélago dos Açores por um autor anglófono (Ashe 1813, cf. Kemmler 2012), o jovem médico americano John White Webster dedicou-lhe a obra *A description of the Island of St. Michael*. Trata-se de um primeiro trabalho monográfico com claras pretensões científicas (Boston, 1821). Se bem que a maioria dos capítulos da obra seja dedicada a aspetos pertinentes à geologia e à descrição científica da ilha de São Miguel, observamos nos capítulos iniciais uma forte preocupação em fornecer descrições de aspetos da vida dos micaelenses que poderão ser localizadas entre as disciplinas modernas da geografia social e da antropologia.

A seguir, iremos apresentar uma breve síntese sobre a vida e as obras do autor, apresentando a sua obra e as observações que nela faz sobre os aspetos mais cruciais, relacionados com a vida na Ilha de São Miguel nos anos 1817-1817.

2 O autor John White Webster

Filho de farmacêutico bostoniano Dr. Redford Webster e de sua esposa Hannah White,⁷⁴ John White Webster (1793-1850) fez parte da elite sociocultural dos *brâmanes de Boston*⁷⁵. Como muito bem refere Edmund L. Pearson (1936: 592): «his father's success as an apothecary ensured young Webster an academic education, foreign travel, and leisure to deliberate upon a profession», permitindo que o filho se inscrevesse na prestigiosa Universidade de Harvard, onde se formou como médico em 1815. Para completar a sua formação, o jovem médico deslocou-se a Londres, onde fez um estágio no Guy's Hospital. Em vez de regressar imediatamente aos Estados Unidos depois dos estudos médicos em Londres, Webster optou por permanecer na Ilha de São Miguel durante um ano (1817-1818). Naquele período não realizou somente os seus estudos geológicos, mas acabou por casar-se, como Francis Millet Rogers (1988: 130) resume de forma elucidativa:

On the lawn of the Hickling mansion in Ponta Delgada in 1818, Harriet Frederica Hickling, Thomas Hickling's eleventh child and eighth daughter, married a prominent Harvardian, John White Webster (1793-1850), A.B., 1811, M.D., 1815. Webster was spending that year in the Azores doing geological research, principally on St. Michael's.⁷⁶

Segundo a informação do investigador americano, o jovem médico americano casou com uma das filhas mais novas do então Vice-Cônsul americano nos Açores Thomas Hickling (1745-1834). A mulher Harriet Frederica Hickling (1793-1853), nascida no próprio arquipélago, era da mesma idade do marido. De regresso aos Estados Unidos, o jovem casal passou a residir na cidade universitária de Cambridge,⁷⁷ onde Webster inicialmente exerceu a medicina. Desde 1824 passou a lecionar química na universidade,⁷⁸ tendo sido nomeado como 'Erving Professor of Chemistry' em 1827, ou seja, Professor Catedrático de química na Faculdade de Medicina de Boston:

He practised medicine both in Cambridge and Boston. He was a member of the American Academy and an associate of several foreign scientific societies. His lectures in the Medical School were given at the Mason street building until 1847, when the School removed to its newly situated "Massachusetts Medical College", as it was called, in North Grove street, and where the terrible tragedy occurred which led to his resignation in 1850 (Ernst 1906: 32-33).

Com efeito, a 'tragédia' que o terá levado à 'demissão' do seu cargo, é um dos casos criminais mais espetaculares do século XIX americano, que fez com que John White Webster ainda hoje seja lembrado, mesmo que seja na ignomínia (cf. Blanco s.d.)...

No dia 23 de novembro de 1849, o rico *brâmane bostoniano* George Parkman, que tinha emprestado uma soma considerável a Webster, desapareceu, tendo sido visto pela última vez quando se teria dirigido ao 'Massachusetts Medical College', em North Grove Street,⁷⁹ onde Webster tinha o seu laboratório e o seu gabinete. Os familiares de Parkman organizaram desde logo uma busca em grande escala, vindo a oferecer uma recompensa de 3000 dólares para quem encontrasse o Dr. Parkman.

Passada quase uma semana, em 29 de novembro o porteiro da Faculdade, Ephraim Littlefield, resolveu provar as suas suspeitas relativamente ao Professor Webster e começou a abrir a fossa, onde encontrou partes de um corpo humano. Com base nestes restos mortais e outros vestígios que a polícia encontrou na busca subsequente no gabinete do professor, Webster foi preso, acabando por ser acusado do homicídio de Parkman.

O processo criminal contra John White Webster durou doze dias, desde 19 de março até 1 de abril de 1850. Foi um processo muito mediático que não só dividiu as opiniões contemporâneas, mas que fez história. Com efeito, consta que o processo contra Webster, baseado em prova circunstancial,⁸⁰ foi o primeiro processo criminal em que foram aproveitados frutos da investigação da antropologia e da odontologia forenses,⁸¹ culminando com a sentença de morte em 1 de abril de 1850. Terminados todos os recursos jurídicos, John White Webster acabou por ser enforcado no dia 30 de agosto de 1850.

Deixando de lado os seus reflexos nos diários da época, o processo motivou imediatamente uma série de publicações. Por um lado, são de considerar os folhetos de

⁷⁴Para informações sobre o casamento dos pais, celebrado em 5 de setembro de 1787, cf. *Putnam's* (1900: 3): «Webster, Dr. Redford. On Sunday evening. Doctor R. W., to Miss Hannah White, daughter of Mr. John White. W. Sept. 5, '87».

⁷⁵Segundo o *Oxford Advanced Learner's Dictionary* (2010), o nome substantivo 'Boston Brahmin' pertencente ao inglês americano é «a member of one of the old families with high social and cultural status in Boston, US. The Brahmins have traditionally lived in the city's best area, Beacon Hill, and had the most money and power. This has slowly changed as Boston has become larger and new groups have become more rich and powerful».

⁷⁶Pearson (1936: 593) constata que o casamento teria sido celebrado no dia 16 de maio de 1818. Segundo esta fonte biográfica, o casal teria quatro filhas.

⁷⁷Em clara homenagem à cidade universitária inglesa com o mesmo nome, a cidade de Cambridge que se encontra a pouca distância da cidade de Boston, acolhe hoje (entre outras instituições do ensino superior) a prestigiosas universidades particulares 'Harvard University' (fundada em 1636) e o 'Massachusetts Institute of Technology' (fundado em 1861).

⁷⁸Cf. Pearson (1936: 593): «from 1824 to 1849 Webster taught chemistry at Harvard, holding from 1827 onward the Erving professorship of chemistry and mineralogy».

⁷⁹Everett / Hayward (1846: 3) informam que o terreno para a construção do prédio da faculdade fora oferecido à Universidade pelo mesmo George Parkman: «The land upon which the new college stands was the gift of Dr. GEORGE PARKMAN, a graduate of the Massachusetts Medical College in 1813, and who by this act of munificence has become associated with the distinguished patrons of the University».

⁸⁰Segundo a reprodução no folheto *Twelve days* (1850: 54), foi no oitavo dia do processo que William E. Sohler, o advogado de Webster, constatou no atinente à prova dentro do processo criminal: «Evidence is either direct or circumstantial. Circumstantial evidence is where the deed has not been seen; but where certain facts are proved, and then the inference is to be drawn from them. This is a case of circumstantial evidence, which is weak, when compared with direct testimony, because of the increased probabilities of error».

⁸¹Sobre a importância das ciências forenses no processo contra Webster e sobre a importância do processo para os mesmos ramos científicos, veja-se Bowers (2010: 22-25), Guralnick / Kaban (2011: 1895-1896), Kennedy (2000: 1059-1060), Loughlin (2002: 236-237) e Schmitt / Cunha / Pinheiro (2006: 6).

grande divulgação, como *Awful disclosures* (1849), Bigelow (1850), *Confession* (1850), *Parkman murder* (1850), *Trial* (1850a, b, c), que na sua maioria são coleções de documentos e artigos jornalísticos relacionados com jornais da época.

Por outro lado, existem as publicações que se devem a pessoas envolvidas no próprio processo. Assim, George Bemis, que fora o assistente do Ministério Público no processo, publicou um volumoso *Report of the Case of John W. Webster* (1850) de xii, 628 páginas, ao passo que o médico James W. Stone, uma das testemunhas do processo, publicou uma recolha de documentos de VI, 314 páginas, intitulada *Report of the trial of Prof. John W. Webster* (1850). No entanto, segundo indica Borowitz (1992: 238) o processo ainda veio a desencadear uma 'regional warfare' entre advogados bostonianos e nova-iorquinos.⁸² Foram estes últimos que desde logo questionaram a legalidade e a pertinência no procedimento do processo, sendo de destacar o folheto de Spooner (1850), bem como os folhetos anónimos de Hall (1850) e Upton (1850). Não somente por causa destas publicações contemporâneas, mas também devido aos estudos de Sullivan (1970) e Borowitz (1992) tanto a questão da culpa de John White Webster como a pertinência do processo que fora movido contra ele, parecem no mínimo questionáveis.

Se bem que Webster hoje seja lembrado sobretudo por causa do homicídio de George Parkman, não se deve esquecer que não foi somente autor de um manual de química intitulado *A Manual of Chemistry* (1826, 21828, 31839), mas também editou os *Elements of Chemistry for the Use of Schools and Academies* do químico escocês Andrew Fyfe Jr. (1792-1861) e anotou as traduções americanas *Organic Chemistry in its Applications to Agriculture and Physiology* (duas edições de 1841) e *Animal Chemistry: or Organic chemistry in its application to physiology and pathology* (1842, 21843) do famoso químico alemão Justus von Liebig (1803-1873). Para além disso, foi um dos editores da revista *The Boston Journal of Philosophy and the Arts* (1826-1826), baseada aparentemente nos moldes da revista escocesa *The Edinburgh Philosophical Journal*, na qual chegou a ser publicado o seu artigo «Account of the Hot-Springs of Furnas, in the Island of St Michael» (Webster 1822).⁸³

3 A description of the Island of St. Michael (1821)

Publicado pelos livreiros bostonianos Robert Pearce Williams e Charles Williams⁸⁴ o livro intitulado *A description of the Island of St. Michael, comprising an account of its geological structure, with remarks on the other Azores or Western Islands* tem 244

páginas, contendo um mapa do arquipélago dos Açores, outro de São Miguel, como ainda várias gravuras ao longo do livro.

O conteúdo do livro é repartido em 19 capítulos em numeração romana, que vêm acompanhados por um «Preface» (pp. iii-v),⁸⁵ um capítulo com informações sobre os descobrimentos do arquipélago intitulado «Introduction» (pp. 9-16) e um «Appendix» (pp. 229-244). É neste último capítulo que se encontra mencionado aquilo que Webster considerava serem as principais informações sobre as restantes ilhas do arquipélago, nomeadamente Faial (= 'Fayal'; pp. 229-232), Pico (pp. 232-236), São Jorge (= St. George; pp. 236-240), Santa Maria (= St. Mary; pp. 240-241), Graciosa (pág. 240), Flores e Corvo (pág. 242), Terceira (pp. 242-244).

4 Os Açorianos e os Açores segundo John White Webster

Vejamos agora a essência das afirmações de Webster sobre a ilha de São Miguel e os seus habitantes nos capítulos I até IX (páginas 17 até 106). Fica, desde o início, manifesta a intenção do autor de fornecer uma descrição científica dos factos que observava na ilha, mesmo que esta nem sempre seja feita com o distanciamento e a objetividade que esperaríamos atualmente de um estudo desta envergadura.

The view from the anchorage on the south side of the island, where vessels ride about a mile distant from the shore, is uncommonly varied and picturesque. Immediately at the water's edge stands the city of Ponta Delgada, the principal town of St. Michael. It takes its name from the point Delgada, a little to the eastward of which it is situated, and from the uniform whiteness of the houses, has, at a distance, an air of great neatness and even of beauty. The buildings rise above each other with great regularity as they recede from the sea, and the general effect is heightened by the numerous towers of the churches and convents scattered in various parts of the city. The land gradually becomes more elevated beyond the town, and clumps of orange trees and other evergreens, here and there intermixed, are more frequent as the eye reaches the open country, where they spread out in rich profusion. Numerous small conical hills are seen in the back ground, which are covered with a short, but verdant growth of heaths and ferns; and the view is bounded on each side by lofty mountains (Webster 1821: 19-20).

Na sua descrição geográfica da cidade da Ponta Delgada (que, aliás, data do tempo anterior à criação do porto artificial (construído a partir de 1861) que permitisse a entrada de navios) Webster demonstra ter bons conhecimentos da cidade e dos seus arredores. Para além disso, evidencia estar a par da significação do termo 'ponta delgada', como

a little shop on State Street, on the site of the first meetinghouse of the Puritan settlers of Boston, where now is rising a modern "sky-scraper". Their place became the headquarters of the Episcopalian book-buyers of the town, and they dealt in much theological and solid general literature. From State Street they moved to Cornhill Square, occupying a shop in Joy's Building, which stood in front of Young's Hotel».

⁸⁵No prefácio datado «Boston, October 1821», Webster refere conhecer a obra anterior de Ashe (a que tece críticas severas; cf. Kemmler 2012: 178) e justifica a elaboração do seu livro com as seguintes ponderações: «The desire of contributing towards a more perfect knowledge of these islands, and of making known to geologists their remarkable structure, induced me to communicate to the LINNEAN SOCIETY OF NEW-ENGLAND some observations made during a residence of several months in the island of S. Michael, in the years 1817-18» (Webster 1821: iv).

⁸²Com base na publicação de Hall e de alguns apontamentos do próprio autor, Borowitz (1992) discute as alegações do advogado novecentista contra os advogados Sohier e Merrick que deveriam ter defendido bem e efetivamente o arguido e chega à seguinte conclusão: «In this respect, Sohier and Merrick, while doubtless undeserving of the full measure of Hall's abuse, may have failed to serve Webster adequately».

⁸³A proveniência do artigo vem explicada numa nota do cofundador da revista, o prof. escocês Robert Jameson (1774-1854): «This description of the Springs of Furnas, is extracted from an interesting account of the Island of St Michael's, one of the Azores, published in America, by our former pupil Dr Webster – R. J.».

⁸⁴No seu artigo dedicado sobretudo ao livreiro Alexander Williams (1818-1900), Bacon (1898: 303) faz as seguintes referências sobre a origem da livraria: «The father and uncle were together as R. P. and C. Williams from about 1812-36. [...] Robert Pearce and Charles Williams started their bookselling business in

'ponta aguda',⁸⁶ pois chega a estabelecer uma relação entre o ponto geográfico do mesmo nome e a beleza e nitidez dos prédios da cidade. Não deixa de ser interessante a descrição que o nosso autor faz do processo da entrada de nacionais estrangeiros na ilha:

Every foreigner landing in St. Michael is conducted, under a military guard, to the castle of St. Braz, that his views in visiting the island may be declared, and his passports examined. He is then required to appear before the corregidor, who repeats the examination, and, if satisfied that no danger will result, grants him leave to remain on shore. The slightest deviation from this routine would subject a stranger to many inconveniences, and even imprisonment [...] (Webster 1821: 20).

Segundo este testemunho do autor (que presumimos deve basear-se também em experiência própria), os nacionais de países estrangeiros tinham que apresentar-se às autoridades militares e civis da época, onde eram analisados os respetivos documentos e as razões da permanência na ilha. Para exemplificar as sanções em que incorriam aqueles que se entravam na ilha sem proceder à identificação dos estrangeiros, Webster (1821: 20-21) relata brevemente o caso de um cidadão americano que acabou por ser preso nas masmorras micaelenses. Mesmo que a natureza generalizada das suas observações muitas vezes possa suscitar dúvidas sobre a sua validade, parece-nos que os reparos que Webster faz sobre as casas (burguesas) da Ponta Delgada são bastante esclarecedores, pois põem em evidência que terá com efeito conhecido um número considerável delas:

The houses are generally three stories high, built of lava, and whitewashed. Notwithstanding the uniform whiteness of the buildings externally, they have an air of heaviness and gloom, and seem far better calculated for prisons than dwelling houses. The entrances to all of them are dark, but spacious; they are most commonly arched, and closed by two heavy doors, which open from the centre. On either side the entrance are store rooms, and all the windows of the ground floor, are strongly secured with iron grates; from the windows of the first floor above, which extend from floor to ceiling, "varandas," or balconies of stone surrounded by an iron or wooden railing, project into the street. Most of the varandas are furnished with lattice work, often from six to eight feet high, within which the females pass much of their time, screened from public view.

Glass windows have been used only within a few years, and they are even at this day comparatively rare. The only protection in the greater number of houses against rain and cold, are wooden shutters on the inside, with a few holes from one to two inches square cut in each. The temperature of the air is such that it is rarely necessary to close even these, and to many of the cottages of the poor they are wholly wanting. Fires are never required, except for cooking, and a fire-place or stove, in any other apartment than the kitchen, is unknown.

The interior of the Portuguese houses, is too often as devoid of cleanliness and comfort, as the exterior is of beauty and neatness. The apartments on the ground

floor are paved with broad flag-stones, and are most commonly appropriated to the storing of wine, corn, and merchandise. The mules and asses, are likewise kept on this floor, and are usually driven through the street door, to the foot of the broad stone staircase, where they are unladen.

The apartments immediately above the store rooms are those occupied by the family; the parlours, drawing and bed rooms, in most houses, being all upon the same floor. These rooms are lofty, the walls whitewashed, and adorned with a few miserable engravings of the royal family of Portugal, of saints, and other similar subjects, in coarse mahogany frames: the remaining furniture is antique and massy. In one or more of the bed rooms are seen crucifixes of wood, ivory, or silver, on each side of which are vases filled with the most beautiful flowers of the season. A glass vessel containing holy water is hung up at the bed side, and a rosary on the bed post. Chairs, till within a few years, were almost wholly unknown, the people being in the habit of sitting cross-legged upon the floor, or upon a platform built on one side of the apartment and raised about a foot, called "estrado," which was covered with a carpet, and projected from the wall nearly to the centre of the room. The use of chairs has now become pretty general, but the estrado still continues in a few families. (Webster 1821: 21-22).

Nas palavras sobre a construção das casas, Webster manifesta a sua impressão perante a escuridão dos prédios urbanos micaelenses que, com efeito, ainda hoje se observa no núcleo histórico da cidade. É evidente que as observações sobre a ausência de janelas de vidro (e o uso generalizado de gelsias para proteção do mau tempo), a falta de limpeza dentro das casas (face à beleza exterior das fachadas) e sobre a recente introdução das cadeiras (para substituir o uso do estrado para as pessoas sentarem-se) são feitas através da perspetiva de um nacional estrangeiro que vem de uma sociedade (ou de uma camada social) onde estas características já são tidas como a norma. É natural que seja esta mesma origem bostoniana o que o leva a encarar negativamente as imagens da família real portuguesa e dos santos – conceitos estes que não podiam deixar de chocar com a sua experiência de protestante americano.⁸⁷ Também a descrição das ruas da Ponta Delgada é bastante iluminadora: o que dá nas vistas não são os habitantes da cidade, mas sim os 'porcos enormes' que, segundo o testemunho do nosso autor, tornariam a passagem difícil:

The streets are narrow, ill paved, and exceedingly filthy. They are overrun with hogs of an uncommonly large size, through the multitude of which it is often difficult to force one's way; they are seen wallowing in every passage, and sleeping on the steps of almost every house. Some of the streets are continued beyond the limits of the city, and terminate in roads of tolerable width. But except within a few miles of the capital, and of some of the principal villages, wheel-carriages cannot be used with safety (Webster 1821: 25).

Um dos primeiros testemunhos, que o nosso autor dá para caracterizar o povo açoriano, tem a ver com as suas afinidades musicais:

⁸⁶Neste sentido, Webster vai ao encontro da explicação toponímica-etimológica de Cordeiro (1717: 136): «Por estar esta Cidade junto a huma delgada ponta, que do interior da Ilha, & do biscouto miúdo vay quási raza ao mar, porisso se chama Ponta Delgada; sendo que á dita ponta chamãrão já Santa Clara, por huma Ermida que alli tem da mesma Santa».

⁸⁷Webster pertencia à congregação dos unitaristas, tendo a sua família sido batizada por Francis Parkman (o irmão de George Parkman) (*Twelve days* 1850: 38).

The only science, in which the natives of the Azores appear proficient, is music; and of this they are passionately fond. It is rare to meet with one who does not sing, or perform on some instrument. The poorest peasant, as he trudges along with his ass, accompanies his voice on the viola, and the daughters of the Morgados, although often unable to read or write, display great taste and execution on the guitar, or piano. It is by no means uncommon to meet with persons, who, when blindfolded, and at a distance from a piano, will accurately distinguish and name each note struck on it by another performer (Webster 1821: 30).

Este parágrafo vai até ao ponto de atribuir aos açorianos o domínio da ciência música, independentemente do grau individual de instrução. Não parece nada duvidosa a afinidade da sociedade açoriana com a prática musical, mesmo que julguemos algo exagerada a afirmação sobre o reconhecimento das notas...Numa mistura entre observações antropológicas e traçados de geografia humana, encontramos as seguintes afirmações sobre o povo açoriano em geral:

THE natives of the Azores have generally a dark, sallow complexion, which is most conspicuous among the peasantry. They are well made and athletic, and their full, dark eyes have often great brilliancy. Their hair is abundant and black, their cheek bones are prominent; the nose inclines to aquiline, and the face is rather oval.

The common people are active, and undergo much bodily fatigue, often to a very advanced age, and for trifling compensation. The best mechanics obtain but from thirty to fifty cents per day, labourers rarely more than ten; and house servants from twelve to twenty dollars per year. The labouring and poorer classes have generally a cheerful countenance, but are easily provoked to anger by the most trivial causes, and are exceedingly vindictive. Many of them spend a considerable part of their earnings at the licensed shops, where an inferior wine, made on the island, is sold at from four to eight *vintems* per bottle. They also drink a poor kind of rum called "cachaça" made in Fayal and Brazil. The shops where these liquors are sold, are distinguished by a green bush placed over the entrance. Women stand at the doors, cooking salted fish and a particular kind of sausages, called "linguiças", which are made hot with red pepper, and given to the customers, for express purpose of inducing thirst. They seldom drink less than a bottle of wine, and commonly more than two, at a time. (Webster 1821: 36-37).

Por mais interessante que seja esta visão particular do autor, a descrição física dos açorianos não chega a fornecer-nos elementos que não esperaríamos de portugueses do continente. No atinente às atividades, Webster faz questão de constatar que o povo geral é trabalhador, chegando a trabalhar por remunerações bastante reduzidas até à idade avançada. Apesar desta vida dura, o autor descreve o povo como geralmente bem-disposto, se bem que facilmente irritável e altamente reivindicativo. Nada mais lógico do que retratar a seguir a frequência regular do povo nas tascas da ilha, onde estariam a beber vinho e cachaça com grande regularidade. Depois desta descrição tão minuciosa das atividades extralaborais dos açorianos, o autor oferece uma pequena

descrição dos homens da ilha (limitando-se a observações sobre o traje), seguida pela caracterização das mulheres açorianas:

The females of the Azores have not the clear; florid complexion so much admired in some other countries, but their countenances are not devoid of animation, and are often highly expressive. Their feet are remarkably small, and their gait is slow and graceful. Females of the better class are seldom seen in the streets, as it is esteemed highly indecorous for them to appear in public, unless accompanied by their fathers or brothers; even then, their faces are veiled, and they are wrapt in large blue woollen cloaks, or are dressed in a peculiar, and uniform black habit, called "manto" which equally protects them from the gaze of the multitude (Webster 1821: 38).

As mulheres da cidade são descritas como sendo diferentes do imaginário de beleza de outros países (como, por exemplo, a palidez da mulher inglesa), mas para o nosso autor o seu vivo ânimo fala em favor delas. É interessante que as mulheres da sociedade raramente sejam vistas pelo público em geral – e quando se aventuram ao público, somente o fazem com véu e manto...⁸⁸ Como se vê adiante, especialmente os açorianos pobres são descritos como pessoas modestas mas acolhedoras, que – apesar da carência a que estão reduzidos pelo seu modo de vida – não hesitam em ajudar no tempo de necessidade:

The poorest Azorean is hospitable and humane, a stranger in distress, will always be kindly received; and a family who find it difficult to provide for their own support will cheerfully share their last loaf with him. Fortunately, however, all those necessaries of life, which the common people require, are obtained with comparative ease. Many of the peasants never taste any other animal food, than pork, and even that but rarely; they subsist principally on fish, vegetables, and coarse Indian corn bread. Their most luxurious breakfast is made upon a thin soup, called "açorda", composed of water, vinegar, and lard, seasoned with a little salt, and an abundance of garlick; their dinner consists of a dish of boiled cabbages, beans, or yams. A peasant considers himself in easy circumstances if possessed of a hog, and calculates on the sale of part of it, for the payment of the rent of his cottage. Their hogs are reared at little or no expense, being left, to run at large and seek their food in the streets and roads (Webster 1821: 40-41).

A caracterização dos lavadores pobres termina com a referência da sua dieta, que Webster diz consistir em peixe (e ocasionalmente de carne de porco), legumes e broa de milho. Ao lado do prato típico da açorda, refere como o jantar o cozido, a feijoada ou o inhamé. A importância da vida religiosa em São Miguel ocupa um espaço considerável na monografia de Webster.⁸⁹ Devido a esta importância, é natural que os agentes da religião católica mereçam umas observações bem detalhadas:

The priests, friars, and nuns, constitute a large proportion of the inhabitants of these islands. They are proverbially ignorant, and enervated in body and mind; and it is well known that many of the priests and friars, and most of the nuns, acquire the mode of pronouncing the set phrases of their missals, without being able to translate

⁸⁸Já as lavadoras têm uma vida social completamente diferente, uma vez que estão integradas no trabalho diário, conforme bem constata Webster (1821: 39): «The country women are industrious, and, during the day work with the men in the fields; when not employed in this manner they are busy at the

loom, or with the staff and spindle; but are wholly unacquainted with the use of spinning wheels. They also manufacture baskets of willow, mats, and other coarse articles».

⁸⁹Com efeito, a maioria dos capítulos IV até VIII é ocupada por aspetos da vida religiosa na ilha de São Miguel.

them, or to read in any other books.

The power of the religious orders is felt in every house, extending to the most common actions of life, and it has a paralyzing influence on all advances towards refinement in manners, or intellectual improvement. Every method, calculated to preserve it, is studiously sought, and none has greater effect than the ignorant state in which all classes are kept. Even were the people in general able to read, so long as this influence continues, their literary resources will be inconsiderable, as they are not allowed any books which have not been examined by the priests, and the use of all French works is strictly prohibited. The effect of this system was strikingly displayed not long since, when a supply of Bibles in the Portuguese language was received, from a society in England, but not one Azorean dared to admit a copy into his house, as they were told by the priests, that the translation had been made in England, for the purpose of subverting their established religion. (Webster 1821: 30-31).

Pouco surpreende que a atitude do nosso autor aos padres, frades e freiras da igreja católica seja crítica. Se bem que a acusação da 'ignorância proverbial' nos pareça bastante forte, não se pode excluir a possibilidade de que parte da população dos mosteiros açorianos possa ter sido menos bem instruída, como alude o nosso autor. Também não se pode negar o carácter mais conservador da igreja açoriana em geral – mesmo que a afirmação da proibição de todas as obras francesas dificilmente pode ter sustentada. Parece, no entanto, bastante pertinente a referência ao fracasso da tentativa de introdução, nos Açores, de uma bíblia portuguesa, divulgada por uma 'sociedade na Inglaterra'. O exposto leva-nos a crer que se deve tratar da tradução *A Bíblia Sagrada* pelo padre protestante João Ferreira de Almeida (1628-1691).⁹⁰ Dado que o tradutor seiscentista se tinha convertido ao protestantismo, parece lógico que a tentativa de uma introdução de exemplares da sua tradução nos Açores tenha sido encarada com sérias reticências por parte do clero açoriano...

Do ponto de vista moderno, um dos trechos mais interessantes parece-nos ser a referência aos hábitos relacionados com os funerais:

A small addition to the revenue of the convent arises from fees for attending and chanting at funerals. Whenever a funeral is to take place, at which the friars are hired to perform, they assemble in front of the house of the deceased person, and their heads are then covered with the sharp pointed hoods before noticed. The dead body, wrapped in a friar's habit, which is esteemed peculiarly holy, is most commonly laid on an open bier, wholly exposed to view; but the rich are sometimes placed in coffins, shaped like trunks and painted white. The hands of the corpse, holding a bunch of flowers, and tied with white ribbons, are clasped over the breast. The friars, chanting a solemn dirge, precede the bier to the parish church, in the centre of which it is set down, tapers are lighted, prayers repeated, and the other usual catholic ceremonies performed; another chant is then commenced, during which the body is lowered into the grave, previously prepared immediately beneath the floor of the church, the flag-

stones of which are so arranged that two or more can be taken up for the purpose. After throwing a small quantity of quick lime over the corpse, the sexton jumps down upon it, and with a heavy log of wood, similar to that used for settling the pavement of streets in other countries, applies all his strength to cause the earth to occupy the same space it did previous to the interment of the body, which must be crushed, and shockingly mangled. The coolness and indifference, with which this barbarous act is daily witnessed by friends and relations, is truly astonishing [sic!]. All the earth having been returned, the flag-stones are replaced in the same order as before. As all bodies are interred beneath the pavement of the churches, it becomes necessary, after some time, when a new grave is dug, to remove the bones of bodies previously buried. The bones taken up, are thrown into a large room in the tower of the building, among a promiscuous heap of others, which have been accumulating for ages. The atmosphere of the churches, as will readily be supposed, is often very offensive (Webster 1821: 51-53).

O nosso autor identifica a participação nos funerais como uma das principais fontes de receita dos frades micalenses.⁹¹ Com a indignação de uma pessoa que vem de uma sociedade onde esta forma de funerais não se pratica, Webster revolta-se contra o tratamento ao qual o corpo é sujeito na cova, ainda mais porque constata justamente que esta prática funerária é a origem do ar muitas vezes abafado nas igrejas. Já as cerimónias relacionadas com a festa do Espírito Santo não chegam a revoltar o nosso autor de qualquer forma, de modo que se limita a fazer um relatório bastante elaborado sobre a festa:

Among the amusements of the peasantry at this time, is the "festa do Espírito Santo", or festival of the Holy Ghost, which takes place in every parish, and continues seven weeks. On each Sunday, during high mass, the priest places a crown of silver on the head, and a sceptre in the hand, of a peasant previously elected by the people. He is proclaimed "Emperadór", and is conducted to a seat beneath a canopy prepared for him on one side of the church, where he sits during the remainder of the service. On leaving the church a crowd attend him, strewing the roads, along which he passes, with flowers, and in return he bestows his blessing upon them by flourishing his consecrated sceptre (Webster 1821: 71-72).

A seguinte avaliação final da religiosidade popular açoriana refere-se à opinião de nacionais portugueses – afirmação esta que, enfim, parece pertinente na medida em que a manifestação da religiosidade do povo açoriano diverge da praxe continental:

The Azoreans are singularly exact in the observance of all the external forms of their religion. They are rigidly attached to some rites and ceremonies peculiar to themselves, and adhere to others, now almost entirely neglected in the mother country; natives of which, who visit the islands, express as much astonishment at the superstition, as at the ignorance of the inhabitants (Webster 1821: 88).

É similarmente interessante a observação que Webster tece sobre os santos venerados pelos açorianos.

⁹⁰Entre as muitas edições daquela tradução, há, com efeito, uma edição publicada em Londres em 1819 que julgamos possa corresponder com a tradução referida por Webster (Almeida 1819). Convém mencionar que na Londres da mesma época foi igualmente publicada outra tradução portuguesa que não deveria ser suspeita por ser da autoria do religioso (católico) português António Pereira de Figueiredo

(1725-1797). Ao que consta, houve pelo menos uma edição desta bíblia, publicada no mesmo ano que a obra de Webster (Figueiredo 1821).

⁹¹ Para um estudo sobre os hábitos e as cerimónias funerárias da época, veja-se o capítulo «A morte do corpo» que Susana Goulart Costa (2007: 403-419) fez sobre a vida religiosa micalense no século XVIII.

The endless catalogue of saints worshipped by the Azoreans makes such frequent demands on their time as to occasion no slight interruption to the common business of life. Every day in the year is dedicated to some saint; and on many saints' days no work is done; but, after hearing mass, most of the people engage in dancing and amusements. It is customary to give a child the name of a saint, on whose day it is born; the only exception being in favour of the eldest son, who receives the name of his father (Webster 1821: 88).

Não só no que respeita aos feriados relacionados com os santos, mas especialmente no atinente à questão onomástica da atribuição de um nome de um Santo em conformidade com a data de nascimento, julgamos evidente que esta observação em larga medida pode ser igualmente aplicada ao continente português.

5 Conclusões

Ao longo dos primeiros nove capítulos da sua obra, John White Webster tenta traçar uma imagem da ilha de São Miguel e dos seus habitantes. A sua intenção é fornecer uma descrição detalhada da ilha para o seu público de nacionalidade americana, pelo que se explica não somente a descrição física da cidade Ponta Delgada, mas especialmente o aviso relativo à entrada de estrangeiros na ilha. Em vez de meramente criticar os procedimentos das autoridades portuguesas, o autor faz questão de realçar que se trata de normas locais que forçosamente devem ser respeitadas.

Não somente a descrição minuciosa das casas da Ponta Delgada e até das suas ruas (e nesta ambiente fixa-se na memória a imagem dos porcos imensos que andam à solta pelas ruas), confirma que John White Webster estava em condições únicas de fazer estas afirmações, simplesmente porque fez parte da sociedade micalense durante um ano (1817-1818).

Neste âmbito merecem especial atenção os costumes religiosos dos açorianos, aos quais Webster dedica grande atenção nos capítulos IV até VIII. Tomando em consideração as origens protestantes do autor, é de constatar que só raramente adota uma atitude marcadamente crítica (como se vê, por exemplo, no caso dos enterros dentro das igrejas), limitando-se de resto a relatar a realidade que observa ou que julga observar. Na presente obra de John White Webster não prevalece a severidade muitas vezes mal-informada de Ashe (1813) perante a cultura estrangeira, mas sim a atitude de um investigador que pretende apresentar um relatório sério e que só emite juízos de valor quando o observado choca com a sua mundividência como médico formado numa América pós-iluminista.

6 Referências bibliográficas

Almeida, João Ferreira de (tradutor) (1819): *A Bíblia Sagrada, Contendo O Velho E O Novo Testamento, Traduzida Em Portuguez Pelo Padre Joaõ Ferreira D'almeida, Ministro Pregador Do Sancto Evangelho Em Batavia*. Londres: impresso na officina de r. e. a. taylor. / 1819.
 A[she], T[homas] (1813): *History of the Azores, or Western Islands, containing an account of the Government, Laws, and Religion, the Manners, Ceremonies, and Character of the Inhabitants and demonstrating the importance of these valuable islands to the British Empire, illustrated by Maps and other Engravings*, London: Printed for Sherwood, Neely, and Jones.
 Awful disclosures (1849): *Awful Disclosures and Startling Developments in Relation to the Late Parkman Tragedy: With a full account of the discovery of the remains of the late Dr. George*

Parkman and the subsequent arrest of Professor John W. Webster of Harvard Medical College, Boston. [Ed. autor].

Bacon, Edwin M. (1898): «Old Boston Booksellers», em *The Bookman: An Illustrated Literary Journal* 6 / 4 (December 1894), pp. 303-308.

Bemis, George (1850): *Report of the Case of John W. Webster, Master of Arts and Doctor of Medicine of Harvard University, Member of the Massachusetts Medical Society, of the American Society of Arts and Sciences, of the London Geological Society, and of the St. Petersburg Mineralogical Society; and Erving Professor of Chemistry and Mineralogy in Harvard University, Indicted for the Murder of George Parkman, Master of Arts of Harvard University, Doctor of Medicine of the University of Aberdeen, and Member of the Massachusetts Medical Society, before the Supreme Judicial Court of Massachusetts: Including the hearing on the Petition for a Writ of Error, the prisoner's confessional statements and application for a commutation of sentence, and an appendix containing several interesting matters never before published*, Boston: Charles C. Little and James Brown.

Blanco, Juan Ignacio (s.d): «John White Webster», em: *Murderpedia, the encyclopedia of murderers*,

Borowitz, Albert (1992): «The Janitor's Story: An Ethical Dilemma in the Harvard Murder Case», em: Goodman, Jonathan (ed.) (1992): *Medical Murders*, London; New York; Sydney; Toronto: BCA, pp. 231-252.

Boston Journal (1825, I): *The Boston Journal of Philosophy and the Arts: Exhibiting a view of the Progress of Discovery in Natural Philosophy, Mechanics, Chemistry, Geology, and Mineralogy; Natural History, Comparative Anatomy, and Physiology; Geography, Statistics, and the fine and useful arts 1 (May 1823-May 1824)*, Conducted by John W. Webster, M. D., John Ware, M.D. and Mr. Daniel Treadwell, Boston: Published by Cummings, Hilliard, & Co. Bowers, C[harles] Michael (?2010): *Forensic Dental Evidence: An Investigator's Handbook*, Burlington; San Diego; London: Academic Press.

Bigelow, W. E (1850): *The Boston tragedy! An Expose of the Evidence in the Case of the Parkman Murder! carefully compiled by W. E. Bigelow*, Boston [ed. autor].

Confession (1850) *The Extraordinary Confession of Dr. John White Webster, of the Murder of Dr. George Parkman: At the Medical College in North Grove Street, on the 23rd November 1849, containing his former petition for pardon on the ground of innocence, with the proceedings before the Governor and Council and their decision in the case*, Boston: Hotchkiss & Co.

Cordeiro, António (1717): *Historia insulana das ilhas a Portugal sugeytas no oceano occidental, Lisboa occidental: Na Officina de Antonio Pedrozo Galram*.

Costa, Susana Goulart (2007): *Viver e Morrer Religiosamente: Ilha de São Miguel, Século XVIII*. Ponta Delgada: Instituto Cultural da Ponta Delgada.

Ernst, Harold Clarence (ed.) (1906): *The Harvard Medical School*, [Boston: Harvard Medical School].

Everett, Edward / Hayward, George (1846): *Address delivered at the opening of the new medical college in North Grove Street, Boston, November 6, 1846*, Boston: William D. Ticknor & Company.

Figueiredo, António Pereira de (1821): *A SANCTA BIBLIA; contendo O VELHO E O NOVO TESTAMENTO traduzidos em portuguez. pelo PADRE ANTONIO PEREIRA de Figueiredo*. LONDRES: impressa na officina de b. bensley, em bolt-court, fleet-street. / 1821.

Fyfe, Andrew / Webster, John W[hite] (1827): *Elements of Chemistry for the Use of Schools and Academies: Comprising the Principal Part of a Manual of Chemistry, For the use of pupils*

of mechanics institutions, with additions and alterations by John W. Webster, M.D., Erving Professor of Chemistry in Harvard University, Boston, Published by Richardson and Lord.

Guralnick, Walter C. / Kaban, Leonard B. (2011): «Keeping Ether “En-Vogue”: The Role of Nathan Cooley Keep in the History of Ether Anesthesia», em: *Journal of Oral and Maxillofacial Surgery* 69 / 7 ISSN 0278-2391, pp. 1892-1897

[Hall, Abraham Oakey] (1850): *A review of the Webster case: By a member of the New York bar*, New York; Boston; Philadelphia: J. S. Redfield; Redding & Co.; W. B. Zieber.

Hornby, A[ibert] S[ydney] / Turnbull, Joanna (ed.) (82010): *Oxford Advanced Learner's Dictionary*, Oxford; New York: Oxford University Press.

Kemmler, Rolf (2012): *Notas sobre a percepção dos Açores no mundo anglófono novecentista. Os habitantes dos Açores segundo Thomas Ashe (1813) e Mark Twain (1869) ACL (2012a): XVII Colóquio da Lusofonia (Lagoa, S. Miguel, Açores): 30 março a 3 abril de 2012, CD-ROM (ISBN 978-989-95891-9-3), ficheiro CD atas Lagoa 2012 / atasXVIIlagoa2012.pdf, pp. 175-190.*

Kennedy, Kenneth A. R. (2000): «History: Forensic Anthropology in the USA», em: Siegel, Jay A. / Saukko, Pekka J. / Knupfer, Geoffrey C. (2000): *Encyclopedia of Forensic Sciences*, 3 volumes, San Diego: Academic Press, pp. 1059-1064.

Leite, João Emanuel Cabral (1991): *Estrangeiros nos Açores no séc. XIX, Ponta Delgada: Eurosigno*,

Liebig, Justus Freiherr von / Playfair, Lyon / Webster, John W[hite] (²1841): *Organic Chemistry in its Applications to Agriculture and Physiology*, Edited from the manuscript of the Author by Lyon Playfair, Ph. D., Second American Edition, with an Introduction, Notes and Appendix by John Wh. Webster, M. D., Cambridge; Boston; New York; Philadelphia; Baltimore: John Owen; James Munroe and Company, C. C. Little and J. Brown; Wiley and Putnam; Geo. Thorburn; Thomas, Cowperthwaite and Co., Cary and Hart; Cushing & Brother.

Liebig, Justus Freiherr von / Playfair, Lyon / Webster, John W[hite] (²1843): *Animal Chemistry: or Organic chemistry in its application to physiology and pathology*, Edited from the Author's manuscript by William Gregory, M. D., F. R. S. E., M. R. I. A., with Additions, Notes and Corrections by Dr. Gregory and others by John W. Webster, M. D., Cambridge; Boston; New York; Philadelphia; Baltimore: John Owen; James Munroe and Company, C. C. Little and J. Brown; D. Appleton and Company; Carey and Hart, Thomas, Cowperthwait and Company; Cushing & Brother.

Loughlin, Kevin R. (2002): «The notorious John White Webster: guilty or innocent?», em: *Journal of the American College of Surgeons* 195 / 2 (August 2002), pp. 234–240,

Parkman murder (1850) = *The Parkman Murder: Trial of Prof. John W. Webster, For the Murder of Dr. George Parkman, November 23, 1849, Before the Supreme Judicial Court, in the City of Boston, With Numerous Accurate Illustrations*, Boston: Printed at the Daily Mail Office.

P[earson], E[dmund] L. (1936): «Webster, John White», em: Malone, Dumas (ed.) (1936, XIX): *Dictionary of American Biography: Vol. 19, Troye-Wentworth*, New York: Charles Scribner's Sons, pp. 592-593.

Putnam's (1900) = «Marriage Notices, Whole United States, 1785-1794, W-Z», em: *The Genealogical quarterly magazine* 1 (Jan.-Dec. 1900 Putnam's historical magazine 8), pp. 3-13.

Rogers, Francis Millet (1988): «St. Michael's Hicklings, Fayal Dabneys, and their british connections», em: *Arquipélago: História (Número Especial) ISSN 0871-7664*, pp. 123-148, em: Schmitt, Aurore / Cunha, Eugénia / Pinheiro, João (eds.) (2006): *Forensic Anthropology and Medicine: Complementary Sciences From Recovery to Cause of Death*, Totowa: Humana Press.

Spooner, Lysander (1850): *Illegality of the trial of John W. Webster*, Boston: Bela Marsh.

Stone, James W[inchell] Stone (ed.) (²1850): *Report of the trial of Prof. John W. Webster, indicted for the murder of Dr. George Parkman, before the Supreme judicial court of Massachusetts, holden at Boston, on Tuesday, March 19, 1850*, Boston: Phillips, Sampson & Company.

Sullivan, Robert (1971): *The Disappearance of Dr. Parkman*, Boston: Little, Brown and Company.

Trial (1850a) = *The Trial of Prof. John W. Webster, indicted for the Murder of Dr. George Parkman, at the Medical College (North Grove Street) on the 23d of November, 1849, Reported for the Boston Journal*, Boston: Redding & Company, 1850.

Trial (1850b) = *Trial of Prof. John W. Webster, for the Murder of Dr. George Parkman, in the Medical College November 23, 1849, Stenographic Report, carefully Revised and Corrected*, Boston: John A. French; Boston Herald Steam Press, 1850.

Trial (1850c) = *Trial of Professor John W. Webster, for the Murder of Doctor George Parkman: Reported Exclusively for The N.Y. Daily Globe*, New York: Stringer & Townsend, 1850.

Twelve days (1850) = *The twelve days' trial of Dr. John W. Webster, Professor of Chemistry, at the Medical College, Boston, in the United States, for the Murder of Dr. Parkman: Comprising the addresses of the counsel engaged, the examination of the 121 witnesses, the prisoner's singular defence, and the chief justice's charge to the jury, and his sentence on the prisoner*, Printed verbatim on the Short-hand notes of the Trial, London: James Gilbert, 1850.

[Upton, Francis Henry] (1850): *A Statement of Reasons Showing the Illegality of that Verdict upon which Sentence of Death has been Pronounced against John W. Webster for the Alleged Murder of George Parkman*, New-York: Stringer & Townsend.

Webster, John White (1821): *A description of the Island of St. Michael, comprising an account of its geological structure, with remarks on the other Azores or Western Islands: originally communicated to the Linnean Society of New-England*, Boston: Published by R. P. & C. Williams

Webster, John White (1822): «Art. XIII. – Account of the Hot-Springs of Furnas, in the Island of St Michael. By J. W. Webster, M. D. Cor. Sec. L. S. N. E, M. W. S., &c.» em: *The Edinburgh Philosophical Journal: Exhibiting a view of the Progress of Discovery in Natural Philosophy, Chemistry, Natural History, Practical Mechanics, Geography, Navigation, Statistics, and the Fine and Useful Arts* 6 (October 1, 1821 to April 1, 1822), pp. 306-313.

Webster, John Wh[ite] (³1839): *A Manual of Chemistry: Containing the Principal Facts of the Science, in the Order in which they are Discussed and Illustrated in the Lectures at Harvard University, N.E. and Several Other Colleges and Medical Schools in the United States, Compiled and Arranged as a Textbook for the Use of Students, and Persons Attending Lectures on Chemistry*, Boston: Published by Marsh, Capen, Lyon and Webb.

ROLF KEMMLER, CEL-UTAD, VILA REAL, PORTUGAL / ALEMANHA

[TEMA 3.2 LUÍS MASCARENHAS GAIVÃO, EÇA DE QUEIROZ E AS AVENTURAS DE UM ADIDO CULTURAL NO LUXEMBURGO \(2011\) ROLF KEMMLER \(VILA REAL\) *](#)

1 Introdução

No âmbito do XV Colóquio da Lusofonia em Macau, no dia 13 de abril de 2011, o conhecido humorista português, sociólogo e sócio fundador da AICL, Luís Mascarenhas Gaivão presenteou-me com um exemplar da sua obra mais recente, intitulada *Um adido cultural no Luxemburgo: episódios de uma diplomacia de prosápia* (2011).

O aviso na capa que declara «Qualquer semelhança com a realidade é pura coincidência», torna evidente que as peripécias de Acácio Serrão, adido cultural português no Grão-Ducado de Luxemburgo pertencem à ficção, sendo puramente fictícias e inventadas. No entanto, quando comecei com a leitura do livro, fiquei com o forte sentimento de *déjà vu*, pois parecia-me que algumas partes da leitura se estavam a assemelhar ao que conhecia da obra de outro grande escritor português.

A ironia requintada e bem informada de Luís Gaivão levou-me de imediato a pensar em tentar analisar o relacionamento entre a obra do meu amigo pessoal e algumas das obras semelhantemente irreverentes de Eça de Queirós. Deixando de lado a irreverentíssima figura queirosiana de Carlos Fradique Mendes, parece-me que a obra que merece um destaque especial neste âmbito é a farsa política *O Conde de Abranhos*. Cheio de sátira mordaz e ironia requintada, este conto de ficção, porventura injustamente contado entre as obras de menor importância do grande escritor oitocentista, não chegou a ser publicado em tempo de vida, sendo apenas publicado postumamente em 1925.

Antes de proceder ao confronto de trechos escolhidos das duas obras, irei proceder a um breve esboço biobibliográfico, destinado a enquadrar cada uma das duas obras dentro da essência da restante produção dos dois autores.

2 Luís Mascarenhas Gaivão e *Um adido cultural no Luxemburgo*

Nascido em Luanda, em 1948, Luís Mascarenhas Gaivão é um cidadão do mundo, cuja vida e experiências desde cedo o levaram por vários continentes, vários países e várias ocupações. Batizado com o longo nome Luís Mouzinho de Magalhães e Menezes de Mascarenhas Gaivão, o nosso autor evidentemente é descendente de algumas das famílias mais eminentes da nobreza portuguesa. Sendo, no entanto, meramente conhecido como Luís Gaivão entre amigos e conhecidos, torna-se evidente que para além do humor e da seriedade como investigador, a modéstia deve ser considerada como uma das suas muitas qualidades.

Licenciado em Filosofia e Humanidades, Luís Gaivão foi professor, ocupou vários cargos no Ministério da Educação e foi adido cultural nas embaixadas de Portugal em Luanda, no Luxemburgo e em Bruxelas. Terminada esta última atividade em serviço do Ministério dos Negócios Estrangeiros (MNE), voltou à atividade docente, reformando-se pouco depois. Com o fim da atividade profissional, Luís Gaivão voltou aos estudos universitários, apresentando-se, em 2010 na sua importante dissertação de mestrado com o título «CPLP: A cultura como principal fator de coesão» como profundo conhecedor da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa. Atualmente, Luís Gaivão é doutorando no curso 'Pós-colonialismos e Cidadania Global', no Centro de Estudos Sociais da Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra.

Não será exagero chamá-lo um dos humoristas mais bem divulgados em Portugal desde finais da década de oitenta, já que não só a obra *História de Portugal em Disparates* foi objeto de um número considerável de edições (¹1988, ⁹¹1989). Também a Nova e Inédita *História de Portugal em Disparates* teve várias edições (1992, 1995), ao passo que a

História Desatinada de Portugal (2008) para já somente parece poder contar com uma única edição. Entre outras obras não-humorísticas merece destaque a obra autobiográfica *Estórias de Angola* (2006).

Para o presente estudo, interessa-nos, portanto, uma das publicações mais recentes do autor, intitulada *Um adido cultural no Luxemburgo: episódios de uma diplomacia de prosápia*. Trata-se de um livro de bolso de 181 páginas, publicado em 2011 pela editora lisboeta Guerra & Paz, sendo dividido em cinco partes com paratextos (Índice pp. 7-9, Introdução pp. 11-14, Conclusão pág. 179, Apostila pág. 181).

2 Eça de Queirós (1845-1900) e o *Conde de Abranhos*

Nascido na Póvoa de Varzim em 1845, José Maria de Eça de Queirós foi filho primogénito, mas ilegítimo, dos seus pais José Maria Teixeira de Queirós e Carolina Augusta Pereira de Eça. Tendo passado quase toda a sua juventude fora da casa paterna, passou a cursar direito em 1861, formando-se em 1866. Depois de uns anos como advogado e jornalista em Lisboa, Eça entrou na administração do público como Administrador do Concelho de Leiria, vindo a ingressar na carreira diplomática em 1873 (passando por Havana, Cuba; Newcastle e Bristol, Grã Bretanha). Desde 1888 exerceu o cargo de Cônsul em Paris, onde faleceu em 1900.

Eça de Queirós foi um dos mais importantes escritores de todos os tempos, tendo enriquecido a literatura lusófona sobretudo com prosa, merecendo-nos destaque especial os romances como *O mistério da estrada de Sintra* (1870), *O Crime do Padre Amaro* (1875), *O Primo Basílio* (1878), *A Relíquia* (1887), *Os Maias* (1888) *Correspondência de Fradique Mendes* (1900) e *A Ilustre Casa de Ramires* (1900).

No âmbito do presente artigo, interessa-nos sobretudo a novela humorística *O conde de Abranhos*, que o filho José Maria Eça de Queirós (1888-1928) publicou postumamente em 1925 com base no manuscrito que terá sido redigido em 1878 ou 1879.⁹²

3 *Um adido cultural no Luxemburgo e O Conde de Abranhos*

Com a finalidade de verificar semelhanças e dissemelhanças, tentarei a seguir comparar alguns trechos escolhidos das duas obras. Logo nos textos introdutórios, deparei com trechos que apresentam os respetivos protagonistas e que apresentarei a seguir.

Em ambas as obras coincide a perspetiva narratológica de as ocorrências relacionadas com os protagonistas serem contadas por um relator,⁹³ cuja primeira tarefa é o estabelecimento da natureza e da duração do relacionamento entre relator e protagonista:

O meu nome é João Alves Pinto e fui funcionário da Caixa Geral de Depósitos no Luxemburgo.

Conheci o Acácio Serrão, ou melhor, o Adido Cultural que, durante algum tempo, mais precisamente seis anos, exerceu essas funções, bem como as de Diretor do Centro Cultural Português - Instituto Camões no Grão-Ducado do Luxemburgo. Era cliente da CGD e ali se deslocava muitas vezes, para tratar dos assuntos pendentes das atividades

⁹²Com efeito, o raciocínio do filho do autor não fica muito claro. Por um lado, insiste (em Queirós 1926: VIII) que a obra terá sido concluída em junho de 1879. Por outro lado, junta uma reprodução fac-símile de uma carta do pai ao livreiro Ernesto Chardon para comprovar a afirmação. Esta carta, com efeito, apresenta a data «23 Jun. 78» (Queirós 1926: IX), pelo que ficamos sem saber que data realmente deverá ser considerada...

⁹³ Existe evidentemente uma grande diferença entre os relatores: onde João Alves Pinto não está minimamente conotado com qualquer característica negativa, Queirós (1926: XI) constata sobre o relator na sua obra: «O Zagallo, secretario, é tão tólo como o Ministro [...]».

culturais e também pessoais. Jantávamos algumas vezes, ou almoçávamos nos curtos intervalos meus e dele, e nessas ocasiões púnhamos em dia assuntos de interesse comum, afinávamos pontos de vista e, por vezes, chegámos a encontrar soluções engenhosas para os problemas que ele, sempre um tanto aflito, apresentava, geralmente relacionados com a falta de verbas (Gaivão 2011: 7).

No caso de Gaivão (2011), o relator chama-se João Alves Pinto, identificando-se como funcionário reformado da Caixa Geral de Depósitos (CGD) no Luxemburgo. Segundo Pinto estabelece na introdução ao livro (datada de 25 de março de 2010 mas que não se encontra dirigida a qualquer público específico), ele chegou a conhecer o adido cultural português chamado Acácio Serrão no âmbito das suas incumbências desde o ano de 2001, (sendo Serrão demitido em janeiro de 2006; cf. Gaivão 2011: 7, 62), e passa a seguir a contar episódios ocorridos durante a atividade dele como adido cultural no Luxemburgo.

À Ex.^{MA} Sr.^A. CONDESSA D'ABRANHOS

Minha Senhora:

Tive, durante quinze annos, a honra tão invejada de ser o secretario particular de seu Ex.^{mo} Marido, Alípio Severo Abranhos, Conde d'Abranhos, e consumo-me, desde o dia da sua morte, no desejo de glorificar a memoria d'este varão eminente, Orador, Publicista, Estadista, Legislador e Philosopho. [...]

Eu fui a testemunha da sua vida. Outros o viram em S. Bento, nas Secretarias, no Paço, no Gremio, – mas só eu o vi, perdoe-me V. Ex.^a, Snr.^a Condessa, a familiar expressão – em chinelos e de robe-de-chambre (Queirós 1926: XXI-XXIII).

Na obra de Queirós (1926), o relator é uma pessoa que se identifica como Z. Zagalo, sócio honorário do Grémio Recreativo do Rio Grande do Sul. No âmbito de uma carta datada de 1 de janeiro de 1879 e dirigida à Condessa de Abranhos, Zagalo explica que exerceu durante o espaço de quinze anos⁹⁴ o cargo de secretário particular do seu falecido marido, o político Alípio Severo Abranhos (1826-1878), melhor conhecido como Conde de Abranhos.⁹⁵

A construção do relacionamento de intimidade entre os relatores e os seus protagonistas não pode deixar de ser diferente. Se durante o século XIX (ou mesmo ainda na primeira metade do século XX) a contratação de secretários particulares não era nada fora de comum, este tipo de relacionamento hoje costuma ser mais raro, nem que seja por razões financeiras. A escolha no recentíssimo romance de Luís Gaivão é pertinente, pois optou para escolher como pessoa de confiança de Acácio Serrão um funcionário público que estaria condicionado a um grau comparável de secretismo devido ao sigilo bancário...O uso, ou mesmo o uso abusivo de títulos na sociedade portuguesa leva os dois autores a dar voz a críticas: E porque estas considerações de tão históricas se enraizaram no nosso imaginário, eis que tropeçamos, a cada dia e instante, a cada esquina, com o Sr. Doutor (por vezes da “Mula Russa”), o Sr. Engenheiro (sabe Deus como lá chegou!), o Senhor Professor Doutor (título muito ambicionado!), o Senhor Arquiteto (termo categorizado!) e outros títulos honoríficos por aí fora, o Senhor Comendador (os Presidentes da República gostam de premiar muitos daqueles

portugueses que, pondo-se em bicos dos pés, fazem por isso!), o Senhor Presidente (disto e daquilo e daqueloutro), o Senhor Adjunto Doutor..., o Senhor Assessor Doutor..., os títulos de fidalguia em terra republicana e que persistem e aumentam cada dia mais, num revivalismo snobíssimo, o Senhor Marquês de Venda da Gaita, o Senhor Conde de Lava Rabos, a Senhora Viscondessa da Manta Rota, e podemos acrescentar, os títulos eclesiásticos como Sua Eminência Reverendíssima o Bispo de Madarsuma, o Excelentíssimo e Reverendíssimo Arcebispo Bispo Conde, ou de ordem académica e social, o Magnífico Reitor, o Ilustríssimo, Excelentíssimo e Digníssimo Chefe duma Mui Nobre Ordem Militar, um Grão-Mestre, etc., etc., (Gaivão 2011: 22).

Luís Gaivão apresenta uma listagem certamente não exaustiva de 16 títulos que costumam ser atribuídos pessoas de vária ordem. Para além dos simples títulos académicos que implicam a frequência de um curso e a aprovação em provas universitárias, a crítica aplica-se sobretudo aos títulos honoríficos e « [...] os títulos de fidalguia em terra republicana e que persistem e aumentam cada dia mais [...]». Numa sátira evidente aos usos na sociedade atual, Luís Gaivão apresenta os títulos supostamente fictícios 'Senhor Marquês de Venda da Gaita', o 'Senhor Conde de Lava Rabos', a 'Senhora Viscondessa da Manta Rota'. Neste trecho, a sátira mordaz já ultrapassa o 'politicamente correto', evidenciando o quão o próprio autor se opõe ao uso abusivo de títulos que, enfim, servem sobretudo para satisfazer vaidades individuais.

A primeira vantagem da Universidade, como instituição social, é a separação que se forma naturalmente entre estudantes e futricas, entre os que apenas vivem de revolver idéas ou theorias e aqueles que vivem do trabalho. Assim, o estudante fica para sempre penetrado d'esta grande ideia social: que ha duas classes – uma que sabe, outra que produz. A primeira, naturalmente, sendo o cerebro, governa; a segunda, sendo a mão, opera, e veste, calça, nutre e paga a primeira.

Dous mundos – como diz o nosso poeta Gavião – que se não podem confundir e que, vivendo áparte, com fins diferentes, caminham paralelamente na civilização, um com o titulo egregio de Bacharel, outro com o nome emblematico de Futrica. Bachareis são os políticos, os oradores, os poetas, e, por adoção tacita, os capitalistas, os banqueiros, os altos negociadores. Futricas são os carpinteiros, os trolhas, os cigarreiros, os alfaiates... O Bacharel, tendo a consciencia da sua superioridade intelectual, da auctoridade que ella lhe confere, dispõe do mundo; ao Futrica resta produzir, pagar para que o Bacharel possa viver, e rezar ao Ser Divino para que proteja o Bacharel.

O Bacharel, sendo o Espirito, deve impedir que o Futrica, que é apenas a Materia, aspire a viver como ele, a pensar como elle, e, sobretudo, a governar como elle. Deve mantel-o portanto no seu trabalho subalterno, que é o seu destino providencial. E isto porque um sabe e o outro ignora (Queirós 1926: 37-39).

Eça não nos fala sobre o uso de títulos em geral, mas sim sobre o uso dos termos 'estudantes' / 'bachareis' como opostos a 'futricas'. Numa sociedade monárquica em que as distinções conferidos por títulos nobiliárquicos e honoríficos constituíam uma realidade incontornável, Eça satiriza contra o menosprezo na distinção entre as pessoas com estudos universitários e todas aquelas pessoas, na terminologia na gíria coimbrã,

⁹⁴Se considerarmos que o Conde de Abranhos no dia 1 de janeiro de 1879 já estaria sepultado, deverá ter falecido ainda em 1878, o que permite o estabelecimento do emprego de Zagalo aproximadamente entre 1863 e 1878.

⁹⁵ Não deixa de ser estranho que Zagalo somente venha a apresentar-se de forma póstuma à condessa de Abranhos, pois seria de esperar que ela o tenha conhecido no decurso dos 15 anos que se encontrava em serviço do marido...

que não dispunham de estudos, nem eram intelectuais, mas que se ocupavam com tarefas vistas como menos valiosas.

À medida que a atividade do adido cultural no Luxemburgo continua a ser objeto de descrição, fica cada vez mais difícil encontrar trechos que permitam uma comparação nítida entre as duas obras. O que se verifica, porém, é o cuidado constante de fornecer descrições minuciosas, acompanhadas com o ocasional adjetivo ou adverbio que introduz algum quê da noção satírica do respetivo autor.

Aqui se localizava o ponto fulcral, o cerne dos cernes, a pureza primordial dum procedimento diplomático profissional, que se podia caracterizar pela congregação dos elementos mais preparados do staff da embaixada, em reunião de imprescindível tempestade cerebral e transcendente, por onde se exercitavam os raciocínios mais sibilinos e metafísicos, as vozes tantas e tantas vezes alevantadas, discussões ao rubro, as gravatas desgargaladas, as testas perladas dum suor em esforço de intelecto imparável, os copos de água ingurgitados em sofreguidão apenas para afinação das gargantas já ressequidas pela argumentação, razões para aqui, contrarrazões para ali, considerações de premissas, conclusões hipotéticas, rebates de tese, contranegativas, assertivas de dúvida, enfim, horas e horas de 'deleitosíssima' ginástica intelectual, com os estômagos já desancando, sonoros alertas, despertadores de cruas realidades, elevada presunção no pensamento, ali não existiam intervalos para compromisso de agendas, nem para evacuações fisiológicas!... (Gaivão 2011: 32)

Desprovido de uma referência bibliográfica, creio que este magnífico trecho poderia igualmente fazer honra a uma obra como o *Conde de Abranhos* do grande Eça. Trata-se, porém, de um trecho da autoria de Luís Gaivão, em que é descrita a atividade do *brain-storming* na embaixada de Portugal no Luxemburgo.

Infalível, também, era o Doutor, aquele cavalheiro estimável, mas d'aspecto lugubre, que todos apenas conheciam por este nome: o Doutor. Sempre vestido de preto, sempre de luvas, amarelo como uma cidra, persistia na sua mudez taciturna; porém, continuava a escutar com uma atenção intensa, a testa franzida, piscando vivamente os olhos, como n'um profundo trabalho cerebral. Respeitador fervente das instituições, das personalidades oficiais, ninguém sabia ainda onde elle vivia, nem de que vivia: mas precipitava-se com tanta veneração (porque era homem de sociedade) a tomar as chicharas vazias das mãos das senhoras, dizia com tanta convicção, na sua voz cavernosa, 'tem V. Ex^a carradas de razão'; que era geralmente considerado como um excelente moço" (Queirós 1926: 212-213).

Na descrição que Eça faz do 'doutor', igualmente sentimos aquele sorriso sardónico do autor ao apresentar uma das personagens que faz parte do círculo íntimo do Conde de Abranhos. Não menos genial do que o anterior, o próximo trecho de Luís Gaivão, deve ser uma delícia para todos aqueles que já tiveram o (des)prazer de trabalhar para o Ministério dos Negócios Estrangeiros da República Portuguesa ou serviços dele dependentes. Sem qualquer maldade, mas com o fino traço de um artista que tem a consciência de documentar elementos da sátira real, descreve a elaboração e o envio do telegrama pela cifra da embaixada, de modo que este ato administrativo se veja reduzida à sua essência, ou seja, ao ridículo...

Dois ou três elementos do grupo mais cerebral, em alerta máximo, retocam, então o texto, aqui algum tanto exagerado no advérbio, ali com a inexactidão do conceito, acolá desrespeitando, impudicamente, a linguagem consuetudinária do MNE, e altera-se o adjetivo, corrige-se a semântica, troca-se o lugar das circunstâncias, até que, finalmente,

é reconhecido um texto já possuidor da perícia das palavras meticulosas, da exatidão matemática da ideia, da fidelidade e do rigor do cenário.

Inicia-se, então, a conceção do corpo do telegrama, documento a partir de agora, sacralizado em distância e em veneração, envolto em mística penumbra, escondido e dobrado sobre si próprio, e dobrado ainda, no pensamento claro, dando, finalmente, entrada no santo dos santos do posto diplomático, a secreta Cifra, vedada à espionagem de interesseiros e de curiosos, onde apenas a sacerdotisa exercia os ofícios telegráficos divinos, só, esmagadoramente só, em transe absoluto com o mistério único só a ela revelado, dos telegramas (Gaivão 2011: 33)!

Para finalizar, não quero omitir o seguinte trecho que entre o restante conteúdo da obra me parece especialmente notável:

Na generalidade dos casos, os originais enviados para a casa-mãe (madrasta), a sede do Instituto Camões em Lisboa, em oportuno tempo, por lá tinham o costume de se virem a perder, naqueles insondáveis labirintos da verdadeira explosão de secretárias, gabinetes e responsabilidades, ao mesmo tempo de todos e de nenhuns, apanágio da função pública, quando é desempenhada por pessoas que ali estão por convite ou conhecimento e que, ou pouco percebem da administração do Estado (pobrezinhas!) ou então, que se estavam, igualmente, borrifando na kafkiana mansão do Instituto Camões (imitando o exemplo dos maiores) pelo menos relativamente aos assuntos dos parolos, responsáveis e utentes, da cultura portuguesa no Luxemburgo (Gaivão 2011: 39).

Creio que ninguém que já trabalhou na função pública portuguesa ignore o fenómeno da constante evaporação de importantes documentos originais. É um fenómeno que aparentemente não tem explicação – ou será que até há uma explicação fácil???

4 Conclusões

Para resumir o exposto, coloca-se a questão: o quê, afinal, é que têm em comum *Um adido cultural no Luxemburgo* de Luís Gaivão e *O Conde de Abranhos* de Eça de Queirós? Deixando de lado algum paralelismo na estrutura narrativa, verifica-se que há algumas preocupações que são comuns às duas obras, tais como a atitude irónica perante a classe política e administrativa e certos usos e abusos no funcionamento da sociedade.

Em primeiro lugar, poder-se-ia pensar numa influência direta, de maneira que a obra de Eça teria exercido alguma forma de influência direta sobre Luís Gaivão no âmbito de uma leitura. No meu último encontro com o autor, aproveitei para perguntar-lhe se conhecia as obras mais irreverentes de Eça de Queirós (que, infelizmente, costumam ser contadas entre as *opera minora* do grande escritor oitocentista), o que negou de forma muito convincente. A leitura sistemática d'*Um adido cultural no Luxemburgo*, tendo sempre em mente a leitura anterior d'*O Conde de Abranhos*, permite-me mesmo a confirmação de que esta última obra não terá servido como fonte literária a Luís Gaivão. Ora, se a obra literária de Eça de Queirós não serviu como base dos aspetos satíricos na obra de Luís Gaivão, talvez seja pertinente pensar naquilo que as duas obras literárias têm em comum, isto é, o seu vínculo à sociedade portuguesa, o que se impõe face às críticas que ambos os autores tecem à política e à administração portuguesas dos respetivos tempos.

Na sua já referida carta ao editor Ernesto Chardron, Eça de Queirós esclarece a intenção que o levou a escrever *O Conde de Abranhos*:

O fim do livro pois è – *alem d'uma critica dos nossos costumes politicos – a exposiçãõ de pequenas estupidezes, maroteirinhas, e peguices que se ocultam sob um homem que um paiz inteiro proclama grande* (Queirós 1926: XI).⁹⁶

Considerando, portanto, que a finalidade principal da obra de Eça era a de servir de crítica política e de identificar, por meio de recurso ao humor, aspetos que eram dignos de crítica na política do seu tempo, parece-me lícito constatar que o mesmo se deve aplicar à obra mais recente de Luís Gaivão da qual destacámos no presente artigos alguns trechos elucidativos, pertencentes à primeira parte.

Se, enfim, se pode observar qualquer coincidência entre as duas obras, esta deve ser encarada como acaso. Estou cada vez mais inclinado a pensar que este 'acaso' se deve ao facto de o comportamento de um número considerável de agentes político-administrativos no país demonstrar que não estão dispostos a aceitar acompanhar todas as alterações que seriam de esperar na evolução e modernização da administração de uma monarquia da segunda metade do século XIX para uma República de Portugal verdadeiramente republicana e democrática em pleno século XXI.

O recurso à ironia e à sátira por parte dos dois autores foi um recurso válido e importante. Não sendo com humor, como, afinal, deveríamos lidar com a constante presença de situações kafkianas na vida portuguesa hoje em dia?

5 Referências bibliográficas

Gaivão, Luís de Mascarenhas (compilador) (1989): *História de Portugal em Disparates*, Mem Martins: Publicações Europa-América.

Gaivão, Luís de Mascarenhas (compilador) (1995): *Nova e Inédita História de Portugal em Disparates*, Mem Martins: Publicações Europa-América.

Gaivão, Luís de Mascarenhas (2006): *Estórias de Angola*, Lisboa: Prefácio.

Gaivão, Luís Mousinho de Magalhães e Meneses de Mascarenhas (2010): «CPLP: A cultura como principal fator de coesão», Dissertação apresentada para obtenção do Grau de Mestre em Espaço Lusófono: Lusofonia e Relações Internacionais, Lisboa: Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias.

GAIVÃO, LUÍS MASCARENHAS (2008), HISTÓRIA DESATINADA DE PORTUGAL, MEM MARTINS: PUBLICAÇÕES EUROPA-AMÉRICA.

GAIVÃO, LUÍS DE MASCARENHAS (2011): *Um adido cultural no Luxemburgo: episódios de uma diplomacia de prosápia*, Lisboa: Guerra e Paz, editores.

MATOS, A[LFREDO] CAMPOS (ED.) (1988): DICIONÁRIO DE EÇA DE QUEIROZ, LISBOA: EDITORIAL CAMINHO.

PORTELA FILHO, ARTUR (1971): O NOVO CONDE DE ABRANHOS: CARTAS DE Z. ZAGALLO, S.L.: EDIÇÃO DO AUTOR.

PORTELA FILHO, ARTUR (1976): O REGRESSO DO CONDE DE ABRANHOS, LISBOA: EDITORA ARCÁDIA.

QUEIRÓS, [José Maria de] Eça de (1926): *O Conde d'Abranhos: Apontamentos Biographicos e reminiscencias Intimas por Z. Zagallo, seu Secretario Particular e A Catastrophe*, Porto: Livraria Chardron de Lello & Irmão.

36. SIMONA VERMEIRE, UNIVERSIDADE DO MINHO, ROMÉNIA

AUSENTE



Simona Vermeire, romena, é doutoranda e bolsreira da FCT e investigadora de Literatura Comparada na Universidade de Minho, CEHUM, Braga.

É SÓCIO DA AICL.

APRESENTA DOIS TRABALHOS COM AUGUSTO RODRIGUES

TEMA 3.2

1. AS INTERMITÊNCIAS DOS NOMES E DOS HETERONIMOS: JOSÉ SARAMAGO ENTRE DECOMPOSIÇÕES TANATOGRÁFICAS
PROJETO INTERNACIONAL SINFO-SARAMAR ARQUIVO LUSÓFONO E TRANSDISCIPLINAR DE UMA TRAVESSIA SARAMÁGICA
PROJETO INTERNACIONAL SINFO-SARAMAR ARQUIVO LUSÓFONO E TRANSDISCIPLINAR DE UMA TRAVESSIA SARAMÁGICA

37. SUSANA GOULART COSTA, UNIVERSIDADE DOS AÇORES



<http://www.sgoulart.uac.pt/>

CONVIDADA DA JUNTA DE FREGUESIA

38. TIAGO ANACLETO-MATIAS, PARLAMENTO EUROPEU, BRUXELAS, BÉLGICA, MODERADOR / PRESENCIAL

Tiago Anacleto-Matias é mestre em Tradução e Interpretação Especializadas (2008), licenciado em Tradução Especializada (2002) e bacharel em Línguas e Secretariado (2000) pelo Instituto Superior de Contabilidade e Administração do Politécnico do Porto (ISCAP), tendo sido aluno na Escola Superior de Comércio e Gestão (*Handelshøjskole Syd*) de Esbjerg – Dinamarca, em 1998, ao abrigo do Programa *Erasmus*. Possui uma pós-graduação em Tradução para Legendagem pelo Instituto Superior de Assistentes e Intérpretes do Porto (2004).

⁹⁶Este mesmo texto encontra-se reproduzido no artigo «(O) Conde de Abranhos» da autoria de ALFREDO CAMPOS MATOS EM MATOS (1988: 155).

Atas maia 2013

As suas publicações são nas áreas dos Estudos da Tradução e da Linguística Aplicada. Tem igualmente cooperado desde 2008 no apoio ao secretariado em diversos Colóquios da Lusofonia, nomeadamente nos Açores, Bragança e Brasil.

Desde 2004 que é funcionário efetivo do Parlamento Europeu, em Bruxelas.



É SÓCIO FUNDADOR DA AICL E SECRETÁRIO DA DIREÇÃO

39. VILCA MARLENE MERÍZIO, UFSC, BRASIL



VILCA MARLENE MERÍZIO, escritora e artista plástica, nasceu em Brusque, Santa Catarina, Brasil, a 05 de janeiro de 1944. Vive em Florianópolis há 50 anos. Doutorou-se em Literatura Portuguesa Contemporânea na Universidade dos Açores, Portugal (1992), é Mestre em Literatura Brasileira (1978) e Licenciada em Letras (1973) pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Mestre em Reiki (1999), tem formação Holística de Base (UNIPAZ, 1999-2001); frequentou o curso de Naturologia Aplicada (graduação incompleta, 2001-2004).

Professora universitária de Língua Portuguesa e Literaturas Brasileira e Portuguesa (aposentada pela UFSC), criou e coordenou programas e projetos nos âmbitos educacional, cultural e linguístico, em especial, o Programa Cultural Açores-SC para o Festival do Mar, Florianópolis (1996) e Missão Açores (2007-2012). Conferencista e palestrante de congressos, colóquios, painéis e outros, no Brasil e em Portugal. Membro de júris de doutoramento, mestrado e graduação. Revisora de livros.

Pesquisadora do Instituto de Cultura e Língua Portuguesa (ICALP- Portugal, 1987 / 88) e da CAPES-Brasil (1987 / 92). Ex-Presidente da Associação Catarinense de Artistas Plásticos-ACAP (1977 / 78). Vice-Presidente da Academia São José de Letras. Membro da Academia Desterrense de Letras (Florianópolis), da Associação Brasileira de Professores de Literatura Portuguesa e da União Brasileira de Escritores. Sócia-fundadora da Associação dos Poetas Livres de Florianópolis. Sócia da Associação Internacional Colóquios da Lusofonia (AICL).

Livros publicados:

Janelas da Alma: livro de afetos e desejos (2011). Florianópolis: Papa Livro. 230 p.

A História de Um Amor Feliz (2004). Estudo Literário. 375 p.

Açores... De memória. (2004) Contos. 122 p.

Quase... de Corpo Inteiro (1996). Poesia. 190 p.

Redação: uma Experiência de Ensino-Aprendizagem. Brasília (1979; 1978).

Prêmio Nacional do Ministério da Educação e Cultura. 180 p..

Tem publicações em Antologias, Coletâneas, Jornais e Revistas Literárias.

Correio-e: vilca_merizio@hotmail.com / vilcamerizio@yahoo.com.br / vilcamerizio44@gmail.com

É SÓCIO DA AICL.

TEMA 3.9. ESCRITORES POR DESCOBRIR VILCA MARLENE MERÍZIO, UFSC

É tempo de eu escrever a sinopse para a comunicação a ser apresentada no XIX Colóquio de Lusofonia, Maia, São Miguel, Açores, Portugal, e fico entre dois temas que insistentemente me atraem: (3.9.) Literatura (de matriz) Açoriana: autores contemporâneos, história recente, perspectivas e projetos (editoriais e outros) e (5) Homenagem a autores açorianos, principalmente aos autores com quem convivi ao longo desses últimos 25 anos, mesmo que de longe.

Decido-me, finalmente, pela história recente de autores contemporâneos, de matriz açoriana, mas que ainda têm guardado em suas gavetas (e nas minhas) a sua produção literária.

Falo dos inéditos de Lourdinhas (prosa) e de um amigo que prefere usar o pseudônimo LAMS (poesia), ambos nascidos nos Açores, a primeira em São Miguel e o segundo na ilha Terceira, e residentes em Ponta Delgada.

Com os dois tive o primeiro contato em 2002, durante o curso de Harmonização Pessoal, que ministrei em Ponta Delgada, a convite do pintor Eng. António Ferreira Pinto, desdobrados em novos cursos e solidificados por numa amizade que até hoje perdura.

O livro de Lourdinhas, intato, está à espera de publicação; o de LAMS, construído de poema a poema, ao longo do decênio, também à espera de publicação, teve, por diversas ocasiões, oportunidade de ser lido e trabalhado pelos alunos do Curso de Letras da Universidade do Sul do Estado (UNISUL, Palhoça, Santa Catarina), por estudantes de Literatura e amantes da poesia, para além de alguns de seus poemas terem sido tema de publicações da minha lavra, inclusive uma peça de teatro, o artigo As Quarenta e Nove Qualidades (Açores... de memória, 2004) e outros textos literários.

E por que essas obras tão significativas ainda não vieram a lume? Que mistério haverá nesse "lado oposto" (Urbano Bettencourt) da escrita? É o que tentarei desvendar.

Em princípios da década e oitenta, quando arrumava as gavetas do quarto de um dos meus filhos – o terceiro, naquela época adolescente – encontrei um caderno escolar com a advertência – em letras fortemente vincadas em azul-escuro e sublinhadas a vermelho – de que era proibida a leitura, principalmente para professoras de português, muito especialmente se fossem mães. Eu era a mãe. E professora de português. Levei um susto, mas respeitei.

Não li o manuscrito e hoje me arrependo de não haver comentado nada a respeito do achado (e da advertência) com o autor. Na época, apenas folheei rapidamente o conteúdo e, num relance, percebi tratar-se de um diário, com longos textos em prosa, intercalados por poemas, alguns curtíssimos, outros de páginas seguidas. Na mesma gaveta, mais dois cadernos, já terminados, faziam parte da coleção. Concluí mais tarde que, ao ignorar a poesia enclausurada naqueles cadernos, perdi a chance de incentivar à criação literária um possível escritor. Hoje, Nilberto, depois de exercer a profissão de fotógrafo jornalístico e de arte, é chefe de cozinha.

O que me salva é a consciência de, anos mais tarde, durante o exercício do magistério no ensino médio, universitário e holístico, haver dedicado grande força da minha atenção aos jovens escritores que despontavam, uns, levado a cabo o seu intento, publicando mais tarde as suas obras, outros, e aqui a maioria, abandonado a sua produção, muitas vezes, ambiciosa, original e criativa, por considerarem-na de pouca qualidade literária. E mais, a vergonha de expor sentimentos e opiniões, o medo da crítica e o temor de sofrerem represálias pela verdade do que diziam, abortaram sementes que hoje poderiam ter dado excelentes frutos no âmbito da arte literária.

Para começar, cito os autores catarinenses Geraldo Pereira Lopes, Neide, Clíceu Claibida e André Timóteo, o último com histórico digno de notoriedade quando, aos quinze anos, apaixonado por duas gêmeas idênticas, sem poder distingui-las, pintou os cabelos de amarelo (ele os tinha pretos), numa forma de contestação em época que não se permitia ao jovem tais modernidades hoje consideradas normais. André, quase expulso do colégio, abandonado pelos amigos, sofrendo *bullying* de toda a sorte, passou a escrever sonetos de improviso a partir de palavras aleatórias que lhe eram ditas. Ele era meu aluno do 2º ano colegial e, como coordenadora do ensino médio da escola, pude trabalhar com ele meses a fio, inclusive inserindo-o num recital de piano quando foi aplaudido de pé. Depois daquele ano, não o vi mais até o ano passado, quando me procurou com aquele velho livro de poesia agora editado. Havia seguido a carreira literária. Me emocionei quando li a dedicatória. Lá estava a lembrança daquele (nas palavras dele: "terrível") ano de 1999. Hoje André tem mais livros publicados.

Dos que escreveram peças literárias altamente recomendadas para publicação, cito a obra recente de JL Kohler (**Ofertar-lhe-ei a estrela a manhã**, romance) e o de Paulinha Silva, jovem terceiranista que, vítima de doença que a incapacitava de andar, de exercitar-se ao sol e de sair com os amigos, escreveu um romance até agora não publicado. Mário Simas, hoje com 84 anos, a partir de correspondência que mantivemos por cinco anos efetivos, via correio, motivou-se a contar a história de sua

cidade natal – Biguaçu - e a colecionar os poemas que escreveu durante os últimos 25 anos, muitos deles publicados em jornais da cidade, outros ainda inéditos.

Outro caso que me chamou a atenção, e que relato com prazer é o de Lourdinhas Soares, nascida e criada nos Açores que, ao frequentar o Curso de Harmonização Pessoal, ministrado por mim em Ponta Delgada em 2002, sem jamais antes haver criado qualquer texto, passou a escrever diariamente mensagens poéticas que podem ser consideradas o prenúncio, no início deste século, da avalanche de textos de abordagem messiânica ou espiritualista que viria saturar as livrarias, principalmente as do meu país. O texto inédito, *Procuro o Caminho de Casa*, revisado por Bruno Barbieri, até este momento se encontra na gaveta, embora a atualidade do seu conteúdo.⁹⁷

Mas o caso que aqui me traz é o do LAMS. Extraordinário. LAMS também frequentou o curso com Lourdinhas em 2002. De repente, num domingo à tarde, no Hotel do Colégio, ele me procurou e pediu que eu lesse o que havia acabado de compor. Li os primeiros versos. A emoção me tomou e tive de pedir-lhe que continuasse a leitura.

No manuscrito, lá estava o longo poema NOSSA HISTÓRIA DE AMOR (O título é meu), que passo a ler:

Se o meu coração
Rejubila
A ti se deve... Amor
Se estou feliz
Se me alegre
Se aceito
Se dou
Se compreendo
Se te abraço
Se te beijo
Se te olho ternamente
Se te toco na alma
Se consigo, por momentos, ser tu...
Ao amor se deve: breve, leve... mas infinito
Nada sou, no fundo
Bem gostaria de ser remédio...
Para (te) saciar
Para (te) curar

Mas nada sou no fundo...
Apenas vibração...
Onde possas encontrar
Algo maravilhoso
Único Bom
Sagrado Divino...
Chega-te (cá)
Abraçemo-nos
Em silêncio

K. G Dürckhein (1996), o desencontro com Deus enquanto a vida floresce só termina quando o homem se cansa da autogratificação, da obediência ao impulso constante que o leva a desenvolver a sua personalidade para alcançar a libertação mental, então, cansado, "frustrado", como diz o poeta, ele se prepara para a "volta ao lar".

⁹⁷ Cito, de Lurdinhas: "No Tempo em que tudo se movia na sintonia dos espaços sem espaço, sem formas formadas, em que o Nada era o Todo e o Todo era Tudo – sem nada ser – numa sintonia em sinfonia desmembrada, quando tudo era ainda sem ser... Eu estava ali. Era o tempo da Vontade: ter sem possuir; mudar sem questionar; alterar sem modificar, sem desejo... só Vontade. E Eu tudo fazia, tudo sabia. Eu era o Todo... Quando o desejo chegou... Eu parti. Agora, procuro o caminho de Casa. Quero voltar". Segundo

E feliz, emocionada(o)...
Te abraçarás (a ti).

És tu que te encontras
No amor que me reveste
– Vê claro, por favor (suplico!) –
O caminho que leva ao destino:

Se te deténs, apoderando-te do caminho,
Falhas o destino

No amor que me reveste
Julgas que me encontras?
Ilusão, pura ilusão
O amor que me reveste
apenas te reflete

O que vês
na tela do meu amor
é apenas o teu reflexo
P'ra que resistires?
Solta-te
Desprende-te
Deixa-te ir (sem rumo)

Deslumbrada comigo
É como ficas
Apaixonada,
é que te sentes por mim

Engano, puro engano
Deslumbrada, sim!
Apaixonada, sim!
Mas pelo teu melhor, pelo Divino em ti,
Por todas as tuas qualidades,
Pelo mundo de capacidades
E potencialidades que possuis e
Estão ao teu alcance.
Nesse contexto, nada sou! Não existo!
Sou antes mera ilusão.
Sou realidade virtual!
Quero apenas que te fortaleças, consciente
Da tua imensidão... Mergulhes nela
e a desenvovas sempre mais.

Não te detenhas comigo ou em mim. Pois se o fizeres
Estagnas... E impedes-me igualmente de brilhar.
E perco o brilho quer ceda à tentação ... quer não ceda...
Nesse último caso me entristeço,
Por não ter sido
Capaz de te fazer voar
Por ver a beleza em ti... a divindade...
E não ser hábil como parteiro

O teu nascimento depende da tua libertação
E se ficas presa a mim
É porque falhei na minha missão:
Toquei a música... mas não criei harmonia
Fiz o bolo... que não levedou
Toquei-te... mas não te fiz crescer
Quis amar-te... mas pilhei-te,
Quis libertar-te... mas te cativei e depois te feri.
Mas quando consigo.
Mostrar-te quem tu realmente ÉS
E te espanto com esse fato
E consigo também que 'soltes a minha mão' e
Partas a caminho de ti mesma...
Então, SIM!!!
Fico feliz, cresço, dou um salto no tempo e no espaço
(ascendo à outra dimensão)
Inspirado pela divindade que nasceu (que és tu)
Reverencio-te, amo-te (incondicionalmente)
E realizo-me nesse ato.

E Deus É só!
No silêncio (do Seu amor)
Descortina a natureza das coisas
Por detrás do que elas são.
Maravilha-te com elas
Vê bondade onde há maldade
Vê amor onde existe ódio
Vê simpatia onde há rispidez
Vê a paz onde está a guerra
Vê a vida na morte
Isso é o equilíbrio dos opostos...
E nesse ponto não só consegues ver exatamente o ponto de equilíbrio
Como também o atinges com tua ação.
Porque o amor é assim! Certo! Forte! Corajoso!
Altruista! Libertador! Divino! Sagrado!

Trago-te a PAZ por que aspiras
Dou-te as coordenadas...
E tu?... Incrédula, recusas a oferta...
Partes noutra direção
Talvez por orgulho
De não lá teres chegado por ti própria
Chegas até a convencer-te que o caminho terá de ser outro. Mais difícil!
E lá vais tu, de espada em punho
À procura do inimigo para o derrotar
E és brava(o) e corajosa(o), forte e implacável
Na guerra errada!!!
Tanto desperdício
Tanto mal espalhado
Tanto ódio multiplicado
A solução não se encontra na GUERRA
Qualquer que seja
Mas sim na compreensão, na paz

Atas maia 2013

No amor, na sinceridade, na ingenuidade
Na libertação, na alegria, no coração aberto
Na vulnerabilidade é que reside a força!!!

Dou o salto no escuro,
No desconhecido
E, confiante,
Consigno cravar!
Apenas guiado por intuição,
Arrisco tudo
E, assim, consigo criar!

Amo-te a ti
Que nem sabes SER quem ÉS...
A todos os que se buscam
Confusos,
Desorientados,
Feridos, magoados,
Mas persistentes,
Confiantes num futuro,
Que apesar de sem-rostro,
Se adivinha
E alimenta a enorme esperança
Ao virar de cada esquina

Persigo-te
Atento, concentrado
Qual caçador solitário
Astuto
Nada escapa, nada pode escapar
Até a cadência do discurso
O ânimo por detrás do verbo
A energia que emanas
A (tua) fuga ao que interessa realmente
O labirinto de manobras de dispersão (que constróis)

E lá vou, atento, concentrado
Deixando a presa à vontade

Na verdade, o que faço é só soltar-te
Fazendo criar em ti a sensação, o gosto
E depois o hábito, de te aceitares
E de te amares (apresentar-te a ti própria)
(E aqui se encontra a fase mais perigosa do processo...
aquela em que, por vezes, só a arte-no-manejo-dos-opostos
pode garantir o sucesso real.
E... meu Deus, quantas vezes me contrariei –
E, de caminho, via... passei a obstáculo, quicá intransponível)

E uma vez que acredites
E proves desse néctar
Então já posso ir...
O caçador cumpriu-se

Feriu de morte o que eras
Ou o que quer que tenhas sido antes
Para que pudesses renascer.

Conversei longamente com LAMS que também estava surpreendido com o que havia escrito. E assim, dos nossos férteis encontros (poéticos) mantivemos um diálogo literário que dura onze anos. No Brasil, trabalhei com seus poemas e com os excertos de suas reflexões que chegavam até mim via e-mail, com meus alunos do terceiro ano do Curso de Letras da UNISUL (2003-4) que, a partir do que liam, criavam os seus próprios poemas numa manifestação de sincronia vivencial. Eu mesma escrevi, motivada pelo despertar de novas emoções, o conto Lembranças de amor, as Quarenta e Nove Qualidades – exercício de perdão (*Açores ... de Memória*, 2004), duas peças de teatro e os poemas Deixa-me dizer-te que te amo, Quem me traz alecrim? Divina Roda Cósmica, Sou Chuva que passa, Nada mais há eu fazer (in *Janelas da Alma, livro de afetos e desejos*, 2011). Em minhas atividades docentes, ainda hoje cito LAMS que sempre me apresenta uma faceta nova. Causou-me surpresa, num evento internacional de mulheres ocorrido em Curitiba, no ano passado, um excerto de um dos poemas de LAMS foi citado como ilustração de uma palestra. Portanto, LAMS, autor açoriano já é conhecido (e amado) no Brasil, embora não tenha tido a oportunidade de editar oficialmente a sua vasta produção literária.

Claro que LAMS tem um nome de batismo, mas sempre foi sua vontade a de que eu não revelasse a sua identidade. Respeitei a exigência, sem, contudo, até agora concordar com (valendo-me de uma de vossas expressões coloquiais) tamanho disparate. LAMS deveria ser conhecido para ser reconhecido como autor que engrandece a literatura açoriana. Mas, lembrando a história da Literatura Portuguesa, consola-me o fato de grandes poetas portugueses haverem optado pelo anonimato, sob a forma de pseudônimos, heterônimos, abreviatura nominal, etc. Logo, LAMS não está sozinho na galeria monumental dos grandes nomes da poesia universal.

O que importa é a luz que se espalha de seus versos, a verdade das suas emoções, a poetização do cotidiano de um ilhéu que, com sua linguagem plasmadora (na expressão de Joahnes Pfeiffer (1954: 96), toca o coração dos leitores ao serem motivados também para a escrita, não no sentido de escritivência (literatura utilitária), como diria David Mourão-Ferreira, mas envolvidos misticamente pelos “mistérios da poesia” (e aqui cito João Gaspar Simões, 1931) que se expandem ilimitadamente e retornam num círculo criativo de imagens e emoções. E essa forma significativa de incontida emoção compartilhada alimenta o eu lírico de LAMS na medida que vê saciada sua verdade lírica ao receber de volta respostas que satisfazem seu anseio de motivar as pessoas para a descoberta do seu potencial interno ancorado no BEM.

LAMS se vale de muitas reticências. Leio nesses espaços o silêncio de que falam os grandes escritores. M. Torga, por exemplo, afirma que “nada tem a esconder do leitor”, porém, “há recantos do ser e da vida que precisam de silêncios” (*Diário III*, p. 173 apud REIS, 1987: 100). Já o poeta Joaquim Pessoa (200: 54), diz que o escritor é uma pessoa de dicções e de contra dicções, e escritas e de contraescritas, aquele que diz e contradiz, que escreve contra si a seu favor. [...] uma espécie de silêncio cheio de gritos, mas também uma espécie de grito almodado com silêncios.”

E é o silêncio em LAMS que me intriga. Gostaria eu de ser capaz de captar todos os seus gritos inauditos. Poderia assim conhecer a outra margem da escrita, aquela que

Urbano Bettencourt (1987) aponta como “o lado oposto do silêncio”, o que guarda todos os mistérios da poesia. Aí, sim, poderia estimular professores de português e mães a acreditarem mais nas paixões veladas pelos silêncios e, por vezes, revelada pela escrita do que no anseio da correção linguística. Possamos nós, ainda, poetas e mestres do ensino da Língua Portuguesa fazer dela não só o instrumento de comunicação mas o meio e o fim do desnudamento / deslumbramento das almas.

REFERÊNCIAS

- Bettencourt, U. (1987). Para uma arte de baleiar (comunitária, econômica, europeia). Ponta Delgada: Jornal Signo apud e-mail emitido por drchryschrystello em 27/01 /2013.
- Dürkeheim, K. G. (1996). *O culto japonês da tranquilidade*, São Paulo, Cultrix.
- Lams. (2002) Poemas inéditos. Ponta Delgada, Manuscrito do Autor.
- Moisés, M. (1984). *Dicionário e Termos Literários*. São Paulo: Cultrix..
- PESSOA, J.(2002). *Vou embora de mim*. Lisboa / Porto: Litexa Editora.
- PFEIFFER, J.(1954). *La Poesia*, 1954.In Moisés, M. (1984). *Dicionário de Termos Literários*. São Paulo: Cultrix.
- Reis, C; Lopes, A.C.M. (1987).*Dicionário de Narratologia*. Coimbra: Almedina.
- TORGA, M. (1995). *Diário I-VIII*. Coimbra: Ed. do Autor.

40. XIMENES BELO, DOM CARLOS FILIPE, BISPO RESIGNATÁRIO DE DILI, TIMOR, PRÊMIO NOBEL DA PAZ 1966



DOM CARLOS FILIPE XIMENES BELO (Uailacama, Baucau, Timor-Leste, 3 de fevereiro de 1948) é um bispo católico timorense que, em conjunto com José Ramos-Horta, foi agraciado com o Nobel da Paz de 1996, pelo seu trabalho "em prol de uma solução justa e pacífica para o conflito em Timor-Leste".

Quinto filho de Domingos Vaz Filipe e de Ermelinda Baptista Filipe, Carlos Filipe Ximenes Belo nasceu na aldeia de Uailacama, concelho (hoje distrito) de Baucau, na costa norte do então Timor Português.

O seu pai, professor primário, faleceu quando o jovem Carlos Filipe tinha apenas dois anos de idade.

Os anos de infância foram passados nas escolas católicas de Baucau e Ossú, antes de ingressar no seminário de Dare, nos arredores de Díli, formando-se em 1968.

Excetuando um pequeno período entre 1974 e 1976 -- quando esteve em Timor e em Macau --, entre 1969 e 1981, Ximenes Belo repartiu o seu tempo entre Portugal e Roma,

onde se tornou membro da congregação dos Salesianos e estudou filosofia e teologia antes de ser ordenado padre em 1980.



(fotos do 4º colóquio da lusofonia - Bragança 2005)

De regresso a Timor-Leste em julho de 1981, Ximenes Belo esteve ligado ao Colégio Salesiano de Fatumaca, onde foi professor e diretor. Quando em 1983 se reformou Martinho da Costa Lopes, Carlos Filipe Ximenes Belo foi nomeado administrador apostólico da diocese de Díli, tornando-se chefe da igreja em Timor-Leste, respondendo exclusivamente perante o papa. Em 1988, em LORIUM, Itália, foi consagrado como bispo. A nomeação de Ximenes Belo foi do agrado do núncio apostólico em Jacarta e dos próprios líderes indonésios pela sua aparente submissão. No entanto, cinco meses bastaram para que, num sermão na sé catedral, Ximenes Belo tecesse veementes protestos contra as brutalidades do massacre de Craras em 1983, perpetrado pela Indonésia. Nos dias de ocupação, a igreja era a única instituição capaz de comunicar com o mundo exterior, o que levou Ximenes Belo a enviar sucessivas cartas a personalidades em todo o mundo, tentando vencer o isolamento imposto pelos indonésios e o desinteresse de grande parte da comunidade internacional.

A sua primeira entrevista sob a ocupação indonésia foi dada a Chrys Chrystello

Em fevereiro de 1989 Ximenes Belo escreveu ao presidente de Portugal, Mário Soares, ao papa João Paulo II e ao secretário-geral das Nações Unidas, Javier Pérez de Cuellar, reclamando por um referendo sob os auspícios da ONU sobre o futuro de Timor-Leste e pela ajuda internacional ao povo timorense que estava "a morrer como povo e como nação". No entanto, quando a carta dirigida à ONU se tornou pública em abril, Ximenes Belo tornou-se uma figura pouco querida pelas autoridades indonésias. Esta situação veio a piorar ainda mais quando o bispo deu abrigo na sua própria casa a jovens que tinham escapado ao massacre de Santa Cruz (1991) e denunciou os números das vítimas mortais. A sua obra corajosa em prol dos timorenses e em busca da paz e da reconciliação foi internacionalmente reconhecida quando, em conjunto com José Ramos-Horta, lhe foi entregue o Nobel da Paz em dezembro de 1996. (in *Wikipédia*)

TEMA 3.8 - BISPOS AÇORIANOS EM MACAU E MISSIONÁRIOS AÇORIANOS EM TIMOR. DOM CARLOS FILIPE XIMENES BELO

Este pequeno trabalho consta de dois capítulos: o primeiro dedicado aos bispos de Macau; e o segundo fala do primeiro Bispo de Díli e de sacerdotes que trabalharam em Timor no século XX.

1º CAPÍTULO: BISPOS E PADRE DOS AÇORES EM MACAU

1º - **Dom Manuel Bernardo de Sousa Enes** (1873-1883). Natural da vila de Topo, ilha de São Jorge. Chegou a Macau em 2 de janeiro de 1877. Estabeleceu oficialmente as Filhas da Caridade (Canossianas); mandou para Timor, o superior e vigário geral das missões, o padre António Joaquim de Medeiros.

2º - **Dom João Paulino de Azevedo Castro** (1902-1918). Fundou o Boletim do Governo Eclesiástico de Macau. No seu tempo entraram em Macau as Franciscanas de Maria que tomaram conta do colégio de Santa Rosa de Lima; os salesianos que fundaram o Orfanato da Imaculada Conceição (1906). Fundou o Boletim Eclesiástico do Governo de Macau (1903).

3º - **Dom José da Costa Nunes** (1918-1940). Fundou a Escola de preparação de professores catequistas em Macau; desenvolveu as missões católicas de Timor, escola de artes e ofícios, escola de professores e catequistas, e aprovação para a fundação do seminário menor.

4º - **Dom Paulo Tavares** (1961-1973). Remodelou as paróquias da cidade de Macau, dando-lhe uma nova divisão territorial. Realizou muitas obras no campo da educação e da juventude e assistência.

5º - **Dom Arquimínio da Costa** (1976-1988). Natural de São Mateus, Pico.

2º CAPÍTULO - BISPO DOM JAIME GARCIA GOULART

Dom Jaime Garcia Goulart, natural de Candelária, concelho de Madalena, ilha do Pico. Foi primeiro bispo de Díli, Timor, (1945-1967). Mas em 1941, havia sido nomeado administrado apostólico da nova diocese de Díli ereta a 4 de setembro de 1940. Fundou missões, o seminário menor, reabriu a escola de Professores-Catequistas e muitas escolas primárias e colégios.

BISPOS AÇORIANOS EM MACAU

Saudações e agradecimentos aos organizadores.

O tema que me foi proposto foi de falar dos Bispos açorianos em Macau e a sua influência no desenvolvimento da língua portuguesa naquele território. Este assunto teria maior qualidade se fosse tratado por alguém que conhecesse e convivesse com os os bispos e açorianos em Macau. Na limitação dos meus conhecimentos vou apresentar brevemente a ação desses bispos. Dos sacerdotes açorianos em Macau, não conheço nenhum deles. Aproveito para incluir o nome do Bispo de Díli (Timor-Leste) e de alguns sacerdotes açorianos que foram missionários naquele território.

1º. - O BISPO DOM MANUEL BERNARDO DE SOUSA ENES (1873 – 1883).

Pela Bula “*Universis Orbis Ecclesiis*” de 15 de junho de 1874, o Papa desligava as Missões de Timor da jurisdição da Arquidiocese de Goa, e agregava de modo provisório “a parte da ilha chamada Timor que se acha compreendida sob o domínio do Rei de

⁹⁸ cf. TEIXEIRA, Manuel, ob. cit., vol. II, 480-470; vol. XII, pp. 77-78.

⁹⁹ Padre Manuel Lourenço nasceu na Freguesia de Queimada, Diocese de Lamego e foi para Macau em 1849. A 20 de dezembro de 1856, foi nomeado Reitor do Seminário de Macau. A 10 de maio de 1875, foi nomeado Governador do Bispado. Faleceu no dia 10 de agosto de 1885.

Portugal” à Diocese de Macau. Pela mesma bula, foi nomeado Bispo de Macau Dom Manuel Bernardo de Sousa Enes.

O Bispo Dom Manuel Bernardo de Sousa Enes nasceu na vila de Topo, na Ilha de São Jorge, Açores, a 5 de novembro de 1814. Aos dezassete anos, ingressou no convento franciscano de S. Diogo na vila de Topo, onde professou. Extintas as Ordens Religiosas em 1834, frei Manuel Enes regressou à casa paterna. Em 1840 foi para o Brasil, onde se ordenou de presbítero na cidade da Baía. Em meados de 1849, resolveu seguir os estudos superiores, indo para Coimbra, e ali matriculou-se na Faculdade de Teologia. Formou-se em 1854. Em 1871 foi lente substituto, doutorando em 30 de agosto de 1872. Foi catedrático da Universidade de Coimbra, lecionando ao mesmo tempo Ciências Eclesiásticas no Seminário da Cidade.

Em 25 de junho de 1873 foi eleito Bispo de Macau e confirmado em 15 de junho de 1874, recebendo a sagração episcopal na igreja de Santa Madalena, em Lisboa, a 27 de dezembro de 1874. Só chegou a Macau em 2 de janeiro de 1877.⁹⁸

Por Provisão de 10 de maio de 1875. o Bispo Dom Manuel Enes nomeava Governador do Bispado de Macau o Deão Manuel Lourenço de Gouveia.⁹⁹

Por provisão de 10 de julho do mesmo ano nomeava o Padre António Joaquim de Medeiros, Reitor do Seminário de São José de Macau.

No dia 1 de março de 1877 nomeou o padre António Joaquim de Medeiros superior e vigário geral de Timor. Em 1877, estabeleceu oficialmente em Macau as Filha da Caridade canossianas, que ali tinham ido em 1873 ou 1874.

Em 9 de agosto de 1883, o Bispo Enes foi transferido para a Diocese de Bragança, e em 1885, para a de Portalegre, onde faleceu a 7 de setembro de 1887.

2º. DOM JOÃO PAULINO DE AZEVEDO E CASTRO, BISPO DE MACAU E TIMOR (1902-1918)

Biografia do Bispo Dom João Paulino¹⁰⁰ :

Em substituição do Bispo Dom José Manuel de Carvalho, a Santa Sé nomeou para Bispo de Macau, a 9 de junho de 1902, o Padre João Paulino de Azevedo e Castro, então Vice-Reitor do Seminário de Angra (Açores).

Dom João Paulino nasceu na vila de Lages, Ilha do Pico, Açores, no dia 4 de fevereiro de 1852. Era filho de Amaro Adriano de Azevedo e Castro, que ao tempo era administrador do Concelho e abastado proprietário e da senhora dona Maria Albina de Azevedo e Castro e Francisco Xavier.

O jovem João Paulino cursou a instrução primária na vila natal, depois frequentou o Liceu da Horta (Faial). Tinha então 17 anos. Terminados aqui os estudos matriculou-se na faculdade de Teologia da Universidade de Coimbra, doutorando-se em Teologia, em julho de 1879.

Foi ordenado presbítero em Angra, no dia 31 de agosto de 1879 pelo Bispo de Angra do heroísmo, Dom João do Amaral.. Em 1888, foi nomeado Reitor do Seminário, a que ele deu grande desenvolvimento material e moral, elevando o número de alunos para 150.

¹⁰⁰ cf. TEIXEIRA, Manuel, ob. cit., p. 520-529.

Com a transferência do Bispo Dom José Manuel de Carvalho para a diocese de Angra, ficou vaga a sede episcopal de Macau. Para aquela diocese o rei de Portugal, Dom Carlos I, propôs à Santa Sé o nome do Reitor do seminário de Angra.

Sua Santidade o Papa Leão XIII, a 9 de junho de 1902, pelas Bulas, confirmou Dom João Paulino como novo Bispo de Macau.

Em 1904, vai a Singapura e lança a primeira pedra da Igreja de São José da Missão Portuguesa. Em 1905 Dom João Paulino visitava à longínqua possessão de Timor. Naquele território entabulou negociações com o governador da colónia para a criação de uma escola agrícola que seria entregue à direção dos salesianos, mas a implantação da república veio transtornar os planos. Dom João Paulino de Azevedo e Castro governou a Diocese de Macau durante 18 anos, desde 19 de fevereiro de 1903 até 17 de fevereiro de 1918.

Obra:

A 17 de julho de 1903, fundou o “Boletim do Governo Eclesiástico da Diocese de Macau. Em 1903, recebeu em Macau as Franciscanas missionária de Maria, a quem confiou o Colégio de S. Rosa de Lima, que era dirigido pelas Canossianas desde 1880. Benzeu a primeira pedra da igreja de São José, em Singapura. A 13 de fevereiro de 1906, recebeu os salesianos, a quem confiou o orfanato Deixou, além dos vários documentos e a obra “*Os Bens das Missões Portuguezas na China*”.

3º. DOM JOSÉ DA COSTA NUNES (1918-1940)

Em fevereiro de 1918 falecia em Macau o Bispo Dom João Paulino de Azevedo e Castro. Em 22 do mesmo mês, o Cabido da Sé nomeou Vigário Capitular o Padre José da Costa Nunes, o qual em 1920 foi nomeado Bispo de Macau e de Timor.

Dom José da Costa Nunes era filho de José da Costa Nunes e de dona Francisca Felizarda de Castro e nasceu a 15 de março de 1880 na Candelária, Ilha do Pico, Açores. Em Macau, feitos os exames, recebeu das mãos de Dom João Paulino, na Capela do Paço Episcopal, o subdiaconado no dia 19 de julho de 1903; no dia 25, recebeu o diaconado, na igreja de Santo Agostinho; recebeu a ordenação de presbítero no dia 26 de julho de 1903. Celebrou a sua Missa Nova, na Igreja de Santo Agostinho, no dia 31 de julho. Por Portaria régia n.º 160 foi nomeado missionário do Padroado português do Oriente e missionário em Macau. Em 1906, com apenas 26 anos de idade, ficou Vigário Geral da Diocese de Macau, em substituição do Cónego Gonçalves. Em 3 de abril de 1907, foi eleito Governador do Bispado, na ausência de Dom João Paulino. Em 6 de maio de 1915 foi nomeado vice-reitor do Seminário de Macau. Em 22 de fevereiro de 1918 ficou Vigário Capitular sede vacante. Em 23 de novembro de 1920, o Governador de Macau comunica-lhe que, por decreto de 20 do mesmo mês, fora nomeado Bispo de Macau sendo confirmado no Consistório de 16 de dezembro de 1920. Em 20 de novembro de 1921, é-lhe conferida a sagração episcopal na Matriz da Horta (Faial). Foi Bispo sagrante Dom Manuel Damasceno, Bispo de Angra. Em 21 de março de 1924 parte para Hong Kong, e dali para Timor, em visita pastoral. Visitou algumas Missões do interior. Antes de voltar para Macau, decidiu reunificar os dois Vicariatos num só e nomeou um novo Vigário geral. Deixou instruções para a fundação da Escola de Professores-Catequistas, do Colégio de Santo António de Dare, da Escola de Artes e Ofícios. Dom José da Costa Nunes realizou a segunda visita pastoral em 1926. Uma

das medidas que tomou foi a de entregar a escola de Artes e ofícios de Díli aos salesianos. Em 1933, realizou a terceira visita pastoral a Timor. Em junho de 1937 realiza a quarta e última visita às Missões de Timor. Contava o Bispo de Macau 60 anos e 9 meses quando em 11 de dezembro de 1940, Pio XII o transferiu de Macau para a Índia Portuguesa como Arcebispo metropolitano e Patriarca das Índias orientais.

Obra: Em 1929, recebeu em Macau as Irmãs de Nossa Senhora dos Anjos e em 1941, as Carmelitas. Restaurou o Colégio de Santa Rosa de Lima, confiando em 1932 a sua direção às Franciscanas missionárias de Maria. Em 1930 confiou o Seminário de São José aos jesuítas que haviam sido expulsos em 1910. Em 1938, inaugurou a catedral de Macau por ele restaurada. Quanto a Timor reduziu a um só vicariato os dois vicariatos geras de Timor. Criou em Lahane a escola de professores e catequistas, que foram os melhores auxiliares dos missionários. Em Díli, instituiu dois colégios internatos, um para meninos e, outro para meninas e uma escola de artes e ofícios, abriu mais dois para meninas, um em Manatuto e outro em Soibada. Inaugurou as igrejas de Laleia, Baucau, Oé-cusse, Ermera e Ainaro, e a Igreja matiz de Díli (1937), mais tarde destruída pelos japoneses em 1943. Finalmente conseguiu que a Santa sé erigisse a Diocese de Díli em setembro de 1940. Levantou em Singapura a Escola de Santo António e as St. Anthony's Boys and Girls School; em Malaca uma Escola.

4º. - DOM PAULO TAVARES (1961-1973)

Filho de José Evaristo Tavares e de Maria Luísa Amaral Tavares nasceu, a 23 de janeiro de 1920, na paróquia do Senhor Bom Jesus, lugar do Rabo-de-Peixe, São Miguel. Frequentou o Seminário episcopal de Angra (1931-1941). De 1947 a 1961, trabalhou na Secretaria de Estado. Recebeu a ordenação sacerdotal em Roma em 1943. Foi nomeado bispo pelo Papa João XXIII, em 24 de agosto de 1961. Chegou a Macau no dia 27 de novembro do mesmo ano. Faleceu em Lisboa em 1973. Obra: remodelou as paróquias da cidade de Macau, dando-lhe, de acordo com o Governo de Macau, uma nova divisão territorial; criou o conselho das escolas católicas. Realizou muitas obras no campo da educação da juventude e da assistência.

5º. DOM ARQUIMÍNIO RODRIGUES DA COSTA

Foi o último bispo do Padroado do Oriente e o último bispo português de Macau. Nasceu a 8 de julho de 1924, na freguesia de São Mateus, concelho de Madalena, Pico, sendo filho de António Rodrigues da Costa e de Silenciana de Matos. Fez os estudos e teológicos no seminário de São José, em Macau. Recebeu a ordenação sacerdotal a 6 de outubro de 1949. Foi prefeito de disciplina no Seminário desde 1949 a 1953. De fevereiro de 1955 a maio de 1956 foi reitor interino do seminário. De 1957 a 1960 frequentou a universidade gregoriana, licenciando-se em Direito. De 30 de novembro de 1961 a 22 de agosto de 1966 foi reitor do seminário de Macau. Foi por vezes governador do Bispado, durante a ausência do bispo em Roma. Pela morte do bispo Dom Paulo foi nomeado vigário capitular. Em março de 1976 era nomeado bispo de Macau. Renunciou a 6 de outubro de 1988.

ALGUNS SACERDOTES.

1.- Padre João Machado de Lima (1924)

Nasceu na freguesia de Nossa Senhora do Pilar, Ilha Terceira, Açores. Estudou no Seminário de Macau, onde foi ordenado de sacerdote aos 25 de julho de 1911. Em 1922, foi nomeado reitor do Seminário. Partiu para Timor em 1924, acompanhando o Prelado, como secretário particular, durante a primeira visita pastoral que Dom José da Costa Nunes fazia ao Distrito de Timor. Depois da unificação dos dois vicariatos e a consequente exoneração dos Padre José das Neves e João Lopes, foi Padre João Machado de Lima, nomeado o único Vigário geral e Superior das Missões de Timor.. O seu nome ficou ligado à fundação do Colégio de santo António de Dare e à Escola de Preparação de Professores-Catequistas, pois foi ele quem escreveu a carta circular anunciando a abertura dois centros de educação.¹⁰¹

II – BISPO AÇORIANO EM TIMOR-LESTE

.DOM JAIME GARCIA GOULART – 1º BISPO DE DÍLI (TIMOR PORTUGUÊS)

Filho do Sr. João Garcia Goulart e da Sra. Dona Maria Felizarda Goulart, o senhor Dom Jaime Garcia Goulart nasceu na freguesia da Candelária, na ilha do Pico, em 10 de janeiro de 1908. Aos 13 anos de idade, em 22 de julho de 1921, deixava a sua terra natal, rumo ao Oriente, frequentando o Seminário de Macau, onde ingressou a 21 de setembro; recebeu o Presbiterado, foi-lhe conferido em 10 de maio de 1931, pelo Sr. Dom José da Costa Nunes, na Candelária do Pico, celebrando a sua missa nova na mesma freguesia, no dia 14 do mesmo mês. A 13 de janeiro de 1932, era nomeado missionário do Padroado Português do oriente. Foi então colocado na Missão de Soibada como professor da Escola de Preparação para Professores-Catequistas. Em outubro de 1935, é nomeado Superior da Missão e diretor do Colégio Nun'Álvares Pereira. Foi em Soibada, que, o Padre Jaime Garcia Goulart, com a anuência do Bispo de Macau, fundou o Pré-Seminário de Nossa Senhora de Fátima, a 13 de outubro de 1936.

Consultando os mesmos manuscritos sobre Timor, via a assinatura de Dom Jaime, feita em 1940, no livro de consultas da Secretaria da Biblioteca. De regresso ao Oriente, foi transferido para Timor, como novo Superior e Vigário Geral das Missões de Timor, e com a nomeação de 22 de janeiro de 1940. Passado um ano, precisamente, a 18 de janeiro de 1941, foi nomeado pelo Santo Padre, Pio XII, Administrador Apostólico da nova Diocese de Díli, com faculdade de bispo residencial e com o título de monsenhor "ex officio". Em 1941, ao ser criada a Diocese, havia em Timor 21 missionários, 20 religiosas canossianas, um auxiliar leigo, 42 catequistas. Havia 9 missões centrais, 7 igrejas, 18 capelas de alvenaria e mais 17 cobertas de capim, 3 colégios de meninas e um de rapazes, um Pré-Seminário, uma escola de Catequistas e 25 escolas de ensino rudimentar (para indígenas). Os cristãos (católicos) eram 29.899. Apresentava-se diante do novo Administrador Apostólico um campo imenso de expansão missionária. Mas o governo pastoral do Mons. Jaime, não ia ser risonho, pois, no fim desse ano, 1941, Timor ia enfrentar uma grande calamidade: a invasão e ocupação do território pelas forças estrangeiras.

Em maio de 1942, os australianos começaram a bombardear a praça de Díli. Por verem que as torres da Igreja Matriz podiam servir de guia para os aviões australianos, os japoneses apressaram-se a demolir aquela que seria, mais tarde, Catedral da nova Diocese.

No dia 2 de outubro de 1942, dois missionários da Missão de Ainaro foram barbaramente assassinados pelas colunas negras. Foi preciso intervir um oficial japonês que deixou em liberdade o Administrador Apostólico. Vendo que os missionários corriam perigo de vida, o Administrador Apostólico tomou a difícil decisão de mandar evacuar sacerdotes e religiosas para Austrália. No dia 15 de dezembro de 1942, dez sacerdotes e doze irmãs canossianas embarcaram para Darwin. Ficaram em terra cinco padres : três entregaram-se aos japoneses (Padre Alberto da Ressurreição Gonçalves, Manuel Serra e Carlos da Rocha Pereira, este era açoriano) e foram metidos em campo de concentração em Liquiçá. Outros dois embrenharam-se na floresta e ali perderam a vida. O padre Francisco Madeira morreu de doença e de fome, e o padre timorense Abílio Caldas foi assassinado por timorenses em Lacluta. Na Austrália, o Administrador Apostólico e os sacerdotes foram enviados para Armidale. Nessa localidade passou Mons Jaime três anos de "cativo", 1943, 1944 e 1945. Em 12 de outubro de 1945, a Santa Sé nomeou Mons. Jaime Garcia Goulart, bispo da Diocese de Díli. Foi ordenado Bispo (28.X.45) pelo Delegado Apostólico na Austrália, Mons. Giovanni Panico, na Capela do Seminário Maior, em Manly, nos subúrbios de Sydney. Foram Bispos consagrantes o Arcebispo de Sydney, Mons. Gilroy, e o Bispo de Armidale, Mons. John Coleman. Tomou como lema episcopal a frase de São Paulo, na carta aos Romanos: "vince in bono malum".

No dia 15 de agosto de 1945, os refugiados recebem a notícia do fim da guerra. E a 5 de setembro é declarado o armistício, com a derrota do Exército nipónico. Em finais de novembro os missionários e a s irmãs canossianas regressam, por via marítima a Timor. A comitiva chega a Díli, no dia 8 de dezembro de 1945, festa da Imaculada Conceição, Padroeira da Diocese de Díli. O desembarque foi desolador e muito triste, visto os "retornados" encontrarem a cidade de Díli em ruínas.. E as Missões? A Igreja de Timor tinha perdido 74 edifícios, entre Igrejas, capelas, residências missionárias e escolas, (a mais vistosa foi a da Igreja Matriz, inaugurada em 1937). Dos quase 30 mil católicos, antes da guerra japonesa, só ficaram 26 mil, isto é, pereceram durante o conflito, 4 mil católicos. A nova diocese perdeu 4 missionários e muitos catequistas. É nesta situação desoladora, que o novo Bispo de Díli vai trabalhar com cerca de 12 missionários.

A nível eclesial, Dom Jaime põe em prática o seu lema episcopal: " Não te deixes vencer pelo mal, mas vence o mal com o bem – *vince in bono malum*, "(Rm 12, 21). Pondo a sua esperança na graça do Senhor, o novo Bispo lança-se na ingente tarefa da reconstrução material e espiritual da Diocese. Pede aos missionários regressados da Austrália e do campo de concentração de Liquiçá, retomem os seus lugares nas antigas Missões. São reabertas as Missões de Dili, Ossú, Baucau, Manatuto, Soibada, Ainaro, Oé-cusse, Ainaro A 9 de dezembro de 1945, as Irmãs canossianas voltam a Soibada. No novo de 1946, estavam abertas são as escolas. Em março, Dom Jaime institui o Colégio dos Consultores. Em setembro, chegam a Dilui, seis salesianos, três sacerdotes e três irmãos coadjutores, que assumem a direção da escola elementar de Lahane, na sede da Antiga Missão. Em 1947, a Diocese vê o número de clero aumentado, com a chegada

¹⁰¹ Ibidem, pp. 436-437.

Atas maia 2013

de oito sacerdotes de Goa (Índia Portuguesa). Em 1948, realizam-se em Dili, as ordenações sacerdotais de 2 diáconos timorenses: Martinho da Costa Lopes e Jacob Dias Ximenes. Em Soibada, são reabertos o Seminário Menor, a escola de Professores-Catequistas, sob a direção do açoriano, padre Januário da Silva Coelho Nesse ano, Dom Jaime, acompanhado de um grupo de timorenses, desloca-se a Roma para assistir às cerimónias da canonização de S. João de Brito. Em 1949, com a sua anuência, o padre Ezequiel Pascoal Enes (açoriano) funda o “Boletim eclesiástico da Diocese de Dili”, mais conhecido com o nome de SEARA. A nível das Missões, são abertas, as Missões de Bobonaro, Cova Lima, Fuiloro e Fehuc-Rin.

A igreja e educação da juventude timorense: Dom Jaime Garcia Goulart, deu uma grande importância ao ensino e educação da juventude. Em 1953, a Diocese de Dili mantinha estes estabelecimentos de ensino: Seminário Menor, em Dare, 1. Escola de Professores-Catequistas, 4 Colégios Masculinos: Soibada, Ossu, Maliana, Fuiloro, 30 escolas masculinas, com 3.770 alunos matriculados. Colégios femininos, a cargo dos Canossianas e Dominicanas: Colégio de Soibada, com 188 alunas; Colégio Imaculado Coração de Maria (Ermera), com 165 alunas; Colégio “Óscar Ruas”, Ossu (165 alunas), Escola Castro Lahane (Dili), 241 alunas), e 3 escolas femininas de Manatuto, Laleia e Baucau.

NB : Escolas Masculinas e escolas femininas (divisão de sexos), Os alunos eram sempre mais do que as meninas; Razão, eram poucas as religiosas e as monitoras escolares. A década de 1950 a 1960, foi de grande desenvolvimento em números de obras e presenças, e ordenações sacerdotais de timorenses e chegadas de mais missionários (de Portugal continental e dos Açores). Nesta década, apontam-se três factos importantes: 1. a ereção canónica do Seminário de Seminário de Nossa Senhora de Fátima (13 de outubro de 1954); O envio de Seminaristas Maiores para o seminário de S. José de Macau; e a entrega do Seminário à direção da Companhia de Jesus (1958). Entre os anos de 1960 e 1967, ano da resignação de Dom Jaime, registaram-se alguns factos importantes na história religiosa de Timor Português: Em 1962, Dom Jaime convida os Salesianos a Missão de Lahane e mudarem-se para a zona Leste, assumindo a cura pastoral da grande missão de Baucau, então até a cargo dos padres seculares. Em 1962, de Dom Jaime toma parte na 1ª e 2ª Sessão do Concílio Ecuménico no Vaticano; Em 1965, atendendo ao pedido de Dom Jaime, o Santo Padre Paulo VI, nomeia Bispo Coadjutor de Dili, o então Bispo Auxiliar de Évora, o senhor D. José Joaquim Ribeiro; a 18 de janeiro de 1966, a Igreja timorense celebra as bodas de Prata da nomeação de Dom Jaime Garcia Goulart como primeiro Administrador Apostólico (18 de janeiro de 1941).

Finalmente, no ano de 1967: católicos: 152. 131.

	Em 1941	Em 1967
Católicos	29 899	152 151
Sacerdotes	21	52
Irmãos religiosos	-	8
Irmãs Religiosas	20	41
Professores Catequistas	-	58
Monitores Catequistas	-	54

Catequistas	42	56
Paróquias	1	3
Missões	9	12
Internatos masculinos	1	4
Internatos femininos	3	4
Externatos masculinos	-	30
Externatos femininos	-	14
Periódicos diocesanos	-	2

Fundou o Seminário Menor Nossa senhora de Fátima em 1936. Reabriu a escola de Professores e catequistas. Fundou a Seara, a Imprensa da Diocese, a fábrica de tijolos, a Granja de Dare e Maloa. Foram fundadas dezenas de escolas primárias nas Missões e estações missionárias.

No seu entraram os salesianos em 1946, e as Irmãs dominicanas do Santíssimo Rosário, em 1953. Em 1958, convidou os Jesuítas para tomarem conta do Seminário. Apoio a ação das irmãs canossianas.

“Há mais de 33 anos que, pela primeira vez, pisei terras de Timor e tomei contacto com a sua gente. Desde então para cá se têm vindo, dia a dia, apertando os laços de espiritual afeto, que me ligam a este bom Povo Timorense, laços que ainda mais fortemente me vinculou a cruz do episcopado.

Não se perde, assim, de ânimo impassível, um convívio tão profundo nem a comunhão em dores e alegrias de tantos anos. Para ainda mais agravar a mágoa desta despedida, levo comigo o desgosto de não ter podido ou fazer pelo Povo de Timor tanto quanto deseja e ele merecia.

Por isso, certamente me não levareis a mal que, na angústia deste momento, eu me ampare a alguns pensamentos de conforto e esperança.

De todos o maior é o de ter podido dotar a Diocese de um Seminário e de ter visto já os seus primeiros e benéficos frutos. O Reino de Deus em Timor não se dilatará nem consolidará sem numerosos e santos Sacerdotes Timorenses.

Outro motivo de satisfação: o consolador e sempre crescente aumento da Comunidade Cristã. Recebi a Diocese com 30.000 Católicos. Entrego-as com mais de 150.000.

Ainda e só mais uma reconfortante verificação: durante o meu episcopado, vi subir o número de alunos nas Escolas Missionárias de 1 500 para 8 000.

Trabalho e mérito meus? Não! Deus me livre da tentação de só o de pensar. Tudo isso e algo mais foi possível, com a Divina Graça, pelo zelo e incansável labor de prestimosos Missionários, Religiosos, Professores e Catequistas; pela generosidade magnânima do Governo da Província e cooperação devotada de Autoridades locais.

É com prazer e inteira justiça que a todos tributo, ao retirar-me, o preito da minha profunda, indelével gratidão”.

Depois de deixar Timor, Dom Jaime Garcia Goulart, veio fixar a residência nos Açores. Mesmo longe de Timor e dos Timorenses, continuou a contribuir espiritualmente para a dilatação do Reino de Deus em Timor-Leste. Nas suas palavras proferidas em 31 de janeiro de 1967, tinha dito que tinha trabalhado na vinha do Senhor em Timor, durante 33 anos. Pois, depois de o apostolado direto nas terras de Missão, passou outros 30 anos, no Açores, em continua oração e comunhão com a Igreja de Timor, de 1967 a

1997. Dom Jaime Garcia Goulart foi um Bispo missionário ativo e contemplativo, ao longo da sua longa vida. Com pobres palavras, ousou definir o retrato espiritual do nosso primeiro Bispo. “Ele foi homem de ação e de contemplação”! Termine esta longa palestra com as palavras que o saudoso Padre Ezequiel Enes, proferiu, no longínquo ano de 1956, quando Dom Jaime celebrava as Bodas as bodas de Prata sacerdotais, nos dias 10 e 14 de maio de em Díli, Timor Português. “Há homens cuja biografia se pode resumir nestas poucas palavras: cumpriram com bondade o seu dever, dentro de modestas possibilidades, sem ostentação nem aparato. (...) São homens que vivem, na humildade, uma vida alta, em permanente ascensão espiritual que mais se advinha do que se vê. (...). O segredo da sua força reside na harmonia plena do seu espírito unido a Deus e em permanente equilíbrio, apesar das flutuações do mundo em que vivem e dos acontecimentos, favoráveis ou adversas, que se desenrolam à sua volta. Amam a ordem, amam o arrumo, as suas atitudes são claras. O seu desassombro não é agressivo. A sua prudência não é estudada. A sua lealdade não é rude. Vencem sem humilhar. Conquistam sem magoar” (In Manuel Teixeira, *Macau e sua Diocese*, vol. X, Missões de Timor, Macau, 1974, p. 461-4629).

III – PADRES AÇORIANOS EM TIMOR

3.1- Padre Ezequiel Enes Pascoal

Filhos de pais açorianos, nasceu no Brasil. Ainda adolescente partiu para Macau onde entrou no Seminário de São José;

3.2- Padre Norberto Amaral, natural da Terceira;

3.3- Padre Januário Coelho da Silva. Natural de Cinco Ribeiras, Terceira;

3.4 – Padre Manuel Silveira Luís,

natural da freguesia de Pedro Miguel, Iha de Faial. Fez o curso de filosofia e teologia em Macau. Depois da ordenação partiu para Timor, onde foi encarregado da escola de artes e ofícios. Depois de partiu para Soibada, onde durante cinco anos foi professor no seminário menor e na escola de professore catequistas. Depois da ocupação japonesa, foi colocado em Ossú. Ali fundou duas escolas. Um para os rapazes (Colégio do Menino de Santa Teresinha de Jesus) e outro para meninas (Colégio Óscar Ruas). Em 1956 foi transferido para Maliana, exercendo o cargo de superior da missão e diretor do colégio infante agres de Maliana;

3.5. Padre Carlos da Rocha Pereira

Natural de freguesia de Santa Bárbara, Nove Ribeiras, Angra do Heroísmo, Terceira. Não foi um sacerdote de muitos predicados e de letras, mas um verdadeiro sacerdote e missionário. O Padre Carlos (em Timor era tratado por “padre Carlinhos” ou “amo lulik, abó Carlos), nasceu nos Açores, no dia 16 de março de 1910. Recebeu a ordenação sacerdotal no dia 31 de maio de 1937. Nomeado missionário em Timor, chegou a Díli em 8 de agosto do mesmo ano. Até à invasão das tropas japonesas o padre Carlos esteve na Missão de Hatolia. Em 1943, teve de seguir para Austrália juntamente com outros missionários.

Durante a ocupação do território pelos japoneses, o padre Carlos esteve no campo de concentração em Liquiçá. Mesmo assim, visitava os doentes, tanto em Liquiçá como em

Maubara. Depois do armistício, o padre Carlos recebeu do governo da Colónia o louvor pelo seu serviço às populações.

Em 1949 era nomeado superior da missão da Fronteira, com sede em Fohorem. A missão conhecida também com o nome de Covalima abrangia os postos administrativos de Fohorem, Fatumean, Fatululic, Suai e Mape. As estações missionárias tinham todas como titular Nossa Senhora de Fátima. O padre Carlos da Rocha Pereira o território da sua jurisdição fazendo as viagens a pé ou de cavalo. Quando ia visitar um centro missionário, comunicava ao chefe do posto, e o liurai tinha de mandar um morador e um cavalo para buscar o padre. Chegado à povoação, ia cumprimentar as autoridades e, depois dirigia à capela, todas elas de palapa ou de capim para atender as confissões, administrar os sacramentos e celebrar a missa. Entretanto foi transferido para Díli.

Em janeiro de 1954 foi de novo nomeado superior da Missão de Covalima. Tempo depois era nomeado vigário cooperador nas missões de Oé-cusse e maliana. Em 1959 assumiu o cargo de Superior da Missão de Soibada e de Direto do Colégio Nun’Álvares Pereira. A 10 de fevereiro de 1961 era transferido para a Missão de Manatuto. Em 1963 era nomeado superior da missão de Suai. E a 24 de agosto de 1964 é transferido para a Paróquia de Balide. Tempo depois é nomeado capelão do Hospital Dr. Carvalho.

- 3.6. Leoneto Vieira do Rego,

Governador do Bispado, (1971). Filho de António Vieira do Rego e da senhora Mariana Ferreira Diniz, o padre Leoneto nasceu na Freguesia de Fenais da Luz, Concelho de Ponta Delgada, Ilha de São Miguel, a 8 de outubro de 1915. Fez os estudos da instrução primária na sua terra. Em outubro de 1927, entrou no Seminário Diocesano de Angra de Heroísmo (ilha Terceira). Recebeu a ordenação sacerdotal no dia 29 de junho de 1938. Trabalhou no Curato de Covoada até 1949., em que foi transferido para a Ilha do Corvo. Foi transferido para a Diocese de Díli (Timor) por Provisão eclesiástica de 23 de julho de 1955. Chegou a Timor em 1956. Foi colocado no Seminário de Nossa senhora de Fátima, em Dare como professor. Pelo Despacho nº 64, do mesmo ano foi nomeado, Diretor e Editor da revista “SEARA”. Em 1960 era nomeado membro do Conselho Administrativo da Diocese. Em 1964, foi nomeado professor do Colégio Bispo Medeiros. Pelo Despacho nº 18 de setembro de 1968, foi nomeado Superior da Missão de Soibada e Diretor do Colégio “Nuno Álvares”. Durante a ausência do Bispo, Dom José Joaquim Ribeiro, pelo Despacho nº 23 / 1971, de 12 de abril, foi nomeado Governador do Bispado de Díli, cargo que exerceu com competência.¹⁰²

3.7. - Padre José Pereira da Silva Brum

Freguesia de santa Bárbara, ilha do Pico. Professor no seminário menor, Dare, professor no colégio Infante Sagres, Maliana, até 1975;

3.8 - Padre Isidoro da Silva Alves (Freguesia) de São Roque, Pico;

3.9 - Padre José Carlos Vieira Simplício Silveira,

São Bartolomeu, Pico. Secretário particular de Dom Jaime. Chefe da Redação do jornal SEARA; professor no Liceu de Díli;

3.10 - Padre Reinaldo Cardoso

da Freguesia da Faial da Terra, São Miguel. Professor no Colégio são Francisco Xavier, Dare; missionário em Suai; 3.11 - Padre João Brito; Freguesia de Raminho. Terceira.

¹⁰² TEIXEIRA, Manuel, ob. cit., vol. X, pp. 467-468.

Atas maia 2013

Pároco de Motael, Díli; 3.12 - Padre Ivo Rocha; Feteira, Angra do Heroísmo, Terceira. Professor em Díli

3.13- Padre Manuel Vítor (Monsenhor)

Arrifes, São Miguel. Missionário em Oé-cusse. Saiu em 1975 de Timor.

3.14 - IRMÃO JESUÍTA DANIEL ORNELAS

Faleceu no dia 3 de setembro, na cidade do Porto, este Irmão Jesuíta que trabalhou em Timor-Leste, durante 47 anos, servindo a Igreja local e o Povo Timorense, especialmente em Dare, Laulara, Balibar, Talitu, Bessilau, Fatissi, Aileu e Remexio.

O Senhor Daniel Ornelas nasceu em Raminho, Ilha Terceira, Açores em 1926. Entrou para a Companhia de Jesus em 1949, tendo trabalhado nas Casas Jesuítas do Porto (uma ano), de Lisboa (3 anos) e em Roma (seis anos). Tinha 82 anos de idade e 60 de vida religiosa.

Durante o tempo da ocupação indonésia, ficou sempre em Dare, servindo as populações das aldeias circunvizinhas como enfermeiro diligente: visitava as famílias, fazia curativos, distribuía medicamentos e consolava os tristes e os aflitos. Não fazia política; a política do Irmão Ornelas era servir as populações mais carenciadas. Nos dias do Natal e da Páscoa ia a Lecidere (Paço Episcopal), cumprimentar o Prelado, pondo-o ao corrente das atividades que desenvolvia.

Porto, 6 de março de 2013.

Dom Carlos Filipe Ximenes Belo



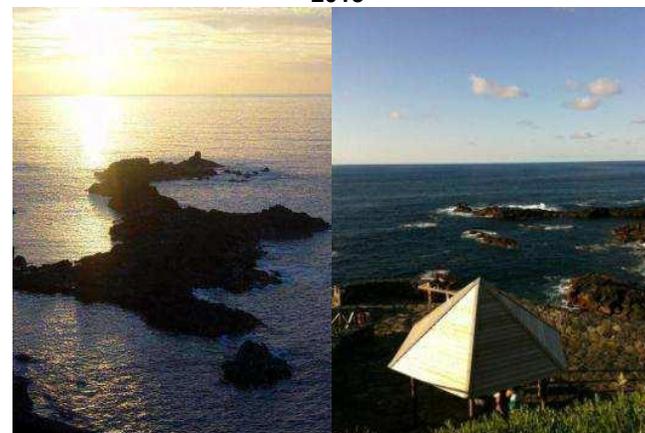
O design do DVD e a gravação das atas / anais por João Costa Simões Chrystello -
Compiladas e formatadas por Chrys Chrystello com uso dos corretores ortográficos
Lince e Flip-8

© AICL colóquios da Lusofonia 2013

ISBN: 978-989-8607-01-0

Atas / anais

XIX COLÓQUIO DA LUSOFONIA AICL MAIA, São Miguel, Açores, 14-17 março
2013



ISBN: 978-989-8607-01-0